

A GÊNESE



Allan Kardec

NUMA LINGUAGEM SIMPLIFICADA
por: LOUIS NEILMORIS

A GÊNESE

Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo

Allan Kardec

Versão digital:

Numa Linguagem Simplificada

Adaptada por:

Louis Neilmoris

Título original em francês:

LA GENÈSE

Les Miracles et les Prédications Selon le Spiritisme

Lançado em 6 de janeiro de 1868

Paris, França

Revisada em julho, 2016

Distribuição gratuita: [Portal Luz Espírita](http://PortalLuzEspirita.org.br)



A GÊNESE

NUMA LINGUAGEM SIMPLIFICADA

Allan Kardec

Adaptação:

LOUIS NEILMORIS

Nota da adaptação

A proposta deste trabalho é trazer ao meio popular o consolo e a iluminação de **A GÊNESE**, escrito pelo memorável Codificador Allan Kardec, sob a orientação de mentores espirituais, uma profunda abordagem acerca da natureza universal, indispensável para a compreensão do nosso cotidiano.

Mas, convenhamos, as traduções brasileiras, até então disponíveis, ainda oferecem à grande massa popular graves obstáculos para uma perfeita compreensão, não por falha dos tradutores, muito pelo contrário, mas pela fidelidade com que verteram dos originais em francês para o português, mantendo a elevada elocução. Kardec, eminente autoridade em linguística, evidentemente, só poderia escrever à altura do superior nível cultural de seus contemporâneos. Desta forma, e nada mais justo, as versões procuram sempre equilibrar a linguagem.

Esta adaptação procura simplificar o texto utilizando-se de vocábulos mais comuns, mais atualizados, no entanto, sem alterar o teor da argumentação.

As novas verdades que a maravilhosa Doutrina Espírita nos traz devem estar ao alcance de todos, por uma questão de respeito e de amor.

Louis Neilmoris

A Gênese

OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES
SEGUNDO O ESPIRITISMO

**A Doutrina Espírita há resultado do ensino coletivo
e concordante dos Espíritos.**

**A Ciência é chamada a constituir a Gênese
de acordo com as leis da Natureza.**

**Deus prova a sua grandeza e seu poder pela imutabilidade
das suas leis e não pela ab-rogação delas.**

Para Deus, o passado e o futuro são o presente

P O R

ALLAN KARDEC

Sumário

Introdução – pag. 10

A Gênese segundo o Espiritismo

CAPÍTULO I — *Caráter da Revelação Espírita* – pag. 13

CAPÍTULO II — *Deus* – pag. 34

- Existência de Deus
- Da natureza divina
- A Providência
- A visão de Deus

CAPÍTULO III — *O Bem e o Mal* – pag. 45

- Origem do bem e do mal
- O instinto e a inteligência
- Destruição dos seres vivos uns pelos outros

CAPÍTULO IV — *Papel da Ciência na Gênese* – pag. 55

CAPÍTULO V — *Antigos e modernos sistemas do mundo* – pag. 61

CAPÍTULO VI — *Uranografia geral* – pag. 67

- O espaço e o tempo
- A matéria
- As leis e as forças
- A criação primária
- A criação universal
- Os sóis e os planetas
- Os satélites
- Os cometas
- A Via-Láctea
- As estrelas fixas
- Os desertos do espaço
- Eterna sucessão dos mundos
- A vida universal
- Diversidade dos mundos

CAPÍTULO VII — *Esboço geológico da Terra* – pag. 91

- Períodos geológicos
- Estado primitivo do globo
- Período primário
- Período de transição
- Período secundário
- Período terciário
- Período diluviano
- Período pós-diluviano, ou atual. Nascimento do homem

CAPÍTULO VIII — *Teorias sobre a formação da Terra* – pag. 109

- Teoria da projeção
- Teoria da condensação
- Teoria da incrustação
- Alma da Terra

CAPÍTULO IX — *Revoluções do globo* – pag. 115

- Revoluções gerais ou parciais
- Idade das montanhas
- Dilúvio bíblico
- Revoluções periódicas
- Cataclismos futuros
- Aumento ou diminuição do volume da Terra

CAPÍTULO X — *Gênese orgânica* – pag. 124

- Formação primária dos seres vivos
- Princípio vital
- Geração espontânea
- Escala dos seres orgânicos
- O homem corpóreo

CAPÍTULO XI — *Gênese espiritual* – pag. 135

- Princípio espiritual
- União do princípio espiritual à matéria
- Hipótese sobre a origem do corpo humano
- Encarnação dos Espíritos
- Reencarnações
- Emigrações e imigrações dos Espíritos
- Raça adâmica
- Doutrina dos anjos decaídos e da perda do paraíso

CAPÍTULO XII — *Gênese mosaica* – pag. 155

- Os seis dias
- Perda do paraíso

Os Milagres segundo o Espiritismo

CAPÍTULO XIII — *Características dos milagres* – pag. 171

- Os milagres no sentido teológico
- O Espiritismo não faz milagres
- Deus faz milagres?
- O sobrenatural e as religiões

CAPÍTULO XIV — *Os fluidos* – pag. 180

I. NATUREZA E PROPRIEDADES DOS FLUIDOS

- Elementos fluídicos
- Formação e propriedades do perispírito
- Ação dos Espíritos sobre os fluidos. Criações fluídicas.
- Fotografia do pensamento
- Qualidades dos fluidos

II. EXPLICAÇÃO DE ALGUNS FENÔMENOS CONSIDERADOS SOBRENATURAIS

Vista espiritual ou psíquica. Dupla vista. Sonambulismo. Sonhos
Catalepsia. Ressurreições
Curas
Aparições. Transfigurações
Manifestações físicas. Mediunidade
Obsessões e possessões

CAPÍTULO XV — *Os milagres do Evangelho* – pag. 203

Superioridade da natureza de Jesus
Sonhos
Estrela dos magos
Dupla vista
Entrada de Jesus em Jerusalém
Beijo de Judas
Pesca Milagrosa
Vocação de Pedro, André, Tiago, João e Mateus
Curas
Perda de sangue
Cego de Betsaida
Paralítico
Os dez leprosos
Mão seca
A mulher curvada
O paralítico da piscina
Cego de nascença
Numerosas curas operadas por Jesus
Possessos
Ressurreições
A filha de Jairo
O filho da viúva de Naim
Jesus caminha sobre a água
Transfiguração
Tempestade aplacada
Bodas de Caná
Multiplicação dos pães
O fermento dos fariseus
O pão do céu
Tentação de Jesus
Prodígios por ocasião da morte de Jesus
Aparição de Jesus, após sua morte
Desaparecimento do corpo de Jesus

As Predições segundo o Espiritismo

CAPÍTULO XVI — *Teoria da presciência* – pag. 235

CAPÍTULO XVII — *Predições do Evangelho* – pag. 243

Ninguém é profeta em sua terra
Morte e paixão de Jesus
Perseguição aos apóstolos

Cidades impenitentes
Ruína do Templo e de Jerusalém
Maldição contra os fariseus

Minhas palavras não passarão
A pedra angular
Parábola dos vinhateiros homicidas
Um só rebanho e um só pastor
Advento de Elias
Anunciação do Consolador
Segundo advento do Cristo
Sinais precursores
Vossos filhos e vossas filhas profetizarão
Juízo final

CAPÍTULO XVIII — *São chegados os tempos* – pag. 265

Sinais dos tempos
A geração nova

Introdução

À PRIMEIRA EDIÇÃO PUBLICADA EM JANEIRO DE 1868

Esta nova obra é mais um passo dado ao campo das consequências e das aplicações do Espiritismo. Conforme seu título indica, ela tem por objetivo o estudo dos três pontos até agora diversamente interpretados e comentados: a Gênese¹, os milagres e as predições², em suas relações com as novas leis que vêm da observação dos fenômenos espíritos.

Dois elementos, ou, se quiserem, duas forças regem o Universo: o **elemento espiritual** e o **elemento material**. Da ação simultânea desses dois princípios nascem fenômenos especiais, que se tornam naturalmente inexplicáveis, desde que se tire de um deles, do mesmo modo que a formação da água seria inexplicável, caso se tirasse um de seus elementos constituintes (o oxigênio ou o hidrogênio). Demonstrando a existência do mundo espiritual e suas relações com o mundo material, o Espiritismo fornece a chave para a explicação de uma imensidade de fenômenos incompreendidos e por isso considerados inadmissíveis, por parte de certa classe de pensadores. Esses fatos sobram nas Escrituras e, por desconhecerem a lei que os rege, é que os comentadores — nos dois campos opostos — não conseguiram chegar a uma solução racional, girando sempre dentro do mesmo círculo de ideias, uns desqualificando os dados positivos da ciência, e outros desprezando o princípio espiritual.

Essa solução se encontra na ação recíproca do Espírito e da matéria. É exato que ela tira o caráter de sobrenaturais da maioria de tais fatos. Porém, que é o que vale mais: admiti-los como resultado das leis da Natureza, ou rejeitá-los? A rejeição pura e simples acarreta a da base mesma do edifício, ao passo que, admitidos a esse título, a admissão, apenas suprimindo os acessórios, deixa a base intacta. Eis a razão por que o Espiritismo conduz tantas pessoas à crença em verdades que elas antes consideravam meras ilusões.

Logo, como já o dissemos, esta obra é um complemento das aplicações do Espiritismo, de um ponto de vista especial. Os materiais se achavam prontos, ou, pelo menos, elaborados desde longo tempo; mas, ainda não havia chegado o momento de serem publicados. Era preciso antes que as ideias destinadas a lhes servirem de base houvessem atingido a maturidade e, além disso, também se fazia necessário levar em conta a oportunidade das circunstâncias. O Espiritismo não contém mistérios, nem teorias secretas; tudo nele tem que estar evidente, a fim de que todos o possam julgar com conhecimento de causa. Entretanto, cada coisa tem que vir a seu tempo, para vir com segurança. Uma solução dada precipitadamente, primeiro que a explicação completa da questão, seria antes causa de atraso do que de avanço. Na de que aqui se trata, a importância do assunto nos cobrava o dever de evitar qualquer precipitação.

Antes de entrarmos no estudo, pareceu-nos necessário definir claramente os papéis respectivos dos Espíritos e dos homens na elaboração da nova doutrina. Essas

¹ **Gênese**: origem, princípio – N. E. (Nota desta versão)

² **Predição**: previsão, profecia, vaticínio – N. E.

considerações preliminares, que a afastam de toda ideia de misticismo, fazem objeto do primeiro capítulo, intitulado: “Caráter da Revelação Espírita”. Pedimos séria atenção para esse ponto, porque de certo modo, aí está o nó da questão.

Apesar da parte que toca à atividade humana na elaboração desta doutrina, a iniciativa da obra pertence aos Espíritos, porém não a constitui a opinião pessoal de nenhum deles. Ela é — e não poderia deixar de ser — o resultado do ensino coletivo e concordante dado por eles. Somente sob tal condição se pode chamar **Doutrina dos Espíritos**. Doutra forma, não seria mais do que a doutrina de um Espírito e apenas teria o valor de uma opinião pessoal.

Generalidade e concordância no ensino: eis o caráter essencial da doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que todo princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina. Será uma simples opinião isolada, da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.

Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos — também passada pelo critério da lógica — é que constitui a força da Doutrina Espírita e lhe assegura a eternidade. Para que ela mudasse, seria preciso que a união dos Espíritos mudasse de opinião e viesse um dia dizer o contrário do que disse. Pois que ela tem sua fonte de origem no ensino dos Espíritos, para que fraquejasse seria necessário que os Espíritos deixassem de existir. É também o que fará que prevaleça sobre todos os sistemas pessoais, cujas raízes não se encontram por toda parte, como com ela se dá.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS só teve o seu crédito consolidado por ser a expressão de um pensamento coletivo, geral. Em abril de 1867, completou sua primeira década. Nesse intervalo, os princípios fundamentais, cujas bases ele assentara, foram sucessivamente completados e desenvolvidos, por virtude da progressividade do ensino dos Espíritos. Porém, nenhum recebeu desmentido da experiência; todos — sem exceção — permaneceram de pé, mais vivos do que nunca, enquanto que, de todas as ideias contraditórias que alguns tentaram opor-lhe, nenhuma prevaleceu, precisamente porque, de todos os lados, era ensinado o contrário. Este o resultado característico que podemos proclamar sem vaidade, pois que jamais nos atribuímos o mérito de tal fato.

Com os mesmos cuidados que tivemos na redação das nossas outras obras, com toda verdade pudemos dizer que são **segundo o Espiritismo**, porque estávamos certo da conformidade delas com o ensino geral dos Espíritos. O mesmo sucede com esta, que, por motivos semelhantes, podemos apresentar como complemento das anteriores, com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas simples opiniões pessoais, enquanto não forem confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese sobre a doutrina a responsabilidade delas.

Aliás, sem dúvidas, os fieis leitores da **REVISTA ESPÍRITA**³ têm tido ensejo de observar a maioria das ideias desenvolvidas aqui nesta obra, em forma de esboços, conforme o fizemos, com relação às anteriores. A REVISTA ESPÍRITA, muita vez, representa para nós um terreno de ensaio, destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre alguns princípios, antes de admiti-los como partes constitutivas da doutrina.

³ REVISTA ESPÍRITA, de cujo subtítulo “Jornal de Estudos Psicológicos”, era uma publicação mensal, que teve sua primeira edição lançada por Allan Kardec em 1 de janeiro de 1858 – N. E.

A Gênese
SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO I

Caráter da Revelação Espírita

1. O Espiritismo pode ser considerado uma revelação? Neste caso, qual o seu caráter? Em que se funda a sua autenticidade? A quem e de que maneira ela foi feita? A Doutrina Espírita é uma revelação, no sentido teológico da palavra, ou por outra, é, no seu todo, o produto do ensino oculto vindo do Alto? É absoluta ou suscetível de modificações? Trazendo aos homens a verdade integral, a revelação não teria por efeito impedi-los de fazer uso das suas aptidões, pois que lhes pouparia o trabalho da investigação? Qual a autoridade do ensino dos Espíritos, se eles não são infalíveis e superiores à Humanidade? Qual a utilidade da moral que pregam, se essa moral não é diversa da do Cristo, já conhecida? Quais as verdades novas que eles nos trazem? O homem precisará de uma revelação? E não poderá achar em si mesmo e em sua consciência tudo quanto é preciso para se conduzir na vida? Tais as questões sobre que importa nos fixemos.

2. Primeiro vamos definir o sentido da palavra **revelação**. Revelar, do latim *revelare*, cuja raiz, *velum*, véu, significa literalmente *sair de sob o véu*, e, figuradamente, descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção comum mais genérica, essa palavra é empregada a respeito de qualquer coisa ignorada que é divulgada, de toda ideia nova que nos vem do que não sabíamos.

Deste ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da Natureza são revelações, e podemos dizer que há uma revelação incessante para a Humanidade. A Astronomia revelou o mundo astral, que não conhecíamos; a Geologia revelou a formação da Terra; a Química, a lei das afinidades; a Fisiologia, as funções do organismo, etc.; Copérnico⁴, Galileu⁵, Newton⁶, Laplace⁷, Lavoisier⁸ foram reveladores.

3. A característica essencial de qualquer revelação tem que ser a verdade. Revelar um segredo é tornar um fato conhecido; se é falso, já não é um fato e, por consequência, não existe revelação. Toda revelação desmentida por fatos deixa de ser revelação, se for atribuída a Deus. Como Deus não mente e nem se enganar, ela não pode vim d'Ele e deve ser considerada produto de uma concepção humana.

⁴ **Nicolau Copérnico** (1473-1543): matemático e astrônomo polaco; propôs a teoria heliocêntrica, na qual afirmava que o Sol era o centro do Sistema Solar, derrubando a tese Geocêntrica, de que a Terra seria o centro do Universo – N. E.

⁵ **Galileu Galilei** (1564-1642): cientista italiano de notáveis contribuições à Ciência – N. E.

⁶ **Isaac Newton** (1643-1727): importante cientista inglês que revolucionou as leis da Física com, dentre outras descobertas, a lei da gravidade – N. E.

⁷ **Pierre Simon Laplace** (1749-1827): matemático, astrônomo e físico francês, pioneiro da Mecânica Física – N. E.

⁸ **Antoine Lavoisier** (1743-1794): cientista francês, considerado o pai da Química moderna – N. E.

4. Qual o papel do professor diante dos seus discípulos, senão o de um revelador? O professor lhes ensina o que eles não sabem, o que não teriam tempo, nem possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a Ciência é obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que trazem, cada qual, o seu punhado de observações aproveitáveis para aqueles que vêm depois. Portanto, na realidade, o ensino é a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou transcendentais, feitas por homens que as conhecem a outros que as ignoram e que, se assim não fosse, as teriam ignorado sempre.

5. Mas, o professor só ensina o que aprendeu: é um revelador de segunda ordem; o homem inteligente ensina o que descobriu por si mesmo: é o revelador primitivo; traz a luz que pouco a pouco se torna popular. Que seria da Humanidade sem a revelação dos gênios que aparecem de tempos a tempos?

Mas, quem são esses homens geniais? E por que são geniais? Donde vieram? Que é feito deles? Notemos que na sua maioria, ao nascer, demonstram capacidades transcendentais e alguns conhecimentos naturais, que com pouco trabalho desenvolvem. Pertencem realmente à Humanidade, pois nascem, vivem e morrem como nós, mas onde adquiriram esses conhecimentos que não puderam aprender durante a vida? Dirão, como dizem os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, não teriam mais mérito que um legume maior e mais saboroso do que outro.

Dirão, como certos espiritualistas, que Deus lhes deu uma alma mais favorecida que a do comum dos homens? Suposição igualmente ilógica, pois que tachariam Deus de injusto. A única solução racional do problema está na preexistência da alma e na pluralidade das vidas. O sábio é um Espírito que tem vivido mais tempo; que, por conta disso, adquiriu e progrediu mais do que aqueles que estão menos adiantados. Estando encarnando, traz o que sabe e, como sabe muito mais do que os outros e não precisa aprender, é chamado homem de gênio. Mas sua sabedoria é fruto de um trabalho anterior e não resultado de um privilégio. Logo, antes de renascer, ele era Espírito adiantado: reencarna para fazer que os outros aproveitem do que já sabe, ou para adquirir mais do que possui.

Os homens progridem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços da sua inteligência; mas, entregues às próprias forças, só muito lentamente progrediriam, se não fossem auxiliados por outros mais adiantados, como o estudante aprende pelos professores. Todos os povos tiveram homens inteligentes, surgidos em diversas épocas, para lhes dar impulso e tirá-los da inércia.

6. Desde que admitimos a dedicação de Deus para com as suas criaturas, por que não haveremos de admitir que, por sua energia e superioridade de conhecimento, os Espíritos são capazes de fazerem que a Humanidade avance, encarnem pela vontade de Deus, com o propósito de ativarem o progresso em determinado sentido? Por que não admitir que eles recebam missões, como um embaixador as recebe do seu soberano? Tal é o papel dos grandes gênios. O que eles vêm fazer senão ensinar aos homens verdades que estes ignoram e ainda ignorariam durante largos períodos, a fim de lhes dar um ponto de apoio mediante o qual possam elevar-se mais rapidamente? Esses sábios, que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando longo traço luminoso sobre a Humanidade, são missionários ou, se o quiserem, messias. O que de novo ensinam aos homens são **revelações** — seja na ordem física, seja na ordem filosófica. Se Deus ocasiona reveladores para as verdades científicas, com mais forte razão, pode permiti-los para as verdades morais, que constituem elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos cujas ideias atravessam os séculos.

7. No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais que o homem não pode descobrir por meio da inteligência, nem com o auxílio dos sentidos e cujo conhecimento Deus ou seus mensageiros lhe dão — seja por meio da palavra direta, seja pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens predispostos, designados sob o nome de *profetas* ou *messias*, isto é, *enviados* ou *missionários*, incumbidos de transmiti-la aos homens. Considerada debaixo deste ponto de vista, a revelação implica a passividade absoluta e é aceita sem verificação, sem exame, nem discussão.

8. Todas as religiões tiveram seus reveladores e estes, embora estivessem longe de conhecer toda a verdade, tinham uma razão de ser providencial, porque eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam e aos quais eram relativamente superiores. Apesar dos erros das suas doutrinas, não deixaram de agitar os espíritos e, por isso mesmo, de semear os germens do progresso, que mais tarde haviam de desenvolver-se, ou se desenvolverão à luz brilhante do Cristianismo.

Então, é injusto que se lance maldição sobre eles em nome da ortodoxia⁹, porque dia virá em que todas essas crenças, tão diversas nas regras, mas que repousam realmente sobre um mesmo princípio fundamental — **Deus e a imortalidade da alma** — se fundirão numa grande e vasta unidade, logo que a razão triunfe dos preconceitos.

Infelizmente as religiões têm sido sempre instrumentos de dominação; o papel de profeta tem tentado as ambições particulares e temos visto surgir uma multidão de falsos reveladores ou messias, que, valendo-se do prestígio deste nome, exploram a fé em proveito do seu orgulho, da sua ganância, ou da sua preguiça, achando mais cômodo viver à custa dos iludidos. A religião cristã não pôde evitar esses parasitas. A tal propósito, chamamos particularmente a atenção para o capítulo XXI de **O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO**; “*Haverá falsos Cristos e falsos profetas*”.

9. Haverá revelações diretas de Deus aos homens? É uma questão que, de maneira absoluta, não ousaríamos resolver — nem afirmativamente, nem negativamente. O fato não é radicalmente impossível, porém, nada nos dá prova certa dele. O que não padece dúvida é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se enchem do Seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertencem e o grau a que chegaram de saber, esses podem tirar dos seus próprios conhecimentos as instruções que ministram, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, mesmo dos mensageiros diretos de Deus, os quais, falando em nome da Divindade, têm sido às vezes tomados pelo próprio Deus.

As comunicações deste gênero não têm nada de estranho para quem conhece os fenômenos espíritos e como se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela simples inspiração, pela audição da palavra, pela visibilidade dos Espíritos instrutores, nas visões e aparições — tanto em sonho, quanto em estado de desperto — do que há muitos exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos.

Portanto, é rigorosamente exato dizermos que quase todos os reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes. Daí, entretanto, não se deve concluir que todos os médiuns sejam reveladores, nem, ainda menos, intermediários diretos da divindade ou dos seus mensageiros.

⁹ **Ortodoxia**: interpretação doutrinária rigorosa e inflexível – N. E.

10. Só os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas, hoje sabemos que nem todos os Espíritos são perfeitos e que existem muitos que se apresentem sob falsas aparências, o que levou S. João a dizer **“Não acreditem em todos os Espíritos; vejam antes se os Espíritos são de Deus.”** (I João, 4:1)

Então, pode haver revelações sérias e verdadeiras como há as apócrifas¹⁰ e mentirosas. **O caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação contaminada de erros ou sujeita a modificação não pode vir de Deus.** É assim que a lei do Decálogo¹¹ tem todos os traços de origem divina, enquanto que as outras leis de Moisés — sendo fundamentalmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai — são obra pessoal e política daquele legislador hebreu. Depois que os costumes do povo se abrandou, essas leis caíram em desuso automaticamente, ao passo que o Decálogo ficou sempre de pé, como farol da Humanidade. O Cristo fez dos Dez Mandamentos a base do seu edifício, abolindo as outras leis. Se estas fossem obra de Deus, seriam conservadas intactas. O Cristo e Moisés foram os dois grandes reveladores que mudaram a face ao mundo e nisso está a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana careceria de tal poder.

11. Importante revelação se opera na época atual e mostra a possibilidade de nos comunicarmos com os seres do mundo espiritual. Sem dúvida, esse conhecimento não é novo, mas ficou até aos nossos dias, de certo modo, como letra morta — isto é, sem proveito para a Humanidade. A ignorância das leis que regem essas relações o abafou sob a superstição; o homem era incapaz de tirar daí qualquer dedução saudável; estava reservado à nossa época desembaraçá-lo dos acessórios ridículos, compreender seu alcance e fazer surgir a luz destinada a clarear o caminho do futuro.

12. Dando-nos a conhecer o mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem o suspeitarmos, o Espiritismo — assim como as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam e consequentemente o destino do homem depois da morte — é uma verdadeira revelação, na significação científica da palavra.

13. Por sua natureza, a revelação espírita tem dupla função: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira, porque o seu aparecimento foi providencial e não o resultado da iniciativa, nem de uma intenção premeditada do homem; porque os pontos fundamentais da doutrina vêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca de coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que devem conhecer, já que hoje estão aptos a compreendê-las. Participa da segunda, por esse ensino não ser privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo; por não serem os que o transmitem e os que o recebem seres *passivos*, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa, por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; porque não é proibido a eles o exame, mas, ao contrário — é recomendado; enfim, porque **a doutrina não foi ditada completa, nem imposta à crença cega**; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de ele próprio tirar as deduções e aplicações. Numa palavra, **o que caracteriza a revelação espírita é o fato de sua origem ser de Deus e da iniciativa dos Espíritos, sendo que a sua elaboração é fruto do trabalho do homem.**

¹⁰ Apócrifo: não oficial, duvidoso, clandestino, falso — N. E.

¹¹ Decálogo: os Dez Mandamentos — N. E.

14. Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz as suas consequências e busca as aplicações úteis. **Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida**; assim, não apresentou como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram posteriormente confirmar a teoria: a teoria é que veio depois explicar e resumir os fatos. Portanto, é rigorosamente exato dizermos que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas.¹²

15. Citemos um exemplo: passa-se no mundo dos Espíritos um fato muito estranho, de que seguramente ninguém havia suspeitado que é o de haver Espíritos que não se consideram mortos. Pois bem, os Espíritos superiores — que conhecem perfeitamente esse fato — não vieram dizer antecipadamente “Há Espíritos que julgam viver ainda a vida terrestre, que conservam seus gostos, costumes e instintos”. Provocaram a manifestação de Espíritos desta categoria para que nós os observássemos. Tendo visto Espíritos incertos quanto ao seu estado, ou afirmando ainda serem deste mundo, julgando-se aplicados às suas ocupações ordinárias, deduzimos a regra. A variedade de fatos semelhantes demonstrou que o caso não era excepcional, que constituía uma das fases da vida espírita; pode-se então estudar todas as variedades e as causas de tão estranha ilusão, reconhecer que tal situação é sobretudo própria de Espíritos pouco adiantados moralmente e peculiar a certos gêneros de morte; que é temporária, podendo, todavia, durar semanas, meses e anos. Foi assim que a teoria nasceu da observação. O mesmo se deu com relação a todos os outros princípios da doutrina.

16. Assim como a Ciência clássica tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da Natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, entendemos que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. **O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente**; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos somente pelas leis da matéria; sem a Ciência, faltariam ao Espiritismo apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria tinha que vir antes que o estudo da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro é captada pelos sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo.

17. Todas as ciências se encadeiam e sucedem numa ordem racional; nascem umas das outras, à proporção que acham ponto de apoio nas ideias e conhecimentos anteriores. A Astronomia — uma das primeiras ciências cultivadas — conservou os erros da infância, até ao momento em que a Física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais; a Química — que não pode nada sem a Física — teve de acompanhá-la de perto, para

¹² **Metafísico**: que está além da física convencional terrena, transcendental, espiritual – N. E.

depois marcharem ambas de acordo, amparando-se uma à outra. A Anatomia, a Fisiologia, a Zoologia, a Botânica, a Mineralogia, só se tornaram ciências sérias com o auxílio das luzes que lhes trouxeram a Física e a Química. À Geologia nascida ontem, sem a Astronomia, a Física, a Química e todas as outras, teriam faltado elementos de vitalidade; ela só podia vir depois daquelas.

18. A Ciência moderna abandonou os quatro elementos primitivos dos antigos¹³ e, de observação em observação, chegou à concepção **de um só elemento gerador** de todas as transformações da matéria; mas, a matéria por si só é imóvel; carecendo de vida, de pensamento, de sentimento, precisa estar unida ao princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu e nem inventou este princípio, mas foi o primeiro a demonstrar a sua existência por provas incontestáveis; estudou, analisou e tornou evidente sua ação. Ao *elemento material*, ele juntou o *elemento espiritual*. **Elemento material e elemento espiritual**, eis os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza. Pela união indivisível deles facilmente se explica uma multidão de fatos até então inexplicáveis.¹⁴

Tendo como objetivo o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, O Espiritismo toca obrigatoriamente na maior parte das ciências; portanto, só podia vir depois da elaboração delas; nasceu pela força mesma das coisas, pela impossibilidade de explicarmos tudo com o auxílio apenas das leis da matéria.

19. Acusam a Doutrina Espírita de parentesco com a magia e a feitiçaria; porém, esquecem que a Astronomia tem por irmã mais velha a Astrologia judiciária, ainda não muito distante de nós; que a Química é filha da Alquimia, com a qual nenhum homem sensato ousaria ocupar-se hoje. Ninguém nega, entretanto, que na Astrologia e na Alquimia estivesse a semente das verdades de que saíram as ciências atuais. Apesar das suas fórmulas ridículas, a Alquimia encaminhou a descoberta dos corpos simples e da lei das afinidades. A Astrologia se apoiava na posição e no movimento dos astros, que ela estudou, mas na ignorância das verdadeiras leis que regem o mecanismo do Universo, para o leigo, os astros eram seres misteriosos, aos quais a superstição atribuía uma influência moral e um sentido revelador. Quando Galileu, Newton e Kepler¹⁵ tornaram conhecidas essas leis, quando o telescópio rasgou o véu e mergulhou nas profundezas do espaço um olhar que algumas criaturas acharam indiscreto, os planetas apareceram como simples mundos semelhantes ao nosso e todo o castelo do maravilhoso desmoronou.

O mesmo se dá com o Espiritismo, relativamente à magia e à feitiçaria, que se apoiavam também na manifestação dos Espíritos, como a Astrologia no movimento dos astros; mas, ignorantes das leis que regem o mundo espiritual, misturavam, com essas relações, práticas e crenças ridículas, com as quais o moderno Espiritismo, fruto da experiência e da observação, acabou. Certamente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que a que existe entre a Astronomia e a Astrologia, a Química e a Alquimia. Confundi-las é provar que não se sabe nada sobre elas.

20. O simples fato de o homem poder comunicar-se com os seres do mundo espiritual traz consequências incalculáveis da mais alta gravidade; é todo um mundo novo que se

¹³ Os primeiros filósofos acreditavam que o Universo era gerado de quatro elementos básicos: terra, ar, fogo e água. Hoje, como se sabe, essas formas materiais não passam de agregação de outras substâncias, de forma que não elementos materiais em si, mas uma agregação circunstancial do elemento material – N. E.

¹⁴ A palavra **elemento** não é empregada aqui no sentido de **corpo simples, elementar, de moléculas primitivas**, mas no de **parte constitutiva de um todo**. Neste sentido, podemos dizer que o **elemento espiritual** tem parte ativa na organização do Universo, como se diz que o **elemento civil** e o **elemento militar** figuram no cálculo de uma população; que o **elemento religioso** entra na educação; ou que na Argélia existem o **elemento árabe** e o **elemento europeu** – N. K (Nota de Kardec)

¹⁵ **Johannes Kepler** (1571-1630): reconhecido astrônomo, matemático e astrônomo alemão – N. E.

revela a nós e que tem tanto mais importância quanto o fato de que todos os homens — sem exceção — terão de voltar a ele.

De maneira geral, o conhecimento de tal fato não pode deixar de acarretar profunda modificação nos costumes, caráter, hábitos, assim como nas crenças que exerceu tão grande influência sobre as relações sociais. É uma revolução completa a se operar nas ideias, revolução tanto maior, tanto mais poderosa, quanto não se limita a um povo, nem a uma classe social, visto que atinge simultaneamente, pelo coração, todas as categorias, todas as nacionalidades, todos os cultos.

Logo, há razão para que o Espiritismo seja considerado a terceira das grandes revelações. Vejamos em que essas revelações diferem e qual o laço que as liga entre si.

21. Como profeta, Moisés revelou aos homens a existência de um **Deus único, Soberano Senhor e Orientador de todas as coisas**; promulgou a lei do Sinai (os Dez Mandamentos) e lançou as bases da verdadeira fé. Como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa fé primitiva, purificando-se, havia de espalhar-se por sobre a Terra.

22. O Cristo, tomando da antiga lei o que é eterno e divino e rejeitando o que era transitório (puramente disciplinar e de concepção humana), acrescentou a **revelação da vida futura**, de que Moisés não havia falado, assim como a das penas e recompensas que aguardam o homem, depois da morte (ver REVISTA ESPÍRITA, 1861, páginas 90 e 280).

23. A parte mais importante da revelação do Cristo — no sentido de fonte primária, de pedra angular de toda a sua doutrina — é o ponto de vista inteiramente novo sob que ele considera a Divindade. Esta já não é o Deus terrível, ciumento, vingativo, de Moisés; o Deus cruel e implacável, que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem fazer exceção às mulheres, às crianças e aos velhos, e que castiga aqueles que poupam as vítimas, já não é o Deus injusto, que pune um povo inteiro pela falta do seu chefe, que se vinga do culpado na pessoa do inocente, que fere os filhos pelas faltas dos pais; mas, um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoo ao pecador arrependido e **dá a cada um segundo as suas obras**. Já não é o Deus de um único povo privilegiado, o *Deus dos exércitos*, presidindo aos combates para sustentar a sua própria gente contra o Deus dos outros povos; mas, o Pai comum do gênero humano, que estende a sua proteção por sobre todos os seus filhos e os chama todos a si; já não é o Deus que recompensa e pune só pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da descendência, mas, sim, um Deus que diz aos homens: “A verdadeira pátria não é neste mundo, mas no reino celestial, lá onde os humildes de coração serão elevados e os orgulhosos serão humilhados”. Já não é o Deus que faz da vingança uma virtude e ordena que se retribua olho por olho, dente por dente; mas, o Deus de misericórdia, que diz: “Perdoem as ofensas, se querem ser perdoados; façam o bem em troca do mal; não façam o que não gostariam que lhes fizessem”. Já não é o Deus mesquinho e meticuloso, que impõe — sob as mais rigorosas penas — o modo como quer ser adorado, que se ofende pela inobservância de uma fórmula; mas, o Deus grande, que vê o pensamento e que se não honra com formalidades.¹⁶ Enfim, **já não é o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado**.

24. Sendo Deus o eixo de todas as crenças religiosas e o objetivo de todos os cultos, **a qualidade de todas as religiões é conforme a ideia que elas dão a Deus**. As religiões

¹⁶ **Formalidades:** liturgia mística, ritual, sacrifícios – N. E.

que fazem de Deus um ser vingativo e cruel julgam honrá-lo com atos de crueldade, com fogueiras e torturas; as que têm um Deus partidário e ciumento são intolerantes e mais ou menos meticulosas na forma, por crerem-no mais ou menos contaminado das fraquezas e insignificâncias humanas.

25. Toda a doutrina do Cristo se funda no caráter que ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, ele fez do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição indeclinável da salvação, dizendo: **Amem a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a si mesmos; nisto estão toda a lei e os profetas; não existe outra lei.** Sobre esta crença, ele assentou o princípio da igualdade dos homens perante Deus e o da fraternidade universal. Mas, teria sido possível amar o Deus de Moisés? Não; só se podia temê-lo.

A revelação dos verdadeiros atributos da Divindade, de acordo com a da imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações mútuas dos homens, dava a eles novas obrigações, fazia-os encarar a vida presente sob outro aspecto e, por isso mesmo, tinha de reagir contra os costumes e as relações sociais. Incontestavelmente, por suas consequências, esse é o ponto principal da revelação do Cristo, cuja importância não foi compreendida suficientemente e, lamentavelmente, é também o ponto de que mais a Humanidade se tem afastado, que mais há desconhecido na interpretação dos seus ensinamentos.

26. Entretanto, o Cristo acrescenta: *“Muitas das coisas que digo vocês ainda não compreendem e teria a dizer muitas outras que não compreenderiam; por isso é que lhes falo por parábolas; mais tarde, porém, enviarei a vocês o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e lhes explicará tudo.”* (João, 14,16; e Mateus, 17)

Se o Cristo não disse tudo quanto poderia dizer, é que julgou conveniente deixar certas verdades na sombra, até que os homens chegassem ao estado de compreendê-las. Como ele próprio confessou, seu ensino era incompleto, pois anunciava a vinda daquele que o completaria; logo, previu que suas palavras não seriam bem interpretadas, e que os homens se desviariam do seu ensino; em suma, que desfariam o que ele fez, uma vez que todas as coisas hão de ser restabelecidas: ora, **só se restabelece aquilo que foi desfeito.**

27. Por que ele chama **Consolador** ao novo messias? Este nome — significativo e sem equívoco — contém toda uma revelação. Assim, ele previa que os homens teriam necessidade de consolações, o que implica a insuficiência daquelas que eles achariam na crença que iam fundar. Talvez nunca o Cristo fosse tão claro, tão explícito, como nestas últimas palavras, às quais poucas pessoas deram atenção bastante, provavelmente porque evitaram esclarecê-las e aprofundar-lhes o sentido profético.

28. Se o Cristo não pôde desenvolver o seu ensino de maneira completa, é que faltavam aos homens conhecimentos que eles só podiam adquirir com o tempo e sem os quais não o compreenderiam; há muitas coisas que teriam parecido absurdas no estado dos conhecimentos de então. Devemos entender “completar o seu ensino” no sentido de *explicar* e *desenvolver*, não no de ajuntar-lhe verdades novas, porque tudo nele se encontra em estado de semente, faltando-lhe só a chave para apreendermos o sentido das palavras.

29. Mas, quem toma a liberdade de interpretar as Escrituras Sagradas? Quem tem esse direito? Quem possui as necessárias luzes, senão os teólogos?¹⁷ Quem ousa fazer isso? Primeiro, a Ciência — que não pede permissão a ninguém para dar a conhecer as leis da Natureza e que salta sobre os erros e os preconceitos. Quem tem esse direito? Neste século de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito de exame pertence a todos e as Escrituras não são mais a arca santa¹⁸ na qual ninguém se atreveria a tocar com a ponta do dedo, sem correr o risco de ser fulminado. Quanto às luzes especiais e necessárias, sem contestar as dos teólogos, por mais esclarecidos que fossem os da Idade Média, e, em particular, os Pais da Igreja, eles, contudo, não eram bastante para não condenarem como heresia o movimento da Terra¹⁹ e a crença nos antípodas²⁰. Mesmo sem ir tão longe, os teólogos dos nossos dias não lançaram maldição à teoria dos períodos de formação da Terra?

Os homens só puderam explicar as Escrituras com o auxílio do que sabiam, das noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis da Natureza, reveladas mais tarde pela Ciência. Eis por que os próprios teólogos — mesmo com muito boa vontade — se enganaram sobre o sentido de certas palavras e fatos do Evangelho. Querendo a todo custo encontrar nele a confirmação de uma ideia preconcebida, giraram sempre no mesmo círculo, sem abandonar o seu ponto de vista, de modo que só viam o que queriam ver. Por mais instruídos que fossem, eles não podiam compreender causas dependentes de leis que desconheciam.

Mas quem julgará das interpretações diversas e muitas vezes contraditórias, fora do campo da teologia? O futuro, a lógica e o bom-senso! Os homens, cada vez mais esclarecidos — à medida que novos fatos e novas leis se forem revelando — saberão separar os conceitos ilusórios da realidade. Ora, as ciências tornam conhecidas algumas leis; o Espiritismo revela outras; todas são indispensáveis à inteligência dos Textos Sagrados de todas as religiões, desde Confúcio²¹ e Buda²² até o Cristianismo. Quanto à teologia, essa não poderá alegar com sensatez contradições da Ciência, visto como também ela nem sempre está de acordo consigo mesma.

30. O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo — como este partiu das de Moisés — é resultado direto da sua doutrina (a doutrina cristã). À vaga ideia da vida futura, ele acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e povoa o espaço, e com isso dá à crença uma exatidão, um corpo, uma consistência, uma realidade à ideia. Define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte. Pelo Espiritismo, o homem sabe donde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente e em toda parte vê a justiça de Deus. Sabe que a alma progride sempre, através de uma série de existências sucessivas, até atingir o grau de perfeição que a aproxima de Deus. Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de origem, são criadas iguais, com idêntica aptidão para progredir, em virtude do seu livre-arbítrio; que todas são da mesma essência e que não há entre elas diferença, senão quanto ao progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão a mesma meta, mais ou menos rapidamente, pelo trabalho e boa vontade. Sabe que não há criaturas deserdadas, nem mais

¹⁷ **Teólogo:** aquele que estuda ou se ocupa acerca de Deus – N. E.

¹⁸ Aqui, **arca santa** faz se refere à **Arca da Aliança**, descrita no Antigo Testamento da Bíblia, espécie de baú sagrado onde foram depositadas as pedras sobre as quais foram escritos os Dez Mandamentos recebidos por Moisés – N. E.

¹⁹ O tribunal da Inquisição, pertencente à Igreja Católica, condenavam defensores da ideia de a Terra girar em torno do Sol, pois a Igreja defendia que este planeta era o centro do Universo e que, portanto, tudo girava em torno dele – N. E.

²⁰ **Antípoda:** seres que habitam em lugares opostos. Refere-se ao fato de os antigos doutores da Igreja não terem descoberto a existência de povos de outras regiões, como os do continente americano – N. E.

²¹ **Confúcio** (551 a.C – 479 a.C.): filósofo e teórico político chinês – N. E.

²² **Buda**, ou **Siddhartha Gautama** (563 a.C. – 483 a.C.): líder espiritual, fundador do **Budismo** – N. E.

favorecidas umas do que outras; que Deus não criou nenhuma que seja privilegiada e dispensada do trabalho imposto às outras para progredirem; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que aqueles a quem chamamos de **demônios** são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no espaço, como praticavam na Terra, mas que se adiantarão e aperfeiçoarão; que os **anjos** ou **Espíritos puros** não são seres especiais na criação, mas sim Espíritos que chegaram à meta, depois de terem percorrido a estrada do progresso; que, por essa forma, não há criações múltiplas, nem diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a criação deriva da grande lei de unidade que rege o Universo e que todos os seres trilham para um fim comum que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, visto serem todos filhos das suas próprias obras.

31. Pelas relações que hoje pode estabelecer com aqueles que deixaram a Terra, o homem possui não só a prova material da existência e da individualidade da alma, como também compreende a solidariedade que liga os vivos aos mortos deste mundo e os deste mundo aos dos outros planetas. Conhece a situação deles no mundo dos Espíritos, acompanha-os em suas migrações, aprecia-lhes as alegrias e as penas; sabe a razão por que são felizes ou infelizes e a sorte que lhes está reservada, conforme o bem ou o mal que fizeram. Essas relações iniciam o homem na vida futura, que ele pode observar em todas as suas fases, em todas as suas peripécias; o futuro já não é uma vaga esperança: é um fato positivo, uma certeza matemática. Desde então, a morte nada mais tem de amedrontador, por ser sua libertação e a porta da verdadeira vida.

32. Pelo estudo da situação dos Espíritos, o homem sabe que a felicidade e a desventura na vida espiritual correspondem ao grau de perfeição e de imperfeição; que cada qual sofre as consequências diretas e naturais de suas faltas, ou, por outras palavras, que é punido no que pecou; que essas consequências duram tanto quanto a causa que as produziu; que, por conseguinte, o culpado sofreria eternamente, caso persistisse no mal, mas que o sofrimento acaba com o arrependimento e a reparação; ora, como depende de cada um o seu aperfeiçoamento, todos podem, em virtude do livre-arbítrio, prolongar ou abreviar seus sofrimentos, como o doente sofre, pelos seus excessos, enquanto não lhes põe fim.

33. Se a razão rejeita — por ser incompatível com a bondade de Deus — a ideia das penas imperdoáveis, perpétuas e absolutas, muitas vezes infligidas por uma única falta; a dos suplícios do inferno, que não podem ser minimizadas nem sequer pelo arrependimento mais ardente e mais sincero, a mesma razão se inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial, que leva tudo em conta, que nunca fecha a porta ao arrependimento e estende constantemente a mão ao náufrago, em vez de empurrá-lo para o abismo.

34. A pluralidade das existências — cujo princípio o Cristo estabeleceu no Evangelho, sem todavia defini-lo como a muitos outros — é uma das mais importantes leis reveladas pelo Espiritismo, pois que lhe demonstra a realidade e a necessidade para o progresso. Com esta lei, o homem explica todas as aparentes anormalidades da vida humana; as diferenças de posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis à alma as existências breves; a desigualdade de aptidões intelectuais e morais, pela durabilidade do Espírito que mais ou menos aprendeu e progrediu, e traz, nascendo, o que adquiriu em suas existências anteriores (ver item 5).

35. Com a doutrina da criação da alma no instante do nascimento, caímos no sistema das

criações privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros, nada os liga, os laços de família são puramente carnavais; não são de nenhum modo solidários com um passado em que não existiam; com a doutrina do nada após a morte, todas as relações cessam com a vida; os seres humanos não são solidários no futuro. Pela reencarnação, são solidários no passado e no futuro e, como as suas relações se perpetuam, tanto no mundo espiritual como no corporal, a fraternidade tem por base as próprias leis da Natureza; o bem tem um objetivo e o mal tem consequências inevitáveis.

36. Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de classes, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Então, se a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade.

37. Tirem do homem o Espírito livre e independente, sobrevivente à matéria, e fariam dele uma simples máquina organizada, sem finalidade, nem responsabilidade; sem outro freio além da lei civil e *própria a ser explorada* como um animal inteligente. Nada esperando depois da morte, nada impede a que aumente os prazeres do presente; se sofre, só tem a perspectiva do desespero e o nada como refúgio. Com a certeza do futuro e de encontrar de novo aqueles a quem amou e com o **temor de rever aqueles a quem ofendeu**, todas as suas ideias mudam. O Espiritismo, ainda que só fizesse forrar o homem da dúvida relativamente à vida futura, teria feito mais pelo seu aperfeiçoamento moral do que todas as leis disciplinares, que o detêm algumas vezes, mas que não o transformam.

38. Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não seria somente inconciliável com a justiça de Deus — que tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só —, seria também um contrassenso, e, segundo essa doutrina, tanto menos justificável quanto a alma não existia na época a que se pretende fazer que a sua responsabilidade tenha origem. Com a preexistência, o homem, **ao renascer**, traz a semente das suas imperfeições, dos defeitos de que ainda não se corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais e pelas tendências para esse ou aquele vício. É esse o seu verdadeiro pecado original, cujas consequências naturalmente sofre, mas com a diferença fatal de que sofre a pena das suas próprias faltas, e não das de outro alguém; e com a outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, animadora e soberanamente equilibrada, de que cada existência lhe oferece os meios de se redimir pela reparação e de progredir — seja libertando-se de alguma imperfeição, seja adquirindo novos conhecimentos e, assim, até que, suficientemente purificado, não necessite mais da vida corporal e possa viver exclusivamente a vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente traz, ao renascer, qualidades naturais, como o que progrediu intelectualmente traz ideias inatas; identificado com o bem, pratica-o sem esforço, sem cálculo e, por assim dizer, sem pensar. Aquele que é obrigado a combater as suas más tendências vive ainda em luta; o primeiro já venceu, o segundo procura vencer. Portanto, existe a **virtude original**, como existe o **saber original**, e o **pecado** ou, antes, o **vício original**.

39. O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e a ação deles sobre a matéria. Demonstrou a existência do **perispírito**, suspeitado desde a

antiguidade e designado por São Paulo sob o nome de **corpo espiritual**²³, isto é, corpo flúidico da alma, depois da destruição do corpo físico. Hoje sabemos que essa vestimenta é **inseparável da alma**, forma um dos elementos constitutivos do **ser humano**, é o veículo da transmissão do pensamento e, durante a vida do corpo, serve de laço entre o **Espírito** e a **matéria**. O perispírito representa importantíssimo papel no organismo e numa multidão de efeitos, que se ligam à fisiologia, assim como à psicologia.

40. O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma abre novos horizontes à Ciência e dá a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos até então, por falta de conhecimento da lei que os rege — fenômenos negados pelo materialismo, por se prenderem à espiritualidade, e qualificados como milagres ou feitiçarias por outras crenças. Entre muitos, tais são os fenômenos da vista dupla, da visão à distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões, etc. Demonstrando que esses fenômenos fazem parte de leis naturais, como os fenômenos elétricos, e em que condições normais podem se reproduzir, o Espiritismo desfaz o império do maravilhoso e do sobrenatural e, consequentemente, a fonte da maior parte das superstições. Faz com que acreditemos na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como impossíveis, também impede que se creia em muitas outras, das quais ele demonstra a impossibilidade e a irracionalidade.

41. Longe de negar ou destruir o Evangelho, o Espiritismo, ao contrário, vem confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza — que revela, tudo quanto o Cristo disse e fez; elucida os pontos obscuros do ensino cristão, de tal sorte que aqueles para quem certas partes do Evangelho eram incompreensíveis, ou pareciam *inadmissíveis*, as compreendem e admitem sem dificuldade com o auxílio desta doutrina; enxergam melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a simbologia; o Cristo lhes parece maior: já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino.

42. Além do mais, se considerarmos o poder moralizador do Espiritismo — pela finalidade que assina a todas as ações da vida, por tornar quase visíveis as consequências do bem e do mal, pela força moral, a coragem e as consolações que dá nas aflições, mediante inalterável confiança no futuro, pela ideia de ter cada um perto de si os seres a quem amou, a certeza de revê-los, a possibilidade de confabular com eles; enfim, pela certeza de que tudo quanto se fez, quanto se adquiriu em inteligência, sabedoria, moralidade, *até à última hora da vida*, não fica perdido, que tudo aproveita ao adiantamento do Espírito, reconhecemos que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do **Consolador** anunciado. Ora, como é o **Espírito de Verdade** que preside ao grande movimento da regeneração, a promessa da sua vinda se acha por essa forma cumprida, porque, de fato, é ele o verdadeiro **Consolador**.²⁴

²³ Conforme lemos na 1ª carta aos Coríntios, 15:44: “Semeia-se corpo natural, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual” — N. E.

²⁴ Muitos pais lastimam a morte prematura dos filhos, para cuja educação fizeram grandes sacrifícios, e dizem consigo mesmos que tudo foi em pura perda de tempo. Porém, à luz do Espiritismo, não lamentariam esses sacrifícios e estariam prontos a fazê-los, mesmo tendo a certeza de que veriam seus filhos morrer, porque sabem que se estes não aproveitam tal educação na vida presente, essa servirá primeiro que tudo para o seu adiantamento espiritual; e mais, que serão aquisições novas para outra existência e que, quando voltarem a este mundo, terão um patrimônio intelectual que os tornará mais aptos a adquirirem novos conhecimentos, iguais a essas crianças que trazem, ao nascer, ideias inatas — que sabem, por assim dizer, sem precisarem aprender.

Se os pais não têm a satisfação imediata de ver os filhos aproveitarem da educação que lhes deram, certamente terão mais tarde — seja como Espíritos, seja como homens. Talvez eles sejam de novo os pais desses mesmos filhos, que se

43. Se adicionarmos a estes resultados a rapidez espantosa da propagação do Espiritismo — apesar de tudo quanto fazem por abatê-lo —, ninguém poderá negar que a sua vinda seja providencial, visto como ele triunfa de todas as forças e de toda a má vontade dos homens. A facilidade com que é aceito por grande número de pessoas, sem constrangimento, apenas pelo poder da ideia, prova que ele corresponde a uma necessidade, igual a de o homem crer em alguma coisa para encher o vazio aberto pela descrença e que, portanto, veio no momento preciso.

44. Os aflitos estão em grande número; por isso, não é de admirar que tanta gente acolha uma doutrina que consola, em vez daquelas que desesperam, porque o Espiritismo se dirige mais aos deserdados, do que aos felizes do mundo. O doente vê o médico chegar com maior satisfação do que aquele que está bem de saúde; ora, os aflitos são os doentes e o Consolador é o médico.

Vocês todos que combatem o Espiritismo, se querem que o abandonemos para segui-los, mostre-nos mais e melhor do que a Doutrina Espírita; curem com maior segurança as feridas da alma. Tragam mais consolações, mais satisfações ao coração, esperanças mais legítimas, maiores certezas; façam do futuro um quadro mais racional, mais sedutor; porém, não julguem vencê-lo com a perspectiva do nada, com a alternativa das chamas do inferno, ou com a inútil contemplação perpétua.

45. A primeira revelação teve a sua personificação em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não tem em nenhum indivíduo. As duas primeiras foram individuais, a terceira coletiva; aí está um caráter essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a nenhuma pessoa; em consequência disso, ninguém pode inculcar-se como seu profeta exclusivo; foi espalhada simultaneamente, por sobre a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta profecia registrada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: **“Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os seus filhos e filhas profetizarão, os jovens terão visões, e os velhos terão sonhos”** (Atos dos Apóstolos, 2:17-18). Ela não proveio de nenhum culto especial, a fim de um dia servir a todos, de ponto de ligação.²⁵

46. As duas primeiras revelações, sendo fruto do ensino pessoal, ficaram naturalmente localizadas, isto é, apareceram num só ponto, em torno do qual a ideia se propagou pouco a pouco; mas, foram precisos muitos séculos para que atingissem as extremidades do mundo, sem mesmo o invadirem inteiramente. A terceira tem isto de particular: não estando personificada em um só indivíduo, surgiu simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que se tornaram centros ou focos de irradiação. Multiplicando-se esses centros, seus raios se reúnem pouco a pouco, como os círculos formados por uma

apontam como afortunadamente dotados pela natureza e que devem as suas aptidões a uma educação precedente; assim também, se os filhos se desviam para o mal, pela negligência dos pais, estes podem vir a sofrer mais tarde desgostos e pesares que aqueles suscitarão em nova existência (ver “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, cap. V, nº 21; “Mortes prematuras”) – N. K.

²⁵ O nosso papel pessoal, no grande movimento de ideias que se prepara pelo Espiritismo e que começa a operar-se, é o de um observador atento, que estuda os fatos para descobrir suas causas e tirar as consequências deles. Confrontamos todos os que nos têm sido possível reunir, comparamos e comentamos as instruções dadas pelos Espíritos em todos os pontos do globo e depois coordenamos metodicamente o conjunto; em suma, estudamos e demos ao público o fruto das nossas indagações, sem atribuímos aos nossos trabalhos valor maior do que o de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência, sem nunca nos considerarmos chefe da doutrina, nem procurarmos impor as nossas ideias a quem quer que seja. Publicando essas ideias, usamos de um direito comum e aqueles que as aceitaram o fizeram livremente. Se essas ideias acharam numerosas simpatias, é porque tiveram a vantagem de corresponder às aspirações de avultado número de criaturas, mas não colhemos disso vaidade alguma, dado que a sua origem não nos pertence. O nosso maior mérito é a perseverança e a dedicação à causa que abraçamos. Em tudo isso, fizemos o que outro qualquer poderia ter feito como nós, razão pela qual nunca tivemos a pretensão de nos julgarmos profeta ou messias, nem, ainda menos, de nos apresentarmos como tal – N. K.

multidão de pedras lançadas na água, de tal sorte que, em dado tempo, acabarão por cobrir toda a superfície do globo.

Essa é uma das causas da rápida propagação da doutrina. Se ela tivesse surgido num só ponto, se fosse obra exclusiva de um homem, teria formado seitas²⁶ em torno dela; e talvez decorresse meio século sem que ela atingisse os limites do país onde começara, ao passo que, após dez anos, já estende raízes de um polo a outro.

47. Esta circunstância — inédita na história das doutrinas — lhe dá força excepcional e irresistível poder de ação; de fato, se a perseguirem num ponto, em determinado país, será materialmente impossível que a persigam em toda parte e em todos os países. Em contraposição a um lugar onde lhe embaracem a marcha, haverá mil outros em que florescerá. Ainda mais: se a ferirem num indivíduo, não poderão feri-la nos Espíritos — que são a fonte donde ela brota. Ora, como os Espíritos estão em toda parte e existirão sempre, se, por um acaso impossível, conseguissem sufocá-la em todo o globo, ela reapareceria pouco tempo depois, porque repousa sobre um fato que está na Natureza e não se podem suprimir as leis da Natureza. Eis aí o de que devem se convencer aqueles que sonham com o aniquilamento do Espiritismo (REVISTA ESPÍRITA, fevereiro de 1865: “Da Perpetuidade do Espiritismo”).

48. Entretanto, com a propagação dos centros espíritas, estes poderiam ainda permanecer por muito tempo isolados uns dos outros, confinados como estão alguns em países mais distantes. Faltava entre eles uma ligação, que os pusesse em comunhão de ideias com seus irmãos em crença, informando-os do que se fazia noutros lugares. Esse traço de união — que na Antiguidade teria faltado ao Espiritismo — hoje existe nas publicações que vão a toda parte, condensando, sob uma forma única, objetiva e metódica, o ensino dado universalmente sob formas múltiplas e nas diversas línguas.

49. As duas primeiras revelações só podiam resultar de um ensino direto; como os homens não estivessem ainda bastante adiantados a fim de contribuírem para a sua elaboração, elas tinham que ser impostas pela fé, sob a autoridade da palavra do Mestre. Contudo, notamos entre as duas diferença bem sensível, devida ao progresso dos costumes e das ideias, se bem que feitas ao mesmo povo e no mesmo meio, mas com dezoito séculos de intervalo. A doutrina de Moisés é absoluta, autoritária; não admite discussão e se impõe ao povo pela força. A de Jesus é essencialmente **conselheira**; é livremente aceita e só se impõe pelo convencimento; foi controvertida desde o tempo do seu fundador, que não se recusava de discutir com os seus adversários.

50. A terceira revelação, vinda numa época de emancipação e maturidade intelectual — em que a inteligência já desenvolvida não se submete a representar papel passivo; em que o homem nada aceita às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o efeito de cada coisa — tinha ela que ser ao mesmo tempo o produto de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre-exame. **Os Espíritos só ensinam justamente o que é necessário para guiá-lo no caminho da verdade, mas recusam de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo**, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao exercício da razão, muitas vezes, deixando mesmo que adquira experiência à sua custa. Fornecem ao homem o princípio, os materiais; cabe à humanidade aproveitá-los e pô-los em obra (nº 15).

51. Como os elementos da revelação espírita foram ensinados simultaneamente em

²⁶ **Seita:** doutrina religiosa ou teoria filosófica separada da crença comum da qual se originou – N. E.

vários pontos, aos homens de todas as condições sociais e de diversos graus de instrução, é claro que as observações não podiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as consequências a tirar, a dedução das leis que regem esta ordem de fenômenos, em suma, a conclusão sobre que haviam de se firmar, as ideias não podiam sair senão do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, limitado dentro de um círculo restrito, muitas vezes só vendo uma ordem particular de fatos — não raro contraditórios na aparência, geralmente vindo de uma mesma categoria de Espíritos e, ao demais, embaraçados por influências locais e pelo espírito de partido —, achava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, incapaz de conjugar as observações isoladas a um princípio comum. Cada qual apreciando os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião especial dos Espíritos que se manifestassem, bem cedo teriam surgido tantas teorias e doutrinas quantos fossem os centros, todos incompletos por falta de elementos de comparação e exame. Numa palavra, cada qual teria se imobilizado na sua revelação parcial, julgando possuir toda a verdade, ignorando que em cem outros lugares obtinha-se mais ou melhor conceito.

52. Além disso, convém notar que em nenhuma parte o ensino espírita foi dado integralmente; ele diz respeito a tão grande número de observações, a assuntos tão diferentes, exigindo conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que seria impossível acharem-se reunidas num mesmo ponto todas as condições necessárias. Tendo o ensino que ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho, disseminando os assuntos de estudo e observação como, em algumas fábricas, a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida por diversos operários.

A revelação fez-se assim parcialmente em diversos lugares e por uma multidão de intermediários e é dessa maneira que prossegue ainda, pois que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra nos outros centros o complemento do que obtém, e foi o conjunto, a coordenação de todos os ensinamentos parciais que constituíram a **Doutrina Espírita**.

Portanto, era necessário agrupar os fatos espalhados, para apreendermos sua correlação, reunir os documentos diversos, as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-las, analisar, estudar as suas semelhanças e diferenças. Como as comunicações vinham de Espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso apreciar o grau de confiança que a razão permitia conceder a eles, distinguir as ideias sistemáticas individuais ou isoladas das que tinham a aprovação do ensino geral dos Espíritos, as utopias das ideias práticas, afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da ciência positiva e da lógica, utilizar igualmente os erros, as informações fornecidas pelos Espíritos, mesmo os da mais baixa categoria, para conhecimento do estado do mundo invisível e formar com isso um todo homogêneo.

Numa palavra, era preciso um centro de elaboração, independente de qualquer ideia preconcebida, de todo prejuízo de seita, **resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, embora contrária às opiniões pessoais**. Este centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e **sem propósito premeditado**.²⁷

²⁷ O LIVRO DOS ESPÍRITOS, a primeira obra que levou o Espiritismo a ser considerado de um ponto de vista filosófico, pela dedução das consequências morais dos fatos; que considerou todas as partes da doutrina, tocando nas questões mais importantes que ela suscita, foi desde o seu aparecimento, o ponto para onde convergiram espontaneamente os trabalhos individuais. É notório que da publicação desse livro data a era do Espiritismo filosófico, até então conservado no domínio das experiências curiosas. Se esse livro conquistou as simpatias da maioria é que exprimia os sentimentos dela, correspondia às suas aspirações e encerrava também a confirmação e a explicação racional do que cada um obtinha em particular. Se estivesse em desacordo com o ensino geral dos Espíritos, teria caído no descrédito e no esquecimento. Ora, qual foi aquele

53. De todas essas coisas, originou-se dupla corrente de ideias: umas, dirigindo-se das extremidades para o centro; as outras encaminhando-se do centro para a circunferência. Desse modo, a doutrina caminhou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde brotou; as teorias divergentes ruíram pouco a pouco, devido ao isolamento em que ficaram, diante da influência da opinião da maioria, na qual não encontraram repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de conceitos se estabeleceu entre os diversos centros parciais. Falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e estimam, de um extremo a outro do mundo.

Assim, os espíritos se sentiram mais fortes, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não mais se viram isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço a prendê-los à grande família. Os fenômenos que presenciavam não mais lhes pareceram estranhas, anormais, nem contraditórios — desde que puderam uni-los a leis gerais e descobrir um fim grandioso e humanitário em todo o conjunto.²⁸

Mas, como saberemos se um princípio é ensinado por toda parte, ou se apenas exprime uma opinião pessoal? Não estando os grupos independentes em condições de saber o que se diz noutros lugares, se fazia necessário que um centro reunisse todas as instruções, para proceder a uma espécie de apuração das vozes e transmitir a todos a opinião da maioria.²⁹

54. Nenhuma ciência existe que haja saído prontinha do cérebro de um homem. Todas — sem exceção — são fruto de observações sucessivas, apoiadas em observações precedentes, como em um ponto conhecido, para chegar ao desconhecido. Foi assim que os Espíritos procederam, com relação ao Espiritismo. Daí o fato de o ensino que ministram ser gradativo. Eles não enfrentam as questões, senão à medida que os princípios sobre que hajam de apoiar-se estejam suficientemente elaborados e amadurecida bastante a opinião para assimilá-los. É mesmo notável que de todas as vezes que os centros particulares têm querido tratar de questões prematuras, não obtiveram mais do que respostas contraditórias, nada conclusivas. Quando, ao contrário, chega o momento oportuno, o ensino se generaliza e se unifica na quase universalidade dos centros.

ponto de convergência? Decerto não foi o homem, que nada vale por si mesmo, que morre e desaparece; mas, a ideia que não fenece quando emana de uma fonte superior ao homem.

Essa espontânea concentração de forças dispersas deu lugar a uma amplíssima correspondência, monumento único no mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, onde se refletem ao mesmo tempo os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que a doutrina fez nascer, os resultados morais, as dedicações, os desfalecimentos; arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas através de documentos autênticos. Em presença desses testemunhos inextinguíveis, a que se reduzirão, com o tempo, todas as falsas alegações da inveja e do ciúme? — N. K.

²⁸ Significativo testemunho, tão notável quanto tocante, dessa comunhão de conceitos que se estabeleceu entre os espíritos, pela unidade de suas crenças, são os pedidos de preces que nos chegam dos mais distantes países, desde o Peru até as extremidades da Ásia, feitos por pessoas de religiões e nacionalidades diversas e as quais nunca vimos. Não é isso um prelúdio da grande unificação que se prepara? Não é a prova de que por toda parte o Espiritismo lança raízes fortes? — N. K.

É digno de nota que de todos os grupos que se têm formado com a intenção premeditada de abrir cisão, proclamando princípios divergentes, do mesmo modo que de todos quantos, apoiando-se em razões de amor-próprio ou outras quaisquer, para não parecer que se submetem à lei comum, se consideraram fortes bastante para caminhar sozinhos, possuidores de luzes suficientes para prescindirem de conselhos, nenhum chegou a construir uma ideia que fosse preponderante e viável. Todos se acabaram ou vegetaram na sombra. Nem de outro modo poderia ser, dado que, para se destacarem — em vez de se esforçarem por proporcionar maior soma de satisfações —, rejeitavam princípios da doutrina, precisamente o que de mais atraente há nela, o que de mais consolador ela contém e de mais racional. Se houvessem compreendido a força dos elementos morais que lhe constituíram a unidade, não teriam se embalado com ilusões ilusórias. Ao contrário, tomando como se fosse o Universo o pequeno círculo que constituíam, não viram nos adeptos mais do que uma camarilha facilmente derrubável por outra camarilha. Era equivocar-se de modo estranho, no tocante aos caracteres essenciais da doutrina e semelhante erro só decepções podia acarretar. Em lugar de romperem a unidade, quebraram o único laço que lhes podia dar força e vida (ver *REVISTA ESPÍRITA*, abril de 1866: "O Espiritismo sem os Espíritos: o Espiritismo independente") — N. K.

²⁹ Esse é o objeto das nossas publicações, que se podem considerar o resultado de um trabalho de apuração. Nelas, todas as opiniões são discutidas, mas as questões somente são apresentadas em forma de princípios depois de haverem recebido a consagração de todas as comprovações, as quais, só elas, lhes podem imprimir força de lei e permitir afirmações. Eis por que não pregamos levemente nenhuma teoria e é nisso exatamente que, decorrendo do ensino geral, a doutrina não representa produto de uma teoria preconcebida. É também donde tira a sua força e o que lhe garante o futuro — N. K.

Todavia, há uma importante diferença entre a marcha do Espiritismo e a das ciências; a de que estas só atingiram o ponto que alcançaram após longos intervalos, ao passo que bastaram alguns anos ao Espiritismo, quando não a alcançar o ponto máximo, pelo menos a recolher uma soma de observações bem grande para formar uma doutrina. Decorre esse fato de ser inumerável a multidão de Espíritos que, por vontade de Deus, se manifestaram simultaneamente, trazendo cada um a cota de seus conhecimentos. Resultou daí que todas as partes da doutrina, em vez de serem elaboradas sucessivamente durante longos anos, foram produzidas quase ao mesmo tempo, em alguns anos apenas, e que bastou reuni-las para que estruturassem um todo.

Deus quis que fosse assim, primeiro, para que o edifício mais rapidamente chegasse ao ápice; em seguida, para que por meio da comparação, pudéssemos conseguir uma verificação, a bem dizer imediata e permanente, da universalidade do ensino, nenhuma de suas partes tendo valor, **nem autoridade**, a não ser pela sua conexão com o conjunto, devendo todos se harmonizar, colocado cada um no devido lugar e vindo cada um na hora oportuna.

Não confiando a um único Espírito o encargo de promulgar a doutrina, Deus quis também que, assim o mais pequenino, como o maior, tanto entre os Espíritos, quanto entre os homens, trouxesse sua pedra para o edifício, a fim de estabelecer entre eles um laço de solidariedade cooperativa, que faltou a todas as doutrinas decorrentes de um tronco único.

Por outro lado, como todo Espírito e como todo homem dispõem apenas de limitada soma de conhecimentos, eles não estavam aptos a tratar individualmente com verdadeiro conhecimento de causa das inúmeras questões que o Espiritismo envolve. Essa é ainda uma razão por que, em cumprimento dos desígnios do Criador, a doutrina não podia ser obra nem de um só Espírito, nem de um só médium. Tinha que surgir da coletividade dos trabalhos, comprovados uns pelos outros.³⁰

55. Uma última característica da revelação espírita, a ressaltar das condições mesmas em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, tem que ser — e não pode deixar de ser — essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Pela sua substância, alia-se à Ciência que, sendo a exposição das leis da Natureza, com relação a certa ordem de fatos, não pode ser contrária às leis de Deus, autor daquelas leis. As descobertas que a Ciência realiza, longe de rebaixarem a Divindade, glorificam a Deus; unicamente destroem o que os homens edificaram sobre as falsas concepções que formaram d'Ele.

Assim sendo, o Espiritismo só estabelece como princípio absoluto aquilo que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. Entendendo com todos os ramos da organização social — aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas — assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que tenham assumido o estado de *verdades práticas* e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria. Deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu fim providencial. **Caminhando ao lado do progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.**³¹

³⁰ Ver em o EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, "Introdução", item II, e REVISTA ESPÍRITA, de abril de 1864: "Autoridade da Doutrina Espírita; controle universal do ensino dos Espíritos" — N. K.

³¹ Diante de declarações tão nítidas e tão categóricas, quais as que se contém neste capítulo, caem por terra todas as alegações de tendências ao absolutismo e à autocracia dos princípios, bem como todas as falsas assimilações que algumas pessoas prevenidas ou mal informadas prestam à doutrina. Aliás, estas declarações não são novas; temos repetido isso muitíssimas vezes nos nossos escritos, para que nenhuma dúvida persista a tal respeito. Ao demais, elas assinalam o verdadeiro papel que nos cabe, único que ambicionamos: o de mero trabalhador — N. K.

56. Qual a utilidade da doutrina moral dos Espíritos, uma vez que não é diferente da do Cristo? O homem carece de uma revelação? Não pode achar em si próprio tudo o que é necessário para se conduzir?

Do ponto de vista moral, é fora de dúvida que Deus concedeu ao homem um guia, dando-lhe a consciência, que lhe diz: “Não faça a ninguém o que não gostaria que te fizessem”. A moral natural está positivamente inscrita no coração dos homens; porém, todos sabem lê-la nesse livro? Nunca lhe desprezaram os sábios preceitos? Que fizeram da moral do Cristo? Como a praticam mesmo aqueles que a ensinam? Reprovarão que um pai repita a seus filhos dez vezes ou cem vezes as mesmas instruções, desde que eles não as sigam? Por que Deus haveria de fazer menos do que um pai de família? Por que não enviaria, de tempos a tempos, mensageiros especiais aos homens, para lhes lembrar os deveres e reconduzi-los ao bom caminho, quando deste se afastam; para abrir os olhos da inteligência aos que os trazem fechados, assim como os homens mais adiantados enviam missionários aos selvagens e aos bárbaros?

A moral que os Espíritos ensinam é a do Cristo, pela razão de que não há outra melhor. Mas, então, de que serve o ensino deles, se apenas repisam o que já sabemos? Outro tanto se poderia dizer da moral do Cristo, que já Sócrates e Platão ensinaram quinhentos anos antes e em termos quase idênticos. O mesmo se poderia dizer também das de todos os moralistas, que nada mais fazem do que repetir a mesma coisa em todos os tons e sob todas as formas. Pois bem! **Os Espíritos vêm simplesmente aumentar o número dos moralistas**, com a diferença de que, manifestando-se por toda parte, tanto se fazem ouvir na choupana, como no palácio, assim pelos ignorantes, como pelos instruídos.

O que o ensino dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que regem as relações entre os mortos e os vivos, princípios que completam as noções vagas que se tinham da alma, de seu passado e de seu futuro, dando por sanção à doutrina cristã as próprias leis da Natureza. Com o auxílio das novas luzes que o Espiritismo e os Espíritos espalham, o homem se reconhece solidário com todos os seres e compreende essa solidariedade; a caridade e a fraternidade se tornam uma necessidade social; ele faz por convicção o que fazia unicamente por dever, e o faz melhor.

Somente quando praticarem a moral do Cristo os homens poderão dizer que não mais precisam de moralistas encarnados ou desencarnados. Mas então, Deus também já não lhes enviará tais moralistas.

57. Uma das questões mais importantes, entre as propostas no começo deste capítulo, é a seguinte: Que autoridade tem a revelação espírita, uma vez que vem de seres de luzes limitadas e não infalíveis?

A objeção seria ponderosa, se essa revelação consistisse apenas no ensino dos Espíritos, se deles exclusivamente a devêssemos receber eouvêssemos de aceitá-la de olhos fechados. Entretanto, perde todo valor, desde que o homem contribua para a revelação com o seu raciocínio e o seu critério; desde que os Espíritos se limitam a pô-lo no caminho das deduções que ele pode tirar da observação dos fatos. Ora, as manifestações, nas suas inumeráveis modalidades, são fatos que o homem estuda para lhes deduzir a lei, auxiliado nesse trabalho por Espíritos de todas as categorias, que, de tal modo, são **mais colaboradores seus do que reveladores**, no sentido usual do termo. Ele lhes submete os dizeres ao exercício da lógica e do bom-senso: desta maneira se beneficia dos conhecimentos especiais de que os Espíritos dispõem pela posição em que se acham, sem abdicar o uso da própria razão.

Como os Espíritos são simplesmente as almas dos homens, comunicando-nos com eles, **não nos colocamos fora da Humanidade** — o que é uma circunstância

capital a considerarmos. Os homens geniais, que foram facho de luz da Humanidade, vieram do mundo dos Espíritos e para lá voltaram, ao deixarem a Terra. Dado que os Espíritos podem se comunicar com os homens, esses mesmos gênios podem lhes dar instruções sob a forma espiritual, como fizeram sob a forma corpórea. Depois de terem morrido, podem nos instruir tal qual faziam quando vivos; apenas, são invisíveis, em vez de serem visíveis; essa a única diferença. Não devem ser menores do que eram a experiência e o saber que possuem e, se a palavra deles, como homens, tinha autoridade, não na pode ter menos somente por estarem no mundo dos Espíritos.

58. Mas, nem só os Espíritos superiores se manifestam; fazem isso igualmente os de todas as categorias e era preciso que assim acontecesse, para nos iniciarmos no que toca ao verdadeiro caráter do mundo espiritual, apresentando-se este por todas as suas faces. Daí resulta as relações entre o mundo visível e o mundo invisível serem mais íntimas e a conexão entre os dois ser mais evidente. Vemos assim mais claramente donde procedemos e para onde iremos. Esse o objeto essencial das manifestações. Todos os Espíritos nos ensinam alguma coisa — qualquer que seja o grau de elevação em que se encontrem; porém, visto que eles são mais ou menos esclarecidos, cabe a nós discernir o que há de bom ou de mau no que nos digam e tirar o proveito possível do ensino que nos trazem. Ora, seja quem for, todos podem nos ensinar ou revelar coisas que ignoramos e que sem eles nunca saberíamos.

59. Sem contestação, os grandes Espíritos encarnados são individualidades poderosas, mas de ação restrita e de lenta propagação. Viesse um só dentre eles — fosse Elias ou Moisés, Sócrates ou Platão — revelar aos homens nos tempos modernos as condições do mundo espiritual, quem provaria a veracidade das suas afirmativas, nesta época de ceticismo?³² Não o tomariam por sonhador ou utopista? Mesmo que fosse verdade absoluta o que dissesse, séculos se escoariam antes que as massas humanas aceitassem suas ideias. Deus, em sua sabedoria, não quis que assim acontecesse; quis que o ensino fosse dado pelos **próprios Espíritos**, não por encarnados, a fim de que desencarnados convencessem os encarnados da sua existência e quis que isso ocorresse por toda a Terra simultaneamente — tanto para que o ensino se propagasse com maior rapidez, quanto para que, coincidindo em toda parte, constituísse uma prova da verdade, tendo assim cada um o meio de convencer-se a si próprio.

60. Os Espíritos não se manifestam para isentar o homem do estudo e das pesquisas, nem para lhe transmitirem nenhuma ciência inteiramente pronta. Com relação ao que o homem pode achar por si mesmo, eles o deixam entregue às suas próprias forças. Isso hoje os espíritos sabem perfeitamente. Há muito tempo a experiência tem demonstrado ser errado atribuímos aos Espíritos todo o saber e toda a sabedoria e supormos que baste a quem quer que seja dirigir-se ao primeiro Espírito que se apresente para conhecer todas as coisas. Saídos da Humanidade, eles constituem uma de suas faces. Assim como na Terra, no plano invisível também os há superiores e vulgares; muitos, pois, que, científcica e filosoficamente, sabem menos do que certos homens; eles dizem o que sabem — nem mais, nem menos. Do mesmo modo que os homens, os Espíritos mais adiantados podem instruir-nos sobre maior porção de coisas, dar-nos opiniões mais cuidadosas do que os atrasados. **Pedir conselhos aos Espíritos não é entrar em entendimento com potências sobrenaturais; é tratar com seus iguais, com aqueles mesmos a quem ele se dirigiria neste mundo; a seus parentes, seus amigos, ou a**

³² Ceticismo, ou **cepticismo**: ideia de eterna incapacidade de compreender a verdade; descrença, dúvida — N. E.

indivíduos mais esclarecidos do que ele. Disto é que importa que todos se convençam e é o que ignoram os que, não tendo estudado o Espiritismo, fazem ideia completamente falsa da natureza do mundo dos Espíritos e das relações com o além-túmulo.

61. Então, qual a utilidade dessas manifestações, ou se o preferirem, dessa revelação, uma vez que os Espíritos não sabem mais do que nós, ou não nos dizem tudo o que sabem?

Primeiramente, como já o declaramos, eles se reservam de nos dar o que podemos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, há coisas cuja revelação não lhes é permitida, porque o grau do nosso adiantamento não comporta. Fora isto, as condições da nova existência em que se acham lhes dilatam o círculo das percepções: eles veem o que não viam na Terra; libertos dos entraves da matéria, isentos dos cuidados da vida corpórea, apreciam as coisas de um ponto de vista mais elevado e, portanto, são mais; a esperteza de que gozam abrange mais vasto horizonte; compreendem seus erros, retificam suas ideias e se desembaraçam dos prejuízos humanos.

É nisto que consiste a superioridade dos Espíritos com relação à humanidade corpórea e daí vem a possibilidade de seus conselhos serem mais acertados e desinteressados do que os dos encarnados — segundo o grau de adiantamento que alcançaram. Além disso, o meio em que se encontram lhes permite iniciar-nos nas coisas que ignoramos em relação à vida futura e que não podemos aprender no meio em que estamos. Até ao presente, o homem apenas formulou hipóteses sobre o seu porvir; tal a razão por que suas crenças a esse respeito se dividem em tão numerosos e divergentes sistemas, desde o nadismo até as concepções fantásticas do inferno e do paraíso. Hoje, são as testemunhas oculares, os próprios atores da vida de além-túmulo que nos vêm dizer em que se tornaram e só *eles o podiam fazer*. Suas manifestações, por fim, serviram para nos dar a conhecer o mundo invisível que nos rodeia e do qual nem suspeitávamos e só esse conhecimento seria de capital importância, dado mesmo que nada mais os Espíritos pudessem nos ensinar.

Se forem a um país que ainda não conheçam, recusarão as informações que o mais humilde campônio que encontrarem lhes dê? Deixarão de interrogá-lo sobre o estado dos caminhos, simplesmente por ser ele um camponês? Certamente não esperarão obter por intermédio deles, esclarecimentos de grande alcance, mas, de acordo com o que ele é na sua esfera, poderá lhes informar sobre alguns pontos, melhor do que um sábio que não conheça o país. Tirarão das suas indicações deduções que ele próprio não tiraria, sem que por isso deixe de ser um instrumento útil às suas observações, embora apenas servisse para lhes informar acerca dos costumes dos camponeses. Outro tanto se dá no que se refere às nossas relações com os Espíritos, entre os quais o menos qualificado pode servir para nos ensinar alguma coisa.

62. Uma comparação simples tornará ainda melhor compreensível a situação:

Parte para destino longínquo um navio carregado de emigrantes. Leva homens de todas as condições, parentes e amigos dos que ficam. Ficamos sabendo que esse navio naufragou e nenhum vestígio resta dele, nenhuma notícia chega sobre a sua sorte. Acredita-se que todos os passageiros pereceram e o luto penetra em todas as suas famílias. Entretanto, a tripulação inteira, sem faltar um único homem, foi ter a uma ilha desconhecida, abundante e fértil, onde todos passam a viver felizes, sob um céu clemente — e ninguém, porém, sabe disso. Ora, um belo dia, outro navio aporta a essa terra e lá encontra os naufragos sãos e salvos. A feliz novidade se espalha com a rapidez do relâmpago. Exclamam todos: "Os nossos amigos não estão perdidos!" E rendem graças a Deus. Não podem ver-se uns aos outros, mas correspondem-se; permutam demonstrações de afeto e, assim, a alegria substitui a tristeza.

Tal a imagem da vida terrena e da vida de além-túmulo, antes e depois da revelação moderna. A última, semelhante ao segundo navio, nos traz a boa-nova da sobrevivência dos que nos são queridos e a certeza de que a eles nos reuniremos um dia. Deixa de existir a dúvida sobre a sorte deles e a nossa. O desânimo se desfaz diante da esperança.

Mas, outros resultados fertilizam essa revelação. Estando a humanidade madura para penetrar o mistério do seu destino e contemplar a sangue-frio novas maravilhas, Deus permitiu que fosse erguido o véu que ocultava o mundo invisível ao mundo visível. As manifestações nada têm de extra-humanas; **é a humanidade espiritual que vem conversar com a humanidade corporal** e dizer-lhe:

“Nós existimos, logo, o nada não existe; eis o que somos e o que vocês serão; o futuro lhes pertence como a nós. Caminham nas trevas, viemos lhes clarear o caminho e traçar o roteiro; andam ao acaso, viemos lhes apontar a meta. A vida terrena era tudo para vocês, porque nada viam além dela; viemos lhes dizer, mostrando a vida espiritual: a vida terrestre não é nada. A sua visão se detinha no túmulo, nós lhes desvendamos, para lá deste, um esplêndido horizonte. Não sabiam por que sofrem na Terra; agora, no sofrimento, vejam a justiça de Deus. O bem não produzia nenhum fruto aparente para o futuro. De agora em diante, ele terá uma finalidade e constituirá uma necessidade; a fraternidade, que não passava de bela teoria, assenta agora numa lei da Natureza. Sob o domínio da crença de que tudo acaba com a vida, a imensidade é o vazio, o egoísmo reina soberano entre vocês e a sua palavra de ordem é: ‘Cada um por si’. Com a certeza do porvir, os espaços infinitos se povoam ao infinito, em parte alguma há o vazio e a solidão; a solidariedade liga todos os seres, aquém e além da tumba. É o reino da caridade, sob a divisa: ‘Um por todos e todos por um’. Enfim, ao término da vida, diziam eterno adeus aos que lhes são caros; agora, dirão: ‘Até breve!’”

Em resumo, estes são os resultados da revelação nova, que veio encher o vazio que a incredulidade cavara, levantar os ânimos abatidos pela dúvida ou pela perspectiva do nada e imprimir a todas as coisas uma razão de ser. Carecerá de importância esse resultado, apenas porque os Espíritos não vêm resolver os problemas da Ciência, dar sabedoria aos ignorantes e aos preguiçosos os meios de se enriquecerem sem trabalho? Entretanto, nem só à vida futura dizem respeito os frutos que o homem deve colher dela. Ele os saboreará na Terra, pela transformação que estas novas crenças hão de necessariamente operar no seu caráter, nos seus gostos, nas suas tendências e, por conseguinte, nos hábitos e nas relações sociais. Pondo fim ao reino do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, elas preparam o do bem, que é o reino de Deus, anunciado pelo Cristo.³³

³³ A anteposição do artigo à palavra Cristo (do grego **Cristos**, *ungido*), empregada em sentido absoluto, é mais correta, atento que essa palavra não é o nome do Messias de Nazaré, mas uma qualidade tomada substantivamente. Diremos então: Jesus era Cristo; era o Cristo; era o Cristo anunciado; a morte do Cristo e não de Cristo, ao passo que se diz: a morte de Jesus e não do Jesus. Em Jesus Cristo, as duas palavras reunidas formam um só nome próprio. É pela mesma razão que se diz: o Buda; Gautama conquistou a dignidade de Buda por suas virtudes e austeridades. Diz-se: a vida do Buda, do mesmo modo que: o exército do Faraó e não de Faraó; Henrique IV era rei; o título de rei; a morte do rei e não de rei – N. K.

CAPÍTULO II

DEUS

- **EXISTÊNCIA DE DEUS**
- **DA NATUREZA DIVINA**
- **A PROVIDÊNCIA**
- **A VISÃO DE DEUS**

EXISTÊNCIA DE DEUS

1. Sendo Deus a causa primária de todas as coisas, a origem de tudo o que existe e a base do edifício da criação, Ele também é o ponto que devemos considerar antes de tudo.

2. É um princípio elementar que julgamos uma causa pelos seus efeitos, mesmo quando essa causa se conserve oculta.

Se um pássaro, que percorre os ares, é atingido por mortífero grão de chumbo, deduz-se que um hábil atirador o alvejou, ainda que este atirador não seja visto. Pois, nem sempre se faz necessário ver uma coisa para sabermos que ela existe. Em tudo, chegamos ao conhecimento das causas observando seus efeitos.

3. Outra verdade também incontestável e que, de tão verdadeiro passou a ser ditado, é o de que todo efeito inteligente tem que decorrer de uma causa inteligente.

Se perguntassem qual o construtor de certo mecanismo engenhoso, que pensaríamos daquele que respondesse que essa máquina se fez a si mesma? Quando contemplamos uma obra-prima da arte ou da indústria, dizemos que um homem genial há de tê-la produzido, porque só uma alta inteligência poderia fazê-la. Entanto, reconhecemos que ela é obra de um homem, por se verificar que não está acima da capacidade humana; mas, a ninguém virá a ideia de dizer que saiu do cérebro de um idiota ou de um ignorante, nem ainda menos, que é trabalho de um animal, ou produto do acaso.

4. Em toda parte se reconhece a presença do homem pelas suas obras. A existência dos homens antediluvianos³⁴ não seria provada unicamente por

³⁴ **Antediluviano:** que existia antes de um dilúvio; referência aos homens dos tempos primitivos – N. E.

meio dos fósseis humanos: seria provada também — e com muita certeza — pela presença de objetos trabalhados pelos homens, nos terrenos daquela época. Um fragmento de vaso, uma pedra talhada, uma arma ou um tijolo bastariam para confirmar sua existência. Reconheceríamos o grau de inteligência ou de adiantamento daqueles que executaram essas obras pela grosseria ou perfeição do trabalho. Portanto, se por acaso vocês se encontram numa região habitada exclusivamente por selvagens e descobrem uma estátua digna de Fídias³⁵, não hesitariam em dizer que ela é obra de uma inteligência superior àqueles selvagens, que são incapazes de tê-la esculpida.

5. Pois bem! Lançando o olhar em torno de si, sobre as obras da Natureza, notando a providência, a sabedoria, a harmonia que gerem essas obras, o observador reconhece não haver nenhuma que não ultrapasse os limites da mais poderosa inteligência humana. Ora, desde que o homem não pode produzir tais obras, é que elas são produto de uma inteligência superior à Humanidade — a menos que alguém sustente que há efeitos sem causa.

6. A isto alguns opõem o seguinte raciocínio: “As obras ditas da Natureza são produzidas por forças materiais que atuam mecanicamente, em virtude das leis de atração e repulsão; as moléculas dos corpos imóveis se agregam e desagregam sob o império dessas leis. As plantas nascem, brotam, crescem e se multiplicam sempre da mesma maneira, cada uma na sua espécie, por efeito daquelas mesmas leis; cada indivíduo se assemelha ao de quem ele proveio; o crescimento, a floração, a frutificação, a coloração se acham subordinados às causas materiais, tais como o calor, a eletricidade, a luz, a umidade, etc. O mesmo se dá com os animais. Os astros se formam pela atração molecular e se movem perpetuamente em suas órbitas por efeito da gravitação. Essa regularidade mecânica no emprego das forças naturais não prova a ação de qualquer inteligência livre. O homem movimenta o braço quando quer e como quer; porém, aquele que o movimentasse no mesmo sentido, desde o nascimento até a morte, seria um autômato. Ora, as forças orgânicas da Natureza são puramente automáticas”.

Tudo isso é verdade; mas, essas forças são efeitos que hão de ter uma causa e ninguém pretende que elas sejam a Divindade. Elas são materiais e mecânicas; não são de si mesmas inteligentes, também isto é verdade; mas, são postas em ação, distribuídas, apropriadas às necessidades de cada coisa por uma inteligência que não é a dos homens. A aplicação útil dessas forças é um efeito inteligente, que acusam uma causa inteligente. Um pêndulo se move com automática regularidade e é nessa regularidade que lhe está o mérito. A força que faz esse pêndulo se mover é toda material e nada tem de inteligente. Mas, que seria esse pêndulo, se uma inteligência não houvesse combinado, calculado, distribuído o emprego daquela força, para fazê-lo andar com precisão? Do fato de a inteligência não estar no mecanismo do pêndulo e do de que ninguém a vê, seria racional deduzir-se que ela não existe? Apreciamos essa inteligência pelos

³⁵ Fídias (490 a.C.- 430 a.C.): genial escultor da Grécia Antiga – N. E.

seus efeitos.

A existência do relógio atesta a existência do relojoeiro; a engenhosidade do mecanismo lhe confirma a inteligência e o saber. Quando um relógio nos dá a indicação da hora no momento preciso, já nos terá vindo à mente dizer: “aí está um relógio bem inteligente?”.

Do mesmo modo ocorre com o mecanismo do Universo: **Deus não se mostra, mas se revela pelas Suas obras.**

7. Portanto, a existência de Deus é uma realidade comprovada não só pela revelação, como pela evidência material dos fatos. Os povos selvagens não tiveram nenhuma revelação; entretanto, creem instintivamente na existência de um poder sobre-humano. Eles veem coisas que estão acima das possibilidades do homem e deduzem que essas coisas vêm de um ente superior à Humanidade. Não demonstram raciocinar com mais lógica do que os que pretendem que tais coisas se fizeram a si mesmas?

DA NATUREZA DIVINA

8. Não é permitido ao homem sondar a natureza íntima de Deus. **Para compreendê-lo, ainda nos falta o sentido próprio, que só se adquire por meio da completa purificação do Espírito.** Mas, se o homem não pode penetrar na essência de Deus, pelo raciocínio, pode chegar a conhecer Seus atributos necessários — desde que aceite a sua existência como ponto — porque vendo o que Ele absolutamente não pode ser, deduz daí o que Ele deve ser, sem deixar de ser Deus.

Seria impossível compreendermos a obra da criação sem o conhecimento das qualidades de Deus. Esse é o ponto de partida de todas as crenças religiosas e é por não terem se recorrido a isso que a maioria das religiões errou em seus dogmas — como ao farol capaz de orientá-las. Aquelas que não atribuíram a Deus a onipotência³⁶ imaginaram muitos deuses; as que não lhe atribuíram soberana bondade fizeram dele um Deus ciumento, colérico, parcial e vingativo.

9. **Deus é a inteligência suprema e soberana.** A inteligência do homem é limitada, pois que não pode fazer e nem compreender tudo o que existe. A de Deus (que abrange o infinito) tem que ser infinita. Se a imaginássemos limitada num ponto qualquer, poderíamos conceber outro ser mais inteligente, capaz de compreender e fazer aquilo que o primeiro não faria e assim por diante, até ao infinito.

10. **Deus é eterno**, isto é, não teve começo e não terá fim. Se tivesse tido princípio, teria saído do nada. Ora, o “nada” não sendo coisa alguma, não pode

³⁶ **Onipotência:** qualidade que atribuímos a Deus como única potência e força soberana, acima tudo e sobre todos — N. E.

produzir nada. Ou então, se Ele tivesse sido criado por outro ser anterior, nesse caso, este outro ser é que seria Deus. Se supuséssemos um começo ou fim a Ele, poderíamos conceber uma entidade existente antes d'Ele e capaz de sobreviver a Ele, e assim por diante, ao infinito.

11. Deus é imutável. Se Ele estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.

12. Deus é imaterial, isto é, a Sua natureza difere de tudo o que chamamos *matéria*. De outro modo, não seria imutável, pois estaria sujeito às transformações da matéria.

Deus carece de forma apreciável pelos nossos sentidos, sem o que seria matéria. Dizemos: a mão de Deus, o olho de Deus, a boca de Deus, porque o homem — que não conhece nada mais além de si mesmo — toma a si próprio por modelo de comparação para tudo o que não compreende. São ridículas essas imagens em que Deus é representado pela figura de um ancião de longas barbas e envolto num manto.³⁷ Têm o inconveniente de rebaixar o Ente supremo até às mesquinhas proporções da Humanidade. Daí, estão a um passo de atribuir a Ele as paixões humanas e a fazerem d'Ele um Deus colérico e ciumento.

13. Deus é onipotente. Se Ele não possuisse o poder supremo, sempre se poderia imaginar uma entidade mais poderosa e assim por diante, até chegar-se ao ser cuja potencialidade nenhum outro ultrapassasse. Esse outro então é que seria Deus.

14. Deus é soberanamente justo e bom. A providencial sabedoria das leis divinas se revela nas mais pequeninas coisas, como nas maiores, não permitindo essa sabedoria que se duvide da Sua justiça, nem da Sua bondade.

O fato de uma qualidade ser infinita, exclui a possibilidade de uma qualidade contrária, porque esta a diminuiria ou a anularia. Um ser **infinitamente bom** não poderia conter a mais insignificante parcela de maldade, nem o ser **infinitamente mau** poderia conter a mais insignificante parcela de bondade, do mesmo modo que um objeto não pode ser de um negro absoluto, com a mais ligeira mancha de branco, nem de um branco absoluto com a mais pequenina mancha preta.

Pois então, Deus não poderia ser ao mesmo tempo bom e mau, porque assim, não possuindo qualquer dessas duas qualidades no grau supremo, não seria Deus; todas as coisas estariam sujeitas ao seu capricho e não haveria nelas nenhuma estabilidade. Consequentemente, Ele não poderia deixar de ser ou infinitamente bom ou infinitamente mau. Ora, como Suas obras dão testemunho da Sua sabedoria, da Sua bondade e de Seu zelo, concluiremos que, não podendo ser igualmente bom e mau sem deixar de ser Deus, Ele necessariamente tem de ser infinitamente bom.

³⁷ Conforme se diz: **Deus antropomórfico**, ou seja, Deus com feições humanas – N. E.

A soberana bondade implica a soberana justiça, porque, se Ele procedesse injustamente ou com parcialidade **numa só circunstância que fosse**, ou com relação **a uma só de suas criaturas**, já não seria soberanamente justo e, em consequência, já não seria soberanamente **bom**.

15. Deus é infinitamente perfeito. É impossível concebermos Deus sem o infinito das perfeições, sem o que não seria Deus, porque sempre se poderia conceber um ser que possuísse o que Lhe faltasse. Para que nenhum ser possa ultrapassá-lo, faz-se preciso que Ele seja infinito em tudo.

Como os atributos de Deus são infinitos, não são sujeitos nem de aumento, nem de diminuição, visto que do contrário não seriam infinitos e Deus não seria perfeito. Se tirássemos de qualquer dos atributos a mais mínima parcela, já não haveria Deus, pois que poderia existir um ser mais perfeito.

16. Deus é único. A unicidade de Deus é resultado do fato de as suas perfeições serem infinitas. Não poderia existir outro Deus, salvo sob a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas, visto que, se houvesse entre eles a mais ligeira diferença, um seria inferior ao outro, subordinado ao poder desse outro e, então, não seria Deus. Se houvesse entre ambos igualdade absoluta, isso equivaleria a existir um mesmo pensamento, uma mesma vontade, um mesmo poder e por toda eternidade. Confundidos assim, quanto à identidade, não haveria, em realidade, mais que um único Deus. Se cada um tivesse atribuições especiais, um não faria o que o outro fizesse; mas, então, não existiria igualdade perfeita entre eles, pois que nenhum possuiria a autoridade soberana.

17. Por não observarem o princípio de que as perfeições de Deus são infinitas foi que gerou o politeísmo³⁸, culto adotado por todos os povos primitivos, que davam o atributo de divindade a todo poder que lhes parecia acima dos poderes inerentes à Humanidade. Mais tarde, a razão os levou a reunir essas diversas potências numa só. Depois, à medida que os homens foram compreendendo a essência dos atributos divinos, retiraram dos símbolos que haviam criado a crença que implicava a negação desses atributos.

18. Em resumo, Deus não pode ser Deus, senão sob a condição de que nenhum outro o ultrapasse, pois o ser que superasse a Ele no que quer que fosse, ainda que apenas na grossura de um cabelo, é que seria o verdadeiro Deus. Para que isso não se ocorra, é indispensável que Ele seja infinito em tudo.

Assim, comprovada a existência de Deus pelas Suas obras, chegamos a determinar os atributos que caracterizam a Divindade por simples dedução lógica.

19. Portanto, Deus é **a inteligência suprema e soberana, é único, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as perfeições**, e não pode ser diferente disso.

³⁸ **Politeísmo:** crença religiosa que admite mais de um deus – N. E.

Tal é a sustentação do edifício universal. Esse é o farol cujos raios se estendem por sobre o Universo inteiro, única luz capaz de guiar o homem na pesquisa da verdade. Orientando-se por essa luz, ele nunca se transviará. Por isso, se o homem tem errado tantas vezes, é unicamente por não ter seguido o roteiro que estava indicado para ele.

Tal também é o critério **infalível** de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. Para apreciá-las, o homem dispõe de uma medida rigorosamente exata nos atributos de Deus e pode afirmar a si mesmo que **toda teoria, todo princípio, todo dogma, toda crença, toda prática que estiver em contradição com um só que seja desses atributos, que se incline não tanto a anulá-lo, mas simplesmente a diminuí-lo, não pode estar com a verdade.**

Em filosofia, em psicologia, em moral, em religião, só há de verdadeiro o que não se afaste — nem um til — das qualidades essenciais da Divindade. A religião perfeita será aquela que não contenha entre seus **artigos de fé** nenhum quesito que esteja em oposição àquelas qualidades; será aquela religião cujos dogmas todos suportem a prova dessa verificação sem sofrerem nada.

A PROVIDÊNCIA

20. A providência é o cuidado de Deus para com as Suas criaturas. Ele está em toda parte, tudo vê, a tudo preside, mesmo às coisas mais mínimas. É nisto que consiste a ação providencial.

“Sendo tão grande, tão poderoso e tão superior a tudo, como Deus pode cuidar de pormenores insignificantes, preocupar-se com os menores atos e os menores pensamentos de cada indivíduo?” Esta é uma interrogação que o incrédulo dirige a si mesmo, concluindo por dizer que, admitida a existência de Deus, só se pode admitir, quanto à sua ação, que ela se exerça sobre as leis gerais do Universo; que este funcione de toda a eternidade em virtude dessas leis, às quais toda criatura se acha submetida na esfera de suas atividades, sem que seja preciso intervenção incessante da Providência.

21. No estado de inferioridade em que os homens ainda se encontram, só muito dificilmente podem compreender que Deus seja infinito. Estando limitados e circunscritos, eles imaginam a Divindade também circunscrito e limitado. Imaginando que Ele seja assim, pintam o Pai iguais eles são, à imagem e semelhança deles. Os quadros em que O vemos com traços humanos não contribuem pouco para entreter esse erro no espírito das pessoas, que adoram n’Ele mais a forma que o pensamento. Para a maioria, Deus é um soberano poderoso, sentado num **trono** inacessível e perdido na imensidade dos céus. Sendo suas capacidades e percepções restritas, não compreendem que Deus possa e se digne de intervir diretamente nas pequeninas coisas.

22. Estando impotente para compreender a essência da Divindade, o homem só

pode fazer dela uma vaga ideia, mediante comparações necessariamente muito imperfeitas, mas que ao menos servem para lhe mostrar a possibilidade daquilo que, à primeira vista, lhe parece impossível.

Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar todos os corpos. Não sendo inteligente, esse fluido atua mecanicamente por meio tão somente das forças materiais. Porém, se o imaginássemos dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, ele já não atuará às cegas, mas com discernimento, com vontade e liberdade: verá, ouvirá e sentirá.

23. As propriedades do fluido do Perispírito nos dão uma ideia. Ele não é de si mesmo inteligente, porque é matéria, mas serve de veículo ao pensamento, às sensações e percepções do Espírito. Esse fluido não é o pensamento do Espírito; mas é o agente e o intermediário desse pensamento. Sendo quem o transmite, de certo modo fica **impregnado** do pensamento transmitido. Na impossibilidade em que nos achamos de isolá-lo, a nós nos parece que ele (o pensamento) se agrupa com o fluido, que se confunde com o pensamento, como acontece entre o som e o ar, de maneira que, a bem dizer, podemos materializá-lo. Assim como dizemos que o ar se torna sonoro, poderíamos, tomando o efeito pela causa, dizer que o fluido se torna inteligente.

24. Seja ou não assim, no que se refere ao pensamento de Deus, isto é, quer o pensamento de Deus atue diretamente, quer por intermédio de um fluido, para facilitarmos a compreensão à nossa inteligência, vamos figurá-lo sob a forma concreta de um fluido inteligente que enche o universo infinito e penetra todas as partes da criação: **a Natureza inteira mergulhada no fluido divino**. Ora, em virtude do princípio de que as partes de um todo são da mesma natureza e têm as mesmas propriedades que ele, se assim nos podemos exprimir, cada átomo desse fluido, possuindo o pensamento — isto é, os atributos essenciais da Divindade e estando o mesmo fluido em toda parte — tudo está submetido à Sua ação inteligente, à Sua providência, à Sua solicitude. Por menor que nos pareça, não haverá nenhum ser que não esteja cheio d'Ele. Então nos achamos constantemente na presença da Divindade; não podemos ocultar de Seu olhar nenhuma das nossas ações; o nosso pensamento está em contato ininterrupto com o pensamento divino, havendo, pois, razão para dizermos que Deus vê os mais profundos segredos do nosso coração. **Estamos n'Ele, como Ele está em nós**, segundo a palavra do Cristo.

Para estender seu cuidado a todas as criaturas, Deus não precisa lançar o olhar do Alto da imensidade. Para que Ele possa nos ouvir, nossas preces não precisam percorrer o espaço, nem ser ditas com voz retumbante, porque Ele está continuamente ao nosso lado e os nossos pensamentos repercutem n'Ele. Os nossos pensamentos são como os sons de um sino, que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente.

25. Longe de nós a ideia de materializar a Divindade. A imagem de um fluido inteligente universal evidentemente não passa de uma comparação apropriada

a dar uma ideia mais exata de Deus, mais do que os quadros que o apresentam debaixo de uma figura humana. Ela tem o objetivo de fazer compreensível a possibilidade que Deus tem de estar em toda parte e de se ocupar com todas as coisas.

26. Temos constantemente diante de nossas vistas um exemplo que nos permite fazer ideia do modo como talvez se exerça a ação de Deus sobre as partes mais íntimas de todos os seres e, conseqüentemente, do modo como chegam a Ele as mais sutis impressões de nossa alma. Esse exemplo nós tiramos de certa instrução que um Espírito deu a tal respeito.

27. “O homem é um pequeno mundo, que tem o Espírito como seu diretor e o corpo como o ser dirigido. Nesse nosso exemplo, o corpo representará uma criação e Deus seria o Espírito (Compreendam bem que aqui há uma simples questão de comparação e não de identidade). Os membros desse corpo, os diferentes órgãos que o compõem, os músculos, os nervos e as articulações são outras tantas individualidades materiais — se assim podemos comparar — localizadas em pontos especiais do referido corpo. Se bem seja considerável o número de suas partes constitutivas, de natureza tão variada e diferente, não é permitido a ninguém supor que se possam produzir movimentos ou uma impressão em qualquer lugar sem que o Espírito tenha consciência do que ocorra. Há sensações diversas em muitos lugares simultaneamente? O Espírito sente todas elas, distingue, analisa, assina a cada uma a causa determinante e o ponto em que se produziu, tudo por meio do fluido do perispírito.

“Fenômeno semelhante ocorre entre Deus e a criação. Deus está em toda parte, na Natureza, como o Espírito está em toda parte, no corpo. Todos os elementos da criação se acham em relação constante com Ele, como todas as células do corpo humano se acham em contato imediato com o ser espiritual. Logo, não há razão para que eventos da mesma ordem não se produzam de maneira idêntica, num e noutro caso.

“Um membro se agita: o Espírito o sente; uma criatura pensa: Deus capta esse pensamento. Todos os membros estão em movimento, os diferentes órgãos estão a vibrar; o Espírito sente todas as manifestações, distingue e as localiza. As diferentes criações, as diferentes criaturas se agitam, pensam, agem diversamente: Deus sabe o que se passa e assina a cada um o que lhe diz respeito.

“Daí podemos também deduzir a solidariedade da matéria e da inteligência, a solidariedade entre si de todos os seres de um mundo, a de todos os mundos e, por fim, de todas as criações com o Criador.”

Quinemant, *Sociedade de Paris*, 1867

28. Compreendemos o efeito e isso já é muito. Do efeito chegamos à causa e julgamos sua grandeza pela do efeito. Porém, desconhecemos a sua essência íntima, como a da causa de uma imensidade de fenômenos. Conhecemos os efeitos da eletricidade, do calor, da luz, da gravitação; calculamo-los e, entretanto, ignoramos a natureza íntima do princípio que os produz. Será então racional neguemos o princípio divino, por que não o compreendemos?

29. Para o princípio da soberana inteligência, nada impede que se admita um centro de ação, um foco principal a irradiar incessantemente, inundando o Universo com seus eflúvios, como o Sol faz com a sua luz. Mas onde está esse

foco? — É o que ninguém pode dizer. Provavelmente, não se acha fixado em determinado ponto, como não está a sua ação, sendo também provável que percorra constantemente as regiões do espaço sem-fim. Se simples Espíritos têm o dom da ubiquidade³⁹, em Deus essa aptidão há de ser sem limites. Estando Deus enchendo o Universo, poderíamos ainda admitir — a título de hipótese — que esse foco não precisa transportar-se, por se formar em todas as partes onde a soberana vontade julga conveniente que ele se produza, donde podemos dizer que está Ele em toda parte e em parte nenhuma.

30. Nossa razão deve se submeter diante desses problemas inexplicáveis. Deus existe: disso não poderemos duvidar. É infinitamente justo e bom: essa a Sua essência. A tudo se estende a Sua solicitude: nós O compreendemos. Portanto, Ele só pode querer o nosso bem, donde concluímos que devemos confiar n'Ele: isto é o essencial. Quanto ao mais, vamos esperar que nos tornemos dignos de compreendê-lo.

A VISÃO DE DEUS

31. Se Deus está em toda parte, por que não o vemos? Nós o veremos quando deixarmos a Terra? — Estas são perguntas que se formulam todos os dias.

À primeira é fácil responder. Como as percepções dos nossos órgãos visuais são limitadas, essas percepções tornam os sentidos incapazes de verem certas coisas — mesmo coisas materiais. Alguns fluidos são totalmente invisíveis aos instrumentos de análise; entretanto, não duvidamos da existência deles. Vemos os efeitos da peste, mas não vemos o fluido que a transporta; vemos os corpos em movimento sob a influência da força de gravitação, mas não vemos essa força.

32. Os nossos órgãos materiais não podem perceber as coisas de essência espiritual. Unicamente com a visão espiritual é que podemos ver os Espíritos e as coisas do mundo imaterial. Por isso, somente a nossa alma pode ter a percepção de Deus. Acontecerá que ela veja a Divindade logo após a morte? — A esse respeito, só as comunicações de além-túmulo podem nos instruir. Por elas sabemos que a visão de Deus é privilégio das almas mais purificadas e que, das que deixam a vida terrestre, bem poucas se encontram no grau de desmaterialização necessária a tal efeito. Uma comparação simples tornará facilmente isso compreensível.

33. Uma pessoa que se ache no fundo de um vale, envolvido por densa bruma, não vê o Sol. Entretanto, pela luz difusa, percebe que está fazendo Sol. Se resolver subir a montanha, à medida que for ascendendo, verá o nevoeiro se tornando mais claro e a luz cada vez mais viva. Contudo, ainda não verá o Sol.

³⁹ Capacidade de estar presente em toda parte — N. E.

Só depois que tenha se elevado acima da camada brumosa e chegado a um ponto onde o ar esteja perfeitamente límpido, essa pessoa contemplará o Astro em todo o seu esplendor.

O mesmo se dá com a alma. O corpo perispirítico, embora nos seja invisível e impalpável, com relação a ela, é verdadeira matéria, ainda grosseira demais para certas percepções. Porém, se espiritualiza na proporção que a alma se eleva em moralidade. As imperfeições da alma são iguais camadas nevoentas que obscurecem sua visão. Cada imperfeição de que ela se desfaz é uma mancha a menos; todavia, só depois de depurada completamente é que goza da plenitude das suas capacidades.

34. Sendo Deus a essência divina por excelência, unicamente os Espíritos que atingiram o mais alto grau de desmaterialização podem percebê-lo. Pelo fato de não verem a Divindade, não se segue que os Espíritos imperfeitos estejam mais distantes d'Ele do que estão os outros; esses Espíritos, como todos os seres da Natureza, encontram-se mergulhados no fluido divino, do mesmo modo que nós estamos envolvidos pela luz. O que ocorre é que as imperfeições daqueles Espíritos são vapores que os impedem de ver o Criador. Quando o nevoeiro se dissipar, eles o verão resplandecer. Para isso, não é preciso que eles subam, nem procurá-lo nas profundezas do infinito. Desimpedida a visão espiritual das manchas que a obscureciam, eles verão Deus de todo lugar onde se encontrem, mesmo da Terra, porque Deus está em toda parte.

35. O Espírito só se purifica com o tempo e as diversas encarnações formam o depurador onde deixamos de cada vez algumas impurezas. Com o ato de abandonar o corpo físico, os Espíritos não se livram instantaneamente de suas imperfeições, razão por que, depois da morte, não enxergam Deus mais do que viam quando estavam vivos; mas, à medida que se qualificam, têm uma intuição mais clara da Divindade. Não o enxergam, mas o compreendem melhor e a luz é mais nítida. Então, quando alguns Espíritos dizem que Deus proíbe que eles respondam a uma determinada pergunta não é que Deus lhes apareça, ou dirija a palavra para lhes ordenar ou proibir isto ou aquilo, não; porém, eles o sentem; recebem as vibrações do Seu pensamento, como ocorre conosco com relação aos Espíritos que nos envolvem em seus fluidos, embora não possamos vê-los.

36. Por consequência disso, nenhum homem pode ver a Deus com os olhos da carne. Se essa graça fosse concedida a alguns, isso só seria no estado de êxtase, quando a alma se acha tão desprendida dos laços da matéria que torna possível o fato durante a encarnação. Aliás, tal privilégio exclusivamente pertenceria a almas eleitas, encarnadas em missão, e não em expiação. Mas, como os Espíritos da mais elevada categoria resplandecem de ofuscante brilho, pode ser que Espíritos menos elevados — encarnados ou desencarnados — maravilhados com o esplendor de que aqueles se mostram cercados, suponham estar vendo o próprio Deus. É como quem vê um ministro e o confunde com o seu soberano.

37. Sob que aparência Deus se apresenta aos que se tornaram dignos de vê-lo? Será sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana, ou como um foco de luz resplendente?

A linguagem humana é impotente para responder isso, porque não existe para nós nenhum ponto de comparação capaz de nos traçar uma ideia de tal coisa. Somos como cegos de nascença a quem inutilmente procurassem fazer que compreendessem o brilho do Sol. A nossa linguagem é limitada pelas nossas necessidades e pelo círculo das nossas ideias; a dos selvagens não poderia descrever as maravilhas da civilização; a dos povos mais civilizados é extremamente pobre para descrever os esplendores dos céus, a nossa inteligência muito restrita para compreendê-los e a nossa vista, por muito fraca, ficaria deslumbrada.

CAPÍTULO III

O BEM E O MAL

- ORIGEM DO BEM E DO MAL
- O INSTINTO E A INTELIGÊNCIA
- DESTRUIÇÃO DOS SERES VIVOS UNS PELOS OUTROS

ORIGEM DO BEM E DO MAL

1. Como Deus é o princípio de todas as coisas e todo-sabedoria, todo-bondade, todo-justiça, tudo o que procede d'Ele há de participar dos Seus atributos, porque o que é infinitamente sábio, justo e bom nada pode produzir que seja confuso, mau e injusto. O mal que observamos não pode ter a sua origem n'Ele.

2. Se o mal estivesse nas características de um ser especial — seja o que chamamos Arimane⁴⁰, seja o que chamamos Satanás — ou ele seria igual a Deus, e, por conseguinte, tão poderoso quanto Este, e de toda a eternidade como Ele, ou seria inferior.

No primeiro caso, haveria duas potências rivais, incessantemente em luta, procurando cada uma desfazer o que a outra fizesse, contrariando-se mutuamente — hipótese esta inconciliável com a unidade de vistas que se revela na estrutura do Universo. No segundo caso, sendo inferior a Deus, estaria subordinado a Ele. Não podendo existir de toda a eternidade como Deus, sem ser igual a este, teria tido um começo. Se fosse criado, só poderia ter sido por Deus, que, então, haveria criado o Espírito do mal, o que implicaria negação da bondade infinita. (ver: O CÉU E O INFERNO, cap. IX: “Os demônios”).

3. Entretanto, o mal existe e tem uma causa.

Os males de toda espécie — físicos ou morais — que afligem a Humanidade, formam duas categorias que devemos distinguir: a dos males que o homem pode evitar e a dos que lhe independem da vontade. Entre os últimos, devemos incluir os flagelos naturais.

O homem, que tem as capacidades limitadas, não pode compreender, nem abraçar o conjunto das normas do Criador; aprecia as coisas do ponto de vista da sua personalidade, dos interesses concretos e convencionais que criou

⁴⁰ **Arimane**: na religião zoroástrica (antiga religião dos persas), significa o princípio do mal, senhor das trevas, equivalente a Satanás na tradição cristã – N. E.

para si mesmo e que não se compreendem na ordem da Natureza. Por isso é que, muitas vezes, aquilo que consideraria justo e admirável, lhe parece mau e injusto, caso conhecesse a causa, o objetivo e o resultado definitivo. Pesquisando a razão de ser e a utilidade de cada coisa, verificará que tudo traz o sinal da sabedoria infinita e se dobrará a essa sabedoria, mesmo com relação ao que não lhe seja compreensível.

4. O homem recebeu uma inteligência com a qual é possível prevenir, ou pelo menos, atenuar os efeitos de todos os flagelos naturais. Quanto mais saber ele adquire e mais se adianta em civilização, menos desastrosos se tornam os flagelos. Com uma organização sábia e providente, ele chegará mesmo a neutralizar as suas consequências, quando não possam ser inteiramente evitados. Assim, com referência, até, aos flagelos que têm certa utilidade para a ordem geral da Natureza e para o futuro, mas que, no presente, causam danos, facultou Deus ao homem os meios de lhes paralisar os efeitos.

Assim é que ele saneia as regiões insalubres, imuniza contra os miasmas danosos, fertiliza terras áridas e se orienta em preservá-las das inundações; constrói habitações mais saldáveis, mais sólidas para resistirem aos ventos tão necessários à purificação da atmosfera e se coloca ao abrigo das tempestades. Finalmente, é assim que pouco a pouco a necessidade lhe fez criar as ciências, por meio das quais melhora as condições de habitação do globo e aumenta o seu próprio bem-estar.

5. Como o homem tem que progredir, os males a que se acha exposto são um estimulante para o exercício da sua inteligência e de todas as suas capacidades físicas e morais, incitando-o a procurar os meios de evitar esses malefícios. Se ele não tivesse que temer nada, nenhuma necessidade o induziria a procurar o melhor; seu espírito se entorpeceria na inatividade; nada inventaria e nem descobriria. **A dor é o estímulo que impulsiona o homem para frente, na estrada do progresso.**

6. Porém, os males mais numerosos são os que o homem cria pelos seus vícios, os que provêm do seu orgulho, do seu egoísmo, da sua ambição e de seus excessos em tudo. Aí está a causa das guerras e das calamidades que estas acarretam, dos conflitos, das injustiças, da opressão do fraco pelo forte, da maior parte, afinal, das enfermidades.

Deus estabeleceu leis plenas de sabedoria, tendo por único objetivo o bem. O homem encontra em si mesmo tudo o que lhe é necessário para cumpri-las. A consciência lhe traça a rota, a lei divina está gravada no seu coração e, além do mais, Deus lhe lembra delas constantemente por intermédio de seus messias e profetas, de todos os Espíritos encarnados que trazem a missão de esclarecer, de moralizar e melhorar a humanidade, e, nestes últimos tempos, pela multidão dos Espíritos desencarnados que se manifestam em toda parte. **Se o homem se conformasse rigorosamente com as leis divinas, não há duvidar de que se pouparia dos mais cruéis males e viveria feliz na Terra.**

Se assim procede, é por virtude do seu livre-arbítrio: então, ele sofre as consequências do seu proceder (O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, cap. V, itens 4, 5, 6 e seguintes),

7. Entretanto, Deus — que é todo-bondade — colocou o remédio ao lado do mal, isto é, faz que do próprio mal saia o remédio. Chega um momento em que o excesso do mal moral se torna intolerável e impõe ao homem a necessidade de mudar de vida. Instruído pela experiência, ele se sente forçado a procurar a solução no bem, sempre por efeito do seu livre-arbítrio. Quando toma melhor caminho, é por sua vontade e porque reconheceu os inconvenientes do outro. Portanto, a necessidade o constrange a melhorar-se moralmente, para ser mais feliz, do mesmo modo que o constrangeu a melhorar as condições materiais da sua existência (nº 5).

8. Podemos dizer que o mal é a ausência do bem, como o frio é a ausência do calor. Assim como o frio não é um fluido especial, o mal também não é atributo diferente; um é o negativo do outro. Onde não existe o bem, obrigatoriamente existe o mal. Não praticar o mal, já é um princípio do bem. Deus somente quer o bem; o mal só procede do homem. Se na criação houvesse um ser preposto ao mal, ninguém poderia evitá-lo; mas, como o homem tem a causa do mal em SI MESMO, tendo simultaneamente o livre-arbítrio e por guia as leis divinas, poderá evitá-lo sempre que queira.

Tomemos para meio de comparação um fato vulgar. Um proprietário sabe que nos confins de suas terras há um lugar perigoso, onde quem por lá se aventurasse poderia perecer ou ferir-se. Que faz, a fim de prevenir os acidentes? Manda colocar perto um aviso, tornando proibido ao caminhante ir mais longe, por motivo do perigo. Aí está a lei, que é sábia e providente. Se, apesar de tudo, um imprudente desatende o aviso, vai além do ponto onde este se encontra e sai-se mal, de quem ele se pode queixar, senão de si próprio?

Outro tanto se dá com o mal: a humanidade o evitaria, se cumprisse as leis divinas. Por exemplo: Deus pôs limite à satisfação das necessidades: a saciedade adverte o homem desse limite; se o homem ultrapassa, faz isso voluntariamente. As doenças, as enfermidades, a morte, que daí podem resultar, vêm da sua imprevidência — não de Deus.

9. Por que o mal decorre das imperfeições do homem e por que este foi criado por Deus, dirão que Deus não deixa de ter criado, se não o mal, pelo menos, a causa do mal; se houvesse criado o homem perfeito, o mal não existiria.

Se fosse criado perfeito, o homem fatalmente penderia para o bem. Ora, em virtude do seu livre-arbítrio, ele não pende fatalmente nem para o bem, nem para o mal. Quis Deus que ele ficasse sujeito à lei do progresso e que o progresso resulte do seu trabalho, a fim de que lhe pertença o fruto deste, da mesma maneira que lhe cabe a responsabilidade do mal que por sua vontade pratique. Logo, a questão consiste em sabermos no homem, qual é a origem da

sua tendência para o mal.⁴¹

10. Estudando todas as paixões e, mesmo, todos os vícios, vemos que as raízes de umas e outros se acham no instinto de conservação, instinto que se encontra em toda a pujança nos animais e nos seres primitivos mais próximos da animalidade, nos quais ele exclusivamente domina, sem o contrapeso do senso moral, por ainda não ter o ser nascido para a vida intelectual. O instinto se enfraquece, à medida que a inteligência se desenvolve, porque esta domina a matéria.

O Espírito tem por destino a vida espiritual, porém, nas primeiras fases da sua existência corpórea, somente lhe cabe satisfazer às exigências materiais e, para isso, o exercício das paixões constitui uma necessidade para o efeito da conservação da espécie e dos indivíduos, **materialmente falando**. Mas, uma vez saído desse período, outras necessidades se apresentam a ele, a princípio semimorais e semimateriais, depois exclusivamente morais. É então que o Espírito exerce domínio sobre a matéria, sacode-lhe o jugo, avança pela senda providencial que se lhe acha traçada e se aproxima do seu destino final. Se, ao contrário, ele se deixa dominar pela matéria, atrasa-se e se identifica com o bruto. Nessa situação, **o que era um bem noutros tempos — porque era uma necessidade da sua natureza — transforma-se num mal, não só porque já não constitui uma necessidade, como porque se torna prejudicial à espiritualização do ser**. Muita coisa, que é qualidade na criança, torna-se defeito no adulto. Sintetizado, o mal é relativo e a responsabilidade é proporcionada ao grau de adiantamento.

Portanto, todas as paixões têm uma utilidade providencial, visto que, a não ser assim, Deus teria feito coisas inúteis e até nocivas. É no abuso que o mal reside e o homem abusa em virtude do seu livre-arbítrio. Mais tarde, esclarecido pelo seu próprio interesse, livremente escolhe entre o bem e o mal.

O INSTINTO E A INTELIGÊNCIA

11. Qual a diferença entre o instinto e a inteligência? Onde acaba um e o outro começa? O instinto será uma inteligência rudimentar, ou será uma faculdade distinta, um atributo exclusivo da matéria?

O instinto é a força oculta que solicita os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, tendo em vista a conservação deles. Nos atos instintivos não há reflexão, nem combinação, nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, se volta para a luz, dirige suas raízes para a água e para a terra nutriente; que a flor se abre e fecha alternativamente, conforme se lhe faz necessário; que as plantas trepadeiras se enroscam em torno daquilo que lhes

⁴¹ O erro está em pretendermos que a alma tenha saído perfeita das mãos do Criador, quando este, ao contrário, quis que a perfeição resulte da depuração gradual do Espírito e seja obra sua. Houve Deus por bem que a alma, dotada de livre-arbítrio, pudesse optar entre o bem e o mal e chegasse a suas finalidades últimas de forma militante e resistindo ao mal. Se tivesse criado a alma tão perfeita quanto ele e, ao sair-lhe ela das mãos, a tivesse associado à sua beatitude eterna, Deus teria feito, não à sua imagem, mas semelhante a si próprio. (Bonnamy, *A Razão do Espiritismo*, cap. VI) — N. K.

serve de apoio, ou se lhe agarram com as gavinhas. É pelo instinto que os animais são avisados do que lhes convém ou prejudica; que buscam, conforme a estação, os climas propícios; que constroem, sem ensino prévio, com mais ou menos arte, segundo as espécies, leitos macios e abrigos para as suas crias, armadilhas para apanhar a presa de que se nutrem; que manejam destramente as armas ofensivas e defensivas de que são providos; que os sexos se aproximam; que a mãe choca os filhos e que estes procuram o seio materno. No homem, só em começo da vida o instinto domina com exclusividade; é por instinto que a criança faz os primeiros movimentos, que toma o alimento, que grita para exprimir as suas necessidades, que imita o som da voz, que tenta falar e andar. No próprio adulto, certos atos são instintivos, tais como os movimentos espontâneos para evitar um risco, para fugir a um perigo, para manter o equilíbrio do corpo; tais ainda o piscar das pálpebras para moderar o brilho da luz, o abrir maquinal da boca para respirar, etc.

12. A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados, de acordo com a oportunidade das circunstâncias. É incontestavelmente um atributo exclusivo da alma.

Todo ato maquinal é instintivo; o ato que demonstra reflexão, combinação e deliberação é inteligente. Um é livre, o outro não o é.

O instinto é guia seguro, que nunca se engana; a inteligência, pelo simples fato de ser livre, por vezes está sujeita a errar.

Ao ato instintivo falta o caráter do ato inteligente; entretanto, revela **uma causa inteligente**, essencialmente apta a prever. Se admitirmos que o instinto procede da matéria, teremos de admitir que a matéria é inteligente, até mesmo bem mais inteligente e providente do que a alma, pois que o instinto não se engana, ao passo que a inteligência se equivoca.

Se considerarmos o instinto uma inteligência rudimentar, como explicaremos que, em certos casos, à inteligência que raciocina seja superior? Como explicar que torne possível que se executem atos que esta não pode realizar? Se ele é atributo de um princípio espiritual de especial natureza, qual vem a ser esse princípio? Por que o instinto se apaga, será que esse princípio se destrua? Se os animais são dotados apenas de instinto, não tem solução o destino deles e nenhuma compensação os seus sofrimentos, o que não estaria de acordo nem com a justiça, nem com a bondade de Deus. (Cap. II, 19.)

13. Segundo outras doutrinas, o instinto e a inteligência procederiam de um único princípio. Chegado a certo grau de desenvolvimento, esse princípio — que primeiramente apenas teve as qualidades do instinto — passaria por uma transformação que lhe daria as da inteligência livre.

Se fosse assim, no homem inteligente que perde a razão e passa a ser guiado exclusivamente pelo instinto, a inteligência voltaria ao seu estado primitivo e, quando o homem recuperasse a razão, o instinto se tornaria inteligência e assim alternativamente, a cada acesso, o que não é admissível.

Aliás, é frequente o instinto e a inteligência se revelarem

simultaneamente no mesmo ato. Por exemplo, o movimento das pernas no caminhar é instintivo; o homem põe maquinalmente um pé à frente do outro, sem pensar nisso; porém, quando ele quer acelerar ou demorar o passo, levantar o pé ou se desviar de um tropeço, há cálculo e vontade; ele age com propósito deliberado. **A impulsão involuntária do movimento é o ato instintivo; a calculada direção do movimento é o ato inteligente.** O animal carnívoro é impelido pelo instinto a se alimentar de carne, mas as precauções que toma e que variam conforme as circunstâncias, para segurar a presa, a sua providência das eventualidades são atos da inteligência.

14. Em suma, outra hipótese que se confirma perfeitamente à ideia da unidade de princípio, ressalta do caráter essencialmente providente do instinto e concorda com o que o Espiritismo ensina, no tocante às relações do mundo espiritual com o mundo corpóreo.

Sabe-se agora que muitos Espíritos desencarnados têm por missão velar pelos encarnados, dos quais se constituem protetores e guias; que os envolvem nos seus eflúvios fluídicos; que o homem age muitas vezes de modo **inconsciente**, sob a ação desses eflúvios.

Além do mais, sabemos que o instinto — que por si mesmo produz atos inconscientes — predomina nas crianças e, em geral, nos seres cuja razão é fraca. Ora, segundo esta hipótese, o instinto não seria atributo nem da alma, nem da matéria; não pertenceria propriamente ao ser vivo, seria efeito da ação direta dos protetores invisíveis que preencheriam a imperfeição da inteligência, provocando os atos inconscientes necessários à conservação do ser. Seria igual à andadeira⁴² com que se amparam as crianças que ainda não sabem andar. Então, do mesmo modo que se deixa gradualmente de usar a andadeira, à medida que a criança se equilibra sozinha, os Espíritos protetores deixam os seus protegidos entregues a si mesmos, à medida que estes se tornam aptos a se guiar pela própria inteligência.

Assim, longe de ser produto de uma inteligência rudimentar e incompleta, o instinto seria de uma inteligência estranha, *na plenitude da sua força*, inteligência protetora, supletiva da insuficiência, quer de uma inteligência mais jovem, que aquela compeli-la a fazer, inconscientemente, para seu bem, o que ainda fosse incapaz de fazer por si mesma, quer de uma inteligência madura, porém, momentaneamente tolhida no uso de seus talentos, como se dá com o homem na infância e nos casos de deficiência e de afecções mentais.

Diz-se proverbialmente que há um deus para as crianças, para os loucos e para os ébrios. Esse ditado é mais verdadeiro do que se supõe. Aquele deus não é outro senão o Espírito protetor, que vela pela entidade incapaz de se proteger, utilizando-se da sua própria razão.

15. Nesta ordem de ideias, podemos ir ainda mais longe. Por muito racional que seja, essa teoria não resolve todas as dificuldades da questão.

Se observarmos os efeitos do instinto, em primeiro lugar, notaremos

⁴² **Andadeira:** andajá, andador, aparelho usado para crianças desenvolverem a capacidade de andar – N. E.

uma unidade de vistas e de conjunto, uma segurança de resultados, que acabam logo que a inteligência o substitui. Demais, reconheceremos profunda sabedoria na apropriação tão perfeita e tão constante das aptidões instintivas às necessidades de cada espécie. Semelhante unidade de vistas não poderia existir sem a unidade de pensamento e esta é incompatível com a diversidade das competências individuais; só ela poderia produzir esse conjunto tão harmonioso que se realiza desde a origem dos tempos e em todos os climas, com uma regularidade, uma precisão matemáticas, cuja ausência jamais se nota. A uniformidade no que resulta das faculdades instintivas é um fato característico, que obrigatoriamente implica **a unidade da causa**. Se a causa fosse pertencente a cada individualidade, haveria tantas variedades de instintos quantos fossem os indivíduos, desde a planta até o homem. Um efeito geral, uniforme e constante, há de ter uma causa geral, uniforme e constante; um efeito que atesta sabedoria e providência há de ter uma causa sábia e providente. Ora, uma causa dessa natureza, sendo por força inteligente, não pode ser exclusivamente material.

Não nos deparando nas criaturas — encarnadas ou desencarnadas — as qualidades necessárias à produção de tal resultado, temos que subir mais alto, isto é, ao próprio Criador. Se nos reportamos à explicação dada sobre a maneira por que se pode conceber a ação providencial (cap. II, nº 24); se figurarmos todos os seres penetrados do fluido divino, soberanamente inteligente, compreenderemos a sabedoria providente e a unidade de vistas que presidem a todos os movimentos instintivos que se efetuam para o bem de cada indivíduo. Tanto mais ativa é essa solicitude, quanto menos recursos tem o indivíduo em si mesmo e na sua inteligência. Por isso é que ela se mostra maior e mais absoluta nos animais e nos seres inferiores, do que no homem.

Segundo essa teoria, compreende-se que o instinto seja um guia seguro. O instinto materno — o mais nobre de todos —, que o materialismo rebaixa ao nível das forças atrativas da matéria, fica realçado e enobrecido. Em razão das suas consequências, ele não devia ser entregue às eventualidades caprichosas da inteligência e do livre-arbítrio. **Por intermédio da mãe, o próprio Deus vela pelas suas criaturas que nascem.**

16. Esta teoria de nenhum modo anula o papel dos Espíritos protetores, cujo auxílio é fato observado e comprovado pela experiência; mas, devemos notar que a ação desses Espíritos é essencialmente individual; que se modifica segundo as qualidades próprias do protetor e do protegido e que em parte nenhuma apresenta a igualdade e a generalidade do instinto. Em sua sabedoria, o próprio Deus conduz os cegos, porém confia a inteligências livres o cuidado de guiar os clarividentes, para deixar a cada um a responsabilidade de seus atos. A missão dos Espíritos protetores é um dever que eles aceitam voluntariamente e é um meio deles evoluírem, dependendo da forma como desempenhem tal missão.

17. Todas essas maneiras de considerar o instinto são necessariamente

hipotéticas e nenhuma apresenta caráter seguro de autenticidade, para ser tida como solução definitiva. Sem dúvida, a questão será resolvida um dia, quando tivermos reunido os elementos de observação que ainda nos faltam. Até lá, temos que nos limitar a submeter as diversas opiniões ao exame da razão e da lógica e esperar que a luz se faça. A solução que mais se aproxima da verdade será decerto a que melhor condiga com os atributos de Deus, isto é, com a bondade suprema e a suprema justiça (Cap. II, nº 19).

18. Como o instinto é o guia e as paixões são as molas da alma no período inicial do seu desenvolvimento, por vezes esse instinto e estas paixões se confundem nos efeitos. Contudo, entre esses dois princípios há diferenças que muito devemos considerar.

O instinto é guia seguro, sempre bom. Ao fim de certo tempo, pode se tornar inútil, porém nunca prejudicial. Enfraquece-se pela predominância da inteligência. As paixões, nas primeiras idades da alma, têm de comum com o instinto o fato de serem as criaturas solicitadas por uma força igualmente inconsciente.

As paixões nascem principalmente das necessidades do corpo e dependem do organismo mais do que o instinto. O que, acima de tudo, as distingue do instinto é que são individuais e não produzem, como este último, efeitos gerais e uniformes; variam, ao contrário, de intensidade e de natureza, conforme os indivíduos. São úteis, como estimulante, até à eclosão do senso moral, que faz que nasça de um ser passivo, um ser racional. Nesse momento, tornam-se não só inúteis, como prejudiciais ao progresso do Espírito, cuja desmaterialização retardam. Abrandam-se com o desenvolvimento da razão.

19. O homem que só agisse pelo instinto constantemente poderia ser muito bom, mas conservaria adormecida a sua inteligência. Seria igual criança que não deixasse as andadeiras e não soubesse se utilizar de seus membros. Aquele que não domina as suas paixões pode ser muito inteligente, porém, ao mesmo tempo, muito mau. **O instinto se aniquila por si mesmo; as paixões só podem se domar somente pelo esforço da vontade.**

DESTRUIÇÃO DOS SERES VIVOS UNS PELOS OUTROS

20. Dentre as leis da Natureza, a destruição recíproca dos seres vivos é uma das que, à primeira vista, menos parecem se conciliar com a bondade de Deus. Pergunta-se por que Ele neles criou a necessidade de mutuamente se destruírem, para se alimentarem uns à custa dos outros.

Para quem apenas vê a matéria e restringe a sua visão à vida presente, certamente, há de isso parecer uma imperfeição na obra divina. É que, em geral, os homens apreciam a perfeição de Deus do ponto de vista humano; medindo Sua sabedoria pelo juízo que fazem dela, pensam que Deus não poderia fazer coisa melhor do que eles próprios fariam. Não lhes permitindo a curta visão, de

que dispõem, apreciar o conjunto, não compreendem que um bem real possa decorrer de um mal aparente. Só o conhecimento do princípio espiritual, considerado em sua verdadeira essência, e o da grande lei de unidade, que constitui a harmonia da criação, pode dar ao homem a chave desse mistério e mostrar a ele a sabedoria providencial e a harmonia — exatamente onde apenas vê uma anomalia e uma contradição.

21. A verdadeira vida — tanto do animal como do homem — não está na roupa corporal, do mesmo que não está no vestuário. Está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo. Esse princípio necessita do corpo, para se desenvolver pelo trabalho que lhe cumpre realizar sobre a matéria bruta.

O corpo se consome nesse trabalho, mas o Espírito não se gasta; ao contrário, sai dele cada vez mais forte, mais lúcido e mais apto. pois, que importa que o Espírito mude mais ou menos frequentemente de envoltório?! Não deixa por isso de ser Espírito. É precisamente como se um homem mudasse cem vezes no ano as suas vestes. Não deixaria por isso de ser homem.

Por meio do incessante espetáculo da destruição, Deus ensina aos homens o pouco caso que devem fazer do envoltório material e lhes suscita a ideia da vida espiritual, fazendo que a desejem como uma compensação.

Irão questionar: Deus não podia chegar ao mesmo resultado por outros meios, sem constranger os seres vivos a se destruírem entre si? Desde que na Sua obra tudo é sabedoria, devemos supor que esta não existirá mais num ponto do que noutros; se não compreendemos assim, devemos atribuí-lo à nossa falta de adiantamento. Contudo, podemos tentar a pesquisa da razão do que nos pareça defeituoso, tomando por medida este princípio: **Deus há de ser infinitamente justo e sábio**. Portanto, em tudo, procuraremos a Sua justiça e a Sua sabedoria e nos curvemos diante do que ultrapasse o nosso entendimento.

22. Dessa destruição, se apresenta uma primeira utilidade — sem dúvida, utilidade puramente física; os corpos orgânicos só se conservam com o auxílio das matérias orgânicas, matérias que só elas contêm os elementos nutritivos necessários à transformação deles. Como instrumentos de ação para o princípio inteligente, os corpos precisam ser constantemente renovados, a Providência faz que sirvam ao seu mútuo entretenimento. Eis por que os seres se nutrem uns dos outros. Mas, então, é o corpo que se nutre do corpo, sem que o Espírito se aniquile ou altere. Fica apenas livre do seu envoltório.⁴³

23. Há também considerações morais de ordem elevada.

A luta é necessária para o desenvolvimento do Espírito. É na luta que ele exercita suas faculdades. O que ataca em busca do alimento e aquele que se defende para conservar a vida usam de habilidade e inteligência, consequentemente, aumentando suas forças intelectuais. Um dos dois tomba; mas, na realidade, o que foi que o mais forte ou o mais habilidoso tirou a mais

⁴³ Veja REVISTA ESPÍRITA, agosto de 1864: "Extinção das raças" — N. K.

do fraco? — A veste de carne, nada mais; posteriormente, o Espírito (que não morreu) tomará outro corpo.

24. Nos seres inferiores da criação — naqueles a quem ainda falta o senso moral, nos quais a inteligência ainda não substituiu o instinto — a luta não pode ter por fim senão a satisfação de uma necessidade material. Ora, uma das mais imperiosas dessas necessidades é a da alimentação. Pois, eles lutam unicamente para viver, isto é, para fazer ou defender uma presa, visto que nenhum objetivo mais elevado poderia estimulá-los. É nesse primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida.

No homem, há um período de transição em que ele mal se diferencia do bruto. Nas primeiras idades, o instinto animal domina e a luta ainda tem por meta a satisfação das necessidades materiais. Mais tarde, o instinto animal e o sentimento moral se contrabalançam; então o homem luta, não mais para se alimentar, porém, para satisfazer à sua ambição, ao seu orgulho, à necessidade que experimenta de dominar. Para isso, ainda é preciso ele destruir. Todavia, à medida que o senso moral supera, desenvolve-se a sensibilidade, diminui a necessidade de destruir, acaba mesmo por desaparecer, por se tornar odiosa. O homem ganha horror ao sangue.

Contudo, a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito, pois, mesmo chegando a esse ponto, que parece culminante, ele ainda está longe de ser perfeito. Só adquire conhecimento e experiência à custa de muita atividade, e se despoja dos últimos vestígios da animalidade. Mas nessa ocasião, a luta — de sangrenta e brutal que era — se torna puramente intelectual. O homem luta contra as dificuldades, não mais contra os seus semelhantes.⁴⁴

⁴⁴ Sem prejudicar das consequências que se possam tirar desse princípio, apenas quisemos demonstrar com essa explicação que a destruição de uns seres vivos por outros em nada diminui a sabedoria divina e que tudo se encadeia nas leis da Natureza. Esse encadeamento forçosamente se quebra, desde que se tire do princípio espiritual. Muitas questões permanecem sem solução quando só se levar em conta a matéria.

As doutrinas materialistas trazem em si o princípio de sua própria destruição. Têm contra si não só o antagonismo em que se acham com as aspirações da universalidade dos homens e suas consequências morais (que farão que elas sejam repelidas como dissolventes da sociedade), mas também a necessidade que o homem experimenta de se inteirar de tudo o que resulta do progresso. O desenvolvimento intelectual conduz o homem à pesquisa das causas. Ora, por pouco que ele reflita, não tardará a reconhecer a impotência do materialismo para explicar tudo. Como é possível que doutrinas que não satisfazem ao coração, nem à razão, nem à inteligência, que deixam problemáticas as mais vitais questões, venham a prevalecer? O progresso das ideias matará o materialismo, como matou o fanatismo — N. K.

CAPÍTULO IV

*PAPEL DA CIÊNCIA
NA GÊNESE*

1. A história da origem de quase todos os povos antigos se confunde com a da religião deles, o que explica por que seus primeiros livros terem sido religiosos. E como todas as religiões se ligam ao princípio das coisas — que é também o da Humanidade — elas deram explicações sobre a formação e o arranjo do Universo em concordância com o estado dos conhecimentos da época e de seus fundadores. Daí resultou que os primeiros livros sagrados foram ao mesmo tempo os primeiros livros de ciência, como foram o código único das leis civis, durante largo período.

2. Nas eras primitivas, como os meios de observação eram necessariamente muito imperfeitos, as primeiras teorias sobre o sistema do mundo haviam de ser muito carregadas de erros grosseiros. Mas, ainda quando esses meios fossem tão completos quanto são os de hoje, os homens não teriam sabido utilizá-los. Aliás, tais meios só podiam ser fruto do desenvolvimento da inteligência e do resultante conhecimento das leis da Natureza. À medida que o homem foi se adiantando no conhecimento dessas leis, ele também foi penetrando os mistérios da criação e retificando as ideias que formulou acerca da origem das coisas.

3. Ele se mostrou impotente para resolver o problema da criação, até o momento em que a Ciência lhe forneceu a chave para isso. Teve de esperar que a Astronomia lhe abrisse as portas do espaço infinito e lhe permitisse mergulhar o olhar aí; que, pelo poder do cálculo, lhe tornasse possível determinar com rigorosa exatidão o movimento, a posição, o volume, a natureza e o papel dos corpos celestes; que a Física lhe revelasse as leis da gravitação, do calor, da luz e da eletricidade; que a Química lhe mostrasse as transformações da matéria e a Mineralogia os materiais que formam a superfície do globo; que a Geologia lhe ensinasse a ler a formação gradual desse mesmo globo nas camadas terrestres. À Botânica, à Zoologia, à Paleontologia, à Antropologia coube iniciá-lo na filiação e sucessão dos seres organizados. Com

a Arqueologia ele pode acompanhar os traços que a Humanidade deixou através das idades. Resumindo, completando-se umas às outras, todas as ciências tiveram que contribuir com o que era indispensável para o conhecimento da história do mundo. Em falta dessas contribuições, o homem teve como guia as suas primeiras hipóteses.

Por isso, antes que ele entrasse na posse daqueles elementos de apreciação, todos os comentadores da Gênese — cuja razão esbarrava em impossibilidades materiais — giravam dentro de um círculo, sem conseguirem sair dele. Só conseguiram quando a Ciência abriu caminho, abalando o velho edifício das crenças. Tudo então mudou de aspecto. Uma vez achado o fio condutor do entendimento, as dificuldades prontamente se aplanaram. Em vez de uma Gênese imaginária, surgiu uma Gênese positiva e, de certo modo, experimental. O campo do Universo se alargou ao infinito. Acompanhou-se a formação gradual da Terra e dos astros, segundo leis eternas e imutáveis, que demonstram muito melhor a grandeza e a sabedoria de Deus, do que uma criação fabulosa e tirada repentinamente do nada, como mutação à vista, por efeito de súbita ideia da Divindade, após uma eternidade de indecisão.

Como que é impossível concebermos a Gênese sem os dados que a Ciência fornece, podemos dizer com inteira verdade que: **a Ciência é chamada a constituir a verdadeira Gênese, segundo a lei da Natureza.**

4. No ponto a que chegou ao século dezenove, a Ciência venceu todas as dificuldades do problema da Gênese?

Certamente não; mas, não há o que contestar que ela destruiu todos os erros principais, sem volta, e lançou os fundamentos essenciais sobre dados irrecusáveis. A bem dizer, os pontos ainda duvidosos não passam de questões de detalhes, cuja solução não poderá prejudicar o conjunto, qualquer que venha a ser no futuro. E mais, apesar dos recursos que ela tem tido à sua disposição, faltou-lhe, até agora, um elemento importante, sem o qual jamais a obra poderia se completar.

5. De todas as Gêneses antigas, a que mais se aproxima dos modernos dados científicos — mesmo com os erros que contém, postos hoje em evidência — é incontestavelmente a de Moisés. De fato, alguns desses erros são mais aparentes do que reais e vêm, ou de falsa interpretação atribuída a certos termos — cuja antiga significação se perdeu, ao passarem de língua em língua pela tradução, ou cuja acepção mudou com os costumes dos povos, ou, também, decorrem da forma simbólica própria ao estilo oriental e que foi tomada ao pé da letra, em vez de se procurar seu sentido.

6. Evidentemente que a Bíblia contém fatos que a razão (desenvolvida pela Ciência) não poderia aceitar hoje e outros fatos que parecem estranhos e derivam de costumes que já não são os nossos. Mas, ao lado disso, haveria parcialidade em não reconhecermos que ela guarda grandes e belas coisas. A simbologia ocupa ali espaço considerável, ocultando sob o seu véu sublimes

verdades, que se evidenciam desde que penetremos no íntimo do pensamento, pois o absurdo logo desaparece.

Por que então o véu não se ergueu mais cedo? De um lado, por falta de luzes que só a Ciência e uma sã filosofia podiam fornecer e, de outro lado, por efeito do princípio da imutabilidade absoluta da fé, consequência de um respeito muito cego à letra, e, assim, pelo temor de comprometer a estrutura das crenças, erguida sobre o sentido literal. Como essas crenças, parte de um ponto primitivo, houve o receio de que se o primeiro anel da cadeia se rompesse, todas as malhas da rede acabassem separando-se. Enfim, fecharam-se os olhos teimosamente. Mas, fechar os olhos ao perigo não é evitá-lo. Quando uma construção se afasta do prumo, a prudência manda que se substituam imediatamente as pedras ruins por pedras boas, em vez de se esperar que o mal se torne irremediável — pelo respeito que infunde a vetustez do edifício — e que se faça preciso reconstruí-lo de cima a baixo.

7. Levando suas investigações às profundezas da Terra e dos céus, a Ciência demonstrou de maneira incontestável os erros da Gênese escrita por Moisés — tomada ao pé da letra — e a impossibilidade material de as coisas terem se passado como são referidas textualmente ali. Ora, do mesmo modo e procedendo assim, a Ciência desferiu um forte golpe em crenças existentes há séculos. A fé ortodoxa (rigorosa) se sobressaltou, porque julgou que lhe tiravam a pedra fundamental. Mas, com quem a razão havia de estar: com a Ciência — que caminhava prudente e progressivamente pelos terrenos sólidos dos algarismos e da observação, sem nada afirmar antes de ter em mãos as provas — ou com uma narrativa escrita quando absolutamente faltavam os meios de observação? No fim de contas, quem há de levar a melhor: aquele que diz 2 e 2 fazem 5 e se nega a verificar, ou aquele que diz que 2 e 2 fazem 4 e dá a prova?

8. Mas, alguns contestam: se a Bíblia é uma revelação divina, então Deus se enganou. Se não é uma revelação divina, precisa de autoridade e a religião desmorona por falta de alicerce.

Uma de duas: ou a Ciência está em erro, ou tem razão. Se tem razão, não pode fazer que uma opinião oposta seja verdadeira. Não há revelação que possa se sobrepor à autoridade dos fatos.

Incontestavelmente, não é possível que Deus — sendo toda verdade — induza os homens ao erro, nem ciente, nem inscientemente, pois, do contrário, Ele não seria Deus. Logo, se os fatos contradizem as palavras que lhe são atribuídas, o que se deve logicamente concluir é que Ele não pronunciou tais palavras, ou que elas palavras foram entendidas em sentido oposto ao seu real significado.

Com semelhantes contradições, se a religião sofre dano, a culpa não é da Ciência, que não pode fazer que o que é deixe de ser; mas dos homens, por haverem prematuramente estabelecido dogmas absolutos, de cujo prevailecimento tem feito questão de vida ou de morte, sobre hipóteses suscetíveis de serem desmentidas pela experiência.

Há coisas com cujo sacrifício temos de nos resignar — de boa ou má vontade — quando não conseguimos evitá-lo. Desde que o mundo marcha, sem que a vontade de alguns possa detê-lo, o mais sensato é que o acompanhemos e nos acomodemos com o novo estado de coisas, em vez de nos agarrarmos ao passado que se desmorona, com o risco de sermos arrastados na queda.

9. A Ciência deveria se obrigar a calar-se por guardar respeito aos Textos Sagrados? Isso seria tão impossível, como impedir que a Terra gire. Sejam quais forem as religiões, elas jamais ganharam coisa alguma em sustentar erros comprovados. A Ciência tem por missão descobrir as leis da Natureza. Ora, sendo essas leis obra de Deus, não podem ser contrárias a religiões que se baseiem na verdade. Lançar maldição ao progresso, por atentado à religião, é lançar maldição à própria obra de Deus. Além do mais, é trabalho inútil, porque nem todas as maldições do mundo seriam capazes de impedir que a Ciência avance e que a verdade abra caminho. **Se a Religião se nega a avançar com a Ciência, a Ciência avançará sozinha.**

10. Somente as religiões estacionárias podem temer as descobertas da Ciência, as quais só são fatais às que se deixam distanciar pelas ideias progressistas, imobilizando-se no absolutismo de suas crenças. Em geral, elas fazem um conceito tão mesquinho da Divindade que não compreendem que assimilar as leis da Natureza, que a Ciência revela, é glorificar a Deus em Suas obras. Na sua cegueira, porém, preferem render homenagem ao espírito do mal, atribuindo-lhe essas leis. **Uma religião que não estivesse em contradição com as leis da Natureza — por nenhum ponto — nada teria que temer do progresso e seria invulnerável.**

11. A Gênese se divide em duas partes: a história da formação do mundo material e da formação da Humanidade — considerada em seu duplo princípio: corporal e espiritual. A Ciência tem cuidado da pesquisa das leis que regem a matéria. No próprio homem, ela apenas tem estudado o envoltório carnal. Por esse lado, chegou a inteirar-se com exatidão das partes principais do mecanismo do Universo e do organismo humano. Assim, sobre esse ponto capital, a Ciência clássica pode completar a Gênese de Moisés e retificar desta as partes equivocadas.

Mas a história do homem (considerado como ser espiritual) se prende a uma ordem especial de ideias que não são do domínio da Ciência propriamente dita e das quais, por este motivo, ela não tem feito objeto de suas investigações. A Filosofia, que é a quem pertence essas atribuições, apenas tem formulado conceitos contraditórios sobre o ponto em questão, de modo mais particular, esse gênero de estudos, que vão desde a mais pura espiritualidade, até a negação do princípio espiritual e mesmo de Deus, sem outras bases, fora as ideias pessoais de seus autores. Pois então, tem deixado o assunto sem decisão por falta de verificação suficiente.

12. No entanto, esta questão é a mais importante para o homem, por isso que envolve o problema do seu passado e do seu futuro. A do mundo material apenas o afeta indiretamente. Antes de tudo, o que lhe importa saber é de onde ele veio e para onde vai, se já viveu e se ainda viverá, qual a sorte que está reservada a ele.

Sobre todos esses pontos, a Ciência se conserva muda. A Filosofia apenas emite opiniões que concluem em sentido diametralmente oposto, mas que, pelo menos, permitem que isso seja discutido — o que faz com que muitas pessoas coloquem do lado a Ciência e Filosofia, para preferirem seguir a religião, que não discute as opiniões.

13. Todas as religiões concordam com o princípio da existência da alma, contudo, sem demonstrar essa existência. Porém, não concordam nem quanto à origem dessa alma, nem com relação ao seu passado e ao seu futuro, nem principalmente — e isso é o essencial — quanto às condições de que depende a sua sorte futura. Em sua maioria, elas apresentam — e impõem à crença de seus adeptos — um quadro do futuro da alma que somente a fé cega pode aceitar, visto que não suporta exame sério. Ligado aos seus dogmas, às ideias que nos tempos primitivos se faziam do mundo material e do mecanismo do Universo, o destino que elas atribuem à alma não se concilia com o estado atual dos conhecimentos. Então, tendo o que perder com o exame e a discussão, as religiões acham mais simples anular um e outra.

14. A dúvida e a descrença nasceram dessas divergências sobre o futuro do homem. Entretanto, a falta de fé dá lugar a um penoso vazio. O homem encara com ansiedade o desconhecido em que tem fatalmente de penetrar. A ideia do nada o deixa gelado. A consciência lhe diz que alguma coisa lhe está reservada para além do presente. Que será? Com o desenvolvimento que alcançou, sua razão já não lhe permite admitir as histórias com que o acalentaram na infância, nem aceitar como realidade a alegoria⁴⁵. Qual o sentido dessa alegoria? A Ciência lhe rasgou um canto do véu; mas não lhe revelou o que mais lhe importa saber. Ele interroga em vão, ela nada lhe responde de maneira definitiva e apropriada a lhe acalmar as apreensões. Por toda parte depara com a afirmação a se chocar com a negação, sem que de um lado ou de outro se apresentem provas positivas. Daí a incerteza, e **a incerteza sobre a vida futura faz com que o homem se atire para as coisas da vida material, tomado de uma espécie de delírio.**

Esse é o efeito inevitável das épocas de transição: cai o edifício do passado, sem que ainda o do futuro se ache construído. O homem se assemelha ao adolescente que, já não tendo a crença ingênua dos seus primeiros anos, ainda não possui os conhecimentos próprios da maturidade. Apenas sente vagas aspirações, que não sabe definir.

⁴⁵ **Alegoria:** forma de expressão ou interpretação que consiste em representar pensamentos através de figuras; linguagem simbólica – N. E.

15. Se a questão do homem espiritual permaneceu até aos dias atuais em estado de teoria, é que faltavam os meios de observação direta, existentes para comprovar o estado do mundo material, portanto, conservando-se aberto o campo às concepções do espírito humano. Enquanto o homem não conheceu as leis que regem a matéria e não pôde aplicar o método experimental, andou a errar de sistema em sistema, no tocante ao mecanismo do Universo e à formação da Terra. O que se deu na ordem física, deu-se também na ordem moral. Faltou o elemento essencial para fixar as ideias: o conhecimento das leis a que o princípio espiritual se acha sujeito. Esse conhecimento estava reservado para nossa época, como o conhecimento das leis da matéria esteve aos dois últimos séculos.

16. Até o presente, o estudo do princípio espiritual (compreendido na Metafísica⁴⁶) foi puramente especulativo e teórico. No Espiritismo, é inteiramente experimental. Com o auxílio da potência mediúnica — agora já mais desenvolvida e, sobretudo, generalizada e mais bem estudada — o homem se achou de posse de um novo instrumento de observação. A mediunidade foi para o mundo espiritual o que o telescópio foi para o mundo espacial e o microscópio para o dos infinitamente pequenos. Permitiu que se explorassem e estudassem as relações do mundo espiritual com o mundo corporal — por assim dizer, com o testemunho visual; permitiu que se destacasse no homem vivo o ser inteligente (Espírito) do ser material (corpo) e que se observassem os dois a atuar separadamente. Uma vez estabelecidas relações com os habitantes do mundo espiritual, tornou-se possível ao homem seguir a alma em sua marcha ascendente, em suas migrações, em suas transformações. Enfim, pode-se estudar o elemento espiritual. Eis aí o que os anteriores comentadores da Gênese precisavam para a compreenderem e lhe retificarem os erros.

17. Estando o mundo espiritual e o mundo material em incessante contato, os dois são solidários; ambos têm a sua parcela de ação na Gênese. Compormos uma Gênese completa sem o conhecimento das leis que regem o mundo espiritual seria tão impossível quanto a um escultor dar vida a uma estátua. Somente agora o homem possui os dois elementos próprios para lançar luz sobre esse imenso problema — embora nem a Ciência material, nem a Ciência espiritual tenham dito a última palavra. Essas duas chaves eram absolutamente indispensáveis para chegar a uma solução — embora aproximativa.

⁴⁶ **Metafísica:** ramo da Filosofia que estuda a essência e as leis do Universo, de Deus e da alma humana — N. E.

CAPÍTULO V

*ANTIGOS E MODERNOS
SISTEMAS DO MUNDO*

1. A primeira ideia que os homens formaram da Terra, do movimento dos astros e da constituição do Universo, a princípio, há de ter-se baseado unicamente no que os sentidos percebiam. Desconhecendo as mais elementares leis da Física e as forças da Natureza, só dispondo da vista como meio de observação, eles podiam julgar apenas pelas aparências.

Vendo o Sol aparecer pela manhã, de um lado do horizonte, e desaparecer, à tarde, do lado oposto, concluíram naturalmente que ele girava em torno da Terra, e esta se conservaria imóvel. Se lhes dissessem então que o contrário é o que se dá, responderiam que tal coisa não seria possível, contestando: vemos que o Sol muda de lugar e não sentimos que a Terra se mexa.

2. A pequena extensão das viagens (que naquela época raramente iam além dos limites da tribo ou do vale) não permitia a comprovação que a Terra era uma esfera. E além disso, como haviam de supor que a Terra fosse uma bola? Em tal caso, os seres somente poderiam se manter no ponto mais elevado e, supondo-a habitada em toda a superfície, como viveriam eles no hemisfério oposto, com a cabeça para baixo e os pés para cima? Ainda menos possível isso teria parecido com o movimento de rotação. Mesmo nos nossos dias — em que se conhece a lei de gravitação — quando vemos pessoas relativamente esclarecidas não perceberem esse fenômeno, como nos surpreendermos de que homens das primeiras idades não o tenham sequer suspeitado?

Portanto, para eles a Terra era uma superfície plana e circular, qual uma mó de moinho, estendendo-se a perder de vista na direção horizontal. Daí a expressão ainda em uso “ir ao fim do mundo”. Desconheciam os seus limites, a espessura, o interior, a face inferior, o que lhe ficava por baixo.⁴⁷

⁴⁷ “A mitologia hindu ensinava que, ao entardecer, o Sol se despojava de sua luz e atravessava o céu durante a noite com uma face obscura. A mitologia grega figurava puxado por quatro cavalos o carro de Apolo. Anaximandro de Mileto, ao que refere Plutarco, sustentava que o sol era um carro cheio de fogo muito vivo, que se escapava por uma abertura circular. Epicuro, segundo uns, teria emitido a opinião de que o Sol se acendia pela manhã e se apagava à noite nas águas do oceano; segundo outros, ele considerava esse astro uma pedra-pomes aquecida até à incandescência. Anaxágoras o tomava por um ferro esbraseado, do tamanho do Peloponeso. Coisa estranha! os antigos eram tão invencivelmente induzidos a considerar real a

3. Por se mostrar sob um forma côncava, o céu da crença comum era tido como uma abóbada⁴⁸ real, cujas bordas inferiores repousavam na Terra e lhe marcavam os confins, vasta cúpula cuja capacidade o ar enchia completamente. Sem nenhuma noção do espaço infinito e incapazes mesmo de o conceberem, os homens imaginavam que essa abóbada era constituída de matéria sólida, donde vem a denominação de **firmamento** que lhe foi dada e que sobreviveu à crença, significando: *firme, resistente* (do latim *firmamentum*, derivado de *firmus* e do grego *herma, hermatos*, *firme, sustentáculo, suporte, ponto de apoio*).

4. As estrelas — cuja natureza não podiam suspeitar — eram simplesmente pontos luminosos, de volumes diversos, engastados na abóbada, como lâmpadas suspensas, dispostas sobre uma única superfície e, por conseguinte, todas à mesma distância da Terra, tal como as que vemos no interior de certas cúpulas, pintadas de azul, figurando a do céu.

Se bem hoje sejam outras as ideias, o uso das expressões antigas se conservou. Ainda se diz, por comparação: “a abóbada estrelada”, “sob a cúpula do céu”.

5. Igualmente desconhecida era então a formação das nuvens pela evaporação das águas da Terra. A ninguém podia vir a ideia de que a chuva que cai do céu tivesse origem na Terra, donde ninguém a via subir. Daí a crença na existência de **águas superiores** e de **águas inferiores**, de fontes celestes e de fontes terrestres, de reservatórios colocados nas altas regiões, suposição que concordava perfeitamente com a ideia de uma abóbada sólida, capaz de sustentá-los. As águas superiores, escapando-se pelas frestas da abóbada, caíam em chuva e, conforme fossem mais ou menos largas as frestas, a chuva era branda, torrencial e diluviana.

6. A ignorância completa do conjunto do Universo e das leis que o regem, da natureza, da constituição e da destinação dos astros — que, aliás, pareciam tão pequenos, comparativamente à Terra — fez necessariamente que esta fosse considerada como a coisa principal, o fim único da criação e os astros como acessórios, exclusivamente criados em intenção dos seus habitantes. Esse preconceito se perpetuou até aos nossos dias, apesar das descobertas da Ciência, que mudaram, para o homem, o aspecto do mundo. Quanta gente ainda acredita que as estrelas são ornamentos do céu, destinados a enfeitar a vista dos habitantes da Terra!

7. Porém, não tardou para que se apercebessem do movimento aparente das estrelas, que se deslocam em massa do oriente para o ocidente, despontando ao anoitecer e ocultando-se pela manhã, e conservando suas respectivas posições.

grandeza aparente desse astro, que perseguiram o filósofo temerário por haver atribuído aquele volume ao facho do dia, fazendo-se necessária toda a autoridade de Péricles para salvá-lo de uma condenação à morte e para que essa pena fosse comutada na de exílio” (Flammarion, *ESTUDOS E LEITURAS SOBRE A ASTRONOMIA*, pág. 6).

Diante de tais ideias, emitidas no quinto século antes do Cristo, ao tempo da maior prosperidade da Grécia, não devem causar espanto aquelas que os homens das primeiras idades faziam sobre o sistema do mundo — N. K.

⁴⁸ **Abóboda**: espécie de teto curvilíneo — N. E.

Contudo, semelhante observação, durante longo tempo, não teve outra consequência que não fosse a de confirmar a ideia de uma abóbada sólida, a arrastar consigo as estrelas, no seu movimento de rotação. Essas ideias primárias, simplistas, no curso de largos períodos seculares, constituíram o fundo das crenças religiosas e serviram de base a todas as cosmogonias⁴⁹ antigas.

8. Mais tarde, pela direção do movimento das estrelas e pelo periódico retorno delas, na mesma ordem, percebeu-se que a abóbada celeste não podia ser apenas a metade de uma esfera posta sobre a Terra, mas uma esfera inteira, oca, em cujo centro se achava a Terra, sempre chata, ou, quando muito, convexa e habitada somente na superfície superior. Já era um progresso.

Mas, qual o suporte da Terra? Seria inútil mencionar todas as suposições ridículas, geradas pela imaginação, desde a dos indianos, que a diziam suportada por quatro elefantes brancos, pousados estes sobre as asas de um imenso abutre. Os mais sensatos confessavam que nada sabiam a respeito.

9. Entretanto, uma opinião geralmente espalhada nas teogonias⁵⁰ pagãs situava nos **lugares baixos**, ou, por outra, nas profundezas da Terra, ou debaixo desta, não sabia bem, a morada dos amaldiçoados, chamada **inferno**, isto é, **lugares inferiores**, e nos **lugares altos**, além da região das estrelas, a morada dos bem-aventurados. A palavra *inferno* se conservou até aos nossos dias, se bem haja perdido a significação etimológica⁵¹, desde que a Geologia⁵² retirou das entranhas da Terra o lugar dos suplícios eternos e a Astronomia demonstrou que no espaço infinito não há baixo nem alto.

10. Sob o céu puro da Caldeia, da Índia e do Egito (berço das mais antigas civilizações), o movimento dos astros foi observado com tanta exatidão, quanto a falta de instrumentos especiais permitia. Primeiramente, notou-se que certas estrelas tinham movimento próprio, independente da mesma, o que não consentia a suposição de que se achassem presas à abóbada. Chamaram-lhes **estrelas errantes** ou **planetas**, para distingui-las das estrelas fixas. Calcularam os seus movimentos e os retornos periódicos.

No movimento diurno da esfera estrelada, foi notada a imobilidade da Estrela Polar, em cujo redor as outras descreviam, em vinte e quatro horas, círculos oblíquos paralelos, uns maiores, outros menores, conforme a distância em que se encontravam da estrela central. Foi o primeiro passo para o conhecimento da obliquidade⁵³ do eixo do mundo. Viagens mais longas deram chance para que se observasse a diferença dos aspectos do céu, segundo as latitudes e as estações. A verificação de que a elevação da Estrela Polar acima do horizonte variava com a latitude, abriu caminho para a percepção da

⁴⁹ **Cosmogonia:** ramo da Astronomia que estuda a origem, estrutura e evolução do Cosmos (Universo) – N. E.

⁵⁰ **Teogonia:** narração do nascimento dos deuses (presente nas religiões politeístas, ou seja, aquelas que creem e adoram várias divindades) – N. E.

⁵¹ **Referente à Etimologia:** estudo da origem e evolução do significado das palavras – N. E.

⁵² **Geologia:** ramo da Ciência que estuda a origem, história, vida e estrutura da Terra – N. E.

⁵³ **Obliquidade:** o que não é reto, que é torto, que tem curva – N. E.

redondeza da Terra. Foi assim que, pouco a pouco, chegaram a fazer uma ideia mais exata do sistema do mundo.

Pelo ano 600 antes de Cristo, **Tales de Mileto** (Ásia Menor), descobriu que a esfericidade da Terra, a obliquidade da eclíptica⁵⁴ e a causa dos eclipses.

Um século depois, **Pitágoras de Samos**, descobre o movimento diurno da Terra, sobre o próprio eixo, seu movimento anual em torno do Sol e incorpora os planetas e os cometas ao sistema solar.

Hiparco de Alexandria (Egito), 160 anos antes de Cristo, inventa o astrolábio⁵⁵, calcula e prediz os eclipses, observa as manchas do Sol, determina o ano trópico, a duração das revoluções da Lua.

Embora sendo preciosíssimas para o progresso da Ciência, essas descobertas levaram perto de 2.000 anos para se popularizarem. Dispondo então apenas de raros manuscritos para se propagarem, as ideias novas permaneciam como patrimônio de alguns filósofos, que as ensinavam a discípulos privilegiados. As massas — que ninguém cuidava de esclarecer — não tiravam nenhum proveito delas e continuavam a se nutrir das velhas crenças.

11. Cerca do ano 140 da era cristã, **Ptolomeu** — um dos homens mais ilustres da Escola de Alexandria —, combinando suas próprias ideias com as crenças vulgares e com algumas das mais recentes descobertas astronômicas, compôs um sistema que se pode qualificar de misto, que traz o seu nome e que, por perto de quinze séculos, foi o único que o mundo civilizado adotou.

Segundo o sistema de Ptolomeu, a Terra é uma esfera posta no centro do Universo e composta de quatro elementos: terra, água, ar e fogo. Essa a primeira região, dita **elementar**. A segunda região, dita **etérea**, compreendia onze céus, ou esferas concêntricas, a girar em torno da Terra, a saber: o céu da Lua, os de Mercúrio, de Vênus, do Sol, de Marte, de Júpiter, de Saturno, das estrelas fixas, do primeiro cristalino, esfera sólida transparente; do segundo cristalino e, finalmente, do primeiro móvel, que dava movimento a todos os céus inferiores e os obrigava a fazer uma revolução em vinte e quatro horas. Para além dos onze céus estava o **Empíreo** (habitação dos bem-aventurados), denominação tirada do grego *pyr* ou *pur*, que significa *fogo*, porque se acreditava que essa região resplandecia de luz, como o fogo.

A crença em muitos céus superpostos prevaleceu por longo tempo, cujo número, entretanto, variava. O sétimo era geralmente tido como o mais elevado, donde a expressão “ser arrebatado ao sétimo céu”. São Paulo disse que havia sito elevado ao terceiro céu.

Fora o movimento comum, segundo Ptolomeu, os astros tinham movimentos próprios, mais ou menos dilatados, conforme a distância em que se achavam do centro. As estrelas fixas faziam uma revolução em 25.816 anos,

⁵⁴ **Eclíptica**: referente ao plano de órbita da Terra — N. E.

⁵⁵ **Astrolábio**: Instrumento em forma esférica ou de círculo graduado, com haste móvel, usado para observar e determinar a altura do Sol e das estrelas e medir a latitude e a longitude do lugar onde se encontra o observador — N. E.

avaliação esta que denota conhecimento da precessão dos equinócios⁵⁶, que se realiza em 25.868 anos.

12. No começo do século dezesseis, **Copérnico** (célebre astrônomo, nascido em Thorn (Prússia), no ano de 1472 e morto no de 1543) reconsiderou as ideias de Pitágoras e concebeu um sistema que, confirmado todos os dias por novas observações, teve acolhimento favorável e não tardou a desbancar o de Ptolomeu. Segundo o sistema de Copérnico, o Sol está no centro e ao seu redor os astros descrevem órbitas circulares, sendo a Lua um satélite da Terra.

Decorrido um século, em 1609, **Galileu** (natural de Florença) inventa o telescópio; em 1610, descobre os quatro⁵⁷ satélites de Júpiter e lhe calcula as revoluções; reconhece que os planetas não têm luz própria como as estrelas, mas que são iluminados pelo Sol; que são esferas semelhantes à Terra; observáveis as fases e determina o tempo que duram as rotações deles em torno de seus eixos, oferecendo assim, por provas materiais, sanção definitiva ao sistema de Copérnico.

Ruiu então a construção dos céus superpostos; reconheceu-se que os planetas são mundos semelhantes à Terra e, sem dúvida, habitados, como esta; que as estrelas são inumeráveis sóis, prováveis centros de outros tantos sistemas planetários, sendo o próprio Sol reconhecido como uma estrela, centro de um turbilhão de planetas que se lhe acham sujeitos.

As estrelas deixaram de estar confinadas numa zona da esfera celeste, para estarem irregularmente espalhadas pelo espaço sem limites, encontrando-se a gigantescas distâncias umas das outras as que parecem se tocar, sendo que as menores aparentemente as mais afastadas de nós e as maiores as que nos estão mais perto, porém, ainda assim, a centenas de bilhões de léguas.

Os grupos de estrelas que tomaram o nome de **constelações** são só aparentes agregados, causados pela distância; suas figuras não passam de efeitos de perspectiva, como formam as que as luzes espalhadas por uma vasta planície, ou as árvores de uma floresta, aos olhos de quem as observa colocado num ponto fixo. Na realidade, tais agrupamentos não existem. Se nós pudéssemos nos transportar para a reunião de dessas constelações, a sua forma se desmancharia na medida em que nos aproximássemos dela, e novos grupos se desenhariam à nossa vista.

Ora, como esses agrupamentos só existem na aparência, o significado que uma supersticiosa crença comum lhe atribui é ilusória e só pode existir na imaginação.

Para se distinguirem as constelações, deram a elas nomes como estes: *Leão, Touro, Gêmeos, Virgem, Balança, Capricórnio, Câncer, Órion, Hércules, Grande Ursa* ou *Carro de David, Pequena Ursa, Lira*, etc., e, para representá-las, deram-lhes as formas que esses nomes lembram — fantasiosas em sua maioria e, em nenhum caso, guardando qualquer relação com os grupos de estrelas

⁵⁶ **Equinócios:** momento em que o Sol, em seu movimento anual aparente, corta o equador celeste, fazendo com que o dia e a noite tenham igual duração – N. E.

⁵⁷ Depois de Galileu, os astrônomos descobriram mais oito; são conhecidos atualmente, portanto, 12 satélites de Júpiter (4 deles com movimento retrógrado) – N. E.

assim chamados. Pois, seria inútil procurar tais formas no céu.

A crença na influência das constelações — sobretudo das que constituem os doze signos do zodíaco — veio da ideia ligada aos nomes que elas trazem. Se à que se chama *leão* fosse dada o nome de *asno* ou de *ovelha*, certamente teriam lhe dado outra influência.

13. A partir de Copérnico e Galileu, as velhas cosmogonias deixaram de existir para sempre. A Astronomia só podia avançar — e não recuar. A História diz das lutas que esses grandes pensadores tiveram de sustentar contra os preconceitos e, sobretudo, contra o espírito de seita, interessado em manter erros sobre os quais se haviam fundado crenças, supostamente firmadas em bases inabaláveis. Bastou a invenção de um instrumento de óptica para derrubar uma construção de muitos milhares de anos. É claro que nada poderia prevalecer contra uma verdade reconhecida como tal. Graças à Tipografia⁵⁸, o público iniciado nas novas ideias passou a não se deixar embalar com ilusões e tomou parte na luta. Já não era contra indivíduos que os sustentadores das velhas ideias tinham de combater, mas contra a opinião geral, que esposava a causa da verdade.

Quanto o Universo é grande em relação às mesquinhas proporções que nossos pais lhe deram! Quanto é sublime a obra de Deus, desde que a vemos realizar-se conformemente às eternas leis da Natureza! Mas também, quanto tempo, quantos esforços dos pensadores e quantos devotamentos se fizeram necessários para abrir os olhos das criaturas e, afinal, arrancar deles a venda da ignorância!

14. Desde então estava aberto o caminho em que ilustres e numerosos sábios iam entrar, a fim de completarem a obra começada. Na Alemanha, Kepler descobre as famosas leis que lhe conservam o nome e por meio das quais se reconhece que as órbitas que os planetas descrevem não são circulares, mas elipses, um de cujos focos o Sol ocupa. Newton, na Inglaterra, descobre a lei da gravitação universal. Laplace, na França, cria a mecânica celeste. Finalmente, a Astronomia deixa de ser um sistema fundado em conjeturas ou probabilidades e se torna uma ciência assentada nas mais rigorosas bases — as do cálculo e da geometria. Fica assim lançada uma das pedras fundamentais da Gênese, cerca de 3.300 anos depois de Moisés.

⁵⁸ Sobre a **Tipografia** Kardec se refere aqui aos meios impressos (jornais e revistas) para a divulgação em massa – N. E.

CAPÍTULO VI

URANOGRÁFIA⁵⁹ GERAL

- O ESPAÇO E O TEMPO
- A MATÉRIA
- AS LEIS E AS FORÇAS
- A CRIAÇÃO PRIMÁRIA
- A CRIAÇÃO UNIVERSAL
- OS SÓIS E OS PLANETAS
- OS SATÉLITES
- OS COMETAS
- A VIA-LÁCTEA
- AS ESTRELAS FIXAS
- OS DESERTOS DO ESPAÇO
- ETERNA SUCESSÃO DOS MUNDOS
- A VIDA UNIVERSAL
- DIVERSIDADE DOS MUNDOS

O ESPAÇO E O TEMPO

1. Já foram dadas muitas definições de espaço, sendo a principal esta: o espaço é a extensão que separa dois corpos, na qual certos sofistas⁶⁰ deduziram que onde não haja corpos não haverá espaço. Foi nisto que alguns doutores em teologia se basearam para estabelecer que o espaço necessariamente tem fim, alegando que certo número de corpos finitos não poderiam formar uma série infinita e que, onde acabassem os corpos, igualmente o espaço acabaria.

Também definiram o espaço como sendo o lugar onde os mundos se movem, o vazio onde a matéria atua, etc. Vamos deixar todas essas definições, que nada definem, nos tratados onde repousam!

Espaço é uma dessas palavras que traduzem uma ideia primitiva e inquestionável, evidente por si mesma, e que as diversas definições que se possam dar nada mais fazem do que obscurecê-la. Todos nós sabemos o que é o espaço e eu apenas quero firmar que ele é infinito, a fim de que os nossos estudos posteriores não encontrem uma barreira opondo-se às investigações do nosso olhar.

⁵⁹ **Uranografia:** ciência que tem por objetivo a descrição do céu; Astronomia, Uranologia – N. E.

⁶⁰ **Sofista:** na definição de Sócrates, aquele que usa da habilidade na fala para convencer acerca de ideias sem lógica – N. E.

Ora, digo que o espaço é infinito pela razão de ser impossível imaginarmos um limite qualquer nele e porque, apesar da dificuldade que encontramos para entender o infinito, mais fácil para nós é avançar eternamente pelo espaço em pensamento do que parar num ponto qualquer, depois do qual não mais encontrássemos extensão a percorrer.

Para exemplificarmos a infinidade do espaço — o quanto as nossas limitadas habilidades nos permitam — suponhamos que, partindo da Terra, perdida no meio do infinito, para um ponto qualquer do Universo, com a velocidade prodigiosa da fálscia elétrica (que percorre *milhares de léguas por segundo*, e que, havendo percorrido milhões de léguas mal tenhamos deixado este globo), nos achamos num lugar de onde apenas o divisamos sob o aspecto de pálida estrela. Passado um instante, seguindo sempre na mesma direção, chegamos a essas estrelas distantes que vocês mal percebem de sua estação terrestre. Daí, não só a Terra nos desaparece inteiramente do olhar nas profundezas do céu, como também o próprio Sol — com todo o seu esplendor — tem se eclipsado pela extensão que dele nos separa. Animados sempre da mesma velocidade do relâmpago, a cada passo que avançamos na extensão, transpomos sistemas de mundos, ilhas de luz etérea, estradas estelíferas, paragens suntuosas onde Deus semeou mundos na mesma abundância com que semeou as plantas nos campos terrenos.

Ora, há apenas poucos minutos que caminhamos e já centenas de milhões de milhões de léguas nos separam da Terra, bilhões de mundos nos passaram sob as vistas e, entretanto, escutem: Na realidade, não avançamos um só passo que seja no Universo!

Se continuarmos durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes mais e *sempre com a mesma velocidade do relâmpago*, igualmente nem um passo teremos avançado, qualquer que seja o lado para onde nos dirijamos e qualquer que seja o ponto para onde nos encaminhemos, a partir desse grãozinho invisível donde saímos e a que chamamos Terra.

Eis aí o que é o espaço!

2. Como a palavra **espaço**, também **tempo** é um termo já por si mesmo definido. Dele fazemos uma ideia mais exata, relacionando-o com o todo infinito. O tempo é a sucessão das coisas. Está ligado à eternidade, do mesmo modo que as coisas estão ligadas ao infinito. Suponhamos que estamos na origem do nosso mundo, na época primitiva em que a Terra ainda não se movia sob a divina impulsão; numa palavra: no começo da Gênese. O tempo então ainda não havia saído do misterioso berço da Natureza e ninguém pode dizer em que época de séculos nos achamos, porque a contagem dos séculos ainda não foi posta em movimento.

Mas, silêncio! Soa na sineta eterna a primeira hora de uma Terra isolada, o planeta se move no espaço e desde então temos **tarde e manhã**. Para lá da Terra, a eternidade permanece impassível e imóvel, embora o tempo marche com relação a muitos outros mundos. Para a Terra, o tempo a substitui e durante uma determinada série de gerações contaremos os anos e os séculos.

Vamos nos transportar agora ao último dia desse mundo, à hora em que, curvado sob o peso da velhice, ele se apagará do livro da vida para aí não mais reaparecer. Interrompe-se então a sucessão dos eventos; cessam os movimentos terrestres que mediam o tempo e o tempo acaba com eles.

Esta simples exposição das coisas que dão nascimento ao tempo — que o alimentam e deixam que ele se extinga — basta para mostrar que, visto do ponto em que tivemos de nos colocar para os nossos estudos, o tempo é uma gota d'água que cai da nuvem no mar e cuja queda é medida.

Tantos mundos na vasta amplidão, quantos tempos diversos e incompatíveis. Fora dos mundos, somente a eternidade substitui essas rápidas sucessões e enche tranquilamente da sua luz imóvel a imensidade dos céus. As duas grandes propriedades da natureza universal são: imensidade e eternidade sem limites.

O olhar do observador — que atravessa sem jamais encontrar o que o detenha, as incomensuráveis distâncias do espaço — e o do geólogo — que volta além dos limites das idades, ou que desce às profundezas da eternidade de fauces escancaradas, onde ambos um dia se perderão — atuam em concordância, cada um na sua direção, para adquirir esta dupla noção do infinito: extensão e duração. Dentro desta ordem de ideias, será fácil compreendermos que, sendo o tempo apenas a relação das coisas transitórias e dependendo unicamente das coisas que se medem, se tomássemos os séculos terrestres por unidade e os empilhássemos aos milhares, para formar um número colossal, esse número nunca representaria mais que um ponto na eternidade, do mesmo modo que milhares de léguas adicionadas a milhares de léguas não dão mais que um ponto na extensão.

Assim, por exemplo, estando os séculos fora da vida etérea da alma, poderíamos escrever um número tão longo quanto o equador terrestre e nos supor envelhecidos desse número de séculos, sem que na realidade nossa alma conte um dia a mais. E juntando, a esse número indefinível de séculos, uma série de números semelhantes, longa como daqui ao Sol, ou ainda mais consideráveis, se imaginássemos viver durante uma sucessão prodigiosa de períodos seculares representados pela adição de tais números, quando chegássemos ao fim, o inconcebível amontoado de séculos que nos passaria sobre a cabeça seria como se não existisse: diante de nós estaria sempre toda a eternidade.

O tempo é apenas uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias; a eternidade não é suscetível de medida alguma, do ponto de vista da duração; para ela, não há começo, nem fim: tudo é presente.

Se séculos de séculos são menos que um segundo, relativamente à eternidade, que vem a ser a duração da vida humana?!

A MATÉRIA

3. À primeira vista, não há o que pareça tão profundamente variado, nem tão

essencialmente distinto, como as diversas substâncias que compõem o mundo. Entre os objetos que a Arte ou a Natureza nos fazem passar diariamente ante o olhar, haverá duas que revelem perfeita identidade, ou, sequer, igualdade de composição? Quanta dessemelhança, sob os aspectos da solidez, da compressibilidade, do peso e das múltiplas propriedades dos corpos, entre os gases atmosféricos e um filete de ouro, entre a molécula aquosa da nuvem e a do mineral que forma a carcaça óssea do globo! Que diversidade entre o tecido químico das variadas plantas que adornam o reino vegetal e o dos representantes não menos numerosos da animalidade na Terra!

Entretanto, podemos estabelecer como princípio absoluto que todas as substâncias (conhecidas e desconhecidas), por mais desiguais que pareçam — seja do ponto de vista da constituição íntima, seja pela ótica de suas ações recíprocas — são, de fato, apenas modos diversos de como a matéria se apresenta; variedades em que ela se transforma sob a direção das forças inumeráveis que a governam.

4. A Química — que teve progressos tão rápidos depois da minha época — com a qual seus próprios adeptos ainda a relegavam para o domínio secreto da magia; ciência que se pode considerar, com justiça, filha do século da observação e baseada unicamente, de maneira bem mais sólida do que suas irmãs mais velhas, no método experimental; a Química, digo, destituiu os quatro elementos primitivos⁶¹ que os antigos concordaram em reconhecer na Natureza; mostrou que o elemento terrestre não é mais do que a combinação de diversas substâncias variadas ao infinito; que o ar e a água são igualmente decomponíveis e produtos de certo número de equivalentes de gás; que o fogo, longe de ser também um elemento principal, é apenas um estado da matéria, resultante do movimento universal a que esta se acha submetida e de uma combustão sensível ou latente.

Em compensação, fez surgir considerável número de princípios, até então desconhecidos, que lhe pareceram formar por determinadas combinações as diversas substâncias, os diversos corpos que ela estudou e que atuam simultaneamente, segundo certas leis e em certas proporções, nos trabalhos que se realizam dentro do grande laboratório da Natureza. Deu a esses princípios o nome de **corpos simples**, indicando de tal modo que os considera primitivos e indivisíveis e que até hoje nenhuma operação pode reduzi-los a frações relativamente mais simples do que eles próprios.⁶²

5. Mas, onde param os exames do homem, mesmo ajudados pelos mais impressionantes sentidos artificiais, prossegue a obra da Natureza; onde o comum toma a aparência como realidade, onde o prático levanta o véu e percebe o começo das coisas, o olhar daquele que pode apreender o modo de

⁶¹ Quatro elementos primitivos: certos filósofos antigos acreditavam que tudo no Universo era constituído basicamente de terra, água, fogo e ar — N. E.

⁶² Os principais corpos simples são: entre os não-metálicos, o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o cloro, o carbono, o fósforo, o enxofre, o iodo; entre os metálicos, o ouro, a prata, a platina, o mercúrio, o chumbo, o estanho, o zinco, o ferro, o cobre, o arsênico, o sódio, o potássio, o cálcio, o alumínio, etc. — N. K.

agir da Natureza apenas vê, nos materiais constitutivos do mundo, a **matéria cósmica primitiva**, simples e unificada, diversificada em certas regiões na época do aparecimento destas, repartida em corpos solidários entre si, enquanto têm vida, e que um dia se desmembram, por efeitos da decomposição no receptáculo da extensão.

6. Há questões que nós mesmos, Espíritos amantes da Ciência, não podemos aprofundar e sobre as quais só poderemos emitir opiniões pessoais, mais ou menos hipotéticas. Sobre essas questões me calarei, ou justificarei a minha maneira de ver. Aquela com que nos ocupamos, porém, não pertence a esse número. Portanto, aqueles que fossem tentados a enxergar nas minhas palavras unicamente uma teoria ousada, direi: se for possível, abracem com olhar investigador a multiplicidade das operações da Natureza e reconheçam que se não admitirmos a unidade da matéria, impossível será explicar não os sóis e as esferas, mas, sem ir tão longe, a germinação de uma semente na terra, ou a produção dum inseto.

7. Se observarmos tão grande diversidade na matéria, é porque, sendo em número ilimitado as forças que têm presidido às suas transformações e as condições em que estas se produziram, também as várias combinações da matéria não podiam deixar de ser ilimitadas.

Logo, seja a substância aquela que se considere pertencente aos fluidos propriamente ditos, isto é, aos corpos imponderáveis, ou, seja aquela que envolva os tipos e as propriedades comuns da matéria, não há, em todo o Universo, senão uma única substância primitiva; o **cosmo**, ou **matéria cósmica** dos uranógrafos.⁶³

AS LEIS E AS FORÇAS

8. Se um desses seres desconhecidos que consomem a sua rápida existência no fundo das tenebrosas regiões do oceano; se um desses poligástricos⁶⁴, uma dessas nereidas — miseráveis animais minúsculos que da Natureza só conhecem os peixes ictiófagos e as florestas submarinas — recebesse de repente o dom da inteligência, a faculdade de estudar o seu mundo e de basear suas apreciações num raciocínio conjectural extensivo à universalidade das coisas, que ideia faria da natureza viva que se desenvolve no meio por ele habitado e do mundo terrestre que escapa ao campo de suas observações?

Agora, por efeito maravilhoso do poder da sua nova faculdade, se esse mesmo ser chegasse a se elevar, acima das suas trevas eternas, a galgar a superfície do mar, não distante das margens opulentas de uma ilha de esplêndida vegetação, banhada pelo Sol ardente, dispensador de calor benéfico, que juízo faria ele das suas antecipadas teorias sobre a criação universal? Não

⁶³ **Uranógrafo**: aquele que estuda o céu, os astros e o espaço cósmico; astrônomo – N. E.

⁶⁴ **Poligástrico**: que possui vários estômagos – N. E.

baniria a elas de pronto, substituindo-as por uma apreciação mais ampla, relativamente tão incompleta quanto a primeira? Ó, homens, assim é a imagem da sua ciência toda especulativa.⁶⁵

9. Pois, vindo tratar aqui da questão das leis e das forças que regem o Universo, eu, que como vocês, apenas sou um ser relativamente ignorante, em comparação da ciência real, apesar da aparente superioridade que, com relação aos meus irmãos da Terra, me advém da possibilidade de estudar problemas naturais que lhes são interditados na posição em que eles se encontram como gente humilde, trago por único objetivo lhes dar uma noção geral das leis universais, sem explicar pormenorizadamente o modo de ação e a natureza das forças especiais que lhes são dependentes.

10. Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos. Esse fluido é o **éter** ou **matéria cósmica primitiva**, geradora do mundo e dos seres. As forças que presidiram às metamorfoses da matéria e as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo pertencem a essa matéria. Essas múltiplas forças — indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas, diversificadas em seus modos de ação, segundo as circunstâncias e os meios — são conhecidas na Terra sob os nomes de **gravidade, coesão, afinidade, atração, magnetismo, eletricidade ativa**. Os movimentos vibratórios do agente são conhecidos sob os nomes de **som, calor, luz**, etc. Em outros mundos, elas se apresentam sob outros aspectos, revelam outras características desconhecidas na Terra e, na imensa amplidão dos céus, forças infinitas se têm desenvolvido numa escala inimaginável, de grandeza tal que somos tão incapazes de avaliar, como o é o crustáceo, no fundo do oceano, para apreender a universalidade dos fenômenos terrestres.⁶⁶

Ora, assim como só há uma substância simples, originária, geradora de todos os corpos, mas diversificada em suas combinações, também todas essas forças dependem de uma lei universal diversificada em seus efeitos e que, pelos desígnios eternos, foi soberanamente imposta à criação, para lhe imprimir harmonia e estabilidade.

11. A Natureza jamais se encontra em oposição a si mesma. A divisa do brasão do Universo só é uma: **unidade-variedade**. Voltando à escala dos mundos,

⁶⁵ Tal é também a situação dos negadores do mundo dos Espíritos, quando, após se haverem despojado do envoltório carnal, desdobrados às suas vistas, contemplam os horizontes desse mundo. Compreendem então o quanto eram ocas as teorias, com as quais pretendiam explicar tudo por meio exclusivamente da matéria. Contudo, esses horizontes ainda lhes escondem mistérios que só lhes serão desvendados posteriormente, à medida que, depurando-se, eles se elevam. Porém, desde os seus primeiros momentos no outro mundo, veem-se forçados a reconhecer a própria cegueira e o quanto estavam distantes da verdade — N. K.

⁶⁶ Ligamos tudo ao que conhecemos e do que os nossos sentidos não captam, só compreendemos o que o cego de nascença compreende acerca dos efeitos da luz e da utilidade dos olhos. Pois então, é possível que noutros meios o fluido cósmico possua propriedades que seja suscetível de combinações de que não fazemos nenhuma ideia, produza efeitos apropriados a necessidades que desconhecemos, dando lugar a percepções novas ou a outros modos de percepção. Não compreendemos, por exemplo, que se possa ver sem os olhos do corpo e sem a luz. Quem nos diz, porém, que não existam outros meios, fora a luz, aos quais são adequados organismos especiais? Temos um exemplo disso na vista sonambúlica — que nem a distância, nem os obstáculos materiais e nem a obscuridade detêm. Suponhamos que, num mundo qualquer, os seres sejam normalmente o que só excepcionalmente o são os nossos sonâmbulos; eles, sem precisarem da nossa luz, nem dos nossos olhos, verão o que não podemos ver. O mesmo se dá com todas as outras sensações. As condições de vitalidade e de perceptibilidade, as sensações e as necessidades variam de conformidade com os meios — N. K.

encontramos *unidade* de harmonia e de criação, ao mesmo tempo em que uma variedade infinita no imenso jardim de estrelas. Percorrendo os degraus da vida — desde o último dos seres até Deus — fica evidente a grande lei de continuidade. Considerando as forças em si mesmas, podemos formar com elas uma série, em que o resultado é a lei universal, confundindo-se com a geradora.

A humanidade não pode apreciar esta lei em toda a sua extensão, porque as forças que a representam no campo das suas observações são restritas e limitadas. Entretanto, a gravitação e a eletricidade podem ser consideradas como uma larga aplicação da lei primordial, que impera para lá dos céus.

Assim como a criação, todas essas forças são universais e eternas — explicaremos este termo. Como pertencem ao fluido cósmico, elas atuam necessariamente em tudo e em toda parte, modificando suas ações pela simultaneidade ou pela sucessão de coisas, predominando aqui, apagando-se ali, fartas e ativas em certos pontos, adormecidas ou ocultas noutros, mas, afinal, preparando, dirigindo, conservando e destruindo os mundos em seus diversos períodos de vida, governando os maravilhosos trabalhos da Natureza, onde quer que eles se executem, assegurando para sempre o eterno esplendor da criação.

A CRIAÇÃO PRIMÁRIA

12. Depois de termos considerado o Universo sob os pontos de vista gerais da sua composição, das suas leis e das suas propriedades, podemos estender os nossos estudos ao modo de formação que deu origem aos mundos e aos seres. Desceremos, em seguida, à criação da Terra, em particular, e ao seu estado atual na universalidade das coisas e daí, tomando esse globo por ponto de partida e por unidade relativa, procederemos aos nossos estudos planetários e siderais.

13. Se bem compreendemos a relação, ou, melhor, a oposição entre a eternidade e o tempo, se nos familiarizamos com a ideia de que o tempo não é mais do que uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias, ao passo que a eternidade é essencialmente una, imóvel e permanente, insuscetível de qualquer medida, do ponto de vista da duração, compreenderemos que não há começo e nem fim para ela.

Doutro lado, se fazemos ideia exata — embora, necessariamente, muito fraca — da infinidade do poder divino, compreenderemos como é possível que o Universo tenha existido sempre e sempre exista. Desde que Deus existiu, suas perfeições eternas falaram. Antes que houvessem nascido os tempos, a eternidade incomensurável recebeu a palavra divina e fecundou o espaço, eterno como ela.

14. Existindo desde toda a eternidade, Deus criou por sua natureza desde toda eternidade e não poderia ser de outro modo, visto que, por mais distante que

seja a época a que recuemos os supostos limites da criação, pela imaginação, haverá sempre uma eternidade além desse limite — pensem bem nesta ideia — uma eternidade durante a qual as divinas hipóstases, as vontades infinitas teriam permanecido sepultadas em sonolência muda, inativa e infecunda, uma eternidade de morte aparente para o Pai eterno que dá vida aos seres; de mutismo indiferente para o Verbo que os governa; de esterilidade fria e egoísta para o Espírito de amor e vivificação.

Compreendamos melhor a grandeza da ação divina e a sua perpetuidade sob a mão do Ser absoluto! Deus é o Sol dos seres, é a Luz do mundo. Ora, a aparição do Sol dá nascimento instantâneo a ondas de luz que se vão espalhando por todos os lados, na extensão. Do mesmo modo, o Universo, nascido do Eterno, remonta aos períodos inimagináveis do infinito de duração, ao “Faça-se a luz!” do início.

15. Logo, o começo absoluto das coisas tem origem em Deus. As sucessivas aparições delas no domínio da existência constituem a ordem da criação perpétua.

Que mortal poderia dizer das magnificências desconhecidas e soberbamente veladas sob a noite das idades que se desdobraram nesses tempos antigos, em que nenhuma das maravilhas do Universo atual existia; nessa época primitiva em que, tendo-se feito ouvir a voz do Senhor, os materiais que no futuro haviam de se agregar por si mesmos e simetricamente, para formar o templo da Natureza, se encontraram de súbito no seio dos vácuos infinitos; quando aquela voz misteriosa, que toda criatura venera e estima como a de uma mãe, produziu notas harmoniosamente variadas, para irem vibrar juntas e modular o concerto dos céus imensos!

O mundo, no seu ventre, não se apresentou claro na sua virilidade e na plenitude da sua vida, não. O poder criador nunca se contradiz e, como todas as coisas, o Universo nasceu criança. Revestido das leis mencionadas acima e da impulsão inicial inerente à sua formação mesma, a matéria cósmica primitiva fez que sucessivamente nascessem turbilhões, aglomerações desse fluido difuso, amontoados de matéria nebulosa que se cindiram por si próprios e se modificaram ao infinito para gerar, nas regiões incomensuráveis da amplidão, diversos centros de criações simultâneas ou sucessivas.

Em virtude das forças que predominaram sobre um ou sobre outro deles e das circunstâncias posteriores que presidiram aos seus desenvolvimentos, esses centros primitivos se tornaram focos de uma vida especial: uns, menos disseminados no espaço e mais ricos em princípios e em forças atuantes, começaram desde logo a sua particular vida astral; os outros, ocupando ilimitada extensão, cresceram com lentidão extrema, ou de novo se dividiram em outros centros secundários.

16. Transportando-nos a alguns milhões de séculos somente, acima da época atual, verificamos que a nossa Terra ainda não existe, que mesmo o nosso sistema solar ainda não começou as evoluções da vida planetária; mas, que,

entretanto, já esplêndidos sóis iluminam o éter; já planetas habitados dão vida e existência a uma multidão de seres, nossos predecessores na carreira humana, que as produções suntuosas de uma natureza desconhecida e os maravilhosos fenômenos do céu desdobram, sob outros olhares, os quadros da imensa criação. Que digo! Já deixaram de existir esplendores que muito antes fizeram palpar o coração de outros mortais, sob o pensamento da potência infinita! E nós, pobres seres pequeninos, que viemos após uma eternidade de vida, nós nos cremos contemporâneos da criação!

Ainda uma vez; vamos compreender melhor a Natureza. Saibamos que atrás de nós, como à nossa frente, está a eternidade, que o espaço é teatro de inimaginável sucessão e simultaneidade de criações. Tais nebulosas, que mal percebemos nos mais longínquos pontos do céu, são aglomerados de sóis em vias de formação; tais outras são vias-lácteas de mundos habitados; outras, finalmente, sedes de catástrofes e de destruição. Saibamos que, assim como estamos colocados no meio de uma infinidade de mundos, também estamos no meio de uma dupla infinidade de durações, anteriores e seguintes; que a criação universal não se acha restrita a nós, que não nos é lícito aplicar essa expressão à formação isolada do nosso pequenino globo.

A CRIAÇÃO UNIVERSAL

17. Após haver retornado em direção à fonte oculta de onde nascem os mundos, como as emanam de um rio d'água, retornado tanto quanto a nossa fraqueza permitia, vamos analisar a marcha das criações sucessivas e dos seus desenvolvimentos seriais.

A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que ostentam suas magnificências diante da eternidade. Ela é a mãe inesgotável de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz. Evidentemente que essa substância donde as esferas siderais provêm não desapareceu; essa potência não morreu, pois que ainda, incessantemente, dá à luz novas criações e incessantemente recebe os princípios reconstituídos dos mundos que se apagam do livro eterno.

A substância etérea⁶⁷, mais ou menos rarefeita, que se espalha pelos espaços entre planetas; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos sutil, nas regiões imensas, repletas de aglomerações de estrelas; mais ou menos condensado onde o céu astral ainda não brilha; mais ou menos modificado por diversas combinações, de acordo com as localidades da extensão, nada mais é do que a substância primitiva onde residem as forças universais, donde a Natureza há tirado todas as coisas.⁶⁸

⁶⁷ **Etérea:** relativo de **éter**, que é matéria de uma essência espiritual, imensamente mais sutil que a matéria atualmente alcançada pela observação humana – N. E.

⁶⁸ Se perguntássemos qual o princípio dessas forças e como esse princípio pode estar na substância mesma que o produz, responderíamos que a mecânica nos oferece numerosos exemplos desse fato. A elasticidade, que faz com que uma mola se distenda, não está na própria mola e não depende do modo de agregação das moléculas? O corpo que obedece à força centrífuga recebe a sua impulsão do movimento primitivo que lhe foi impresso – N. K.

18. Esse fluido penetra os corpos como um oceano imenso. É nele que reside o princípio vital que dá origem à vida dos seres e a perpetua em cada globo, conforme à condição deste mundo, princípio que se conserva adormecido, em estado latente, onde a voz de um ser não o chama. Toda criatura, mineral, vegetal, animal ou qualquer outra — porque há muitos outros reinos naturais que vocês nem sequer suspeitam — adaptar as condições de sua existência e de sua duração em virtude desse princípio vital e universal.

As moléculas do mineral têm certa soma dessa vida do mesmo modo que a semente do embrião, e, como no organismo, se grupam em figuras semelhantes que formam os indivíduos.

É muito importante compreendermos a noção de que a matéria cósmica primitiva se achava revestida não só das leis que asseguram a estabilidade dos mundos, como também do princípio vital universal que forma gerações espontâneas em cada mundo, à medida que se apresentam as condições da existência sucessiva dos seres e quando soa a hora do aparecimento dos filhos da vida, durante o período criador.

Efetua-se assim a criação universal. Portanto, é exato dizermos que Deus tem criado sempre, cria incessantemente e nunca deixará de criar, pois as operações da Natureza são a expressão da vontade divina.

19. Porém, até aqui, temos guardado silêncio sobre o **mundo espiritual**, que também faz parte da criação e cumpre seus destinos conforme as majestosas determinações do Senhor.

Entretanto, acerca do modo da criação dos Espíritos, isso não posso ministrar mais que um ensino muito limitado, em virtude da minha própria ignorância e também porque tenho ainda de me calar no que se refere a certas questões, se bem já me tenha sido permitido aprofundá-las.

Aos que desejem religiosamente conhecer e se mostrem humildes perante Deus, direi o seguinte, todavia, rogando a todos que não usem minhas palavras para nenhuma teoria prematura: o Espírito não chega a receber a iluminação divina — que lhe dá, simultaneamente com o livre-arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos — sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais a obra da sua individualização se elabora lentamente. Somente a partir do dia em que o Senhor lhe imprime na fronte o seu venerável tipo, o Espírito toma lugar no seio das humanidades.

Novamente peço: não construam sobre as minhas palavras os seus raciocínios, tão tristemente ilustres na história da Metafísica. Eu preferiria mil vezes calar-me sobre tão elevadas questões — que estão acima das nossas meditações ordinárias — a lhes expor a deformar o sentido de meu ensino e a lançar a vocês, por culpa minha, nos incompreensíveis labirintos do deísmo⁶⁹ ou do fatalismo.

⁶⁹ **Deísmo:** teoria que considera a razão como a única via capaz de nos assegurar da existência de Deus, rejeitando, para tal fim, as revelações, o ensinamento ou a prática de qualquer religião organizada – N. E.

OS SÓIS E OS PLANETAS

20. Sucedeu que, num ponto do Universo, perdido entre as miríades de mundos, a matéria cósmica se condensou sob a forma de imensa nebulosa, animada esta das leis universais que regem a matéria. Em virtude dessas leis — especialmente da força molecular de atração — ela tomou a forma de um esferoide, a única que pode assumir uma massa de matéria isolada no espaço.

O movimento circular produzido pela gravitação — rigorosamente igual, de todas as zonas moleculares em direção ao centro — logo modificou a esfera primitiva, a fim de conduzi-la à forma lenticular⁷⁰, de movimento em movimento (falamos do conjunto da nebulosa).

21. Novas forças surgiram em consequência desse movimento de rotação: a força centrípeta (que tende a reunir todas as partes rumo ao eixo da rotação) e a força centrífuga (que tende a afastar todas as partes a partir do centro). Ora, com o movimento em aceleração, à medida que a nebulosa se condensa, e aumentando o seu raio, à medida que ela se aproxima da forma lenticular, a força centrífuga (incessantemente desenvolvida por essas duas causas) predominou de pronto sobre a atração central.

Assim como um movimento bastante rápido da arma que dispara o projétil para bem longe, também a predominância da força centrífuga destacou o circo equatorial⁷¹ da nebulosa e desse anel se formou uma nova massa, isolada da primeira, mas, todavia, submetida ao seu império. Aquela massa conservou o seu movimento equatorial que, modificado, se tornou seu movimento de translação em torno do astro solar. Ao demais, o seu novo estado lhe dá um movimento de rotação em torno do próprio centro.

22. A nebulosa geratriz (que deu origem a esse novo mundo) condensou-se e retomou a forma esférica; mas, como o calor primitivo (desenvolvido por seus diversos movimentos) só se abrandasse com extrema lentidão, o fenômeno que acabamos de descrever se reproduzirá muitas vezes e durante longo período, enquanto a nebulosa não tenha se tornado bastante sólida para oferecer resistência eficaz às modificações de forma, que o seu movimento de rotação sucessivamente lhe imprime.

Então, ela não terá dado nascimento a um só astro, mas a centenas de mundos destacados do foco central, saídos dela pelo modo de formação mencionado acima. Ora, cada um de seus mundos — revestido, como o mundo primitivo, das forças naturais que presidem à criação dos universos — gerará sucessivamente novos globos que desde então gravitarão em seu torno, como ele, juntamente com seus irmãos, gravita em torno do foco que lhes deu existência e vida. Cada um desses mundos será um Sol, centro de um turbilhão de planetas sucessivamente destacados do seu equador. Esses planetas

⁷⁰ **Lenticular:** semelhante a uma lente, ou a um grão de lentilha, mais ou menos como uma esfera achatada. Diz-se galáxia lenticular aquela que se assemelha a essa forma – N. E.

⁷¹ **Equatorial:** que está em paralelo com a linha do equador, que é o eixo horizontal da Terra, dividindo o Globo em Hemisfério Norte e Hemisfério Sul – N. E.

receberão uma vida especial, particular, embora dependente do astro que os gerou.

23. Assim, os planetas são formados de massas de matéria condensada, porém, ainda não solidificada, destacadas da massa central pela ação de força centrífuga e que tomam a forma de esfera, mais ou menos elíptica, em virtude das leis do movimento, conforme o grau de fluidez que conservaram. Um desses planetas será a Terra que, antes de se resfriar e revestir de uma crosta sólida, dará nascimento à Lua, pelo mesmo processo de formação astral a que ela própria deveu a sua existência. Deste ponto em diante, a Terra é inscrita no livro da vida, berço de criaturas cuja fraqueza as asas da divina Providência protege, nova corda colocada na harpa infinita e que, no lugar que ocupa, tem de vibrar no concerto universal dos mundos.

OS SATÉLITES

24. Antes que as massas planetárias houvessem atingido um grau de resfriamento bastante a lhes operar a solidificação, massas menores (verdadeiros glóbulos líquidos) se desprenderam de algumas no plano equatorial — plano em que é maior a força centrífuga — e, por efeito das mesmas leis, adquiriram um movimento de translação em torno do planeta que as gerou, como sucedeu a estes com relação ao astro central que lhes deu origem.

Foi assim que a Terra deu nascimento à Lua (que tem massa menor⁷²), teve que sofrer um resfriamento mais rápido. Ora, as leis e as forças que presidiram ao fato de ela se destacar do equador terreno, e o seu movimento de translação no mesmo plano, agiram de tal sorte que esse mundo, em vez de revestir a forma de esfera, tomou a de um globo ovoide, isto é, a forma alongada de um ovo, com o centro de gravidade fixado na parte inferior.

25. As condições em que se efetuou a desagregação da Lua pouco lhe permitiram afastar-se da Terra e a obrigaram a se conservar eternamente suspensa no seu firmamento, como uma figura ovoide em que as partes mais pesadas formaram a face inferior voltada para a Terra e cujas partes menos densas lhe constituíram o vértice, se com essa palavra se designar a face que, do lado oposto à Terra, se eleva para o céu. É o que faz que esse astro nos apresente sempre a mesma face. Para melhor compreender-se o seu estado geológico, ele pode ser comparado a um globo de cortiça, tendo formada de chumbo a face voltada para a Terra.

Dáí, duas naturezas essencialmente diferentes na superfície do mundo lunar: uma, sem qualquer semelhança com o nosso, porque os seus corpos fluidos e etéreos são desconhecidos; a outra, leve em relação à Terra, porque

⁷² Calcula-se que a Terra seja 3,7 vezes maior que a Lua – N. E.

todas as substâncias menos densas se encaminharam para esse hemisfério. A primeira, perpetuamente voltada para a Terra, sem águas e sem atmosfera, a não ser, aqui e ali, nos limites desse hemisfério subterrestre; a outra, rica de fluidos, perpetuamente oposta ao nosso mundo.⁷³

26. O número e o estado dos satélites de cada planeta variam de acordo com as condições especiais em que eles se formaram. Alguns não deram origem a nenhum astro secundário, como se verifica com Mercúrio, Vênus e Marte⁷⁴, ao passo que outros, como a Terra, Júpiter, Saturno, etc., formaram um ou vários desses astros secundários.

27. Além de seus satélites ou luas, o planeta Saturno apresenta o fenômeno especial do anel que, visto de longe, parece cercá-lo de uma como auréola branca. De fato, esse anel é o resultado de uma separação que se operou no equador de Saturno, ainda nos tempos primitivos, do mesmo modo que uma zona equatorial se escapou da Terra para formar o seu satélite. A diferença consiste em que o anel de Saturno se formou em todas as suas partes de moléculas homogêneas, provavelmente já em certo estado de condensação, e dessa maneira pode continuar o seu movimento de rotação no mesmo sentido e em tempo quase igual ao do que anima o planeta. Se um dos pontos desse anel houvesse ficado mais denso do que outro, uma ou muitas aglomerações de substância se teriam subitamente operado e Saturno contaria muitos satélites a mais. Desde a época da sua formação, esse anel se solidificou, do mesmo modo que os outros corpos planetários.

OS COMETAS

28. Os cometas — os astros errantes⁷⁵, ainda mais do que os planetas, que conservaram a denominação etimológica — serão os guias que nos ajudarão a transpor os limites do sistema a que a Terra pertence e nos levarão às regiões longínquas da extensão sideral.

Mas, antes de explorarmos os domínios celestes, com o auxílio desses viajantes do Universo, será bom conhecermos o quanto for possível a natureza essencial deles e o papel que lhes cabe na organização planetária.

⁷³ Esta teoria da Lua — que é inteiramente nova — explica o motivo por que esse astro apresenta sempre a mesma face para a Terra, que é pela lei da gravitação. Tendo o centro de gravidade num dos pontos de sua superfície, em vez de estar no centro da esfera, e, em consequência disso, sendo atraído para a Terra por uma força maior do que a que atrai as partes mais leves, a Lua pode ser tida como uma dessas figuras chamadas vulgarmente **João-paulino**, que se levantam constantemente sobre a sua base, ao passo que os planetas, cujo centro de gravidade está a distâncias iguais da superfície, giram regularmente sobre o próprio eixo. Em virtude da sua leveza específica, os fluidos vivificantes, gasosos ou líquidos se encontrariam acumulados no hemisfério superior, perenemente oposto à Terra. O hemisfério inferior, o único que vemos, seria desprovido de tais fluidos e, por isso, impróprio à vida que, entretanto, reinaria no outro. Portanto, se o hemisfério superior é habitado, seus habitantes jamais viram a Terra, a menos que excursionem pelo outro, o que lhes seria impossível, desde que este carece das condições indispensáveis à vitalidade. Por muito racional e científica que seja essa teoria, como ainda não foi confirmada por nenhuma observação direta, somente pode ser aceita como hipótese e como ideia capaz de servir de base à Ciência. Porém, não podemos deixar de concordar que até ao presente é a única que dá uma explicação satisfatória das particularidades que apresenta o globo lunar — N. K.

⁷⁴ Marte deve ser excluído desta lista, pois logo mais em 1877 foram descobertos dois satélites (Fobos e Deimos) relativos a esse planeta — N. E.

⁷⁵ **Astros errantes** no sentido de não estarem estáticos e por vagarem fora da nossa órbita — N. E.

29. Alguns imaginam o nascimento de mundos nesses astros dotados de cabeleira, que no primitivo caos em que se acham, elaboram as condições de vida e de existência, que tocam em partilha às terras habitadas; outros imaginaram que esses corpos extraordinários eram mundos em estado de destruição e, para muitos, a estranha aparência que os cometas têm foi motivo de apreciações errôneas acerca da natureza deles, isso a tal ponto que não houve — inclusive na astrologia judiciária — quem não os considerasse como anunciadores de desgraças, conforme as determinações providenciais, enviados à Terra, que fica espantada e trememente.

30. A lei de variedade se aplica em tão larga escala nos trabalhos da Natureza, que é de se admirar que os naturalistas, os astrônomos e os filósofos tenham fabricado tantos sistemas para assimilar os cometas aos astros planetários e para somente verem neles astros em graus mais ou menos adiantados de desenvolvimento ou de degeneração. Entretanto, os quadros da Natureza deveriam bastar amplamente para afastar o observador da preocupação de investigar relações inexistentes e deixar aos cometas o papel de astros errantes, que é modesto, porém útil, que servem de exploradores aos impérios solares. Como os corpos celestes de que tratamos são coisa muito diversa dos corpos planetários; não são destinados a servir de habitação para as humanidades — como são os planetas. Vão sucessivamente de sóis em sóis, enriquecendo-se pelo caminho, às vezes de fragmentos planetários reduzidos ao estado de vapor, buscar, nos focos solares, os princípios vivificantes e renovadores que derramam sobre os mundos terrestres (Cap. IX, nº 12).

31. Se acompanhássemos pelo pensamento quando um desses astros se aproxima do nosso pequenino globo, para lhe atravessar a órbita e voltar ao seu apogeu⁷⁶ (que está situado a uma incalculável distância do Sol), para com ele visitar as províncias siderais, transporíamos a prodigiosa extensão de matéria etérea que separa o Sol das estrelas mais próximas e, observando os movimentos combinados desse astro, que se imaginaríamos estivesse perdido no deserto infinito, ainda aí encontraríamos uma prova eloquente da universalidade das leis da Natureza, que atuam a distâncias que nem a mais criativa imaginação pode conceber.

Aí, a forma elíptica toma a forma parabólica⁷⁷ e a marcha se torna tão lenta que o cometa não chega a percorrer mais que alguns metros, no mesmo tempo durante o qual, em seu perigeu⁷⁸, percorria muitos milhares de léguas. Talvez um sol mais poderoso — mais importante do que o que ele acaba de deixar — exerça sobre esse cometa uma atração preponderante e o receba na categoria de seus súditos. Então, na pequenina Terra, as crianças espantadas lhe aguardarão o retorno em vão, conforme haviam calculado ao se basear em

⁷⁶ **Apogeu:** em astronomia, é o ponto mais afastado em que um satélite (como a lua e os cometas) se coloca em relação à Terra – N. E.

⁷⁷ **Forma parabólica:** forma de uma parábola, de iguais distâncias entre dois pontos dispersos em relação a determinado ponto fixo – N. E.

⁷⁸ **Perigeu:** oposto de apogeu, ponto da órbita de um astro (como um cometa) mais próximo da Terra – N. E.

observações incompletas. Nesse caso, nós — que acompanhamos o cometa errante (pelo pensamento) a essas regiões desconhecidas — depararemos com uma nação nova, que os olhares terrenos não podem encontrar, inimaginável para os Espíritos que habitam a Terra, inconcebível mesmo para as suas mentes, porque ela será teatro de inexploradas maravilhas.

Chegamos ao mundo astral, nesse mundo deslumbrante dos vastos sóis que irradiam pelo espaço infinito e que são as flores brilhantes do magnífico jardim da criação. Lá chegando, apenas saberemos o que é a Terra.

A VIA-LÁCTEA

32. Pelas belas noites estreladas e sem luar, todo mundo tem contemplado essa faixa esbranquiçada que atravessa o céu de uma extremidade a outra e que os antigos chamaram de **Via láctea**, por motivo da sua aparência leitosa. O olho do telescópio tem longamente explorado esse vasto clarão nos tempos modernos; essa estrada de poeira de ouro, esse regato de leite da mitologia antiga se transformou num vasto campo de inconcebíveis maravilhas. As pesquisas dos observadores conduziram ao conhecimento da sua natureza e revelaram que, ali, onde o olhar errante apenas percebia uma fraca luminosidade, há milhões de sóis mais luminosos e mais importantes do que o que nos clareia a Terra.

33. De fato, a Via Láctea é uma campina pintada de flores solares e planetárias, que brilham em toda a sua enorme extensão. O nosso Sol e todos os corpos que o acompanham fazem parte desse conjunto de globos radiosos que formam a Via Láctea. Porém, apesar das suas proporções gigantescas em comparação à Terra e à grandeza do seu império, o Sol ocupa inapreciável lugar em tão imensa criação. Podemos contar por uma trintena de milhões os sóis que gravitam à sua semelhança nessa imensa região, afastados uns dos outros de mais de cem mil vezes o raio da órbita terrestre.⁷⁹

34. Por esse cálculo de aproximação podemos julgar a extensão de tal região sideral e da relação que existe entre o nosso sistema planetário e a universalidade dos sistemas que ela contém. Podemos igualmente julgar a pequenez do domínio solar e, de maneira mais precisa, do nada que é a nossa miúda Terra. Que dizer então dos seres que povoam este planeta!

Digo “do nada” porque as nossas determinações se aplicam não só à extensão material, física, dos corpos que estudamos — o que seria pouco — mas, também e, sobretudo, ao estado moral deles como habitação e ao grau que ocupam na eterna hierarquia dos seres. A criação se mostra aí em toda a sua majestade, produzindo e propagando as manifestações da vida e da inteligência em torno do mundo solar e em cada um dos sistemas que o rodeiam por todos os lados.

⁷⁹ Mais de 3 trilhões e 400 bilhões de léguas – N. K.

35. Assim, ficamos conhecendo a posição ocupada pelo nosso Sol e nossa Terra no mundo das estrelas. Estas considerações ganharão peso maior ainda se refletirmos sobre o estado mesmo da Via Láctea que, na imensidade das criações siderais, não representa mais do que um ponto insensível e inapreciável, vista de longe, porque ela não é mais do que uma nebulosa estelar, entre os milhões das que existem no espaço. Se ela nos parece mais vasta e mais rica do que outras, é pela única razão de que nos cerca e se desenvolve em toda a sua extensão sob os nossos olhares, ao passo que as outras, sumidas nas profundezas insondáveis, mal se deixam entrever.

36. Ora, sabendo que no sistema solar a Terra não é nada, ou quase nada; que este nada é, ou quase nada, na Via Láctea; esta por sua vez, nada, ou quase nada, na universalidade das nebulosas e essa própria universalidade bem pouca coisa dentro do imensurável infinito, começamos a compreender o que é o globo terrestre.

AS ESTRELAS FIXAS

37. As estrelas chamadas “fixas” e que constelam os dois hemisférios do firmamento não se acham totalmente isentas de qualquer atração exterior — como geralmente se supõe. Longe disso: todas elas pertencem a uma mesma aglomeração de astros estelares, aglomeração que não é senão a grande nebulosa de que fazemos parte e cujo plano equatorial, projetado no céu, recebeu o nome de Via Láctea. Todos os sóis que a constituem são solidários; suas múltiplas influências reagem perpetuamente umas sobre as outras e a gravitação universal as agrupa todas numa mesma família.

38. Esses diversos sóis estão na sua maioria como o nosso, cercados de mundos secundários, que eles iluminam e fertilizam por intermédio das mesmas leis que presidem à vida do nosso sistema planetário. Uns como Sírio, são milhares de milhões de vezes mais grandiosos e magnificentes em dimensões e em riquezas do que o nosso Sol e muito mais importante é o papel que desempenham no Universo. Também planetas em muito maior número e muito superiores aos nossos cercam esses sóis. Outros são muito diferentes pelas suas funções astrais. É assim que certo número desses sóis — verdadeiros gêmeos da ordem sideral — são acompanhados de seus irmãos da mesma idade, e formam, no espaço, sistemas binários, aos quais a Natureza concedeu funções inteiramente diversas das atribuições que cabem ao nosso Sol.⁸⁰ Lá, os anos não se medem pelos mesmos períodos, nem os dias pelos mesmos sóis e esses

⁸⁰ É o que a Astronomia dá o nome de “estrelas duplas”. São dois sóis, um dos quais gira em torno do outro, como um planeta em torno do seu sol. Que magnífico espetáculo desfrutam os habitantes dos mundos que formam esses sistemas iluminados por duplo sol! Mas também, o quanto não será diferente as condições de vida neles!

Numa comunicação dada posteriormente, o Espírito Galileu acrescentou: “Há mesmo sistemas ainda mais complicados, em que diferentes sóis desempenham o papel de satélites, uns com relação a outros. Produzem-se então maravilhosos efeitos de luz para os habitantes dos globos que tais sóis iluminam, tanto mais quanto, apesar da aparente proximidade em que se encontram uns dos outros, mundos habitados podem circular entre eles e receber alternativamente as ondas de luz diversamente coloridas, cuja reunião recompõe a luz branca.” — N. K.

mundos, iluminados por um duplo facho, foram dotados de condições de existência inimagináveis por parte dos que ainda não saíram deste pequenino mundo terrestre.

Outros astros, sem satélites acompanhantes e sem planetas, receberam elementos de sobrevivência de vida melhores do que os conferidos a qualquer dos demais. Na sua imensidade, as leis da Natureza se diversificam e, se a unidade é a grande expressão do Universo, a variedade infinita é igualmente seu eterno atributo.

39. Apesar do espantoso número dessas estrelas e de seus sistemas, apesar das distâncias incomensuráveis que as separam, todas elas pertencem à mesma nebulosa estelar que os mais possantes telescópios mal conseguem atravessar e que as concepções da mais ousada imaginação apenas conseguem avistar, nebulosa que, entretanto, é simplesmente uma unidade na ordem das nebulosas que compõem o mundo astral.

40. As estrelas chamadas fixas não estão imóveis na amplidão. As constelações que se figuraram na abóbada do firmamento não são reais criações simbólicas. A distância delas em relação à Terra e a perspectiva sob a qual se mede, a partir da estação terrena, o Universo, constituem as duas causas dessa dupla ilusão de óptica (ver capítulo V, nº 12).

41. Vimos que a totalidade dos astros que cintilam na cúpula azulada se acha contida numa aglomeração cósmica, numa mesma nebulosa a que chamam Via Láctea. Mas, por todos pertencerem ao mesmo grupo, não se segue que esses astros não estejam todos animados de movimento de translação no espaço, cada um com o seu. Em parte nenhuma existe o repouso absoluto. Eles são regidos pelas leis universais da gravitação e rolam no espaço ilimitado sob a impulsão incessante dessa força imensa. Rolam, não segundo roteiros traçados pelo acaso, mas segundo órbitas fechadas, cujo centro um astro superior ocupa. Para tornar mais compreensíveis as minhas palavras, falarei por meio de um exemplo, de modo especial do seu Sol.

42. Em consequência de modernas observações, sabemos que ele não é fixo, nem central, como se acreditava nos primeiros tempos da nova Astronomia; que avança pelo espaço, arrastando consigo o seu vasto sistema de planetas, de satélites e de cometas.

Ora, esta marcha não é fortuita e ele não vai vagando pelos vácuos infinitos a transviar seus filhos e seus súditos, longe das regiões que lhe estão assinadas. Não, sua órbita é determinada e, em concorrência com outros sóis da mesma ordem e rodeados todos de certo número de terras habitadas, ele gravita em torno de um sol central. Seu movimento de gravitação, como o dos sóis seus irmãos, é inapreciável a observações anuais, porque somente grande número de períodos seculares seriam suficientes para marcar um desses anos astrais.

43. O sol central, de que acabamos de falar, também é um globo de segunda ordem em relação a outro ainda mais importante, ao redor do qual ele perpetua uma marcha lenta e compassada, na companhia de outros sóis da mesma ordem.

Poderíamos comprovar esta subordinação sucessiva de sóis a sóis, até sentirmos cansada a imaginação de subir através de tal hierarquia, pois, não nos esqueçamos que, em números redondos, podemos contar na Via Láctea uma trintena de milhões de sóis, subordinados uns aos outros, como rodas gigantescas de uma engrenagem imensa.

44. E esses astros, em números incontáveis, vivem vida solidária. Assim como na organização do seu mundinho terrestre nada se acha isolado, também no incalculável Universo nada está isolado.

De longe, ao olhar investigador do filósofo que pudesse alcançar o quadro que o espaço e o tempo desdobram, esses sistemas de sistemas pareceriam uma poeira de grãos de ouro levantada em turbilhão pelo sopro divino, que faz os mundos siderais voar nos céus, como voam os grãos de areia no lombo do deserto.

Não há imobilidade em parte nenhuma, nem silêncio, nem noite! Então, o grande espetáculo que se desdobraria ante nossos olhos seria a criação real, imensa e cheia da vida etérea, que no seu formidável conjunto o olhar infinito do Criador abrange.

Mas, até aqui, temos falado de uma única nebulosa, que com os milhões de sóis, e os seus milhões de terras habitadas, forma apenas uma ilha no arquipélago infinito — como já dissemos.

OS DESERTOS DO ESPAÇO

45. Sem limites, um inimaginável deserto se estende para lá da aglomeração de estrelas de que vimos tratar e a envolve. Solidões sucedem solidões e incomensuráveis planícies do vácuo se distendem pela amplidão espaço a fora. Os amontoados de matéria cósmica se encontram isolados no espaço como ilhas flutuantes de enormíssimo arquipélago. Se de alguma forma quisermos apreciar a distância enorme que separa o aglomerado de estrelas de que fazemos parte, dos outros aglomerados mais próximos, precisamos saber que essas ilhas estelares se encontram espalhadas e raras no vastíssimo oceano dos céus, e que a extensão que separa umas das outras, é incomparavelmente maior do que as que lhes medem as respectivas dimensões.

Ora, como já vimos, a nebulosa estelar mede em números redondos mil vezes a distância das estrelas mais aproximadas, tomada por unidade essa distância, isto é, alguns cem mil trilhões de léguas. A distância que existe entre elas, sendo muito mais vasta, não poderia ser expressa por números acessíveis à compreensão do nosso espírito. Só a imaginação — em suas concepções mais altas — é capaz de transpor tão fabulosa imensidade, essas solidões mudas e

baldas de toda aparência de vida, e de encarar, de certa maneira, a ideia dessa infinidade relativa.

46. Todavia, a visão e o poder infinito do Altíssimo abrangem esse deserto celeste que envolve o nosso universo sideral e que parece estender-se como sendo os afastados confins do nosso mundo astral, que, além desses céus dos nossos céus, desenvolveu a trama da sua criação ilimitada.

47. Com efeito, além de tão vastas solidões, mundos rebrilham em sua magnificência, tanto quanto nas regiões acessíveis às investigações humanas; para lá desses desertos, esplêndidos oásis vagam no éter límpido, que sem cessar, renovam as cenas admiráveis da existência e da vida. Sucodem-se lá os agregados longínquos de substância cósmica, que o profundo olhar do telescópio percebe através das regiões transparentes do nosso céu e a que dais o nome de **nebulosas irresolúveis**, as quais lhes parecem ligeiras nuvens de poeira branca — perdidas num ponto desconhecido do espaço etéreo. Lá, novos mundos se revelam e se desdobram, cujas condições variadas e diversas das que são peculiares ao seu globo lhes dão uma vida que as concepções humanas não podem imaginar, nem os seus estudos podem comprovar. É lá que em toda a sua plenitude resplandece o poder criador. Àquele que vem das regiões que o seu sistema ocupa, outras leis se deparam em ação e cujas forças regem as manifestações da vida. E os novos caminhos que se apresentam a nós em tão singulares regiões abrem-nos surpreendentes perspectivas.⁸¹

⁸¹ Em Astronomia, é dado o nome de **nebulosas irresolúveis** àquelas em cujo seio ainda se não puderam distinguir as estrelas que as compõem. A princípio, foram consideradas acervos de matéria cósmica em vias de condensação para formar mundos; hoje, porém, geralmente se entende que essa aparência é devida ao afastamento e que, com instrumentos bastante poderosos, todas seriam **resolúveis**.

Uma comparação familiar pode dar ideia — embora muito imperfeita —, das **nebulosas resolúveis**: são os grupos de centelhas projetadas pelas bombas dos fogos de artifício, no momento de explodirem. Cada uma dessas centelhas figurará uma estrela e o conjunto delas a nebulosa, ou grupo de estrelas reunidas num ponto do espaço e submetidas a uma lei comum de atração e de movimento. Vistas de certa distância, mal se distinguem essas centelhas, tendo o grupo por elas formado a aparência de uma nuvenzinha de fumaça. Esta comparação não seria exata se fossem tratadas de massas de matéria cósmica condensada.

A nossa Via Láctea é uma dessas nebulosas. Conta perto de 30 milhões de estrelas ou sóis que ocupam nada menos de algumas centenas de trilhões de léguas de extensão e, entretanto, não é a maior. Suponhamos uma média de 20 planetas habitados circulando em torno de cada sol: teremos 600 milhões de mundos só para o nosso grupo.

Se nos pudéssemos transportar da nossa nebulosa para outra, aí estaríamos como em meio da nossa Via Láctea, porém com um céu estrelado de aspecto inteiramente diverso e este, apesar das suas dimensões colossais, nos pareceria de longe um pequeno floco lenticular perdido no infinito. Mas, antes de atingirmos a nova nebulosa, seríamos iguais a um viajante que deixa uma cidade e percorre vasto país inabitado, antes que chegue a outra cidade. Teríamos transposto incommensuráveis espaços desprovidos de estrelas e de mundos, o que Galileu denominou os desertos do espaço. À medida que avançássemos, veríamos a nossa nebulosa afastar-se atrás de nós, diminuindo de extensão às nossas vistas, ao mesmo tempo em que se apresentaria diante de nós aquela para a qual nos dirigíssemos, cada vez mais distinta, semelhante à massa de centelhas de bomba de fogos de artifício. Transportando-nos pelo pensamento às regiões do espaço além do **arquipélago** da nossa nebulosa, veremos em torno de nós milhões de arquipélagos semelhantes e de formas diversas contendo cada um milhões de sóis e centenas de milhões de mundos habitados.

Tudo o que nos possa identificar com a imensidade da extensão e com a estrutura do Universo é de utilidade para a ampliação das ideias, tão restringidas pelas crenças vulgares. Deus amplia aos nossos olhos, à medida que melhor compreendemos a grandeza de suas obras e nossa pequenez. Como se vê, estamos longe da crença que a Gênese de Moisés implantou e que fez da nossa pequenina e imperceptível Terra a criação principal de Deus e dos seus habitantes os únicos objetos da sua solicitude. Compreendemos a vaidade dos homens que creem que tudo no Universo foi feito para eles e dos que ousam discutir a existência do Ente supremo. Dentro de alguns séculos, causará espanto que uma religião feita para glorificar a Deus o tenha rebaixado a tão mesquinhos proporções e que haja repellido, como concepção do espírito do mal, as descobertas que somente vieram aumentar a nossa admiração pela sua onipotência, iniciando-nos nos grandiosos mistérios da criação. Ainda maior será o espanto, quando souberem que elas foram repelidas porque emancipariam a inteligência dos homens e tirariam a preponderância dos que se diziam representantes de Deus na Terra — N. K.

ETERNA SUCESSÃO DOS MUNDOS

48. Vimos que uma única lei primordial e geral foi concedida ao Universo para lhe assegurar eternamente a estabilidade, e que essa lei geral é perceptível aos nossos sentidos por muitas ações particulares que nomeamos forças diretrizes da Natureza. Vamos agora mostrar que a harmonia do mundo inteiro — considerada sob o duplo aspecto da eternidade e do espaço — é garantida por essa lei suprema.

49. De fato, se retornarmos à origem primária das aglomerações da substância cósmica primitivas, notaremos então que a matéria já sofre as transformações necessárias, sob o império dessa lei, que levam da semente ao fruto maduro, e que, sob a impulsão das diversas forças nascidas dessa lei, ela percorre a escala das revoluções periódicas. Primeiramente, centro fluídico dos movimentos; em seguida, gerador dos mundos; mais tarde, núcleo central e atrativo das esferas que lhe nasceram do seio.

Já sabemos que essas leis presidem à história do Cosmo; o que agora importa saber é que elas presidem igualmente à destruição dos astros, porque a morte não é apenas uma metamorfose do ser vivo, mas também uma transformação da matéria inanimada. Se, em sentido literal, é certo dizermos que a vida só é acessível diante da morte, não é menos certo dizermos que para a substância é de toda necessidade sofrer as transformações próprias à sua composição.

50. Temos aqui um mundo que, desde o primitivo berço, percorreu toda a extensão dos anos que a sua organização especial lhe permitia percorrer. O foco interior da existência para ele acabou e seus elementos perderam a virtude inicial; os fenômenos da Natureza necessários para se produzirem, a presença e a ação das forças destinadas a esse mundo, já não mais podem se produzir, porque a alavanca da atividade delas já não dispõe do ponto de apoio que lhe era indispensável.

Ora, será que essa terra extinta e sem vida vai continuar a gravitar nos espaços celestes sem uma finalidade e passar como cinza inútil pelo vendaval dos céus? Será que permanece inscrita no livro da vida universal, agora que já se tornou letra morta e vazia de sentido? Não. As mesmas leis que a elevaram acima do caos tenebroso e que a presentearam com os esplendores da vida, as mesmas forças que a governaram durante os séculos da sua adolescência, que lhe firmaram os primeiros passos na existência e que a conduziram à idade madura e à velhice, vão também presidir à desagregação de seus elementos constitutivos, a fim de restituí-los ao laboratório onde a potência criadora absorve incessantemente as condições da estabilidade geral. Esses elementos vão retornar à massa comum do éter, para se assimilarem a outros corpos, ou para regenerarem outros sóis. E a morte não será um acontecimento inútil, nem para a Terra que consideramos, nem para suas irmãs. Ela renovará outras criações de natureza diferente noutras regiões e, lá onde os sistemas de

mundos se desvaneceram, em breve renascerá outro jardim de flores mais brilhantes e mais perfumadas.

51. Desse modo, a eternidade real e efetiva do Universo se acha garantida pelas mesmas leis que dirigem as operações do tempo. Desse modo, mundos sucedem a mundos, sóis a sóis, sem que o imenso mecanismo dos vastos céus jamais seja atingido nas suas gigantescas molas.

Onde os seus olhos admiram esplêndidas estrelas na abóbada da noite, onde o espírito humano contempla irradiações magníficas que resplandecem nos espaços distantes, há muito tempo que o dedo da morte suplantou esses esplendores, há muito tempo que o vazio sucedeu a esses deslumbramentos e já recebem mesmo novas criações ainda desconhecidas. A distância imensa a que se encontram esses astros — por efeito da qual a luz que nos enviam gasta milhares de anos a chegar até nós — faz com que somente hoje recebamos os raios que eles nos enviaram longo tempo antes da criação da Terra e com que ainda os admiremos durante milhares de anos após a sua desapareição real.⁸²

Que são os seis mil anos da humanidade histórica, diante dos períodos dos séculos, segundos os séculos na Terra? Que são as observações astronômicas humanas diante do estado absoluto do mundo? A sombra eclipsada pelo Sol.

52. Logo, vamos reconhecer aqui como nos nossos outros estudos, que a Terra e o homem não são nada em comparação com o que existe e que as mais colossais operações do nosso pensamento ainda se estendem apenas sobre um campo imperceptível, diante da imensidade e da eternidade de um universo que nunca terá fim.

E quando esses períodos da nossa imortalidade tiverem passado sobre nossas cabeças, quando a história atual da Terra nos aparecer qual sombra vaporosa no fundo da nossa lembrança; quando, durante séculos incontáveis, tivermos habitado esses diversos degraus da nossa hierarquia cosmológica; quando os mais distantes domínios das idades futuras tiverem sido examinados por nós em inúmeras peregrinações, teremos diante de nós a sucessão ilimitada dos mundos e por perspectiva a eternidade imóvel.

A VIDA UNIVERSAL

53. Essa imortalidade das almas, tendo por base o sistema do mundo físico, pareceu imaginária a certos pensadores prevenidos; qualificaram-na ironicamente de imortalidade viajora⁸³ e não compreenderam que só ela é

⁸² Há aqui um efeito do tempo que a luz gasta para atravessar o espaço. Sendo que a sua velocidade é de 70 mil léguas por segundo, ela nos chega do Sol em 8 minutos e 13 segundos. Daí resulta que, se um fenômeno se passa na superfície do Sol, não o percebemos senão 8 minutos mais tarde e, pela mesma razão, ainda o veremos 8 minutos depois de seu fim. Se, em virtude do seu afastamento, a luz de uma estrela consome mil anos para chegar a nós, só mil anos depois da sua formação veremos essa estrela. (para explicação e descrição completa desse fenômeno, ver *REVISTA ESPÍRITA* de março e maio de 1867, resenha de *Lumen*, por Camille Flammarion) – N. K.

⁸³ *Viajora*: relativo à viagem, aquela que viaja, que é passageira – N. E.

verdadeira diante do espetáculo da criação. Entretanto, podemos tornar compreensível toda a sua grandeza, quase diríamos “toda a sua perfeição”.

54. Que as obras de Deus sejam criadas para o pensamento e a inteligência; que os mundos sejam moradas de seres que as contemplam e lhes descobrem, sob o véu, o poder e a sabedoria daquele que as formou, são questões que já nos não oferecem dúvida; mas, o que importa saber é que as almas que as povoam sejam solidárias.

55. Com efeito, a inteligência humana encontra dificuldade em considerar esses globos radiosos que brilham na amplidão como simples massas de matéria sem movimento e sem vida. Custa a ele pensar que nessas regiões distantes não haja magníficos crepúsculos e noites esplendorosas, sóis férteis e dias transbordantes de luz, vales e montanhas, onde as produções múltiplas da Natureza desenvolvam toda a sua luxuriante pompa. Custa imaginar, digo, que o espetáculo divino em que a alma pode retemperar-se como em sua própria vida, seja farto da existência e carente de qualquer ser pensante que o possa conhecer.

56. Mas, a essa ideia eminentemente justa da criação, faz-se necessário acrescentar a da humanidade solidária e é nisso que consiste o mistério da eternidade futura.

Uma mesma família humana foi criada na universalidade dos mundos e os laços de uma fraternidade que ainda não sabem apreciar foram postos a esses mundos. **Se os astros que se harmonizam em seus vastos sistemas são habitados por inteligências, não são assim por seres desconhecidos uns dos outros, mas ao contrário, por seres que trazem marcado na fronte o mesmo destino, que hão de se encontrar temporariamente, segundo suas funções de vida, e se encontrar de novo, segundo suas mútuas simpatias.** É a grande família dos Espíritos que povoam as terras celestes; é a grande irradiação do Espírito divino que abrange a extensão dos céus e que permanece como tipo primitivo e final da perfeição espiritual.

57. Por causa dessa estranha aberração, temos acreditado que fosse preciso negar à imortalidade as vastas regiões do éter, quando a continham dentro de um limite inadmissível e de uma dualidade absoluta? O verdadeiro esquema do mundo deveria então vir antes da verdadeira doutrina dogmática e a Ciência anteceder à Teologia? Esta se transviará tanto que irá colocar sua base sobre a Metafísica? A resposta é fácil e mostra que a nova filosofia se sentará triunfante nas ruínas da antiga, porque sua base terá sido erguida vitoriosa sobre os antigos erros.

DIVERSIDADE DOS MUNDOS

58. Acompanhando-nos em nossas excursões celestes, vocês visitaram conosco

as regiões imensas do espaço. Debaixo das nossas vistas, os sóis sucederam aos sóis, os sistemas aos sistemas, as nebulosas às nebulosas; diante dos nossos passos, desenrolou-se o panorama esplêndido da harmonia do Cosmo e antegozamos a ideia do infinito, que somente de acordo com a nossa perfectibilidade futura poderemos compreender em toda a sua extensão. Os mistérios do éter nos desvendaram o seu enigma até aqui indecifrável e, pelo menos, concebemos a ideia da universalidade das coisas. Devemos agora passar a refletir.

59. Sem dúvida, é belo termos reconhecido o quanto a Terra é insignificante e o quanto é medíocre a sua importância na ordem dos mundos; é belo haver abatido a presunção humana, que nos é tão cara, e termos nos humilhado diante a grandeza absoluta; no entanto, ainda mais belo será interpretarmos em sentido moral o espetáculo de que fomos testemunhas. Quero falar do poder infinito da Natureza e da ideia que devemos fazer do seu modo de ação nos diversos domínios do vasto Universo.

60. Como estamos acostumados a julgar as coisas pela nossa insignificante e pobre habitação, imaginamos que a Natureza só pode ou só teve de agir sobre os outros mundos conforme suas regras que conhecemos na Terra. Ora, precisamente neste ponto é que importa reformar nossa maneira de ver.

Lancem o olhar por um instante sobre uma região qualquer seu mundo e sobre uma das produções da natureza terrena. Não reconhecerão aí o cunho de uma variedade infinita e a prova de uma atividade sem igual? Não podem ver na asa de um passarinho das Canárias, na pétala de um botão de rosa entreaberto a prestigiosa fertilidade dessa bela Natureza?

Apliquem os seus estudos aos seres que voam nos ares, desçam eles à violeta dos prados, mergulhem nas profundezas do oceano, em tudo e por toda a parte encontrarão esta verdade universal: A Natureza onipotente age conforme os lugares, os tempos e as circunstâncias; ela é una em sua harmonia geral, mas múltipla em suas produções; brinca com um Sol, como com uma gota d'água; povoa de seres vivos um mundo imenso com a mesma facilidade com que faz se abra o ovo posto pela borboleta.

61. Ora, se é assim a variedade que a Natureza nos permite evidenciar em todos os sítios deste pequeno mundo tão acanhado e tão limitado, quanto mais ampliado não devem considerar esse modo de ação, ponderando nas perspectivas dos mundos enormes! Quanto mais desenvolvida e robusta não devem reconhecer a Natureza, operando nesses mundos maravilhosos que atestam sua inapreciável perfeição, muito mais do que a Terra!

Então, não vejam em torno de cada um dos sóis do espaço, apenas sistemas planetários semelhantes ao seu sistema planetário; não vejam nesses planetas desconhecidos apenas os três reinos que se passeiam ao seu derredor. Ao contrário, pensem que, assim como nenhum rosto de homem se assemelha a outro rosto em todo o gênero humano, também uma portentosa e inimaginável

diversidade se acha espalhada pelas moradas eternas que vigoram no seio dos espaços.

Do fato de que a sua natureza animada começa no zoófito⁸⁴ para terminar no homem, de que a atmosfera alimenta a vida terrestre, de que o elemento líquido a renova incessantemente, de que as suas estações fazem que nessa vida os fenômenos que as diferenciem se sucedam, não conclua que os milhões e milhões de terras que rolam pela amplidão sejam semelhantes à que ora habitam. Longe disso, aquelas diferem, de acordo com as diversas condições que lhes foram prescritas e de acordo com o papel que a cada uma coube no cenário do mundo. São pedrarias variadas de um imenso mosaico, as diversificadas flores de admirável parque.

Nota da adaptação: a autoria deste capítulo é atribuída ao Espírito Galileu Galilei, por intermédio do memorável Camille Flammarion, reconhecido astrônomo francês e amigo íntimo de Allan Kardec.

⁸⁴ **Zoófito:** comum a diversos invertebrados, como as gorgônias, que se parecem com plantas por possuírem crescimento ramificado e viverem fixos ao substrato – N. E.

CAPÍTULO VII

ESBOÇO GEOLÓGICO DA TERRA

- PERÍODOS GEOLÓGICOS
 - ESTADO PRIMITIVO DO GLOBO
 - PERÍODO PRIMÁRIO
 - PERÍODO DE TRANSIÇÃO
 - PERÍODO SECUNDÁRIO
 - PERÍODO TERCIÁRIO
 - PERÍODO DILUVIANO
 - PERÍODO PÓS-DILUVIANO, OU ATUAL.
- NASCIMENTO DO HOMEM

PERÍODOS GEOLÓGICOS

1. A Terra conserva em si os traços evidentes da sua formação. Suas fases lhe acompanham com precisão matemática, nos diferentes terrenos que compõem a sua estrutura. O conjunto desses estudos forma a ciência chamada **Geologia**, ciência nascida deste século (XIX) e que projetou luz sobre a tão controvertida questão da origem do globo terreno e da dos seres vivos que habitam nele. Neste ponto, não há simples hipótese; há o resultado rigoroso da observação dos fatos e, diante dos fatos, nenhuma dúvida se justifica. A história da formação da Terra está escrita nas camadas geológicas, de maneira bem mais certa do que nos livros preconcebidos, porque é a própria Natureza que fala e se revela, e não a imaginação dos homens a criar teorias. Desde que notemos traços de fogo, podemos dizer com certeza que houve fogo ali; onde vemos os rastros da água, podemos dizer que a água esteve ali; desde que observemos os de animais, podemos dizer que aí viveram animais.

Portanto, a Geologia é uma ciência toda de experiências; só tira deduções do que vê; nada afirma sobre os pontos duvidosos; não emite opiniões discutíveis, por esperar de observações mais completas a solução procurada. **Sem as descobertas da Geologia — como sem as da Astronomia — a Gênese do mundo ainda estaria nas trevas da lenda.** Graças a elas, o homem conhece hoje a história da sua habitação, e a estrutura de fábulas que lhe rodeavam o berço desmoronou para não mais tornar a se erguer.

2. Em todos os terrenos onde existam valas, escavações naturais ou praticadas pelo homem, nota-se o que chamamos **estratificações**, isto é, camadas superpostas. Os que apresentam essa disposição se designam pelo nome de **terrenos estratificados**. Essas camadas, de espessura que varia desde alguns centímetros até 100 metros e mais, se distinguem entre si pela cor e pela natureza das substâncias de que se compõem. Os trabalhos de arte, a perfuração de poços, a exploração de pedreiras e, sobretudo, de minas permitiram observá-las até grande profundidade.

3. Em geral, as camadas são homogêneas, isto é, cada uma constituída da mesma substância, ou de substâncias diversas, mas que existiram juntas e formaram um conjunto compacto. A linha de separação que as isola umas das outras é sempre nitidamente sulcada, como nas fiadas de uma construção. Em nenhuma parte se apresentam misturadas e sumidas umas nas outras, nos pontos de seus respectivos limites, como se dá, por exemplo, com as cores do prisma e do arco-íris.

Por essas características, reconhecemos que elas se formaram sucessivamente, depositando-se uma sobre outra, em condições e por causas diferentes. As mais profundas são naturalmente as que se formaram em primeiro lugar, tendo-se formado posteriormente as mais superficiais. A última de todas — a que se acha na superfície — é a camada da terra vegetal, que deve suas propriedades aos detritos de matérias orgânicas provenientes das plantas e dos animais.

4. As camadas inferiores, colocadas abaixo da camada vegetal, receberam em geologia o nome de **rochas**, palavra que, nesse sentido, nem sempre implica a ideia de uma substância pedrosa, significando antes um leito ou banco feito de uma substância mineral qualquer. Umas são formadas de areia, de argila ou de terra argilosa, de marna, de seixos rolados; outras o são de pedras propriamente ditas, mais ou menos duras, tais como os grés, os mármore, a cré, os calcários ou pedras calcárias, as pedras molaes, ou carvões de pedra, os asfaltos, etc. Diz-se que uma rocha é mais ou menos possante, conforme é mais ou menos considerável a sua espessura.

Mediante o exame da natureza dessas rochas ou camadas, reconhecemos por sinais certos que umas vêm de matérias fundidas e às vezes vitrificadas sob a ação do fogo; outras, de substâncias terrosas postas pelas águas; algumas de tais substâncias se conservaram desagregadas, como as areias; outras, a princípio em estado pastoso, sob a ação de certos agentes químicos ou por outras causas, endureceram e adquiriram, com o tempo, a consistência da pedra. Os bancos de pedras superpostas denunciam depósitos sucessivos. Evidentemente, o fogo e a água participaram da formação dos materiais que compõem o sistema sólido do globo terráqueo.

5. A posição normal das camadas terrosas ou pedregosas, provenientes de depósitos aquosos, é a horizontal. Ao vermos essas planícies imensas, que por

vezes se estendem a perder de vista, de perfeita horizontalidade, lisas como se as tivessem nivelado com um rolo compressor, ou esses vales profundos, tão planos como a superfície de um lago, podemos estar certos de que, em época mais ou menos afastada, tais lugares estiveram por longo tempo cobertos de águas tranquilas que ao se retirarem deixaram a seco as terras que elas depositaram enquanto ali permaneceram. Retiradas as águas, essas terras se cobriram de vegetação. Se, em vez de terras gordas, limosas, argilosas, ou marnosas, próprias a assimilar os princípios nutritivos, as águas apenas depositaram areias silicosas, sem agregação, temos as planícies arenosas que constituem as charnecas e os desertos, dos quais nos podem dar pequena ideia os depósitos que ficam das inundações parciais e os que formam os barros na embocadura dos rios.

6. Embora a posição horizontal seja a mais generalizada e a que normalmente assumem as formações aquosas, não é raro vermos rochas duras nos países montanhosos e em extensões bem grandes, cuja natureza indica que foram formadas em posição inclinada e, até por vezes, vertical. Ora, como segundo as leis de equilíbrio dos líquidos e da gravidade, os depósitos aquosos somente podem formar-se em planos horizontais, pois os que se formam sobre planos inclinados são arrastados pelas correntes e pelo próprio peso para as baixadas, evidente se torna que tais depósitos foram levantados por uma força qualquer, depois de se terem solidificado ou transformado em pedras.

Certamente, destas considerações podemos concluir que todas as camadas pedrosas que, provindo de depósitos aquosos, se encontram em posição perfeitamente horizontal, foram formadas, durante séculos, por águas tranquilas e que, todas as vezes que se achem em posição inclinada, o solo foi convulsionado e deslocado posteriormente, por subversões gerais ou parciais, mais ou menos consideráveis.

7. Um fato característico e da mais alta importância, pelo testemunho irrecusável que oferece, consiste no fato de existirem, e em quantidades enormes, despojos *fósseis* de animais e vegetais dentro das diferentes camadas. Como esses despojos se encontram até nas mais duras pedras, haveremos de concluir que a existência de tais seres é anterior à formação das referidas pedras. Ora, se levarmos em conta o prodigioso número de séculos que foram necessários para que seu endurecimento se produzisse e para que elas alcançassem o estado em que se acham desde tempos imemoriais, obrigatoriamente chegamos à conclusão de que o aparecimento de seres vivos na Terra se perde na noite das idades e consequentemente é muito anterior à data que a Gênese assinala.⁸⁵

⁸⁵ **Fóssil**, do latim *fossilia*, *fossilis*, derivado de *fossa*, e de *fodere*, cavar, escavar a terra, é uma palavra que em Geologia se emprega designando corpos ou despojos de corpos orgânicos de seres que viveram anteriormente às épocas históricas. Por extensão, diz-se igualmente das substâncias minerais que revelam traços da presença de seres organizados, quais as marcas deixadas por vegetais ou animais.

O termo **petrificado** se emprega relativamente aos corpos que se transformaram em pedra, pela infiltração de matérias silicosas ou calcáreas nos tecidos orgânicos. Todas as petrificações necessariamente são fósseis, mas nem todos os fósseis são petrificações. Nos objetos que se revestem de uma camada pedregosa quando mergulhados em certas águas carregadas

8. Entre os despojos de vegetais e animais, alguns há que se mostram penetrados em todos os pontos de sua substância, sem que isso lhes alterasse a forma, de matérias silicosas ou calcáreas que os transformaram em pedras, algumas das quais apresentam a dureza do mármore. São as petrificações propriamente ditas. Outros foram apenas envolvidos pela matéria no estado de flacidez; são encontrados intactos e, alguns, inteiros, nas mais duras pedras. Outros, finalmente, apenas deixaram marcas, mas de perfeita nitidez e delicadeza. No interior de certas pedras, são encontradas até marcas de passos e, pela forma do pé, dos dedos e das unhas, reconhece-se a espécie animal a que pertenceram.

9. Os fósseis de animais absolutamente só contêm as partes sólidas e resistentes, isto é, as ossaturas, as escamas e os cornos — e isso é fácil de conceber-se; não raro, são esqueletos completos; muitas das vezes, no entanto, são apenas partes destacadas, mas cuja procedência facilmente é reconhecida. Examinando-se uma queixada, um dente, logo se vê se pertence a um animal herbívoro, ou carnívoro. Como todas as partes do animal guardam necessária correlação, a forma da cabeça, de uma omoplata, de um osso da perna, de um pé, basta para determinar o porte, a forma geral, o gênero de vida do animal.⁸⁶ Os animais terrestres têm uma organização que não permite que sejam confundidos com os animais aquáticos.

São extremamente numerosos os peixes e os moluscos testáceos fósseis; às vezes, só estes últimos formam bancos inteiros de grande espessura. Pela natureza deles, verificamos sem dificuldade se são animais marinhos ou de água doce.

10. Os seixos rolados, que em certos lugares formam rochas formidáveis, constituem inequívoco indício da origem deles. São arredondados como os calhaus de beira-mar, sinal certo do atrito que sofreram por efeito das águas. As regiões onde eles se encontram enterrados, em massas consideráveis, foram incontestavelmente ocupadas pelo oceano, ou, durante longo tempo, por outras águas movediças, ou violentamente agitadas.

11. Além disso, os terrenos das diversas formações se caracterizam pela natureza mesma dos fósseis que trazem. As mais antigas contêm espécies animais ou vegetais que desapareceram inteiramente da superfície do planeta. Também desapareceram algumas espécies mais recentes; porém, conservaram-se outras semelhantes, que apenas diferem daquelas pelo porte e por alguns tons de forma. Finalmente, outras — as quais nós ainda vemos seus últimos representantes — tendem evidentemente a desaparecer em futuro mais ou menos próximo, tais como os elefantes, os rinocerontes, os hipopótamos, etc.

de substâncias calcáreas, como as do regato de Saint Allire, perto de Clermont, no Auvergne (França), não são petrificações propriamente ditas, porém simples incrustações. Os monumentos, inscrições e objetos produzidos por fabricação humana, esses pertencem à Arqueologia — N. K.

⁸⁶ No ponto a que Jorge Cuvier levou a ciência paleontológica, frequentemente basta um só osso para determinar o gênero, a espécie, a forma de um animal, seus hábitos, e para reconstruí-lo todo inteiro — N. K.

Assim, à medida que as camadas terrestres se aproximam da nossa época, as espécies animais e vegetais também se aproximam das que existem hoje.

As perturbações e os cataclismos que se produziram na Terra desde a sua origem mudaram suas condições de aptidão para entretenimento da vida e fizeram que desaparecessem gerações inteiras de seres vivos.

12. Interrogando a natureza das camadas geológicas, passamos a saber de modo mais concreto se na época de sua formação a região onde elas se apresentam era ocupada pelo mar, pelos lagos, ou por florestas e planícies povoadas de animais terrestres. Consequentemente, se numa mesma região se encontra uma série de camadas superpostas, contendo alternativamente fósseis marinhos, terrestres e de água doce — muitas vezes repetidas — esse fato é prova irrecusável de que essa região foi muitas vezes invadida pelo mar, coberta de lagos e posta a seco.

E quantos séculos de séculos, certamente, ou talvez quantos milhares de séculos não foram precisos para que cada período se completasse! Que força poderosa não foi necessária para deslocar e recolocar o oceano, levantar montanhas! Por quantas revoluções físicas e comoções violentas a Terra não teve de passar antes de ser qual a vemos desde os tempos históricos! E há quem queira que tudo isso fosse obra executada em menos tempo do que o período que uma planta leva para germinar!

13. Como já foi dito, o estudo das camadas geológicas atesta formações sucessivas que mudaram o aspecto do globo e dividem sua história em muitas épocas, que constituem os chamados **períodos geológicos**, cujo conhecimento é essencial para a determinação da Gênese. São em número de seis os principais períodos, designados pelos nomes de: primário, de transição, secundário, terciário, diluviano, pós-diluviano ou atual. Os terrenos formados durante cada período também se chamam: terrenos primitivos, de transição, secundários, etc. Diz-se, pois, que tal ou tal camada ou rocha, tal ou tal fóssil se encontram nos terrenos de tal ou tal período.

14. Devemos notar que o número desses períodos não é absoluto, pois depende dos modelos de classificação. Nos seis principais mencionados acima, só se compreendem os que estão assinalados por uma mudança notável e geral no estado do planeta; mas, a observação prova que muitas formações sucessivas se operaram, enquanto durou cada um deles. Por isso é que são divididos em seis períodos caracterizados pela natureza dos terrenos e que elevam o número das formações gerais bem assinaladas a vinte e seis, sem contar os que vêm de modificações devidas a causas puramente locais.

ESTADO PRIMITIVO DO GLOBO

15. O achatamento dos polos e outros fatos certos são indícios inquestionáveis

de que o estado da Terra na sua origem deve ter sido o de fluidez ou de flacidez, estado esse oriundo de a matéria ser liquefeita pela ação do fogo, ou diluída pela da água.

Costuma-se dizer como provérbio: não há fumaça sem fogo. Sendo rigorosamente verdadeira, esta sentença traz uma aplicação do princípio: **não há efeito sem causa**. Pela mesma razão, podemos dizer: não há fogo sem um foco. Ora, pelos fatos que se passam sob as nossas vistas, não é apenas fumaça o que se produz na Terra, mas fogo bastante real, que há de ter um foco. Vindo esse fogo do interior do planeta e não do alto, o foco lhe há de estar no interior e, como o fogo é permanente, o foco também há de ser assim.

O calor — cujo aumento é progressivo à medida que se penetra no interior da Terra e que, a certa profundidade — chega a uma temperatura altíssima; as fontes térmicas, tanto mais quentes, quanto mais profunda lhes está a nascente; os fogos e as massas de matéria fundida esbraseada que os vulcões vomitam, como por vastos respiradouros, ou pelas fendas que alguns tremores de terra abrem, não deixam dúvida sobre a existência de um fogo interior.

16. A experiência demonstra que a cada 30 metros de profundidade a temperatura se eleva um grau, donde se segue que, a uma profundidade de 300 metros, o aumento é de 10 graus; a 3.000 metros, de 100 graus, temperatura da água a ferver; a 30.000 metros, ou seja, 7 ou 8 léguas, de 1.000 graus; a 25 léguas, de mais de 3.300 graus, temperatura a que nenhuma matéria conhecida resiste à fusão. Daí ao centro, ainda há um espaço de mais de 1.400 léguas, ou 2.800 léguas em diâmetro, espaço que seria ocupado por matérias fundidas.

Embora não haja aí mais do que uma hipótese, julgando da causa pelo efeito, ela tem todos os caracteres da probabilidade e leva à conclusão de que a Terra ainda é uma massa incandescente recoberta de uma crosta sólida da espessura de 25 léguas no máximo, o que é apenas a 120ª parte do seu diâmetro. Proporcionalmente, seria muito menos do que a espessura da mais fina casca de laranja.

Aliás, é muito variável a espessura da crosta terrestre, pois há zonas onde o calor e a flexibilidade do solo indicam que ela é pouco considerável — sobretudo nos terrenos vulcânicos. A elevada temperatura das águas termais constitui igualmente indício de proximidade do foco central.

17. Assim sendo, se torna evidente que o antigo estado de fluidez ou de flacidez da Terra há de ter tido como causa a ação do calor e não a da água, isso em sua origem, pois, a Terra era uma massa incandescente. Em virtude da irradiação do calórico, deu-se o que se dá com toda matéria em fusão: como era natural, ela esfriou pouco a pouco, principiando o resfriamento pela superfície, que então endureceu, ao passo que o interior se conservou fluido. Podemos assim comparar a Terra a um bloco de carvão ao sair ardente da fornalha e cuja superfície se apaga e resfria, ao contato do ar, mantendo-se seu interior em estado de ignição, conforme se verificará, quebrando-o.

18. Na época em que o globo terrestre era uma massa incandescente, não continha nenhum átomo a mais, nem a menos do que hoje;⁸⁷ apenas, sob a influência da alta temperatura, a maior parte das substâncias que a compõem e que vemos sob a forma de líquidos ou de sólidos, de terras, de pedras, de metais e de cristais se achavam em estado muito diferente. Sofreram unicamente uma transformação. Em consequência do resfriamento, os elementos formaram novas combinações. O ar — enormemente dilatado — certamente se estendia a uma distância imensa; toda a água, forçosamente transformada em vapor, se encontrava misturada com o ar; todas as matérias suscetíveis de se volatilizarem (tais como os metais, o enxofre, o carbono) se achavam em estado de gás. O da atmosfera nada tinha, portanto, de comparável ao que é hoje; a densidade de todos esses vapores lhe dava uma opacidade que nenhum raio de sol podia atravessar. Se nessa época um ser vivo pudesse existir na superfície do planeta, apenas seria iluminado pelos revérberos sinistros da fornalha que lhe estava sob os pés e da atmosfera esbraseada; ele nem sequer suspeitaria da existência do Sol.

PERÍODO PRIMÁRIO

19. O primeiro efeito do resfriamento foi a solidificação da superfície exterior da massa em fusão e a formação aí de uma crosta resistente que, delgada a princípio, gradativamente se espessou. Essa crosta forma a pedra chamada **granito**, de extrema dureza, assim denominada pelo seu aspecto granuloso. Nela se distinguem três substâncias principais: o feldspato, o quartzo ou cristal de rocha e a mica. Esta última tem brilho metálico, embora não seja um metal.

Pois a camada granítica foi a primeira que se formou no globo, é a que o envolve por completo, constituindo de certo modo o seu arcabouço ósseo. É o produto direto da consolidação da matéria fundida. Sobre ela e nas cavidades que apresentava a sua superfície torturada foi que se depositaram sucessivamente as camadas dos outros terrenos, posteriormente formados. O que a distingue destes últimos é a ausência de toda e qualquer estratificação; quer dizer: ela forma uma massa compacta e uniforme em toda a sua espessura, que não é disposta em camadas. A efervescência da matéria incandescente havia de produzir nela numerosas e profundas fendas, pelas quais essa mesma matéria extravasava.

20. O efeito seguinte do resfriamento foi a liquefação⁸⁸ de algumas matérias contidas no ar em estado de vapor, as quais se precipitaram na superfície do solo. Houve então chuvas e lagos de enxofre e de betume, verdadeiros regatos de ferro, cobre, chumbo e outros metais fundidos. Infiltrando-se pelas fissuras, essas matérias constituíram os veios e filões metálicos.

⁸⁷ Kardec certamente se referia apenas à Terra propriamente dita, não levando em conta os aerólitos e a poeira cósmica vêm se juntando a ela – N. E.

⁸⁸ **Liquefação:** transição ao estado líquido de substância que se encontra no estado gasoso ou sólido – N. E.

Sob a influência desses diversos agentes, a superfície granítica experimentou alternativas decomposições. Produziram-se misturas que formaram os terrenos primitivos propriamente ditos, distintos da rocha granítica, mas em massas confusas e sem estratificação regular.

A seguir, vieram as águas que, caindo sobre um solo ardente, se vaporizavam de novo, recaíam em chuvas torrenciais e assim sucessivamente, até a temperatura lhes permitir que permanecessem no solo em estado líquido.

É a formação dos terrenos graníticos que dá começo à série dos períodos geológicos, aos quais seria conveniente que se acrescentasse o do estado primitivo, de incandescência do globo.

21. Esse foi o aspecto do primeiro período, verdadeiro **caos** de todos os elementos confundidos, à procura de estabilização — período em que nenhum ser vivo podia existir. Por isso mesmo, um de seus caracteres distintivos em geologia é a ausência de qualquer vestígio de vida vegetal ou animal.

Torna-se impossível assinar duração determinada a esse período, do mesmo modo que aos que se lhe seguiram. Mas, dado o tempo que se faz necessário para que uma bala de determinado volume, aquecida até ao branco, se resfrie na superfície, ao ponto de permitir que uma gota d'água possa sobre ela permanecer em estado líquido, calculou-se que, se essa bala tivesse o tamanho da Terra, necessários seriam mais de um milhão de anos.

PERÍODO DE TRANSIÇÃO

22. No começo do período de transição, ainda era pequena a espessura da sólida crosta granítica, que, portanto, oferecia resistência muito fraca à efervescência das matérias enfogadas que ela cobria e comprimia. Com isso, produziam-se dilatações, despedaçamentos numerosos, por onde se escapava a lava interior. O solo apresentava desigualdades pouco consideráveis.

As águas (pouco profundas) cobriam quase toda a superfície do globo, com exceção das partes erguidas, que formando terrenos baixos, eram frequentemente alagados.

O ar gradativamente se purgava das matérias mais pesadas, temporariamente em estado gasoso, as quais, condensando-se por efeito do resfriamento, se haviam precipitado na superfície do solo, sendo depois arrastadas e dissolvidas pelas águas.

Quando se fala de resfriamento naquela época, deve-se entender essa palavra em sentido relativo, isto é, em relação ao estado primitivo, porque a temperatura ainda havia de ser ardente.

Os grossos vapores aquosos que se elevavam de todos os lados da imensa superfície líquida, recaíam em chuvas copiosas e quentes, que obscureciam o ar. Entretanto, os raios do Sol começavam a aparecer, através dessa atmosfera brumosa.

Uma das últimas substâncias de que o ar teve de expurgar-se (pelo seu

estado natural ser grosso) foi o ácido carbônico, então um dos seus componentes.

23. Por essa época, as camadas de terrenos de sedimento começaram a se formarem, depositadas pelas águas carregadas de limo e de matérias diversas, apropriadas à vida orgânica.

Surgem aí os primeiros seres vivos do reino vegetal e do reino animal. Deles se encontram vestígios, a princípio em número reduzido, porém, depois, cada vez mais frequentes, à medida que se vai passando às camadas mais elevadas dessa formação. É digno de nota que por toda parte a vida se manifesta, logo que as condições lhe são propícias, nascendo cada espécie desde que se realizam as condições próprias à sua existência.

24. Os primeiros seres orgânicos que apareceram na Terra foram os vegetais de organização menos complicada, designados em botânica sob os nomes de criptógamos, acotiledôneos, monocotiledôneos, isto é, líquens, cogumelos, musgos, fetos e plantas herbáceas. Absolutamente, ainda se não veem árvores de tronco lenhoso, mas, apenas, as do gênero palmeira, cuja haste esponjosa é análoga à das ervas.

Os animais desse período, que apareceram em seguida aos primeiros vegetais, eram exclusivamente marinhos: primeiramente, polipeiros, raiaidos, zoófitos, animais de organização simples e, por assim dizer, rudimentar, que se aproxima no máximo grau da dos vegetais. Mais tarde, aparecem crustáceos e peixes de espécies que já não existem.

25. Sob o império do calor e da umidade e em virtude do excesso de ácido carbônico espalhado no ar — gás impróprio à respiração dos animais terrestres, mas necessário às plantas — os terrenos expostos se cobriram rapidamente de uma vegetação pujante, ao mesmo tempo em que as plantas aquáticas se multiplicavam no seio dos pântanos. Plantas que nos dias atuais são simples ervas de alguns centímetros, atingiam altura e grossura prodigiosas. Assim é que havia florestas de fetos arborescentes de 8 a 10 metros de altura e de proporcional grossura. Licopódios (marroio, gênero de musgo), do mesmo porte; cavalinhas, de 4 a 5 metros, e cuja altura não passa hoje de um metro, e uma infinidade de espécies que não mais existem. Pelos fins do período, começam a aparecer algumas árvores do gênero conífero ou pinheiros.

26. Como resultado do deslocamento das águas, os terrenos que produziam essas massas de vegetais foram submergidos, cobertos de novos sedimentos terrosos, enquanto os que se achavam emersos se adornavam, a seu turno, de vegetação semelhante. Houve então muitas gerações de vegetais alternativamente aniquiladas e renovadas. O mesmo não se deu com os animais que não estavam sujeitos a essas alternativas — por serem todos aquáticos.

Acumulados durante longa série de séculos, esses destroços formaram

camadas de grande espessura. Sob a ação do calor, da umidade, da pressão exercida, pelos posteriores depósitos terrosos e, sem dúvida, de diversos agentes químicos, dos gases, dos ácidos e dos sais produzidos pela combinação dos elementos primitivos, aquelas matérias vegetais sofreram uma fermentação que as converteu em *hulha* ou *carvão de pedra*. As minas de hulha são, pois, produto direto da decomposição dos acervos de vegetais acumulados durante o período de transição. É por isso que são encontrados em quase todas as regiões.⁸⁹

27. Os restos fósseis da pujante vegetação dessa época, achando-se hoje sob os gelos das terras polares, tanto quanto na zona tórrida, segue-se que, uma vez que a vegetação era uniforme, também a temperatura havia de ser assim. Portanto, os polos não se achavam cobertos de gelo, como agora. É que então a Terra tirava de si mesma o calor, do fogo central que aquecia de igual modo toda a camada sólida, ainda pouco espessa. Esse calor era superior de muito ao que podia vir dos raios solares, enfraquecidos demais pela densidade da atmosfera. Só mais tarde, quando a ação do calor central se tornou muito fraca ou nula sobre a superfície exterior do globo, a do Sol passou a preponderar e as regiões polares, que apenas recebiam raios curvos, portadores de pequena quantidade de calor, se cobriram de gelo. Compreende-se que na época de que falamos e ainda muito tempo depois, o gelo era desconhecido na Terra.

A julgar pelo número e pela espessura das camadas de hulha, Esse período deve ter sido muito longo.⁹⁰

PERÍODO SECUNDÁRIO

28. Com o período de transição desaparecem a vegetação colossal e os animais que caracterizavam a época — ou porque as condições atmosféricas já não fossem as mesmas, ou porque uma série de cataclismos tenha aniquilado tudo o que tinha vida na Terra. É provável que as duas causas tenham contribuído para essa mudança, por isso que, de um lado, o estudo dos terrenos que marcam o fim desse período comprova a ocorrência de grandes subversões vindas de levantamentos e erupções que derramaram grandes quantidades de lavas sobre o solo, e, de outro lado, porque grandes mudanças se operaram nos três reinos.

29. O período secundário, sob o aspecto mineral, se caracteriza por numerosas e fortes camadas que atestam uma formação lenta no seio das águas e marcam

⁸⁹ A turfa se formou da mesma maneira, pela decomposição dos amontoados de vegetais, em terrenos pantanosos; mas, com a diferença de que, sendo de formação muito mais recente e sem dúvida noutras condições, ela não teve tempo de se carbonizar — N. K.

⁹⁰ Na baía de Fundy (Nova Escócia), o Sr. Lyell encontrou, numa camada de hulha de espessura de 400 metros, 68 níveis diferentes, apresentando traços evidentes de muitos solos de florestas, de cujas árvores os troncos ainda estavam guarnecidos de suas raízes. (L. Figuier).

Não dando mais de mil anos para a formação de cada um desses níveis, já teríamos 68.000 anos só para essa camada de hulha — N. K.

diferentes épocas bem caracterizadas.

A vegetação é menos rápida e menos colossal que no período precedente, sem dúvida em virtude da diminuição do calor e da umidade e de modificações sobrevindas aos elementos constitutivos da atmosfera. Às plantas herbáceas e polpudas, juntam-se as de caule lenhoso e as primeiras árvores propriamente ditas.

30. Os animais ainda são aquáticos, ou quando nada, anfíbios; a vida vegetal progride pouco na terra seca. Uma prodigiosa quantidade de animais de conchas se desenvolve no meio dos mares, devido à formação das matérias calcáreas. Nasce novos peixes, de organização mais aperfeiçoada do que no período anterior. Aparecem os primeiros cetáceos. Os mais característicos animais dessa época são os reptis monstruosos, entre os quais se notam:

O **ictiossauro**, espécie de peixe-lagarto que chegava a ter 10 metros de comprimento e cujas mandíbulas, prodigiosamente alongadas, eram armadas de 180 dentes. Sua forma geral lembra um pouco a do crocodilo, mas sem couraça escamosa. Seus olhos tinham o volume da cabeça de um homem; possuía barbatanas como a baleia e, como esta, expelia água por aberturas próprias para isso.

O **plesiossauro**, outro réptil marinho, tão grande quanto o *ictiossauro*, e cujo pescoço, excessivamente longo, se dobrava, como o do cisne, e lhe dava a aparência de enorme serpente ligada a um corpo de tartaruga. Tinha a cabeça do lagarto e os dentes do crocodilo. Sua pele devia ser lisa, qual a do precedente, porquanto não se lhe descobriu nenhum vestígio de escamas ou de concha.⁹¹

O **teleossauro**, que mais se aproxima dos crocodilos atuais, parecendo estes um seu diminutivo. Como os últimos, tinha uma couraça escamosa e vivia, ao mesmo tempo, na água e em terra. Seu talhe era de cerca de 10 metros, dos quais 3 ou 4 só para a cabeça. A boca tinha de abertura 2 metros.

O **megalossauro**, grande lagarto, espécie de crocodilo, de 14 a 15 metros de comprimento. Essencialmente carnívoro, nutria-se de reptis, de pequenos crocodilos e de tartarugas. Sua formidável mandíbula era armada de dentes em forma de lâmina de podadeira, de gume duplo, recurvados para trás, de tal jeito que, uma vez enterrados na presa, impossível se tornaria a esta desprender-se.

O **iguanodonte**, o maior dos lagartos que já apareceram na Terra. Tinha de 20 a 25 metros da cabeça à extremidade da cauda e sobre o focinho um chifre ósseo, semelhante ao do iguano da atualidade, do qual parece que não diferia senão pelo tamanho. O último tem apenas 1 metro de comprimento. A forma dos dentes prova que ele era herbívoro e a dos pés que era animal terrestre.

O **pterodáctilo**, animal estranho, do tamanho de um cisne, participando, simultaneamente, do réptil pelo corpo, do pássaro pela cabeça e do morcego pela membrana carnuda que lhe religava os dedos

⁹¹ O primeiro fóssil deste animal foi descoberto, na Inglaterra, em 1823. Depois, encontraram-se outros na França e na Alemanha – N. K.

prodigiosamente longos. Essa membrana lhe servia de paraquedas quando se precipitava sobre a presa do alto de uma árvore ou de um rochedo. Não possuía bico córneo como os pássaros, mas os ossos das mandíbulas, do comprimento da metade do corpo e guarnecidos de dentes, terminavam em ponta como um bico.

31. Durante esse período — que há de ter sido muito longo, como o número e a potência das camadas geológicas atestam — a vida animal tomou enorme desenvolvimento no seio das águas, tal como ocorreu com a vegetação no período que se passou. Mais depurado e mais favorável à respiração, o ar começou a permitir que alguns animais vivessem em terra. O mar se deslocou muitas vezes, mas sem abalos violentos. Com esse período, desaparecem, por sua vez, aquelas raças de gigantescos animais aquáticos, substituídos mais tarde por espécies parecidas, de formas menos desproporcionadas e de menor porte.

32. O orgulho levou o homem a dizer que todos os animais foram criados por sua causa e para satisfação de suas necessidades. Mas, qual o número dos que lhe servem diretamente, dos que lhe foi possível submeter, comparado ao número incalculável daqueles com os quais ele nunca teve e nem nunca terá quaisquer relações? Como pode sustentar semelhante tese, em face das inumeráveis espécies que exclusivamente povoaram a Terra por milhares e milhares de séculos, antes que ele aí surgisse, e que afinal desapareceram? Poderemos afirmar que elas foram criadas em seu proveito? Entretanto, todas as espécies tinham a sua razão de ser, a sua utilidade. Certamente, Deus não as criou por simples capricho da Sua vontade para em seguida dar a Si mesmo o prazer de aniquilá-las, pois que todas tinham vida, instintos, sensação de dor e de bem-estar. Com que fim Ele o fez? Com um fim que há de ter sido soberanamente sábio, embora ainda o não compreendamos. Certamente, um dia será dado ao homem conhecê-lo, para confusão do seu orgulho; mas, enquanto isso não se verifica, como se ampliam as suas ideias diante os novos horizontes em que agora lhe é permitido mergulhar a vista, em presença do imponente espetáculo dessa criação, tão majestosa no seu lento caminhar, tão admirável na sua providência, tão pontual, tão precisa e tão invariável nos seus resultados!

PERÍODO TERCIÁRIO

33. Com o período terciário uma nova ordem de coisas começa para a Terra. O estado da sua superfície muda completamente de aspecto; modificam-se profundamente as condições de vitalidade e se aproximam do estado atual. Os primeiros tempos desse período são marcados por uma interrupção da produção vegetal e animal; tudo revela traços de uma destruição quase geral dos seres vivos, depois do que aparecem sucessivamente novas espécies, em

que uma organização mais perfeita se adapta à natureza do meio onde são chamados a viver.

34. Durante os períodos anteriores, em virtude da sua pequena espessura, a crosta sólida do globo apresentava resistência bem fraca à ação do fogo interior — como já dissemos. Facilmente despedaçado, esse envoltório permitia que as matérias em fusão se derramassem livremente pela superfície do solo. Não foi o que aconteceu quando ganhou certa espessura. Então, comprimidas de todos os lados, as matérias esbraseadas como a água em ebulição num vaso fechado acabaram por produzir uma espécie de explosão. Violentemente quebrada num sem-número de pontos, a massa granítica ficou crivada de fendas, como um *vaso rachado*. Ao longo dessas fendas, a crosta sólida, levantada e deprimida, formou os picos, as cadeias de montanhas e suas ramificações. Certas partes do envoltório não chegaram a ser despedaçadas, foram apenas erguidas, enquanto que noutros pontos se produziram decalcamentos e escavações.

A superfície do solo tornou-se então muito desigual; as águas que até aquele momento a cobriam de maneira quase uniforme na maior parte da sua extensão, foram arrastadas para os lugares mais baixos, deixando a seco vastos continentes, ou cumes isolados de montanhas, formando ilhas.

Esse foi o grande fenômeno que se operou no período terciário e que transformou o aspecto do globo. Ele não se produziu instantânea, nem simultaneamente em todos os pontos, mas sucessivamente e em épocas mais ou menos distanciadas.

35. Como já ficou dito, uma das primeiras consequências desses levantamentos foi a inclinação das camadas de sedimento, primitivamente horizontais e assim conservadas onde quer que o solo não sofreu subversões. Foi, portanto, nos flancos e nas proximidades das montanhas que essas inclinações mais se pronunciaram.

36. Nas regiões onde as camadas de sedimento conservaram a horizontalidade, para se chegar às de formação primária temos que atravessar todas as outras, até considerável profundidade, ao fim da qual inevitavelmente encontramos a rocha granítica. Quando, porém, se ergueram em montanhas, aquelas camadas foram levadas acima do seu nível normal, indo às vezes até a grande altura, de tal sorte que, feito um corte vertical no flanco da montanha, elas se mostram em toda a sua espessura e superpostas como as fiadas de uma construção.

É assim que as grandes elevações se encontram enormes bancos de conchas, primitivamente formados no fundo dos mares. Está hoje perfeitamente comprovado que em nenhuma época o mar tem podido alcançar semelhantes alturas, visto que para tanto não bastariam todas as águas existentes na Terra, ainda mesmo que fossem em quantidade cem vezes maior.

Então teríamos de supor que a quantidade de água diminuiu e, então, caberia perguntar o que foi feito da porção que desapareceu. Os levantamentos, explicam de maneira lógica e rigorosa os depósitos marinhos que se encontram

em certas montanhas — fato hoje incontestável.⁹²

37. Nos lugares onde o levantamento da rocha primitiva produziu completa rasgadura do solo — seja pela rapidez do fenômeno, seja pela forma, altura e volume da massa levantada — o granito foi posto a nu, **como um dente que rompeu da gengiva**. Levantadas, quebradas e arrumadas, as camadas que o revestiam ficaram a descoberto. É assim que terrenos pertencentes às mais antigas formações e que, na posição primitiva, se achavam a grande profundidade, compõem hoje o solo de certas regiões.

38. Deslocada por efeito dos erguimentos, a massa granítica deixou em alguns sítios fendas por onde se escapa o fogo interior e se escoam as matérias em fusão; os vulcões (que são como que chaminés da imensa fornalha, ou, melhor, **válvulas de segurança** que, dando saída ao excesso das matérias ígneas) preservam o globo de comoções muito mais terríveis. Daí o fato de podermos dizer que os vulcões em atividade são uma segurança para o conjunto da superfície do solo.

Da intensidade desse fogo é possível fazer-se ideia, ponderando-se que no seio mesmo dos mares se abrem vulcões e que a massa d'água que os recobre e neles penetra não consegue acabá-los.

39. Os levantamentos operados na massa sólida necessariamente deslocaram as águas, sendo estas impelidas para as partes côncavas, que ao mesmo tempo se haviam tornado mais profundas pela elevação dos terrenos emergidos e pela depressão de outros. Mas, esses terrenos tornados baixos, levantados por sua vez ora num ponto, ora noutro, expulsaram as águas, que refluíram para outros lugares e assim por diante, até que houvessem podido tomar um leito mais estável.

Os sucessivos deslocamentos dessa massa líquida forçosamente trabalharam e torturaram a superfície do solo. As águas, escoando-se, arrastaram consigo uma parte dos terrenos de formações anteriores, postos a descoberto pelos levantamentos, desnudaram algumas montanhas que eles cobriam e lhes deixaram à mostra a base granítica ou calcárea. Profundos vales foram cavados, enquanto outros eram aterrados.

Logo, há montanhas diretamente formadas pelo fogo central: principalmente as graníticas; outras, devidas à ação das águas que, arrastando as terras móveis e as matérias solúveis, cavaram vales em torno de uma base resistente, calcárea, ou de outra natureza.

As matérias carreadas pelas correntes d'água formaram as camadas do período terciário, que facilmente se distinguem das dos precedentes, menos pela composição, que é quase a mesma, do que pela disposição.

As camadas dos períodos primário, de transição e secundário — formadas sobre uma superfície pouco acidentada — são mais ou menos uniformes na Terra toda; as do período terciário, formadas, ao invés, sobre base

⁹² Camadas de calcáreo conchífero foram encontradas nos Andes, América, a 5.000 metros acima do nível do oceano — N. K.

muito desigual e pela ação carreadora das águas, apresentam caráter mais local. Por toda parte, fazendo-se escavações de certa profundidade, encontram-se todas as camadas anteriores, na ordem em que se formaram, ao passo que não se encontra por toda parte o terreno terciário, nem todas as suas camadas.

40. Durante os reviramentos do solo ocorridos no princípio deste período, a vida orgânica teve que ficar estacionária por algum tempo — como é fácil de compreendermos apenas examinando terrenos sem fósseis. Porém, desde que veio um estado mais calmo, reapareceram os vegetais e os animais. Estando mudadas as condições de vitalidade, mais depurada a atmosfera, novas espécies com organização mais perfeita se formaram. Sob o ponto de vista da estrutura, as plantas diferem pouco das de hoje.

41. No transcorrer dos dois períodos precedentes, eram pouco extensos os terrenos que as águas não cobriam; eram, ainda assim, pantanosos e com frequência ficavam submersos. Essa a razão por que só havia animais aquáticos ou anfíbios. O período terciário, no qual vários continentes se formaram, caracterizou-se pelo aparecimento dos animais terrestres.

Assim como o período de transição assistiu ao nascimento de uma vegetação colossal, o período secundário ao de reptis monstruosos, também o terciário presenciou o de gigantes mamíferos, como o *elefante*, o *rinoceronte*, o *hipopótamo*, o *paleotério*, o *megatério*, o *dinotério*, o *mastodonte*, o *mamute*, etc. Estes dois últimos, variedades do elefante, tinham de 5 a 6 metros de altura e suas defesas chegavam a 4 metros de comprimento. Esse período também assistiu ao nascimento dos pássaros, bem como à maioria das espécies animais que ainda hoje existem. Algumas, das dessa época, sobreviveram aos cataclismos posteriores; outras, qualificadas genericamente de **animais antediluvianos**, desapareceram completamente, ou foram substituídas por espécies similares, de formas menos pesadas e menos maciças, cujos primeiros tipos foram como que esboços. Tais o *felis speloea*, animal carnívoro do tamanho de um touro, com os caracteres anatômicos do tigre e do leão; o *cervus megaceron*, variedade do cervo, cujos chifres, compridos de 3 metros, eram espaçados de 3 a 4 nas extremidades.

PERÍODO DILUVIANO

42. Este período foi marcado por um dos maiores cataclismos que reviraram o globo, quando o aspecto da superfície mudou mais uma vez, destruindo uma imensidade de espécies vivas, das quais restam apenas despojos. Por toda a parte deixou traços que atestam a sua generalidade. As águas, violentamente arremessadas fora dos respectivos leitos, invadiram os continentes, arrastando consigo as terras e os rochedos, desnudando as montanhas, desarraigando as florestas seculares. Os novos depósitos que elas formaram são designados, em Geologia, pelo nome de **terrenos diluvianos**.

43. Um dos vestígios mais significativos desse grande desastre são os penedos⁹³ chamados **blocos erráticos**. Assim são chamados os rochedos de granito que se encontram isolados nas planícies, repousando sobre terrenos terciários e no meio de terrenos diluvianos, algumas vezes a muitas centenas de léguas das montanhas donde foram arrancados. É claro que só a violência das correntes pôde transportá-los a tão grandes distâncias.⁹⁴

44. Outro fato não menos característico, de causa ainda não conhecida, é que os primeiros **aerólitos** só se encontram nos terrenos diluvianos. Como somente nessa época eles começaram a cair, cremos que a causa que os produz não existia anteriormente.

45. Foi também por essa época que os polos começaram a se cobrir de gelo e que se formaram as geleiras das montanhas, o que indica notável mudança na temperatura da Terra, mudança que deve ter sido súbita, porque se caso houvesse operado gradualmente, os animais teriam tido de se retirar pouco a pouco para as regiões mais temperadas — como os elefantes, que hoje só vivem nos climas quentes e que são encontrados em tão grande número no estado fóssil nas terras polares. Ao contrário, tudo mostra que eles provavelmente foram colhidos de surpresa por um grande frio e sitiados pelos gelos.⁹⁵

46. Pois então esse foi o verdadeiro dilúvio universal. As opiniões se dividem proporcionalmente às causas que devam tê-lo produzido. Mas, quaisquer que elas sejam, o que é certo é que o fato aconteceu.

A suposição mais aceita é a de que a posição do eixo e dos polos da Terra sofreu uma **brusca** mudança; daí uma projeção geral das águas sobre a superfície. Se a mudança se houvesse processado lentamente, a retirada das águas teria sido gradual, sem abalos, no passo que tudo indica uma comoção violenta e repentina. Como não sabemos a verdadeira causa, temos que ficar no campo das hipóteses.

O deslocamento súbito das águas também pode ter ocasionado o levantamento de certas partes da crosta sólida e a formação de novas montanhas dentro dos mares, conforme se verificou em começo do período terciário. Mas, além de que, então, o cataclismo não teria sido geral, isso não explicaria a mudança subitânea da temperatura dos polos.

47. Na tormenta determinada pelo deslocamento das águas, muitos animais desapareceram; outros, a fim de escaparem à inundação, se retiraram para os

⁹³ **Penedo:** grande massa de rocha expostas nas encostas, no alto de um morro, bem como nos mares e no leito de rios e lagos — N. E.

⁹⁴ Um desses blocos, evidentemente provindo, pela sua composição, das montanhas da Noruega, serve de pedestal à estátua de Pedro, o Grande, em S. Petersburgo — N. K.

⁹⁵ Em 1771, o naturalista russo Pallas encontrou nos gelos do Norte o corpo inteiro de um mamute revestido da pele e conservando parte das suas carnes. Em 1799, descobriu-se outro, igualmente encerrado num enorme bloco de gelo, na embocadura do Lena, na Sibéria, e que foi descrito pelo naturalista Adams. Os iacutos das circunvizinhanças lhe despedaçaram as carnes para alimentar seus cães. A pele se achava coberta de pelos negros e o pescoço guarnecia-o espessa crina. A cabeça sem as defesas, que mediam mais de 4 metros, pesava mais de 200 quilos. Seu esqueleto está no museu de S. Petersburgo. Nas ilhas e nas bordas do mar glacial encontra-se tão grande quantidade de defesas, que elas fazem objeto de considerável comércio, sob o nome de marfim fóssil ou da Sibéria — N. K.

lugares altos, para as cavernas e fendas, onde faleceram em massa – ou de fome, ou devorando-se uns aos outros, ou ainda, talvez, pela irrupção das águas nos sítios onde se tinham refugiado e donde não puderam fugir. Assim se explica a grande quantidade de ossadas de animais diversos, carnívoros e outros, que são encontrados de mistura em certas cavernas, que por essa razão foram chamadas **brechas ou cavernas ossosas**. São encontradas muitas das vezes sob as estalagmites. Em algumas dessas cavernas, as ossadas parecem ter sido arrastadas para ali pela correnteza das águas.⁹⁶

PERÍODO PÓS-DILUVIANO, OU ATUAL NASCIMENTO DO HOMEM

48. Uma vez restabelecido o equilíbrio na superfície do planeta, prontamente a vida vegetal e animal retomou o seu curso. Já consolidado, o solo assumiu uma colocação mais estável; o ar, já purificado, tornou-se apropriado a órgãos mais delicados. O Sol, brilhando em todo o seu esplendor através de uma atmosfera límpida, difundia com a luz um calor menos sufocante e mais vivificador do que o da fornalha interna. A Terra se povoava de animais menos ferozes e mais sociáveis; mais suculentos, os vegetais proporcionavam alimentação menos grosseira; enfim, tudo se achava preparado no planeta para o novo hóspede que viria habitá-lo. Apareceu então o **homem** — último ser da criação, aquele que dali em diante contribuiria com sua inteligência para o progresso geral e para a evolução dele próprio.

49. O homem só terá existido na Terra depois do período diluviano, ou terá surgido antes dessa época? Esta é uma questão muito controvertida hoje, mas cuja solução — seja qual for — nada mudará no conjunto dos fatos verificados, nem fará que o aparecimento da espécie humana não seja anterior, de muitos milhares de anos, à data que a Gênesis bíblica marcou.

O que fez com que acreditássemos que o surgimento dos homens ocorreu posteriormente ao dilúvio foi o fato de se não ter achado vestígio autêntico da sua existência no período anterior. As ossadas descobertas em diversos lugares e que geraram a crença na existência de uma raça de gigantes antediluvianos foram reconhecidas como de elefantes.

O que está fora de dúvida é que não existia o homem, nem no período primário, nem no de transição, nem no secundário, não só porque nenhum traço dele foi descoberto, como também porque não havia condições de vida para ele. Se o seu aparecimento se deu no terciário, só pode ter sido no fim do período e bem pouco então ele há de ter se multiplicado.

Além do mais, por ter sido curto, o período anterior ao dilúvio não

⁹⁶ Grande é o número de cavernas semelhantes conhecidas, algumas de enorme extensão. Existem várias no México, de muitas léguas. A de Aldesberg, em Carniola (Áustria), tem nada menos de três léguas. Uma das mais notáveis é a de Gailenreuth, no Württemberg. Há muitas delas na França, na Inglaterra, na Alemanha, na Itália (Sicília) e outros países da Europa — N. K.

determinou mudanças notáveis nas condições atmosféricas, tanto que os animais eram os mesmos, antes e depois dele; logo, não é impossível que o aparecimento do homem tenha sido antes desse grande cataclismo; hoje está comprovada a existência do macaco naquela época e recentes descobertas parecem confirmar a do homem.⁹⁷

Como quer que seja, tenha o homem aparecido ou não antes do grande dilúvio universal, o que é certo é que o seu papel humanitário começou a ser esboçado somente no período pós-diluviano. Portanto, podemos considerar esse período caracterizado pela sua presença.

⁹⁷ Veja: "O HOMEM ANTEDILUVIANO" e "OS INSTRUMENTOS DE PEDRA", Boucher de Perthes; "DISCURSO SOBRE AS REVOLUÇÕES DO GLOBO", por Jorge Cuvier, anotado pelo Dr. Hoefer – N. K.

CAPÍTULO VIII

TEORIAS SOBRE A FORMAÇÃO DA TERRA

- TEORIA DA PROJEÇÃO
- TEORIA DA CONDENSAÇÃO
- TEORIA DA INCRUSTAÇÃO
- ALMA DA TERRA

TEORIA DA PROJEÇÃO

1. De todas as teorias referentes à origem da Terra, a que alcançou mais aceitação nestes últimos tempos é a de **Buffon**⁹⁸ — seja pela posição que ele desfrutava no mundo sábio, seja pela razão de não se saber mais do que ele disse naquela época.

Vendo que todos os planetas se movem na mesma direção — do ocidente para o oriente — e no mesmo plano, a percorrer órbitas cuja inclinação não passa de 7 graus e meio, Buffon concluiu por essa uniformidade que eles hão de ter sido postos em movimento pela mesma causa.

De igual ponto de vista, formulou a suposição de que, sendo o Sol uma massa incandescente em fusão, um cometa se tenha chocado com ele e, raspando a superfície solar, tenha destacado desta uma porção que — projetada no espaço pela violência do choque — se dividiu em muitos fragmentos, formando esses fragmentos os planetas, que continuaram a se mover circularmente, pela combinação das forças centrífuga e centrípeta, no sentido dado pela direção do choque primitivo, isto é, no plano da eclíptica.

Assim, os planetas seriam partes da substância incandescente do Sol e, por conseguinte, também teriam sido incandescentes, em sua origem. Levaram para se resfriar e consolidar tempo proporcionado aos seus volumes respectivos e, quando a temperatura o permitiu a vida lhes despontou na superfície.

Em virtude do gradual abaixamento do calor central, a Terra chegaria, ao cabo de certo tempo, a um estado de resfriamento completo; a massa líquida se congelaria inteiramente e o ar, cada vez mais condensado, acabaria por desaparecer. O abaixamento da temperatura, tornando impossível a vida,

⁹⁸ Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788): cientista francês, um dos pioneiros no estudo da origem das espécies — N. E.

acarretaria a diminuição, depois o desaparecimento de todos os seres organizados. Tendo começado pelos polos, o resfriamento pouco a pouco ganharia todas as regiões, até ao Equador.

Segundo Buffon, tal é o estado atual da Lua que, sendo menor do que a Terra, seria hoje um mundo extinto, do qual a vida se acha para sempre excluída. O próprio Sol viria a ter a mesma sorte afinal. De acordo com os seus cálculos, a Terra teria gasto cerca de 74.000 anos para chegar à sua temperatura atual e dentro de 93.000 anos veria o fim da existência da Natureza organizada.

2. Contraditada pelas novas descobertas da Ciência, a teoria de Buffon está presentemente abandonada quase de todo pelas razões seguintes:

- 1ª Durante longo tempo, acreditou-se que os cometas eram corpos sólidos, cujo encontro com um planeta podia ocasionar a destruição deste último. Nessa hipótese, a suposição de Buffon não tinha nada de improvável. Porém agora, sabemos que os cometas são formados de uma matéria gasosa, bastante rarefeita para que se possam perceber estrelas de grandeza média através de seus núcleos. Nessas condições, oferecendo menos resistência do que o Sol, é impossível que, num choque violento com este, eles sejam capazes de arremessar ao longe qualquer porção da massa solar.
- 2ª A natureza incandescente do Sol é também uma hipótese que até o presente não está confirmada, que ao contrário, parecem desmentidas pelas observações. Se bem ainda não haja certeza quanto à sua natureza, os poderosos meios de observação de que hoje a Ciência dispõe têm permitido que ele seja melhor estudado, de modo a admitirmos, em geral, que é um globo composto de matéria sólida, cercada de uma atmosfera luminosa, ou fotosfera, que não se acha em contato com a sua superfície.⁹⁹
- 3ª No tempo de Buffon, só se conheciam os seis planetas de que os antigos eram conhecedores: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno. Descobriram-se depois outros em grande número, três dos quais — principalmente Juno, Ceres e Palas — têm suas órbitas inclinadas de 13, 10 e 34 graus, o que não concorda com um movimento único de projeção.
- 4ª Reconheceram-se absolutamente inexatos os cálculos de Buffon acerca do resfriamento, desde que **Fourier**¹⁰⁰ descobriu a lei do decrescimento do calor. A Terra não precisou apenas de 74.000 anos para chegar à sua temperatura atual, mas de alguns milhões de anos.
- 5ª Buffon unicamente considerou o calor central da Terra, sem levar em conta o dos raios solares. Ora, pelos dados científicos de rigorosa precisão obtidos pela experiência, sabemos hoje que em virtude da espessura da crosta terrestre, o calor interno do globo não contribui há muito tempo, senão em parcela insignificante, para a temperatura da superfície exterior.

⁹⁹ A completa dissertação sobre a natureza do Sol e dos cometas à altura da ciência moderna encontramos em "ESTUDOS E LEITURAS SOBRE A ASTRONOMIA", de Camilo Flammarion — N. K.

¹⁰⁰ Jean-Baptiste Joseph Fourier (1768-1830) físico e matemático francês — N. E.

São periódicas as variações que essa temperatura sofre e devidas à ação preponderante do calor solar (ver cap. VII, nº 25). Permanente que é o efeito dessa causa, ao passo que o do calor central é nulo, ou quase nulo, a diminuição deste não pode trazer à superfície da Terra sensíveis modificações. Para que a Terra se tornasse inabitável pelo resfriamento, seria necessária a extinção do Sol.¹⁰¹

TEORIA DA CONDENSAÇÃO

3. A teoria da formação da Terra pela condensação da matéria cósmica é a que hoje prevalece na Ciência, como sendo a que a observação melhor justifica, a que resolve maior número de dificuldades e que se apoia mais do que todas as outras no grande princípio da unidade universal. É a que deixamos exposta acima, no cap. VI: *Uranografia geral*.

Como se vê, estas duas teorias conduzem ao mesmo resultado: estado primitivo, de incandescência, do globo; formação de uma crosta sólida pelo resfriamento; existência do fogo central e aparecimento da vida orgânica, logo que a temperatura a tornou possível. No entanto, diferencia em pontos essenciais e é provável que se Buffon vivesse atualmente adotaria outras ideias.

A Geologia toma a Terra no ponto em que é possível a observação direta. Por estar fora da observação, seu estado anterior só pode ser hipotético. Ora, entre duas hipóteses, o bom-senso diz que devemos preferir a que a lógica ratifica e que mais se mostra de acordo com os fatos observados.

TEORIA DA INCRUSTAÇÃO

4. Falamos desta teoria apenas para não deixar de mencioná-la, já que nada tem de científica, mas que, entretanto, conseguiu certa repercussão nos últimos tempos e seduziu algumas pessoas. Está resumida na carta seguinte:

“Segundo a Bíblia, Deus criou o mundo em seis dias, quatro mil anos antes da era cristã. Os geólogos contestam essa afirmativa firmados no estudo dos fósseis e dos milhares de caracteres incontestáveis e respeitáveis que colocam a origem da Terra a milhões de anos. Entretanto, a Escritura disse a verdade e também os geólogos. E foi um simples camponês¹⁰² quem os pôs de acordo ensinando que o nosso globo não é mais do que um planeta *incrustativo*, muito moderno, composto de materiais muito antigos.

“Após o arrebatamento do *planeta desconhecido*, que chegou à maturidade, ou de harmonia com o que existiu no lugar que hoje ocupamos, a alma da Terra recebeu ordem de reunir seus satélites para formar a Terra atual,

¹⁰¹ Para maiores esclarecimentos sobre este assunto e sobre a lei do decrescimento do calor, veja “CARTAS ACERCA DAS REVOLUÇÕES DO GLOBO”, pelo Dr. Bertrand, ex-aluno da Escola Politécnica de Paris, carta II. Esta obra – à altura da ciência moderna – escrita com simplicidade e sem vaidade intelectual, contém um estudo geológico de grande interesse – N. K.

¹⁰² Miguel de Figagnères, autor da “CHAVE DA VIDA” – N. K.

segundo as regras do progresso em tudo e por tudo. Apenas quatro desses astros concordaram com a associação que lhes era proposta. Só a Lua persistiu na sua autonomia, visto que também os *globos têm o seu livre-arbítrio*. Para proceder a essa fusão, a alma da Terra dirigiu aos satélites um raio magnético atrativo, que pôs em estado cataléptico todo o mobiliário vegetal, animal e hominal¹⁰³ que eles possuíam e que trouxeram para a comunidade. A operação teve por únicas testemunhas a alma da Terra e os grandes mensageiros celestes que a ajudaram nessa grande obra, abrindo aqueles globos para lhes dar entranhas comuns. Praticada a soldagem, as águas se escoaram para os vazios que a ausência da Lua deixara. As atmosferas se confundiram e começou o despertar ou a ressurreição das *sementes que estavam em paralisação*. O homem foi o último a ser tirado do estado de hipnotismo e se viu cercado da luxuriante vegetação do paraíso terrestre e dos animais que pastavam em paz ao seu derredor. Tudo isto se podia fazer em seis dias, com obreiros tão poderosos como os que Deus encarregara da tarefa. O planeta *Ásia* trouxe a raça amarela, a de civilização mais antiga; da *África* veio a raça negra; da *Europa* a raça branca e da *América* veio a raça vermelha.

“Assim, certos animais — dos quais só encontramos os restos — nunca teriam vivido na Terra atual, mas teriam sido transportados de outros mundos desmanchados pela velhice. Os fósseis, que se encontram em climas sob os quais não teriam podido existir neste mundo, viviam sem dúvida em zonas muito diferentes nos globos onde nasceram. Tais restos na Terra se encontram nos polos, ao passo que os animais viviam no Equador dos globos a que pertenciam.”

5. Esta teoria tem contra si os dados mais concretos da ciência experimental, além de não solucionar a questão mesma que ela pretende resolver, a questão da origem. É certo que diz como a Terra teria se formado, mas não diz como se formaram os quatro mundos que se reuniram para constituí-la.

Se as coisas tivessem ocorrido assim, como se explicaria a inexistência absoluta de quaisquer vestígios daquelas imensas soldas, apesar de terem ido até às entranhas do globo? Cada um daqueles mundos — *Ásia, África, Europa e América* — que se pretende haverem trazido os materiais que lhes eram próprios, teria uma geologia particular, diferente da dos demais, *o que não é exato*. Ao contrário, vê-se, primeiramente, que o núcleo granítico é uniforme, de composição homogênea em todas as partes do globo, *sem solução de continuidade*. Depois, as camadas das geológicas se apresentam de formação igual, idênticas quanto à constituição, superpostas, em toda parte, na mesma ordem, contínuas, sem interrupção, de um lado a outro dos mares, da Europa à *Ásia*, à *África*, à *América*, e reciprocamente. Essas camadas — que dão testemunho das transformações do globo — atestam que tais transformações se operaram em toda a sua superfície e não apenas numa porção desta; mostram os períodos de aparecimento, existência e desaparecimento das mesmas espécies animais e vegetais, nas diferentes partes do mundo, igualmente; mostram a fauna e a flora

¹⁰³ Hominal: relativo à forma humana – N. E.

desses períodos recuados a marcharem simultaneamente por toda parte, sob a influência de uma temperatura uniforme, e a mudar por toda parte de caráter, à medida que a temperatura se modifica. Semelhante estado de coisas não se concilia com a formação da Terra por soma de muitos mundos diferentes.

Ao demais, é de se perguntar o que teria sido feito do mar, que ocupa o vazio deixado pela Lua, se esta não se houvesse recusado a se reunir às suas irmãs. Que aconteceria à Terra atual se um dia a Lua tivesse a fantasia de vir tomar o seu lugar, expulsando o mar deste?

6. Semelhante teoria seduziu algumas pessoas porque parecia explicar a presença das diferentes raças de homens na Terra e a localização delas. Mas, uma vez que essas raças puderam se espalhar por diferentes mundos, por que não teriam podido se desenvolver em pontos diversos do mesmo globo? Isso é querer resolver uma dificuldade por meio de outra dificuldade maior. Efetivamente, quaisquer que fossem a rapidez e a destreza com que a *operação* se praticasse, aquela soma não se houvesse podido realizar sem violentos abalos. Quanto mais rápida ela fosse, tanto mais desastrosos haviam de ser os cataclismos. Pois, parece impossível que seres *apenas mergulhados em sono paralítico* tenham podido resistir-lhes, para em seguida despertarem tranquilamente. Se fossem unicamente sementes, em que consistiriam? Como é que seres inteiramente formados se reduziram ao estado de germens? Restaria sempre a questão de sabermos como esses germens novamente se desenvolveram. Ainda aí, teríamos a Terra a se formar por processo miraculoso, processo esse menos poético e menos grandioso do que o da Gênesis bíblica, enquanto que as leis naturais dão uma explicação da sua formação muito mais completa e, sobretudo, mais racional, deduzida da observação.¹⁰⁴

ALMA DA TERRA

7. A alma da Terra desempenhou papel principal na teoria da incrustação. Vejamos se esta ideia tem melhor fundamento.

O desenvolvimento orgânico está sempre em relação com o desenvolvimento do princípio intelectual. O organismo se completa à medida que as capacidades da alma se multiplicam. A escala orgânica acompanha constantemente a progressão da inteligência em todos os seres — desde o pólipo até o homem, e não podia ser de outro modo, pois que a alma precisa de um instrumento apropriado à importância das funções que lhe compete desempenhar. De que serviria à ostra possuir a inteligência do macaco, sem os órgãos necessários para sua manifestação? Portanto, se a Terra fosse um ser animado, servindo de corpo a uma alma especial, essa alma teria de ser ainda mais *rudimentar* do que a do pólipo, por efeito mesmo da sua constituição, visto

¹⁰⁴ Quando tal teoria se liga a toda uma cosmogonia, é de perguntarmos sobre que base racional o resto pode se assentar. A concordância que, por meio desse sistema, se pretende estabelecer, entre a Gênesis bíblica e a Ciência, é inteiramente ilusória, pois que a própria Ciência o contradiz. O autor da carta acima — homem de grande saber —, um instante seduzido por essa teoria, logo lhe descobriu os lados vulneráveis e não tardou a combatê-la com as armas da Ciência — N. K.

que a Terra não tem sequer a vitalidade da planta, ao passo que, pelo papel que lhe atribuíram à alma, fizeram dela um ser dotado de razão e do mais completo livre-arbítrio, em resumo: como um Espírito superior — o que não é racional, porque nunca nenhum Espírito se achou menos bem repartido, nem mais aprisionado. Neste sentido, a ideia ampliada da alma da Terra tem então de ser arrolada entre as concepções sistemáticas e ilusórias.

Por “alma da Terra”, podemos entender mais racionalmente a coletividade dos Espíritos incumbidos da elaboração e da direção de seus elementos constitutivos, o que já supõe certo grau de desenvolvimento intelectual; ou, melhor ainda: o Espírito a quem está confiada a alta direção dos destinos morais e do progresso de seus habitantes, missão que somente pode ser atribuída a um ser eminentemente superior em saber e em sabedoria. Em tal caso, esse Espírito não é propriamente falando a alma da Terra, porque não se acha encarnado nela, nem subordinado ao seu estado material. É um chefe preposto ao seu governo, como um general é ao comando de um exército.

Um Espírito, incumbido de missão tão importante qual a do governo de um mundo, não poderia ter caprichos, ou então teríamos de reconhecer em Deus a imprevidência de confiar a execução de Suas leis a seres capazes de lhes contravir, a seu bel-prazer. Ora, segundo a doutrina da incrustação, a má vontade da alma da Lua é que tinha dado causa a que a Terra ficasse incompleta. Há ideias que anulam a si mesmas (“REVISTA ESPÍRITA”, de setembro de 1868, pág. 261).

CAPÍTULO IX

REVOLUÇÕES DO GLOBO

- **REVOLUÇÕES GERAIS E PARCIAIS**
- **IDADE DAS MONTANHAS**
- **DILÚVIO PÚBLICO**
- **REVOLUÇÕES PERIÓDICAS**
- **CATACLISMOS FUTUROS**
- **AUMENTO OU DIMINUIÇÃO DO VOLUME DA TERRA**

REVOLUÇÕES GERAIS OU PARCIAIS

1. Os períodos geológicos marcam as fases do aspecto geral do globo, em consequência das suas transformações. Mas, com exceção do período diluviano — que se caracterizou por uma subversão repentina — todos os demais transcorreram lentamente, sem transições bruscas. Durante todo o tempo que os elementos constitutivos do globo levaram para tomar suas posições definitivas, as mutações houveram de ser gerais. Uma vez consolidada a base, só se devem ter produzido modificações parciais, na superfície.

2. Além das revoluções gerais, a Terra experimentou grande número de perturbações locais que mudaram o aspecto de certas regiões. Como no tocante às outras, duas causas contribuíram para essas perturbações: o fogo e a água.

O fogo atuou produzindo: ou erupções vulcânicas que sepultaram os terrenos próximos para baixo de grossas camadas de cinzas e lavas, fazendo desaparecer cidades com seus habitantes; ou terremotos; ou levantamentos da crosta sólida, que impeliu as águas para as regiões mais baixas; ou o afundamento, em maior ou menor extensão, dessa mesma crosta, nalguns lugares, para onde as águas se precipitaram, deixando outros lugares a seco. Foi assim que surgiram ilhas no meio do oceano, enquanto que outras desapareceram; que porções de continentes se separaram e formaram ilhas; que braços de mar, secados, ligaram ilhas e continentes.

Quanto à água, essa atuou produzindo: ou o transbordamento ou a retirada do mar em algumas costas; ou desmoronamentos que formaram lagos pela intercepção de correntes líquidas; ou transbordamentos e inundações; ou, enfim, aterros nas embocaduras dos rios. Esses aterros, rechaçando o mar, criaram novos territórios. Tal a origem do delta do Nilo, ou Baixo Egito; do delta do Ródano, ou Camarga.

IDADE DAS MONTANHAS

3. Examinando os terrenos dilacerados pelo erguimento das montanhas e das camadas que lhes formam os contrafortes, se torna possível determinar sua idade geológica. Por “idade geológica das montanhas” não devemos entender o número de anos que elas contam de existência, mas o período em que se formaram e, portanto, o relativo tempo de existência que apresentam. Seria errado acreditarmos que semelhante tempo corresponde à elevação que lhes é própria, ou à natureza exclusivamente granítica que revelem, uma vez que a massa de granito, ao dar-se o seu levantamento, pode ter perfurado e separado as camadas superpostas.

Assim, por meio da observação científica, ficou comprovado que as montanhas dos Vosges, da Bretanha e da Côte-d’Or, na França (que não são muito elevadas) pertencem às mais antigas formações. Datam do período de transição, senão anteriores aos depósitos de carvão. O Jura se formou no meado do período secundário; é contemporâneo dos reptis gigantes. Os Pirineus se formaram mais tarde, no começo do período terciário. O Monte Branco e o grupo dos Alpes ocidentais são posteriores aos Pirineus e datam da metade do período terciário. Os Alpes orientais, que compreendem as montanhas do Tirol, são ainda mais recentes, porque só se formaram pelos fins desse mesmo período. Algumas montanhas da Ásia são mesmo posteriores ao período diluviano, ou lhe são contemporâneas.

Esses levantamentos não de ter ocasionado grandes perturbações locais e inundações mais ou menos consideráveis, pelo deslocamento das águas, pela interrupção e mudança do curso dos rios.¹⁰⁵

DILÚVIO BÍBLICO

4. O dilúvio bíblico — também conhecido pela denominação de “grande dilúvio asiático” — é um fato que a realidade não pode contestar. Deve ter sido ocasionado pelo levantamento de uma parte das montanhas daquela região, como o do México. Confirma esta opinião a existência de um mar interior, que antes ia do mar Negro ao oceano Boreal, comprovada pelas observações geológicas. O mar de Azov, o mar Cáspio, cujas águas são salgadas, embora não tenham nenhuma comunicação com qualquer outro mar; o lago Aral e os inúmeros lagos espalhados pelas imensas planícies da Tartália e as estepes da

¹⁰⁵ O século passado registrou notável exemplo de um fenômeno desse gênero. A seis dias de marcha da cidade de México, existia, em 1750, uma região fértil e bem cultivada, onde davam em abundância arroz, milho e bananas. No mês de junho, pavorosos tremores de terra abalaram o solo, renovando-se continuamente durante dois meses inteiros. Na noite de 28 para 29 de setembro, violenta convulsão se produziu; um território de muitas léguas de extensão entrou a erguer-se pouco a pouco e acabou por alcançar a altitude de 500 pés, numa superfície de 10 léguas quadradas. O terreno ondulava, como as vagas do mar ao sopro da tempestade, milhares de montículos se elevavam e afundavam alternativamente; afinal, abriu-se um abismo de perto de 3 léguas, donde eram lançados à prodigiosa altura fumo, fogo, pedras esbraseadas e cinzas. Seis montanhas surgiram desse abismo hiante, entre as quais o vulcão a que foi dado o nome de **Jorullo**, que agora se eleva a 550 metros acima da antiga planície. No momento em que principiaram os abalos do solo, os dois rios **Cuitimba** e **San Pedro**, refluindo, inundaram toda a planície hoje ocupada pelo Jorullo; no terreno, porém, que sem cessar se elevava, outro sorvedouro se abriu e os absorveu. Os dois reapareceram mais tarde, a oeste, num ponto muito afastado de seus antigos leitos. (Luiz Figuier, “A TERRA ANTES DO DILÚVIO”, pág. 370) — N. K.

Rússia parecem restos daquele antigo mar. Por ocasião do levantamento das montanhas do Cáucaso, posterior ao dilúvio universal, parte daquelas águas foi recalçada para o norte, na direção do oceano Boreal; outra parte, para o sul, em direção ao oceano Índico. Estas inundaram e devastaram precisamente a Mesopotâmia e toda a região em que habitaram os antepassados do povo hebreu. Embora esse dilúvio se tenha estendido por uma superfície muito grande, atualmente é certo que ele foi apenas local; que não pode ter sido causado pela chuva, pois, por muito copiosa que fosse essa chuva e ainda que se prolongasse por quarenta dias, o cálculo prova que a quantidade d'água caída das nuvens não podia bastar para cobrir *toda a terra*, até acima das mais altas montanhas.

Para os homens de então, que não conheciam mais do que uma extensão muito limitada da superfície do globo e que nenhuma ideia tinham da sua configuração, desde que a inundação invadiu os países conhecidos, a Terra inteira teria sido invadida para eles. Se a essa crença somarmos a forma imaginosa e exagerada da descrição, forma peculiar ao estilo oriental, já não nos surpreender   o ex  gero da narração bíblica.

5. O dilúvio asiático foi evidentemente posterior ao aparecimento do homem na Terra, visto que a lembrança dele se conservou pela tradição em todos os povos daquela parte do mundo, os quais o consagraram em suas teogonias.¹⁰⁶

   também posterior ao grande dilúvio universal que assinalou o início do atual período geológico. Quando se fala de homens e de animais antediluvianos, a referência    àquele primeiro cataclismo.

REVOLUÇÕES PERIÓDICAS

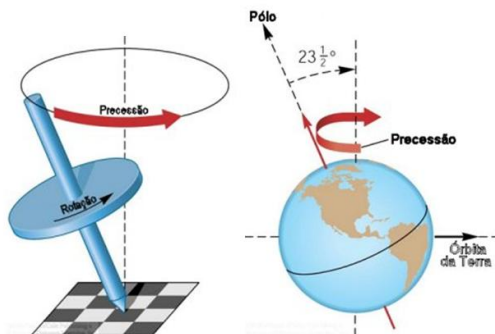
6. Além do seu movimento anual em torno do Sol (que d   origem às estações), do seu movimento de rotação sobre si mesma em 24 horas (que d   origem ao dia e    noite), a Terra tem um terceiro movimento que se completa em cerca de 25 mil anos, ou, mais exatadamente, 25.868 anos, e que produz o fenômeno denominado, em astronomia **precessão dos equinócios** (cap. V, n   11). Este movimento (que não se pode explicar em poucas palavras, sem o auxílio de figuras e sem uma demonstração geométrica) consiste numa espécie de oscilação circular, que tem sido comparado    de um pião a morrer, e por virtude da qual o eixo da Terra, mudando de inclinação, descreve um duplo

¹⁰⁶ A lenda indiana sobre o dilúvio refere, segundo o livro dos Vedas, que Brama (transformado em peixe) se dirigiu ao piedoso monarca Vaivaswata e lhe disse: "Chegou o momento da dissolução do Universo; em breve estará destruido tudo o que existe na Terra. Tens que construir um navio em que embarcar  s, depois de teres embarcado sementes de todos os vegetais. Tu me esperar  s nesse navio e eu virei ter contigo, trazendo    cabeça um chifre pelo qual me reconhecer  s". O santo obedeceu; construiu um navio, embarcou nele e o atou por um cabo muito forte ao chifre do peixe. O navio foi rebocado durante muitos anos com extrema rapidez, por entre as trevas de uma tremenda tempestade, abordando, afinal, ao cume do monte Himawata (Himalaia). Brama ordenou em seguida a Vaivaswata que criasse todos os seres e com eles povoasse a Terra.

   flagrante a semelhança desta lenda com a narrativa bíblica de Noé. Da   ndia ela passara ao Egito, como uma multidão de outras crenças. Ora, sendo o livro dos Vedas anteriores ao de Moiss  s, a narração que naquele se encontra, do dilúvio, não pode ser uma cópia da deste último. O que    provável é que Moiss  s, que aprendera as doutrinas dos sacerdotes egípcios, haja tomado a estes a sua descrição – N. K.

cone cujo vértice está no centro do planeta, abrangendo as bases desses cones a superfície circunscrita pelos círculos polares, isto é, uma amplitude de 23 graus e meio de raio.

Nota da adaptação: a seguir, uma demonstração gráfica do referido fenômeno num pião e na Terra:



7. O equinócio é o instante em que o Sol, passando de um hemisfério a outro, se encontra perpendicular ao equador, o que acontece duas vezes por ano, a 21 de março, quando o Sol passa para o hemisfério boreal, e a 22 de setembro, quando volta ao hemisfério austral.

Mas, em consequência da gradual mudança na obliquidade do eixo, o que acarreta outra mudança na inclinação do equador sobre a eclíptica, o momento do equinócio avança cada ano de alguns minutos (25 minutos e 7 segundos). A esse avanço é que se deu o nome de *precessão dos equinócios* (do latim *procedere*, *caminhar para diante*, composto de *proe*, *adiante* e *cedere*, *ir-se*).

Com o tempo, esses poucos minutos fazem horas, dias, meses e anos, resultando daí que o equinócio da primavera — que agora se verifica no mês de março — em dado tempo se verificará em fevereiro, depois em janeiro, depois em dezembro. Então o mês de dezembro terá a temperatura de março e março a de junho e assim por diante, até que, voltando ao mês de março, as coisas se encontrarão de novo no estado atual, o que se dará ao cabo de 25.868 anos, para recomençar indefinidamente a mesma revolução.¹⁰⁷

8. Desse movimento cônico do eixo, resulta que os polos da Terra não olham constantemente os mesmos pontos do céu; que a Estrela Polar não será sempre estrela polar; que os polos gradualmente se inclinam mais ou menos para o Sol e recebem dele raios mais ou menos diretos, donde se segue que, por exemplo,

¹⁰⁷ A **precessão dos equinócios** ocasiona outra mudança: a que se opera na posição dos signos do zodíaco. Girando a Terra ao redor do Sol em um ano, à medida que ela avança, o Sol, cada mês, se encontra diante de uma constelação. Estas são em número de doze, a saber: **o Carneiro, o Touro, os Gêmeos, o Câncer, o Leão, a Virgem, a Balança, o Escorpião, o Sagitário, o Capricórnio, o Aquário, os Peixes**. São chamadas constelações zodiacais, ou signos do zodíaco, e formam um círculo no plano do equador terrestre. Conforme o mês do nascimento de um indivíduo dizia-se que ele nascera sob tal ou tal signo; daí os prognósticos da Astrologia. Mas, em virtude da precessão dos equinócios, acontece que os meses já não correspondem às mesmas constelações. Um que nasça no mês de julho já não está no signo do Leão, porém no do Câncer. Cai assim a ideia supersticiosa da influência dos signos (Cap. V, nº 12) – N. K.

a Islândia e a Lapônia (localizadas sob o círculo polar), poderão, em dado tempo, receber raios solares como se estivessem na latitude da Espanha e da Itália e que, na posição do extremo oposto, a Espanha e a Itália poderão ter a temperatura da Islândia e da Lapônia, e assim por diante, a cada renovação do período de 25 mil anos.¹⁰⁸

9. As consequências deste movimento ainda não puderam ser determinadas com precisão, porque somente temos podido observar uma pequena parte da sua revolução. A respeito disso só há presunções, algumas das quais com caráter de probabilidade. Essas consequências são:

- 1^a O aquecimento e o resfriamento alternativos dos polos e, por conseguinte, a fusão dos gelos polares durante a metade do período de 25 mil anos e a nova formação deles durante a outra metade desse período. Resultaria daí não estarem os polos condenados a uma perpétua esterilidade, cabendo-lhes gozar a seu turno dos benefícios da fertilidade.
- 2^a O deslocamento gradativo do mar, fazendo-o invadir pouco a pouco umas terras e pôr a descoberto outras, para de novo as abandonar, voltando ao seu leito anterior. Esse movimento periódico, indefinidamente renovado, constituiria uma verdadeira maré universal de 25 mil anos.

A lentidão com que se opera esse movimento do mar torna-o quase imperceptível para cada geração. Faz-se, porém, sensível ao fim de alguns séculos. Ele não pode causar nenhum cataclismo súbito porque os homens se retiram, de geração em geração, à proporção que o mar avança, e avançam pelas terras donde o mar se retira. É mais que provável que a essa causa alguns sábios atribuem o afastamento do mar de certas costas e a invasão de outras por ele.

10. O deslocamento demorado, gradual e periódico do mar é fato que a experiência comprova e numerosos exemplos confirmam, em todos os pontos do globo. Tem por efeito o entretenimento das forças produtivas da Terra. A longa imersão é para os terrenos um tempo de repouso, durante o qual eles recuperam os princípios vitais esgotados por uma não menos longa produção. Os imensos depósitos de matérias orgânicas, formados pela permanência das águas durante séculos e séculos, são adubações naturais, periodicamente renovadas, e as gerações se sucedem sem se aperceberem de tais mudanças.¹⁰⁹

¹⁰⁸ O deslocamento gradual das linhas isotérmicas (fenômeno que a Ciência reconhece de modo tão positivo como o do deslocamento do mar) é um fato material que apoia esta teoria – N. K.

¹⁰⁹ Entre os fatos mais recentes que provam o deslocamento do mar, podem citar-se estes:

No golfo da Gasconha, entre o velho Soulac e a Torre de Cordouan, quando o mar está calmo, percebe-se no fundo da água trechos de muralha: são os restos da antiga e grande cidade de **Noviomagus**, invadida pelas ondas em 580. O rochedo de Cordouan, que se achava então ligado à margem, está agora a 12 quilômetros.

No mar da Mancha, sobre a costa do Havre, as águas dia a dia ganham terreno e minam as penedias de Sainte-Adresse, que pouco a pouco desmoronam. A dois quilômetros da costa entre Sainte-Adresse e o cabo de Hève, existe um banco que outrora se achava à vista e ligado à terra firme. Antigos documentos atestam que nesse lugar, por sobre o qual hoje se navega, existia a aldeia de Saint-Denis-chef-de-Caux. Tendo o mar invadido, no décimo quarto século, o terreno, a igreja foi tragada em 1378. Dizem que, com bom tempo, se lhe veem os restos no fundo do mar.

CATACLISMOS FUTUROS

11. As grandes revoluções telúricas¹¹⁰ têm se produzido nas épocas em que a crosta sólida da Terra, pela sua fraca espessura, quase não oferecia nenhuma resistência à efervescência das matérias em ignição no seu interior. Tais comoções foram diminuindo, à proporção que aquela crosta se consolidava. Numerosos vulcões já se acham extintos, outros os terrenos de formação posterior soterraram.

Certamente, poderão produzir-se ainda perturbações locais, por efeito de erupções vulcânicas, da eclosão de alguns vulcões novos, de inundações repentinas de algumas regiões; poderão surgir do mar ilhas e outras poderão ser tragadas por ele; mas, passou o tempo dos cataclismos gerais, como os que assinalaram os grandes períodos geológicos. A Terra adquiriu uma estabilidade que, sem ser absolutamente invariável, coloca doravante o gênero humano ao abrigo de perturbações gerais, a menos que intervenham causas desconhecidas, a ela estranhas e que de modo nenhum se possam prever.

12. Quanto aos cometas, estamos hoje perfeitamente tranquilizados com relação à influência que exercem — que é mais salutar do que prejudicial, por eles parecerem destinados a reabastecer os mundos, se assim nos podemos exprimir, trazendo-lhes os princípios vitais que eles armazenam em sua corrida pelo espaço e com o se aproximarem dos sóis. Assim, pois, seriam antes fontes de prosperidades, do que mensageiros de desgraças.

A natureza fluídica, já bem comprovada (cap. VI, nº 28 e seguintes), que lhes é própria afasta todo receio de choques violentos, porque, se um deles encontrasse a Terra, esta o atravessaria, como se passasse através de um nevoeiro.

Ainda menos de temer é a cauda que arrastam, visto que ela não é mais do que a reflexão da luz solar na imensa atmosfera que os envolve, tanto assim que se mostra constantemente dirigida para o lado oposto ao Sol, mudando de direção conformemente à posição deste astro. Essa matéria gasosa, em virtude da rapidez com que eles caminham, também poderia ser uma espécie de cabeleira, semelhante à esteira deixada por um navio em marcha, ou à fumaça de uma locomotiva. Aliás, muitos cometas já se têm aproximado da Terra, sem lhe causarem qualquer dano. Em virtude das suas respectivas densidades, a Terra exerceria sobre o cometa uma atração maior do que a dele sobre ela. Somente uns restos de velhos preconceitos podem fazer que a presença de um

Em quase toda a extensão do litoral da Holanda, o mar só é contido a poder de diques, que de tempos a tempos se rompem. O antigo lago de **Flevo**, que se reuniu ao mar em 1225, forma hoje o golfo de **Zuyderzée**. Essa irrupção do oceano trouxe muitas povoações.

Segundo isto, o território de Paris e da França toda seria de novo ocupado pelo mar, como já o foi muitas vezes, conforme o demonstram as observações geológicas. Então, as partes montanhosas formarão ilhas, como o são agora Jersey, Guernsey e a Inglaterra, outrora contíguas ao continente.

Navegaremos por sobre regiões que atualmente se percorrem de caminho de ferro; os navios aportarão a Montmartre, ao monte Valeriano, aos outeiros de Saint-Cloud e de Meudon; os bosques e florestas, agora lugares de passeio, ficarão sepultados nas águas, cobertos de limo e povoados de peixes, que substituirão as aves.

O dilúvio bíblico não pode ter tido essa causa, pois que foi repentina a invasão das águas e de curta duração a permanência delas, ao passo que, de outro modo, essa permanência houvera sido de muitos milhares de anos e ainda duraria, sem que os homens dessem por isso — N. K.

¹¹⁰ **Telúrico**: relativo à terra, ao solo — N. E.

cometa inspire terror.¹¹¹

13. Devemos igualmente considerar como fantasiosa a possibilidade do encontro da Terra com outro planeta. A regularidade e a invariabilidade das leis que presidem aos movimentos dos corpos celestes tornam um encontro desse fora de toda probabilidade.

A Terra, no entanto, terá um fim. Como? Isso ainda permanece no domínio das conjecturas; mas, visto de ela estar ainda longe da perfeição que pode alcançar e da distância que lhe indicaria o declínio, seus habitantes atuais podem estar certos de que tal não se dará ao tempo deles. (Cap. VI, nº 48 e seguintes)

14. Fisicamente, a Terra teve as convulsões da sua infância; entrou agora num período de relativa estabilidade: na do progresso pacífico, que se efetua pelo regular retorno dos mesmos fenômenos físicos e pela colaboração inteligente do homem. **Porém, ainda está em pleno trabalho de gestação do progresso moral. Aí residirá a causa das suas maiores revoluções. Até que a Humanidade tenha crescido suficientemente em perfeição, pela inteligência e pela observância das leis divinas, as maiores perturbações ainda serão causadas pelos homens, mais do que pela Natureza, isto é, serão antes morais e sociais do que físicas.**

AUMENTO OU DIMINUIÇÃO DO VOLUME DA TERRA

15. O volume da Terra aumenta, diminui, ou permanece estacionário?

Para sustentar que o volume da Terra aumenta, alguns se fundamentam na tese de que as plantas dão ao solo mais do que tiram dele, o que, se isso é correto num sentido, não é em outro. As plantas se nutrem tanto e até mais das substâncias gasosas que absorvem na atmosfera, quanto das que sugam pelas raízes. Ora, a atmosfera faz parte integrante do globo; os gases que a constituem vêm da decomposição dos corpos sólidos e estes, recompondo-se, retomam o que lhe haviam dado. É uma troca, ou, antes, uma perpétua transformação, de maneira que, operando-se o crescimento deles com o auxílio dos elementos constitutivos do globo, os restos dos vegetais e dos animais, por muito consideráveis que sejam, não aumentam sua massa em um só átomo. Por essa causa, se a parte sólida do globo terrestre aumentasse de modo permanente, isso se daria à custa da atmosfera, que diminuiria de outro tanto e acabaria por se tornar imprópria à vida, se não recuperasse, pela decomposição dos corpos sólidos, o que perde pela composição deles.

Na origem da Terra, as primeiras camadas geológicas se formaram das matérias sólidas momentaneamente volatilizadas, por efeito da alta temperatura, e que, condensadas mais tarde pelo resfriamento, se dilataram.

¹¹¹ O cometa de 1861 atravessou a órbita da Terra num ponto do qual esta se achava a uma distância de apenas 20 horas. Portanto, a Terra esteve mergulhada na atmosfera dele, sem que daí resultasse nenhum acidente – N. K.

Incontestavelmente, elas elevaram um pouco a superfície do solo, mas sem acrescentarem coisa alguma à massa total, pois que ali apenas havia um deslocamento de matéria. Quando expurgada dos elementos que continha em suspensão, a atmosfera se encontrou no estado normal, as coisas tomaram o curso regular em que depois seguiram. Hoje, a menor modificação na constituição da atmosfera acarretaria obrigatoriamente a destruição dos atuais habitantes da Terra; mas, também é provável que novas raças se formassem noutras condições.

Considerada desse ponto de vista, a massa do globo — isto é, a soma das moléculas que compõem o conjunto de suas partes sólidas, líquidas e gasosas — é incontestavelmente a mesma, desde a sua origem. Se o globo experimentasse uma dilatação ou uma condensação, seu volume aumentaria ou diminuiria, sem que a massa sofresse qualquer alteração. Portanto, se a Terra aumentasse de massa, o fato seria efeito de uma causa estranha, pois que ela não poderia tirar de si mesma os elementos necessários ao seu aumento.

Há uma opinião segundo a qual o globo aumentaria de massa e de volume pela enchente da matéria cósmica interplanetária. Esta ideia nada tem de irracional, mas é bastante incerta para ser admitida em princípio. Não passa de uma hipótese combatida por teorias contrárias, sobre as quais a Ciência ainda não estabeleceu nada. Sobre isso, eis aqui a opinião do eminente Espírito que ditou os sábios estudos *uranográficos* descritos lá atrás, no capítulo VI:

“Os mundos se esgotam pelo envelhecimento e tendem a se dissolver para servir de elementos de formação a outros universos. Pouco a pouco, restituem ao fluido cósmico universal do espaço o que tiraram dele para se formar. Além disso, todos os corpos se gastam pelo atrito; o movimento rápido e incessante do globo através do fluido cósmico faz sua massa se diminuir constantemente, se bem que de quantidade imperceptível em determinado tempo.¹¹²

“A meu ver, a existência dos mundos pode ser dividida em três períodos. **Primeiro período:** condensação da matéria, período esse em que o volume do globo diminui consideravelmente, sendo que a massa se conserva a mesma. É o período da infância. **Segundo período:** contração, solidificação da crosta; eclosão dos germens, desenvolvimento da vida até à aparição do tipo mais aperfeiçoado. Nesse momento, o globo está em toda a sua plenitude, é a época da fertilidade; ele perde os seus elementos constitutivos, mas muito pouco. À medida que seus habitantes progridem *espiritualmente*, ele passa ao período de decrescimento *material*; sofre perdas, não só em consequência do atrito, mas também pela desagregação das moléculas, como uma pedra dura que acaba reduzida a poeira quando corroída pelo tempo. Em seu duplo movimento de rotação e translação, ele entrega ao espaço parcelas fluidificadas da sua substância, até ao momento em que se completa a sua dissolução.

“Mas então, como o poder de atração está na razão direta da massa (não digo do volume), diminuída a massa do globo, modificam-se as suas

¹¹² No seu movimento de translação (volta em torno do Sol), a velocidade da Terra é de 400 léguas por minuto. Sendo de 9.000 léguas a sua circunferência, em seu movimento de rotação (volta ao redor do seu eixo), cada ponto do equador percorre 9.000 léguas em 24 horas, ou 6,3 léguas por minuto – N. K.

condições de equilíbrio no espaço. Dominado por planetas mais poderosos, aos quais ele não pode fazer contrapeso, resultam daí desvios nos seus movimentos e, portanto, também profundas mudanças nas condições da vida em sua superfície. Assim, **nascimento, vida e morte**; ou **infância, virilidade, decrepitude** são as três fases pelas quais toda aglomeração de matéria orgânica ou inorgânica passa. Indestrutível só é o Espírito, que não é matéria” (Galileu, *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, 1868).

CAPÍTULO X

GÊNESE ORGÂNICA

- FORMAÇÃO PRIMÁRIA DOS SERES VIVOS
- PRINCÍPIO VITAL
- GERAÇÃO ESPONTÂNEA
- ESCALA DOS SERES ORGÂNICOS
- O HOMEM CORPÓREO

FORMAÇÃO PRIMÁRIA DOS SERES VIVOS

1. Houve tempo em que não existiam animais; logo, eles tiveram começo. Cada espécie foi aparecendo à proporção que o globo adquiria as condições necessárias à existência delas. Isto é real. Como se formaram os primeiros indivíduos de cada espécie? Compreendemos que na existência de um primeiro casal, os indivíduos se multiplicaram. Mas, de onde saiu esse primeiro casal? O princípio das coisas: esse é um dos mistérios sobre os quais apenas podemos formular hipóteses. A Ciência ainda não pode resolver o problema; entretanto, pelo menos pode encaminhá-lo para a solução.

2. Esta é a questão primordial que se apresenta: cada espécie animal saiu de um **casal primitivo** ou de muitos casais criados, ou, se o preferirem, germinados simultaneamente em diversos lugares?

Esta última suposição é a mais provável. Podemos mesmo dizer ela que ressalta da observação. Com efeito, nos terrenos de idêntica formação, e em proporções enormes, o estudo das camadas geológicas confirma a presença das mesmas espécies em pontos do globo muito afastados uns dos outros. Essa multiplicação tão generalizada e, de certo modo contemporânea, seria impossível com um único tipo primitivo.

De outro modo, a vida de um indivíduo — sobretudo de um indivíduo nascente — está sujeita a tantas eventualidades, que toda uma criação poderia ficar comprometida, sem a variedade dos tipos, o que implicaria um descuido inadmissível da parte do Criador supremo. Aliás, se num ponto, um tipo pode se formar, em muitos outros pontos ele poderia se formar igualmente, por efeito da mesma causa.

Logo, tudo demonstra provar que houve criação simultânea e múltipla dos primeiros casais de cada espécie animal e vegetal.

3. A formação dos primeiros seres vivos pode ser deduzida, por comparação,

pela mesma lei pela qual os corpos inorgânicos foram formados e se formam todos os dias. À medida que se aprofunda o estudo das leis da Natureza, as engrenagens que de início pareciam tão complicadas vão se simplificando e confundindo na grande lei de unidade que preside a toda a obra da criação. Isso se compreenderá melhor, quando estiver compreendida a formação dos corpos inorgânicos, que é o degrau primário daquela outra.

4. A Química considera essenciais muitas substâncias, como o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono, o cloro, o iodo, o flúor, o enxofre, o fósforo e todos os metais. Combinando-se, elas formam os corpos compostos: os óxidos, os ácidos, os álcalis, os sais e as inúmeras variedades que resultam da combinação destes.

A combinação de dois corpos para formar um terceiro exige especial auxílio de circunstâncias: seja um determinado grau de calor, de sequeidão, ou de umidade; seja o movimento ou o repouso; seja uma corrente elétrica, etc. Se essas circunstâncias não se verificarem, a combinação não se operará.

5. Quando há combinação, os corpos componentes perdem suas propriedades características, enquanto o composto que resulta deles adquire outras, diferentes das daqueles. É assim, por exemplo, que o oxigênio e o hidrogênio — que são gases invisíveis — quimicamente combinados formam a água — que é líquida, sólida, ou vaporosa, conforme a temperatura. A bem dizer, na água já não há oxigênio nem hidrogênio, mas um corpo novo. Se essa água for decomposta, os dois gases, tornados livres, recobram suas propriedades: já não há água. A mesma quantidade desse líquido pode ser assim, alternativamente, decomposta e recomposta, ao infinito.

6. A composição e decomposição dos corpos se dão em virtude do grau de afinidade que os princípios elementares guardam entre si. A formação da água, por exemplo, resulta da afinidade recíproca que existe entre o oxigênio e o hidrogênio; mas, se pusermos em contato com a água um corpo que tenha mais afinidade com o oxigênio do que a que este tem com o hidrogênio, a água se decompõe: o oxigênio é absorvido e o hidrogênio se liberta. Já não haverá água.

7. Os corpos compostos se formam sempre em proporções definidas, isto é, pela combinação de certa quantidade dos princípios constituintes. Assim, para formar a água, são necessárias uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio. Se duas partes de oxigênio forem combinadas com duas de hidrogênio, em vez de água surgirá o deutóxido de hidrogênio — um líquido corrosivo, ainda que formado dos mesmos elementos que entram na composição da água, porém noutra proporção.

8. Em poucas palavras, está é a lei da formação de todos os corpos da Natureza. A infinita variedade deles resulta de um número pequeno de princípios elementares combinados em proporções diferentes.

Por exemplo: o oxigênio, combinado em certas proporções, com o carbono, o enxofre, o fósforo, forma os ácidos carbônico, sulfúrico, fosfórico; o oxigênio e o ferro formam o óxido de ferro ou ferrugem; o oxigênio e o chumbo (ambos inofensivos) dão origem aos óxidos de chumbo, tais como o itargírio, o alvaiade, o mínio (que são venenosos). O oxigênio, com os metais chamados cálcio, sódio, potássio, forma a cal, a soda, a potassa. A cal, unida ao ácido carbônico, forma os carbonatos de cal ou pedras calcáreas, tais como o mármore, a cré, as estalactites das grutas; unida ao ácido sulfúrico, forma o sulfato de cálcio ou gesso e o alabastro; ao ácido fosfórico, o fosfato de cal, base sólida, dos ossos; o cloro e o hidrogênio formam o ácido clorídrico ou hidrolórico; o cloro e o sódio formam o cloreto de sódio ou sal marinho.

9. Todas essas combinações e milhares de outras são obtidas artificialmente nos laboratórios de química, em pequenas quantidades; já no grande laboratório da Natureza, elas se operam em larga escala.

Em sua origem, a Terra não continha essas matérias em combinação, mas tinha apenas seus princípios constitutivos volatilizados. Quando as terras calcáreas e outras, que se tornaram pedrosas com o tempo, foram depositadas depositaram na sua superfície, aquelas matérias não existiam inteiramente formadas; porém, todas as suas substâncias básicas se encontravam no ar em estado gasoso. Precipitadas por efeito do resfriamento e sob a força de circunstâncias favoráveis, essas substâncias se combinaram, segundo o grau de suas afinidades moleculares. Foi então que se formaram as diversas variedades de carbonatos, de sulfatos, etc., a princípio em dissolução nas águas, depois, depositadas na superfície do solo.

Suponhamos que por uma causa qualquer a Terra voltasse ao estado primitivo de incandescência: tudo se decomporia; os elementos se separariam; todas as substâncias fusíveis se fundiriam; todas as que são vaporáveis se evaporariam. Depois, outro resfriamento determinaria nova precipitação e de novo se formariam as antigas combinações.

10. Estas considerações provam quanto a Química era necessária para a inteligência da Gênese. Antes de conhecermos as leis da afinidade molecular, não era possível compreendermos a formação da Terra. Esta ciência lançou grande luz sobre a questão, como a Astronomia e a Geologia fizeram, de outros pontos de vista.

11. Na formação dos corpos sólidos, um dos mais notáveis fenômenos é o da cristalização, que consiste na forma regular que certas substâncias assumem, ao passarem do estado líquido ou gasoso ao estado sólido. Essa forma — que varia de acordo com a natureza da substância — é geralmente a de sólidos geométricos, tais como o prisma, o romboide, o cubo, a pirâmide. Todo o mundo conhece os cristais de açúcar cândi; os cristais de rocha, ou sílica cristalizada, são prismas de seis faces que terminam em pirâmide igualmente hexagonal. O diamante é carbono puro, ou carvão cristalizado. Os desenhos que no inverno

se produzem sobre as vidraças são devidos à cristalização do vapor d'água durante o congelamento, sob a forma de agulhas prismáticas.

A disposição regular dos cristais corresponde à forma particular das moléculas de cada corpo. Essas partículas, infinitamente pequenas para nós, mas que não deixam por isso de ocupar certo espaço, solicitadas umas para as outras pela atração molecular, se arrumam e justapõem segundo o exigem suas formas, de maneira que cada uma toma o seu lugar em torno do núcleo ou primeiro centro de atração e a constituir um conjunto simétrico.

A cristalização só se opera em certas circunstâncias favoráveis, fora dessas circunstâncias ela não pode ocorrer. São condições essenciais o grau da temperatura e o repouso absoluto. Compreendemos que um calor muito forte, mantendo as moléculas afastadas, não lhes permitiria condensarem-se e que a agitação, impossibilitando-lhes um arranjo simétrico, só lhes permitiria formar uma massa confusa e irregular, por isso o fato de não haver cristalização propriamente dita.

12. A lei que preside à formação dos minerais conduz naturalmente à formação dos corpos orgânicos.

A análise química mostra que todas as substâncias vegetais e animais são compostas dos mesmos elementos que os corpos inorgânicos. Desses elementos, são o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono os que desempenham papel principal. Os outros entram como complemento. Como no reino mineral, a diferença de proporções na combinação dos referidos elementos produz todas as variedades de substâncias orgânicas e suas diversas propriedades, tais como: os músculos, os ossos, o sangue, a bÍlis, os nervos, a matéria cerebral, a gordura, nos animais; a seiva, a madeira, as folhas, os frutos, as essências, os óleos, as resinas, etc., nos vegetais. Assim, na formação dos animais e das plantas, nenhum corpo especial entra que igualmente não se encontre no reino mineral.¹¹³

13. Alguns exemplos comuns nos farão compreendermos as transformações que se operam no reino orgânico, pela modificação dos elementos constitutivos.

No suco da uva não há vinho, nem álcool, mas apenas água e açúcar. Quando o suco fica maduro e as condições são propícias, produz-se nele um

¹¹³ O quadro a seguir, da análise de algumas substâncias, mostra a diferença de propriedades que resulta da só diferença na proporção em que entram os elementos constituintes. Sobre 100 partes, temos:

	Carbono	Hidrogênio	Oxigênio	Azoto
Açúcar de cana	42,470	6,900	50,630	—
Açúcar de uva	36,710	6,780	56,510	—
Alcool	51,980	13,700	34,320	—
Azeite de oliveira	77,210	13,360	9,430	—
Óleo de nozes	79,774	10,570	9,122	0,534
Gordura	78,996	11,700	9,304	—
Fibrina	53,360	7,021	19,685	19,934

trabalho íntimo a que se dá o nome de fermentação. Por esse trabalho, uma parte do açúcar se decompõe; o oxigênio, o hidrogênio e o carbono se separam e combinam nas proporções necessárias a produzir o álcool, de sorte que, bebendo suco de uva, não se bebe realmente álcool, pois que este ainda não existe. Ele se forma das partes constituintes da água e do açúcar, sem que absolutamente haja uma molécula a mais ou a menos.

No pão e nos legumes que comemos certamente não há carne, nem sangue, nem osso, nem bÍlis, nem matéria cerebral; entretanto, esses mesmos alimentos, decompondo-se e recompondo-se pelo trabalho da digestão, produzem aquelas diferentes substâncias só pela transmutação de seus elementos constitutivos.

Na semente de uma árvore, tampouco há madeiras, folhas, flores ou frutos e seria erro infantil crermos que a árvore inteira se encontra ali, sob forma microscópica. Na semente, quase não há sequer oxigênio, hidrogênio e carbono em quantidade necessária a formar uma folha da árvore. Ela contém um gérmen que desabrocha, quando houver condições favoráveis. Esse gérmen se desenvolve por efeito dos sucos que nutrem da terra e dos gases que aspira do ar. Tais sucos — que não são lenho, nem folhas, nem flores, nem frutos — infiltrando-se na planta, lhe formam a seiva, como nos animais formam o sangue. Levada pela circulação a todas as partes do vegetal, a seiva, conforme o órgão a que vai ter e onde sofre uma elaboração especial, se transforma em lenho, folhas e frutos, como o sangue se transforma em carne, osso, bÍlis, etc. Contudo, são sempre os mesmos elementos: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono, diversamente combinados.

14. As diferentes combinações dos elementos, para formação das substâncias minerais, vegetais e animais, só podem acontecer nos meios e em circunstâncias propícias; fora dessas circunstâncias, os princípios elementares estão numa espécie de inércia. Mas, desde que as circunstâncias se tornam favoráveis, começa um trabalho de elaboração; as moléculas entram em movimento, agitam-se, atraem-se, aproximando-se e se separam em virtude da lei de afinidades e, por suas múltiplas combinações, compõem a infinita variedade das substâncias. Desapareçam essas condições e o trabalho subitamente cessa, para recomençar quando elas de novo se apresentarem. É assim que a vegetação se ativa, enfraquece, para e prossegue, sob a ação do calor, da luz, da umidade, do frio ou da seca; que esta planta prospera, num clima ou num terreno, e se murcha ou morre noutros.

15. O que diariamente se passa às nossas vistas pode nos colocar na pista do que se passou na origem dos tempos, pois as leis da Natureza não variam.

Visto que os elementos constitutivos dos seres orgânicos e inorgânicos são os mesmos; que sabemos que, em dadas circunstâncias, eles formam incessantemente as pedras, as plantas e os frutos, podemos concluir daí que os corpos dos primeiros seres vivos se formaram, como as primeiras pedras, pela reunião das moléculas elementares, em virtude da lei de afinidade, à medida

que as condições da vitalidade do globo foram propícias a esta ou àquela espécie.

A semelhança de forma e de cores, na reprodução dos indivíduos de cada espécie, pode ser comparada à semelhança de forma de cada espécie de cristal. Justapondo-se, sob a ação da mesma lei, as moléculas produzem conjunto semelhante.

PRINCÍPIO VITAL

16. Dizendo que as plantas e os animais são formados dos mesmos princípios que formam os minerais, falamos em sentido exclusivamente material, pois que aqui apenas tratamos do corpo.

Sem falar do princípio inteligente — que é uma questão à parte — há, na matéria orgânica um princípio especial invisível e que ainda não pode ser definido: o **princípio vital**. Ativo no ser vivente, esse princípio se acha *extinto* no ser morto; mas, nem por isso deixa de dar à substância propriedades que a distinguem das substâncias inorgânicas. A Química — que decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos — também conseguiu decompor os corpos orgânicos, porém jamais chegou a reconstituir, sequer, uma folha morta, prova evidente de que há nestes últimos o que quer que seja, inexistente nos outros.

17. Será o princípio vital alguma coisa extraordinária que tenha existência própria? Ou, integrado no sistema da unidade do elemento gerador, apenas será um estado especial, uma das modificações do fluido cósmico, pela qual este se torne princípio de vida, como se torna luz, fogo, calor, eletricidade? É neste último sentido que as comunicações acima reproduzidas resolvem a questão (ver cap. VI, *Uranografia geral*).

Porém, seja qual for a opinião que se tenha sobre a natureza do princípio vital, o certo é que ele existe, pois que seus efeitos são visíveis. Portanto, podemos logicamente admitir que, ao se formarem, os seres orgânicos assimilaram o princípio vital — por ser necessário à destinação deles; ou se preferirem, que esse princípio se desenvolveu em cada indivíduo, por efeito mesmo da combinação dos elementos, tal como se desenvolvem, dadas certas circunstâncias, o calor, a luz e a eletricidade.

18. Sem o princípio vital, combinados o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono unicamente teriam formado um mineral ou corpo inorgânico; ao modificar a constituição molecular desse corpo, o princípio vital dá propriedades especiais a eles. Em lugar de uma molécula mineral, tem-se uma molécula de matéria orgânica.

A atividade do princípio vital é alimentada durante a vida pela ação do funcionamento dos órgãos, do mesmo modo que o calor é pelo movimento de rotação de uma roda. Cessada aquela ação, por motivo da morte, o princípio

vital *se extingue*, como o calor acaba quando a roda deixa de girar. Mas, o *efeito produzido* por esse princípio sobre o estado molecular do corpo sobrevive mesmo depois dele extinto, como a carbonização da madeira sobrevive à extinção do calor. Na análise dos corpos orgânicos, a Química encontra os elementos que os constituem (oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono); mas, não pode reconstituir aqueles corpos, porque, já não existindo a causa, não lhe é possível reproduzir o efeito, ao passo que possível lhe é reconstituir uma pedra.

19. Tomamos para termo de comparação o calor que se desenvolve pelo movimento de uma roda — por ser um efeito vulgar, que todo mundo conhece, e mais fácil de ser compreendido. No entanto, teria sido mais exato dizendo que, na combinação dos elementos para formarem os corpos orgânicos, desenvolve-se *eletricidade*. Então, os corpos orgânicos seriam como verdadeiras *pilhas elétricas*, que funcionam enquanto os elementos dessas pilhas se acham em condições de produzir eletricidade: eis a vida; que deixam de funcionar, quando tais condições desaparecem: eis a morte. Segundo essa maneira de ver, o princípio vital não seria mais do que uma espécie particular de eletricidade, denominada **eletricidade animal**¹¹⁴, que durante a vida é gasta pela ação dos órgãos e que tem sua produção findada na morte, por tal ação se acabar.

GERAÇÃO ESPONTÂNEA

20. É natural que alguém pergunte por que não se formam mais seres vivos nas mesmas condições em que se formaram os primeiros que surgiram na Terra.

Sobre esse ponto, não pode deixar de esclarecer a questão da geração espontânea, que tanto preocupa a Ciência, embora ainda esteja diversamente resolvida. O problema é este: nos tempos atuais, seres orgânicos são formados pela simples reunião dos elementos que os compõem, sem germens, previamente produzidos pelo modo comum de geração, ou seja, sem pais nem mães?

Os partidários da geração espontânea respondem afirmativamente, apoiando-se em observações diretas que parecem conclusivas. Outros pensam que todos os seres vivos se reproduzem uns pelos outros, firmados sobre o fato que a experiência comprova de que os germens de certas espécies vegetais e animais, mesmo dispersos, conservam vitalidade latente, durante longo tempo, até que as circunstâncias lhes favoreçam a eclosão. Esta maneira de entender deixa sempre em aberto a questão da formação dos primeiros tipos de cada espécie.

21. Sem discutir as duas teorias, convém acentuar que o princípio da geração espontânea evidentemente só se pode aplicar aos seres das ordens mais

¹¹⁴ O termo **animal** aqui colocado se refere ao que é animado, orgânico, que tem vida (planta, animal e corpo humano) – N. E.

reduzidas do reino vegetal e do reino animal, àqueles em os quais a vida começa a despontar e cujo organismo — que é extremamente simples — é de certo modo primitivo. Com efeito, foram esses os primeiros que apareceram na Terra e cuja formação houve de ser espontânea. Assistiríamos assim a uma criação permanente, igual à que se produziu nas primeiras idades do mundo.

22. Mas então, por que os seres de organização complexa não se formam da mesma maneira? É um fato real que esses seres não existiram sempre; logo, tiveram um começo. Se o musgo, o líquen, o zoófito, o infusório, os vermes intestinais e outros podem se produzir espontaneamente, por que não se dá o mesmo com as árvores, os peixes, os cães, os cavalos?

As investigações param aí, por enquanto; desaparece o fio condutor e, até que ele seja encontrado, fica aberto o campo às hipóteses. Pois então, seria imprudente e prematuro apresentar meros sistemas como verdades absolutas.

23. Se a geração espontânea é fato demonstrado — por mais limitado que seja — não deixa de ser um fato capital, um marco de natureza a indicar o caminho para novas observações. Sabemos que os seres orgânicos complexos não se produzem dessa maneira; mas, quem sabe como eles começaram? Quem conhece o segredo de todas as transformações? Vendo o carvalho sair da glândula, quem pode afirmar que não exista um laço misterioso entre o pólipo e o elefante? (Nº 25)

No estado atual dos nossos conhecimentos, só podemos estabelecer a teoria da geração espontânea *permanente* como hipótese, mas como hipótese provável e que um dia, talvez, tome lugar entre as verdades científicas incontestes.¹¹⁵

ESCALA DOS SERES ORGÂNICOS

24. Entre o reino vegetal e o reino animal, não há nenhuma delimitação nitidamente marcada. Nos confins dos dois reinos estão os **zoófitos** ou **animais-plantas**, cujo nome indica que eles participam de um e outro: servelhes de traço de união.

Como os animais, as plantas nascem, vivem, crescem, nutrem-se, respiram, reproduzem-se e morrem. Como os animais, elas precisam de luz, de calor e de água; estiolam-se e morrem, desde que lhes faltem esses elementos. A absorção de um ar viciado e de substâncias deletérias as envenena. Oferecem como caráter distintivo mais acentuado conservarem-se presas ao solo e tirarem dele a nutrição, sem se deslocarem.

O zoófito tem a aparência exterior da planta. Como planta, mantém-se preso ao solo; como animal, a vida se acha nele mais acentuada: tira a sua alimentação do meio ambiente.

¹¹⁵ REVISTA ESPÍRITA, julho de 1868, pág. 201: “Desenvolvimento da teoria da geração espontânea” – N. K.

Um degrau acima, o animal é livre e procura o alimento: em primeiro lugar, vêm as inúmeras variedades de pólipos, de corpos gelatinosos, sem órgãos bem definidos, só diferindo das plantas pela capacidade da locomoção; seguem-se, na ordem do desenvolvimento dos órgãos, da atividade vital e do instinto, os helmintos ou vermes intestinais; os moluscos, animais carnudos sem ossos, alguns deles nus, como as lesmas, os polvos, outros providos de conchas, como o caracol, a ostra; os crustáceos, cuja pele é revestida de uma crosta dura, como o caranguejo, a lagosta; os insetos, aos quais a vida assume espantosa atividade e se manifesta o instinto engenhoso, como a formiga, a abelha, a aranha. Alguns se metamorfoseiam, como a lagarta, que se transforma em elegante borboleta. Vem depois a ordem dos vertebrados, animais de esqueleto ósseo, ordem que abrange os peixes, os reptis, os pássaros; por fim, seguem-se os mamíferos, cuja organização é a mais completa.

25. Se considerarmos apenas os dois pontos extremos da cadeia, nenhuma semelhança aparente haverá; mas, se passarmos de um anel a outro sem solução de continuidade, chegaremos, sem transição brusca, da planta aos animais vertebrados. Compreendemos então a possibilidade de que os animais de organização complexa não sejam mais do que uma transformação, ou se quiserem, um desenvolvimento gradual e a princípio insensível, da espécie imediatamente inferior e, assim sucessivamente, até ao ser elementar primitivo. Entre a glândula e o carvalho é grande a diferença; entretanto, se acompanharmos passo a passo o desenvolvimento da glândula, chegaremos ao carvalho e já não nos admiraremos de que este proceda de tão pequena semente. Ora, se a glândula traz em estado latente os elementos próprios à formação de uma árvore gigantesca, por que não se daria o mesmo do ouço ao elefante? (ver Nº 23)

De acordo com o que fica dito, percebemos que só existe geração espontânea para os seres orgânicos básicos; as espécies superiores seriam produto das transformações sucessivas desses mesmos seres, realizadas à proporção que as condições atmosféricas se lhes foram tornando propícias. Cada espécie adquirindo a capacidade de se reproduzir, os cruzamentos acarretaram inúmeras variedades. Depois, uma vez instalada em condições favoráveis, quem nos diz que os germes primitivos donde ela surgiu não desapareceram para sempre, por serem inúteis? Quem nos diz que, de transformação em transformação, o nosso ouço atual seja idêntico ao que produziu o elefante? Explicaríamos assim porque não há geração espontânea entre os animais de organização complexa.

Mesmo sem ainda estar admitida de maneira definitiva, esta teoria é a que tende evidentemente a predominar hoje na Ciência. Os observadores sérios a aceitam como a mais racional.

O HOMEM CORPORAL

26. Do ponto de vista corporal e puramente anatômico, o homem pertence à

classe dos mamíferos — dos quais unicamente difere por alguns detalhes na forma exterior. Quanto ao mais, tem a mesma composição de todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção, de reprodução. Ele nasce, vive e morre nas mesmas condições e, quando morre, seu corpo se decompõe, como tudo o que vive. Não há em seu sangue, na sua carne, em seus ossos, um átomo diferente dos que se encontram no corpo dos animais. Como estes, ao morrer, restitui à terra o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono que se haviam combinado para formá-lo; e por meio de novas combinações, esses elementos vão formar outros corpos minerais, vegetais e animais. É tão grande a igualdade que se estudam as suas funções orgânicas em certos animais, quando as experiências não podem ser feitas nele próprio.

27. Na classe dos mamíferos, o homem pertence à ordem dos **bímanos**. Logo abaixo dele vêm os **quadrúmanos** (animais de quatro mãos) ou macacos, alguns dos quais, como o orangotango, o chimpanzé, o jocó, têm certos ademanos do homem, a tal ponto que, por muito tempo, foram denominados: **homens das florestas**. Como o homem, esses macacos caminham eretos, usam cajados, constroem choças e levam à boca, com a mão, os alimentos: sinais característicos.

28. Por pouco que se observe a escala dos seres vivos, do ponto de vista do organismo, somos forçados a reconhecer que, desde o líquen até a árvore e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia que se eleva gradativamente, sem solução de continuidade e cujos anéis todos têm um ponto de contato com o anel precedente. **Acompanhando-se passo a passo a série dos seres, diríamos que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior.** Visto que as condições do corpo do homem são idênticas às dos outros corpos, química e constitucionalmente; visto que ele nasce, vive e morre da mesma maneira, ele há de ter sido formado também nas mesmas condições que os outros.

29. Ainda que isso fira o seu orgulho, o homem tem que se resignar a não ver no **seu corpo material** mais do que o último anel da animalidade **na Terra**. Aí está o inviolável argumento dos fatos, contra o qual seria inútil protestar.

Todavia, quanto mais o corpo diminui de valor aos seus olhos, tanto mais o princípio espiritual cresce de importância. Se o primeiro o iguala ao bruto, o segundo o eleva a indescritível altura. Vemos o limite extremo do animal, mas não vemos o limite a que o espírito do homem chegará.

30. Por aí, o materialismo pode ver que o Espiritismo, longe de temer as descobertas da Ciência e o seu positivismo, vai ao seu encontro e os provoca, por possuir a certeza de que o princípio espiritual — que tem **existência própria** — em nada pode sofrer com elas.

O Espiritismo marcha ao lado do materialismo, no campo da matéria;

admite tudo o que o segundo admite; mas, avança para além do ponto onde este último estaciona. O Espiritismo e o materialismo são como dois viajantes que caminham juntos, partindo de um mesmo ponto; chegados a certa distância, um diz “Não posso ir mais longe”. O outro prossegue e descobre um novo mundo. Por que então o primeiro há de dizer que o segundo é louco, somente porque ao penetrar novos horizontes se decide a transpor os limites onde ao outro convém se deter? Também Cristóvão Colombo não foi tachado de louco porque acreditava na existência de um mundo além lá do oceano? Quantos a História não conta desses loucos sublimes, que têm feito que a Humanidade avançasse, os mesmos a quem hoje coroam, depois de lhes terem atirado lama?

Pois bem! O Espiritismo — a loucura do século dezenove, segundo os que se teimam em permanecer na margem terrena — nos evidencia todo um mundo, mundo bem mais importante para o homem, do que a América, porque nem todos os homens vão à América, ao passo que todos, sem exceção de nenhum, vão ao dos Espíritos, fazendo incessantes travessias de um para o outro. Alcançado o ponto em que nos achamos com relação à Gênese, o materialismo se detém, enquanto o Espiritismo prossegue em suas pesquisas no domínio da **Gênese espiritual**.

CAPÍTULO XI

GÊNESE ESPIRITUAL

- PRINCÍPIO ESPIRITUAL
- UNIÃO DO PRINCÍPIO ESPIRITUAL À MATÉRIA
- HIPÓTESE SOBRE A ORIGEM DO CORPO HUMANO
- ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS
- REENCARNAÇÕES
- EMIGRAÇÃO E IMIGRAÇÃO DOS ESPÍRITOS
- RAÇA ADÂMICA
- DOCTRINA DOS ANJOS DECAÍDOS
E DA PERDA DO PARAÍSO

PRINCÍPIO ESPIRITUAL

1. A existência do princípio espiritual é um fato que, por assim dizer, não precisa de demonstração, do mesmo modo que o da existência do princípio material. De certa forma, é uma verdade incontestável. Ele se afirma pelos seus efeitos, como a matéria se afirma pelos que lhe são próprios.

De acordo com este princípio “Todo efeito tendo uma causa, todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente”, não há ninguém que não faça distinção entre o movimento mecânico de um sino que o vento agite e o movimento desse mesmo sino para dar um sinal ou um aviso, só por isso atestando que obedece a um pensamento, a uma intenção. Ora, não podendo vir a ninguém a ideia de atribuir pensamento à matéria do sino, temos de concluir que é movido por uma inteligência à qual o sino serve de instrumento para que essa inteligência se manifeste.

Pela mesma razão, ninguém terá a ideia de atribuir pensamento ao corpo de um homem morto. Pois, se quando vivo o homem pensa, é que há nele alguma coisa que não há quando está morto. A diferença que existe entre ele e o sino é que a inteligência, que faz com que este se mova, está fora dele, ao passo que está no homem a que faz que este obre.

2. O princípio espiritual é uma afirmação da existência de Deus; sem esse princípio, Deus não teria razão de ser, visto que não poderíamos conceber a soberana inteligência a reinar, pela eternidade a fora, unicamente sobre a matéria bruta, como não poderíamos conceber que um rei na Terra, durante toda a sua vida, reinasse exclusivamente sobre pedras. Não podendo admitir

Deus sem os atributos essenciais da Divindade: a justiça e a bondade, inúteis seriam essas qualidades, se Ele tivesse de exercitá-las somente sobre a matéria.

3. Por outro lado, não se poderia conceber um Deus soberanamente justo e bom, a criar seres inteligentes e sensíveis, para lançá-los ao nada, após alguns dias de sofrimento sem compensações, a recrear-se na contemplação dessa sucessão indefinita de seres que nascem, sem que o tenha pedido, pensam por um instante, apenas para conhecerem a dor, e se acabarem para sempre, ao fim de curta existência.

Sem a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seriam uma crueldade sem objetivo da parte de Deus. Eis por que o materialismo e o ateísmo são exemplos um do outro; negando o efeito, eles não podem admitir a causa. Então, o materialismo é consequente consigo mesmo, embora não o seja com a razão.

4. A ideia da perpetuidade do ser espiritual é natural no homem; essa ideia se acha nele em estado de intuição e de aspiração. O homem compreende que somente aí está a compensação às misérias da vida. Essa a razão por que sempre houve e haverá cada vez mais espiritualistas do que materialistas e mais devotos do que ateus.

À ideia intuitiva e à força do raciocínio o Espiritismo junta a sanção dos fatos, a prova material da existência do ser espiritual, da sua sobrevivência, da sua imortalidade e da sua individualidade. Torna precisa e define o que aquela ideia tinha de vago e de abstrato. Mostra o ser inteligente a atuar fora da matéria — seja depois, seja durante a vida do corpo.

5. O princípio espiritual e o princípio vital são a mesma coisa?

Como sempre, partindo da observação dos fatos, diremos que se o princípio vital fosse inseparável do princípio inteligente, haveria certa razão para confundi-los. Mas, havendo, como há, seres que vivem e não pensam, iguais as plantas; corpos humanos que ainda se revelam animados de vida orgânica quando já não há qualquer manifestação de pensamento; uma vez que no ser vivo se produzem movimentos vitais independentes de qualquer intervenção da vontade; que durante o sono a vida orgânica se conserva em plena atividade, enquanto que a vida intelectual não se manifesta por nenhum sinal exterior, é cabível admitirmos que a vida orgânica reside num princípio relativo à matéria, independente da vida espiritual — que é relativo ao Espírito. Ora, desde que a matéria tem uma vitalidade independente do Espírito e que o Espírito tem uma vitalidade independente da matéria, torna-se evidente que essa dupla vitalidade repousa em dois princípios diferentes (Cap. X, nº 16 a 19).

6. Será que o princípio espiritual tem sua fonte de origem no elemento cósmico universal? Será ele apenas uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz, a eletricidade, o calor, etc.?

Se fosse assim, o princípio espiritual sofreria as modificações da matéria; seria extinto pela desagregação, como o princípio vital; a existência do

ser inteligente seria momentânea, como a do corpo, que logo ao morrer voltaria ao nada, ou voltaria ao todo universal — o que daria na mesma. Numa palavra, seria a confirmação das doutrinas materialistas.

As propriedades extraordinárias que se reconhecem ao princípio espiritual provam que ele tem existência própria, pois que se sua origem estivesse na matéria, aquelas propriedades lhe faltariam. Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chegamos à conclusão de que o **elemento material** e o **elemento espiritual** são os dois princípios constitutivos do Universo partindo dos efeitos até a causa. Sendo individualizado, o elemento espiritual constitui os seres chamados Espíritos, como o elemento material, sendo individualizado, constitui os diferentes corpos da Natureza, orgânicos e inorgânicos.

7. Admitido o ser espiritual e não podendo ele proceder da matéria, qual a sua origem, seu ponto de partida?

Aqui, acabam completamente os meios de investigação, como para tudo o que diz respeito à origem das coisas. O homem apenas pode comprovar o que existe; acerca de tudo o mais, apenas lhe é dado formular hipóteses e Deus não lhe concede isso, nem mesmo pela revelação — seja porque esse conhecimento esteja fora do alcance da sua inteligência atual, seja porque lhe seja inútil ou prejudicial presentemente.

O que Deus permite que seus mensageiros lhe digam e o que, aliás, o próprio homem pode deduzir do princípio da soberana justiça — que é um atributo essencial da Divindade — é que todos procedem do mesmo ponto de partida; que todos são criados simples e ignorantes, com igual aptidão para progredir pelas suas atividades individuais; que todos atingirão o grau máximo da perfeição com seus esforços pessoais; que todos, sendo filhos do mesmo Pai, são objeto de igual atenção; que não há nenhum mais favorecido ou melhor dotado do que os outros, nem livre do trabalho imposto aos demais para atingirem a meta.

8. Ao mesmo tempo em que criou mundos materiais desde toda a eternidade, Deus tem criado seres espirituais eternamente. Se assim não fosse, os mundos materiais careceriam de finalidade. Mais fácil seria concebemos os seres espirituais sem os mundos materiais, do que estes mundos sem os Espíritos. Os mundos materiais é que teriam de fornecer aos seres espirituais elementos de atividade para o desenvolvimento de suas inteligências.

9. Progredir é condição normal dos seres espirituais e a perfeição relativa o fim que lhes cumpre alcançar. Ora, havendo Deus criado desde toda a eternidade, e criando incessantemente, também desde toda a eternidade tem havido seres que atingiram o ponto culminante da escala. Antes que existisse a Terra, haviam inúmeros mundos sucedido a mundos e, quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço estava povoado de seres espirituais em todos os graus de adiantamento, desde os que surgiam para a vida até os que, desde toda a

eternidade, haviam tomado lugar entre os puros Espíritos, vulgarmente chamados anjos.

UNIÃO DO PRINCÍPIO ESPIRITUAL À MATÉRIA

10. Como a matéria tem que ser objeto do trabalho do Espírito para desenvolvimento de suas habilidades, era necessário que ele pudesse atuar sobre ela, e por isso que veio habitá-la, como o lenhador habita a floresta. Como a matéria tem que ser ao mesmo tempo objeto e instrumento do trabalho, em vez de unir o Espírito à pedra rígida, Deus criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestarem a todos os seus movimentos.

Pois então o corpo é simultaneamente a vestimenta e o instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste outro corpo apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar, tal qual se faz com o operário, a quem é dado instrumento menos grosseiro, à proporção que ele se vai mostrando apto a executar obra mais bem cuidada.

11. Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito que modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; aperfeiçoa-o e lhe desenvolve e completa o organismo, à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas aptidões; numa palavra, talha-o de acordo com a sua inteligência. Deus lhe fornece os materiais; cabe a ele empregá-los. É assim que as raças adiantadas têm um organismo ou, se quiserem, um aparelhamento cerebral mais aperfeiçoado do que as raças primitivas. Desse modo igualmente se explica o cunho especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e às linhas do corpo (Cap. VIII, nº 7: *Alma da Terra*).

12. Desde que um Espírito nasce para a vida espiritual, para adiantar-se, tem que fazer uso de suas competências — que a princípio são rudimentares. Por isso é que veste um envoltório adequado ao seu estado de infância intelectual, envoltório que ele abandona para tomar outro, à proporção que se lhe aumentam as forças. Ora como em todos os tempos houve mundos e esses mundos deram nascimento a corpos organizados próprios a receber Espíritos, em todos os tempos os Espíritos, qualquer que fosse o grau de adiantamento que tivessem alcançado, encontraram os elementos necessários à sua vida carnal.

13. Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as transformações da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e decompõe. O princípio vital, não mais encontrando elemento para sua atividade, se extingue e o corpo morre. O Espírito — para quem o princípio vital (já carente de vida) se torna inútil — deixa o corpo, como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa imprestável.

14. Em consequência disso, o corpo não passa de um envoltório destinado a receber o Espírito. Desde então, pouco importam a sua origem e os materiais que entraram na sua construção. Seja ou não o corpo do homem uma criação especial, o que não cabe dúvida é que ele é formado pelos mesmos elementos que o dos animais, a animá-lo o mesmo princípio vital, ou, por outra, a aquecê-lo o mesmo fogo, como tem a iluminá-lo a mesma luz e se acha sujeito às mesmas mudanças e às mesmas necessidades. Este é um ponto que não sofre contestação.

Portanto, considerando apenas a matéria, sem o espírito, o homem nada tem que o diferencie do animal. Porém, tudo muda de aspecto, logo que se estabelece distinção entre a **habitação** e o **habitante**.

Ou num castelo, ou envergando as vestes de um camponês, um nobre senhor não deixa de ser o que é. O mesmo se dá com o homem: não é a sua vestidura de carne que o coloca acima do bruto e faz dele um ser à parte; é o seu ser espiritual, seu Espírito.

HIPÓTESE SOBRE A ORIGEM DO CORPO HUMANO

15. Da semelhança que há de formas exteriores entre o corpo do homem e o do macaco, alguns fisiologistas concluíram que o primeiro é apenas uma transformação do segundo. Nada há aí de impossível, nem o que, se assim for, afete a dignidade do homem. Bem pode ser que corpos de macaco tenham servido de vestidura aos primeiros Espíritos humanos (obrigatoriamente pouco adiantados) que viessem encarnar na Terra, sendo essa vestidura mais apropriada às suas necessidades e mais adequadas ao exercício de suas capacidades, do que o corpo de qualquer outro animal. Em vez de ser feito um corpo especial para o Espírito, ele teria achado um já pronto. Vestiu-se então da pele do macaco, sem deixar de ser Espírito humano, como o homem não raro se veste da pele de certos animais, sem deixar de ser homem.

Fique bem entendido que aqui unicamente se trata de uma hipótese, de modo algum posta como princípio, mas apresentada apenas para mostrar que a origem do corpo não prejudica em nada o Espírito (que é o ser principal) e que a semelhança do corpo do homem com o do macaco não implica igualdade entre o seu Espírito e o do macaco.

16. Ao admitirmos essa hipótese, podemos dizer que, sob a influência e por efeito da atividade intelectual do seu novo habitante, o envoltório se modificou, embelezou-se nas particularidades, conservando a forma geral do conjunto (n^o 11). Já melhorados pela procriação, os corpos se reproduziram nas mesmas condições, como sucede com as árvores de enxerto. Deram origem a uma espécie nova, que pouco a pouco se afastou do tipo primitivo, à proporção que o Espírito progrediu. O Espírito macaco — que não foi aniquilado — continuou a procriar corpos de macaco para seu uso, do mesmo modo que o fruto da árvore silvestre reproduz árvores dessa espécie, e o Espírito humano procriou corpos

de homem, variantes do primeiro molde em que ele se meteu. O tronco se bifurcou: produziu um ramo, que por sua vez se tornou tronco.

Como não há transições bruscas na Natureza, é provável que os primeiros homens aparecidos na Terra diferissem pouco do macaco pela forma exterior e não muito também pela inteligência. Em nossos dias ainda há selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés e pela conformação da cabeça, têm tanta parecença com o macaco, que só lhes falta ser peludos, para a semelhança se tornar completa.

ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

17. O Espiritismo ensina de que maneira se opera a união do Espírito com o corpo, na encarnação.

Pela sua essência espiritual o Espírito é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter ação direta sobre a matéria, sendo indispensável para ele um intermediário, que é o corpo fluídico, o qual, de certo modo, faz parte integrante dele. Esse envoltório é semimaterial, isto é, pertence à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza etérea. Como toda matéria, ele é extraído do fluido cósmico universal que, nessa circunstância, sofre uma modificação especial. Esse envoltório, denominado **perispírito**, faz de um ser abstrato — do Espírito — um ser concreto, definido e apreensível pelo pensamento. Torna-o apto a atuar sobre a matéria tangível, conforme se dá com todos os fluidos imponderáveis, que, como se sabe, são os motores mais poderosos.

Portanto, o fluido perispirítico é o traço de união entre o Espírito e a matéria. Enquanto o Espírito se acha unido ao corpo, a matéria lhe serve de veículo ao pensamento, para transmitir o movimento às diversas partes do organismo, as quais atuam sob a impulsão da sua vontade e para fazer que as sensações que os agentes exteriores produzam repercutam no Espírito. Os nervos lhes servem de fios condutores, como no telégrafo, o fio metálico serve de condutor ao fluido elétrico.

18. Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico — que não é mais do que uma ampliação do seu perispírito — o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do **princípio vito-material do gérmen**, o perispírito — que possui certas propriedades da matéria — se une, **molécula a molécula**, ao corpo em formação, donde podemos dizer que, de certa maneira, o Espírito se **enraíza** nesse gérmen, por intermédio do seu perispírito, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, a união é completa; nasce então o ser para a vida exterior.

Por um efeito contrário, entre o perispírito e a matéria carnal — que se efetuara sob a influência do princípio vital do gérmen — a união acaba quando esse princípio deixa de atuar, em consequência da desorganização do corpo.

Mantida que era por uma força atuante, tal união se desfaz, logo que essa força deixa de atuar. Então, o perispírito se desprende, **molécula a molécula**, conforme havia se unido, e é restituída a liberdade ao Espírito. Assim, **não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo; é a morte que determina a partida do Espírito.**

Já que, um instante após a morte, a integração do Espírito é completa; que suas capacidades adquirem até maior poder de penetração — ao passo que o princípio de vida se acha extinto no corpo — fica provado evidentemente que são distintos o princípio vital e o princípio espiritual.

19. Pelos fatos experimentais que o Espiritismo possibilita, ele nos faz conhecermos os fenômenos que acompanham essa separação, que às vezes é rápida, fácil, suave e insensível, ao passo que doutras vezes é lenta, trabalhosa, horivelmente penosa, conforme o estado moral do Espírito, e pode durar meses inteiros.

20. Um fenômeno característico, também demonstrado pela observação, acompanha sempre a encarnação do Espírito: desde que este é apanhado no laço fluídico que o prende ao gérmen, entra em estado de perturbação, que aumenta, à medida que o laço se aperta, e nos últimos momentos o Espírito perde toda a consciência de si próprio, de maneira que jamais presencia o seu nascimento. Quando a criança respira, o Espírito começa a readquirir as habilidades, que se desenvolvem na proporção em que são formados e consolidados os órgãos que lhes servirão para as manifestações.

21. Mas, ao mesmo tempo em que o Espírito recupera a consciência de si mesmo, perde a lembrança do seu passado, sem perder as aptidões, as qualidades e as habilidades adquiridas anteriormente, que haviam ficado temporariamente em estado oculto e que, voltando à atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e melhor do que antes. Ele renasce igual se fez pelo seu trabalho anterior; o seu renascimento lhe é um novo ponto de partida, um novo degrau a subir. Ainda aí a bondade do Criador se manifesta, porque adicionada aos amargores de uma nova existência, a lembrança do passado — muitas vezes aflitiva e humilhante — poderia perturbá-lo e lhe criar embaraços. Ele apenas se lembra do que aprendeu, por isso lhe ser útil. Se às vezes lhe é dado ter uma intuição dos acontecimentos passados, essa intuição é como a lembrança de um sonho fugitivo. Pois aí está um novo homem, por mais antigo que seja como Espírito. Adota novos processos, auxiliado pelas suas aquisições precedentes. Quando retorna à vida espiritual, seu passado se desdobra diante dos seus olhos e ele julga de como empregou o tempo — se bem ou mal.

22. Portanto, não há solução de continuidade na vida espiritual, apesar do esquecimento do passado. Cada Espírito é sempre o mesmo *eu*, antes, durante e depois da encarnação, sendo esta, apenas, uma fase da sua existência. O próprio esquecimento só se dá no curso da vida exterior de relação. Durante o sono — em parte desprendido dos vínculos carnis, restituído à liberdade e à vida

espiritual — o Espírito se lembra, pois que, então, já não tem a visão tão obscurecida pela matéria.

23. Tomando a Humanidade no grau mais baixo da escala espiritual, como se encontra entre os mais atrasados selvagens, perguntarão se é aí o ponto inicial da alma humana.

Na opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente — que é diferente do princípio material — se individualiza e elabora, passando pelos diversos graus da vida animal. É aí que a alma ensaia para a vida e desenvolve suas primeiras faculdades pelo exercício. Por assim dizer, esse seria para ela o período de incubação. Chegada ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, ela recebe as potencialidades especiais que formam a alma humana. Haveria assim filiação espiritual do animal para o homem, como há filiação corporal.

É preciso admitirmos que esta teoria — fundada na grande lei de unidade que preside à criação — corresponde à justiça e à bondade do Criador; dá uma saída, uma finalidade, um destino aos animais, que deixam então de formar uma categoria de seres deserdados, para no futuro que lhes está reservado terem uma compensação a seus sofrimentos. O que constitui o homem espiritual não é a sua origem: são os atributos especiais de que ele se apresenta dotado ao entrar na humanidade, atributos que o transformam, tornando-o um ser distinto, como o fruto saboroso é diferente da raiz amarga que lhe deu origem. Por haver passado pela fieira da vida animal, o homem não deixaria de ser homem; já não seria animal, como o fruto não é a raiz, como o sábio não é o feto informe que o pôs no mundo.

Mas, este sistema levanta múltiplas questões, cujos prós e contras não é oportuno discutir aqui, como não o é o exame das diferentes hipóteses que se têm formulado sobre este assunto. Pois então, sem pesquisarmos a origem do Espírito, sem procurarmos conhecer as fieiras pelas quais porventura ele tenha passado, vamos tomá-lo **ao entrar na humanidade**, no ponto em que, dotado de senso moral e de livre-arbítrio, começa a pesar-lhe a responsabilidade dos seus atos.

24. A obrigação que o Espírito encarnado tem de buscar o alimento do corpo, a sua segurança e o seu bem-estar, o força a empregar suas competências em investigações, a exercitá-las e desenvolvê-las. Portanto, a sua união com a matéria é útil ao seu adiantamento. Daí o fato da encarnação ser uma necessidade. Além disso, pelo trabalho inteligente que ele executa sobre a matéria em seu proveito, auxilia a transformação e o progresso material do globo que lhe serve de habitação. É assim que, ele progredindo, colabora na obra do Criador, da qual se torna fator inconsciente.

25. Todavia, a encarnação do Espírito não é constante, nem perpétua: é transitória. Deixando um corpo, ele não retoma imediatamente outro. Durante mais ou menos considerável espaço de tempo, ele vive na vida espiritual — que

é sua vida normal — de tal sorte que é insignificante o tempo que duram suas encarnações, se comparado ao que passa no estado de Espírito livre.

No intervalo de suas encarnações, o Espírito progride igualmente, no sentido de que aplica ao seu adiantamento os conhecimentos e a experiência que alcançou no decorrer da vida corporal; examina o que fez enquanto habitou a Terra, analisa o que aprendeu, reconhece suas faltas, traça planos e toma resoluções pelas quais conta se guiar em nova existência, com a ideia de melhor se conduzir. Desse jeito, cada existência representa um passo à frente no caminho do progresso, um a espécie de escola de aplicação.

26. Normalmente, a encarnação não é uma punição para o Espírito, conforme pensam alguns, mas uma condição inerente à inferioridade do Espírito e um meio dele progredir (“O CÉU E O INFERNO”, cap. III, itens 8 e seguintes).

À medida que progride moralmente, o Espírito se desmaterializa, isto é, depura-se, libertando-se da influência da matéria; sua vida se espiritualiza, suas faculdades e percepções se ampliam; sua felicidade se torna proporcional ao progresso realizado. Entretanto, como atua em virtude do seu livre-arbítrio, por negligência ou má vontade, ele pode retardar o seu avanço; conseqüentemente, prolonga a duração de suas encarnações materiais, que, então, se tornam uma punição para ele, pois que, por falta sua, ele permanece nas categorias inferiores, obrigado a recomençar a mesma tarefa. Portanto, depende do Espírito abreviar a extensão do período das encarnações pelo trabalho de purificação executado sobre si mesmo.

27. O progresso material de um planeta acompanha o progresso moral de seus habitantes. Ora, sendo incessante como é a criação dos mundos e dos Espíritos, e progredindo estes mais ou menos rapidamente conforme o uso que façam do livre-arbítrio, segue-se que há mundos mais ou menos antigos, em graus diversos de adiantamento físico e moral, onde a encarnação é mais ou menos material e onde, por conseguinte, o trabalho, para os Espíritos é mais ou menos rude. Deste ponto de vista, a Terra é um dos menos adiantados. Povoada de Espíritos relativamente inferiores, a vida corpórea é aí mais penosa do que em outros planetas, havendo também os mais atrasados, onde a existência é ainda mais penosa do que na Terra e em confronto com os quais esta seria, relativamente, um mundo feliz.

28. Quando num mundo os Espíritos têm realizado a soma de progresso correspondente ao estado desse mundo, deixam este para encarnar em outro mais adiantado, onde adquiram novos conhecimentos e assim por diante, até que, a encarnação em corpos materiais, não sendo mais de proveito algum para eles, passam a viver exclusivamente da vida espiritual, na qual continuam a progredir, mas noutro sentido e por outros meios. Chegados ao ponto máximo do progresso, desfrutam da suprema felicidade. Admitidos nos conselhos do Onipotente, conhecem o pensamento de Deus e se tornam Seus mensageiros, Seus ministros diretos no governo dos mundos, tendo sob suas ordens os

Espíritos de todos os graus de adiantamento.

Assim, qualquer que seja o grau em que se achem na hierarquia espiritual — do mais baixo ao mais elevado — eles têm suas atribuições no grande mecanismo do Universo; todos são úteis ao conjunto, ao mesmo tempo em que a si próprios. Aos menos adiantados, como a simples servos, cabe o desempenho de tarefas materiais — a princípio inconsciente, depois, cada vez mais inteligente. Por toda parte no mundo espiritual há atividade, em nenhum ponto há ociosidade inútil.

De certo modo, a coletividade dos Espíritos forma a alma do Universo. Por toda parte, o elemento espiritual é que atua em tudo, sob a influência do pensamento divino. Sem esse elemento, só há matéria inerte, carente de finalidade, de inteligência, tendo por único motor as forças materiais — cuja exclusividade deixa uma imensidade de problemas sem solução. Com a ação do elemento espiritual **individualizado**, tudo tem uma finalidade, uma razão de ser, tudo se explica. Ignorando a espiritualidade, o homem esbarra em dificuldades insuperáveis.

29. Quando a Terra se encontrou em condições climáticas apropriadas à existência da espécie humana, encarnaram nela Espíritos humanos. De onde vinham? Quer eles tenham sido criados naquele momento; quer tenham procedido, completamente formados, do espaço, de outros mundos, ou da própria Terra, a presença deles neste plano, a partir de certa época, é um fato concreto, pois que antes deles só havia animais. Revestiram-se de corpos adequados às suas necessidades especiais, às suas aptidões, e que, fisiologicamente, tinham as características da animalidade. Sob a influência deles e por meio do exercício de suas capacidades, esses corpos se modificaram e aperfeiçoaram: é o que a observação comprova. Deixemos então de lado a questão da origem, que por enquanto é insolúvel; vamos considerar o Espírito não em seu ponto de partida, mas no momento em que, manifestando-se nele as primeiras sementes do livre-arbítrio e do senso moral o vemos a desempenhar o seu papel humanitário, sem cogitarmos do meio onde haja transcorrido o período de sua infância, ou, se o preferirem, de sua incubação. Apesar da semelhança do seu corpo com o dos animais, poderemos diferenciá-lo destes últimos pelas faculdades intelectuais e morais que o caracterizam, como, debaixo das mesmas vestes grosseiras, distinguimos o homem rústico do homem civilizado.

30. Embora os primeiros que vieram devessem ser pouco adiantados — pela razão mesma de terem de encarnar em corpos muito imperfeitos — certamente haveria diferenças sensíveis entre seus procedimentos e aptidões. Os que se assemelhavam, naturalmente se agruparam por analogia e simpatia. Assim, a Terra ficou povoada de Espíritos de diversas categorias, mais ou menos aptos ou rebeldes ao progresso. Os corpos recebendo a impressão do caráter do Espírito e procriando-se esses corpos na conformidade dos respectivos tipos, resultaram daí diferentes raças — seja quanto ao físico, seja quanto ao moral

(nº 11). Continuando a encarnar entre os que se assemelhavam a eles, os Espíritos similares perpetuaram o caráter distintivo, físico e moral, das raças e dos povos, caráter que só com o tempo desaparece, mediante a mistura racial e o progresso deles (“REVISTA ESPÍRITA”, julho de 1860, página 198: *Frenologia e Fisiognomonia*).

31. Podemos comparar os Espíritos que vieram povoar a Terra a esses bandos de emigrantes de origens diversas, que vão estabelecer-se numa terra virgem, onde encontram madeira e pedra para erguerem habitações, cada um dando ao seu campo um cunho especial, de acordo com o grau do seu saber e com o seu caráter particular. Grupam-se então por analogia de origens e de gostos, acabando os grupos por formar tribos, em seguida povos, cada qual com costumes e caracteres próprios.

32. Portanto, o progresso não foi igual em toda a espécie humana. Como era natural, as raças mais inteligentes adiantaram-se em relação às outras, mesmo sem se levar em conta que muitos Espíritos recém-nascidos para a vida espiritual, vindo encarnar na Terra juntamente com os primeiros aí chegados, tornaram ainda mais sensível a diferença em matéria de progresso. Com efeito, seria impossível atribuímos o mesmo tempo de criação aos selvagens, que mal se distinguem do macaco, e aos chineses, nem, ainda menos, aos europeus civilizados.

Entretanto, os Espíritos dos selvagens também fazem parte da Humanidade e alcançarão um dia o nível em que se acham seus irmãos mais velhos. Mas, **sem dúvida, não será em corpos da mesma raça física**, impróprios a um certo desenvolvimento intelectual e moral. Quando o instrumento já não estiver em correspondência com o progresso que tenha alcançado, eles emigrarão daquele meio, para encarnar noutro mais elevado e assim por diante, até que tenham conquistado todas as graduações terrestres, ponto em que deixarão a Terra para passar a mundos mais avançados (“REVISTA ESPÍRITA”, abril de 1862, pág. 97: *Perfectibilidade da Raça Negra*).

REENCARNAÇÕES

33. O princípio da reencarnação é uma consequência necessária da lei de progresso. Sem a reencarnação, como se explicaria a diferença que existe entre o presente estado social e o dos tempos de barbárie? Se as almas são criadas ao mesmo tempo em que os corpos, as que nascem hoje são tão novas, tão primitivas, quanto as que viviam há mil anos; acrescentemos que nenhuma conexão haveria entre elas, nenhuma relação necessária; seriam de todo estranhas umas às outras. Por que, então, as de hoje haviam de ser melhor dotadas por Deus, do que as que as precederam? Por que aquelas têm melhor compreensão? Por que possuem instintos mais apurados, costumes mais brandos? Por que têm a intuição de certas coisas, sem terem aprendido?

Duvidamos de que alguém saia desses dilemas, a menos admita que Deus cria almas de diversas qualidades, de acordo com os tempos e lugares, proposição inconciliável com a ideia de uma justiça soberana (Cap. II, nº 10).

Ao contrário, admitam que as almas de agora já viveram em tempos distantes; que possivelmente foram bárbaras. como os séculos em que estiveram no mundo, mas que progrediram; que para cada nova existência trazem o que adquiriram nas existências precedentes; que, por conseguinte, as dos tempos civilizados não são almas criadas mais perfeitas, porém que se aperfeiçoaram **por si mesmas** com o tempo, e terão a única explicação plausível da causa do progresso social (“O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Parte 2ª, caps. IV e V).

34. Alguns pensam que as diferentes existências da alma se efetuam passando elas de mundo em mundo e não num mesmo orbe, aonde cada Espírito viria uma única vez.

Esta doutrina seria admissível se todos os habitantes da Terra estivessem no mesmo nível intelectual e moral. Eles então só poderiam progredir indo de um mundo a outro e a encarnação na Terra não teria nenhuma utilidade a eles. Desde que aí se notam a inteligência e a moralidade em todos os graus, desde a selvajaria que beira o animal até a mais adiantada civilização, é evidente que esse mundo constitui um vasto campo de progresso. Por que o selvagem haveria de ir procurar noutros lugares o grau de progresso logo acima do lugar em que ele está, quando esse grau se lhe acha ao lado e assim sucessivamente? Por que o homem adiantado só poderia fazer os seus primeiros estágios em mundos inferiores, quando ao seu redor estão seres iguais aos desses mundos? Quando, não só de povo a povo, mas no seio do mesmo povo e da mesma família, há diferentes graus de adiantamento? Se fosse assim, Deus teria feito coisa inútil colocando lado a lado a ignorância e o saber, a barbaria e a civilização, o bem e o mal, quando precisamente esse contato é que faz com que os atrasados avancem.

Pois não há necessidade de que os homens mudem de mundo a cada etapa de aperfeiçoamento, como não há de que o estudante mude de colégio para passar de uma classe a outra. Longe de isso ser vantagem para o progresso, seria um entrave, pois o Espírito ficaria privado do exemplo que lhe oferece a observação do que ocorre nos graus mais elevados e da possibilidade de reparar seus erros no mesmo meio e em presença daqueles a quem ofendeu — possibilidade que é para ele, o mais poderoso modo de realizar o seu progresso moral. Após curta coabitação, com os Espíritos se espalhando e se tornando estranhos uns aos outros, os laços de família se romperiam, pela falta de tempo para se consolidarem.

Ao inconveniente moral se juntaria um inconveniente material. A natureza dos elementos, as leis orgânicas, as condições de existência variam, de acordo com os mundos; sob esse aspecto, não há dois perfeitamente idênticos. Os tratados de Física, de Química, de Anatomia, de Medicina, de Botânica, etc., não serviriam para nada nos outros mundos; entretanto, não fica perdido o que

neles se aprende; não só isso desenvolve a inteligência, como também as ideias que se colhem de tais obras auxiliam a aquisição de outras (Cap. VI, nº 61 e seguintes). Se apenas uma única vez o Espírito fizesse a sua aparição num mesmo mundo — frequentemente brevíssima — em cada imigração ele se acharia em condições inteiramente diversas; operaria de cada vez sobre elementos novos, com força e segundo leis que desconheceria, antes de ter tido tempo de elaborar os elementos conhecidos, de estudá-los, de aplicá-los. Teria de fazer, de cada vez, um novo aprendizado e essas mudanças contínuas representariam um obstáculo ao progresso. Portanto, o Espírito tem que permanecer no mesmo mundo, até adquira a soma de conhecimentos e o grau de perfeição que compete a esse mundo (Nº 31).

Que os Espíritos deixem aquele mundo, do qual nada mais podem esperar, por um mundo mais adiantado, é como deve ser e é; assim é a lei. Se há alguns que antecipadamente deixam o mundo em que vinham encarnando, isso é devido a causas individuais que Deus pesa em Sua sabedoria.

Tudo na criação tem uma finalidade, e sem isso Deus não seria nem prudente, nem sábio. Ora, se a Terra se destinasse a ser uma única etapa do progresso para cada indivíduo, que utilidade haveria para os Espíritos das crianças que morrem em curta idade, vir passar aí alguns anos, alguns meses, algumas horas, durante os quais nada podem absorver dele? O mesmo ocorre se pondere com referência aos ignorantes e aos doentes mentais. Uma teoria somente é boa sob a condição de resolver todas as questões a que diz respeito. A questão das mortes prematuras tem sido uma pedra de tropeço para todas as doutrinas, exceto para a Doutrina Espírita, que a resolveu de maneira racional e completa.

Para o progresso daqueles que cumprem uma missão normal na Terra, há vantagem real em voltarem ao mesmo meio para continuarem aí o que deixaram inacabado, muitas vezes na mesma família ou em contato com as mesmas pessoas, a fim de repararem o mal que tenham feito, ou de sofrerem a pena de talião.¹¹⁶

EMIGRAÇÕES E IMIGRAÇÕES DOS ESPÍRITOS

35. No intervalo de suas existências corporais, os Espíritos se encontram no estado de **erraticidade** e formam a população espiritual ambiente da Terra. Pelas mortes e pelos nascimentos, as duas populações — terrestre e espiritual — deságuam incessantemente uma na outra. Então, diariamente, há emigrações do mundo corporal para o mundo espiritual e imigrações deste para aquele: é o estado normal.

36. Em certas épocas determinadas pela sabedoria divina, essas emigrações e

¹¹⁶ Lei de Talião: princípio de retaliação, na aplicação de uma pena semelhante ao crime cometido pelo condenado. É muito lembrada também na expressão do Velho Testamento bíblico "Olho por olho, dente por dente" (Deuteronômio, 19:21), parafraseado por Jesus na máxima "Quem com espada fere, com espada será ferido" (Mateus, 26:52), embora sua origem seja muito mais antiga, constando inclusive no Código de Hamurábi (1780 a.C.), do antigo Reino da Babilônia -- N. E.

imigrações se operam por massas mais ou menos consideráveis, em virtude das grandes revoluções que a partida simultânea em quantidades enormes lhes ocasionam, logo substituídas por equivalentes quantidades de encarnações. Portanto, devemos considerar os flagelos destruidores e os cataclismos como ocasiões de chegadas e partidas coletivas — meios providenciais de renovação da população corporal do globo, de ela se retemperar pela introdução de novos elementos espirituais mais aperfeiçoados. Na destruição de grande número de corpos, que se verifica nessas catástrofes, não há nada mais do que **rompimento de vestiduras**; nenhum Espírito falece; eles apenas mudam de planos; em vez de partirem isoladamente, partem em bandos, essa a única diferença — visto que, ou por uma causa ou por outra, fatalmente têm que partir, cedo ou tarde.

As renovações rápidas — quase instantâneas — que se produzem no elemento espiritual da população por efeito dos flagelos destruidores apressam o progresso social; sem as emigrações e imigrações, que de tempos a tempos lhe vêm dar violento impulso, esse progresso só se realizaria com extrema lentidão.

É notável que todas as grandes calamidades que dizimam as populações são sempre seguidas de uma era de progresso de ordem física, intelectual, ou moral e, por conseguinte, no estado social das nações que as experimentam. É que elas têm por fim operar uma remodelação na população espiritual, que é a população normal e ativa do globo.

37. Essa transfusão que se efetua entre a população encarnada e desencarnada de um planeta igualmente se efetua entre os mundos — seja individualmente, nas condições normais, seja por massas, em circunstâncias especiais. Por isso, há emigrações e imigrações coletivas de um mundo para outro, donde resulta a introdução de elementos inteiramente novos na população de um deles. A mistura de novas raças de Espíritos com às já existentes formam novas raças de homens. Ora, como os Espíritos nunca mais perdem o que adquiriram, eles sempre trazem consigo a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuem, o que faz que imprimam o caráter que lhes é peculiar à raça corpórea que venham animar. Para isso, só necessitam de que novos corpos sejam criados para serem usados por eles. Uma vez que a espécie corporal existe, eles encontram sempre corpos prontos para recebê-los. Portanto, não são mais do que novos habitantes. Ao chegar à Terra, a princípio, integram-lhe a população espiritual; depois, encarnam, como os outros.

RAÇA ADÂMICA

38. De acordo com o ensino dos Espíritos, foi uma dessas grandes imigrações — ou, se quiserem, uma dessas **colônias de Espíritos**, vinda de outra esfera — que deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por essa razão mesma, chamada **raça adâmica**. Quando ela aqui chegou, a Terra já estava povoada desde tempos imemoriais, **como a América, quando aí chegaram os europeus**.

Mais adiantada do que as que a tinham precedido neste planeta, a raça adâmica é de fato a mais inteligente, a que arrasta todas as outras ao progresso. A Gênesis bíblica nos mostra isso, industriosa desde os seus primórdios, apta às artes e às ciências, sem haver passado aqui pela infância espiritual, o que não se dá com as raças primitivas, mas concorda com a opinião de que ela se compunha de Espíritos que já tinham progredido bastante. Tudo prova que a raça adâmica não é antiga na Terra e nada se opõe a que seja considerada como habitando este globo desde apenas alguns milhares de anos, o que não estaria em contradição nem com os fatos geológicos, nem com as observações antropológicas, antes tenderia a confirmá-las.

39. No estado atual dos conhecimentos, não é admissível a doutrina segundo a qual todo o gênero humano procede de uma individualidade única, de apenas há seis mil anos a esta parte. Tomadas à ordem física e à ordem moral, as considerações que a contradizem se resumem no seguinte:

Do ponto de vista fisiológico, algumas raças apresentam estranhos tipos particulares, que não permitem que se assinale a elas uma origem comum. Há diferenças que evidentemente não são simples efeito do clima, pois que os brancos que se reproduzem nos países dos negros não se tornam negros e reciprocamente. O ardor do Sol queima e lustra a pele, porém nunca transformou um branco em negro, nem lhe achatou o nariz ou mudou a forma dos traços da fisionomia, nem lhe tornou o cabelo encrespado e encarapinhado em cabelo comprido e sedoso. Sabe-se hoje que a cor do negro provém de um tecido especial subcutâneo, peculiar à espécie.

Logo, haveremos de considerar as raças negras, mongólicas, caucásicas como tendo origem própria, como tendo nascido simultânea ou sucessivamente em diversas partes do globo. O cruzamento delas produziu as raças mistas secundárias. As características fisiológicas das raças primitivas constituem indício evidente de que elas procedem de tipos diferentes. As mesmas considerações se aplicam, conseqüentemente, assim aos homens, quanto aos animais, no que concerne à pluralidade dos troncos. (Cap. X, nº 2 e seguintes).

40. Adão e seus descendentes são apresentados na Gênesis como homens bastante inteligentes, pois que, desde a segunda geração, constroem cidades, cultivam a terra, trabalham os metais. Seus progressos nas artes e nas ciências são rápidos e duradouros. Portanto, não se conceberia que esse tronco tenha tido, como ramos, numerosos povos tão atrasados, de inteligência tão rudimentar, que ainda em nossos dias rastejam a animalidade, que tenha perdido todos os traços e, até, a menor lembrança do que faziam seus pais. Tão radical diferença nas aptidões intelectuais e no desenvolvimento moral atesta uma diferença de origem, com muita evidência.

41. Independentemente dos fatos geológicos, tiramos da população do globo a prova da existência do homem na Terra antes da época fixada pela Gênesis. Sem falar da cronologia chinesa, que — como dizem — vem de trinta mil anos,

documentos mais autênticos provam que o Egito, a Índia e outros países já eram povoados e floresciam há pelo menos três mil anos antes da era cristã, mil anos, portanto, depois da criação do primeiro homem, segundo a cronologia bíblica. Documentos e observações recentes não consentem hoje dúvida alguma quanto às relações que existiram entre a América e os antigos egípcios, de onde concluímos que essa região já era povoada naquela época. Então seria necessário admitirmos que em mil anos a posteridade de um único homem pôde povoar a maior parte da Terra. Ora, semelhante fertilidade estaria em contrário com todas as leis antropológicas.¹¹⁷

42. Ainda mais evidente se torna a impossibilidade, desde que se admita, com a Gênese, que o dilúvio destruiu **todo o gênero humano**, com exceção de Noé e de sua família — que não era numerosa, no ano de 1656 do mundo, ou seja, 2.348 anos antes da era cristã. De fato, pois, daquele patriarca é que dataria o povoamento da Terra. Ora, quando os hebreus se estabeleceram no Egito, 612 anos após o dilúvio, já o Egito era um poderoso império, que teria sido povoado, sem falar de outros países, em menos de seis séculos, só pelos descendentes de Noé, o que não é admissível.

De passagem, notemos que os egípcios acolheram os hebreus como estrangeiros. Seria de espantar que houvessem perdido a lembrança de uma tão próxima comunidade de origem, quando conservaram religiosamente os monumentos de sua história.

Rigorosa lógica, com os fatos a corroborá-la da maneira mais peremptória, mostra definitivamente que o homem está na Terra desde tempo indeterminado, muito anterior à época que a Gênese assinala. O mesmo ocorre com a diversidade dos troncos primitivos, porque demonstrar a impossibilidade de uma proposição é demonstrar a proposição contrária. Se a Geologia descobre traços autênticos da presença do homem antes do grande período diluviano, ainda mais completa é a demonstração.

DOUTRINA DOS ANJOS DECAÍDOS E DA PERDA DO PARAÍSO ¹¹⁸

43. Os mundos progridem fisicamente, pela elaboração da matéria e

¹¹⁷ Na Exposição Universal de 1867, apresentaram-se antiguidades do México que não deixam nenhuma dúvida sobre as relações que os povos desse país tiveram com os antigos egípcios. O Sr. Léon Méchedin, numa nota afixada no templo mexicano da Exposição, assim se exprimia:

"Não é conveniente que publiquem prematuramente as descobertas feitas do ponto de vista da história do homem pela recente expedição científica do México. Entretanto, nada se opõe a que o público saiba, desde já, que a exploração assinalou a existência de grande numero de cidades desaparecidas com o tempo, mas que a picareta e o incêndio podem retirar de suas mortalhas. As escavações puseram a descoberto, por toda parte, três **camadas de civilizações**, que dão ao mundo americano uma antiguidade fabulosa".

É assim que todos os dias a Ciência opõe o desmentido dos fatos à doutrina que limita há 6.000 anos a aparição do homem na Terra e pretende fazê-lo derivar de um tronco único -- N. K.

¹¹⁸ Quando publicamos na REVISTA ESPÍRITA de janeiro de 1862 um artigo sobre a **interpretação da doutrina dos anjos decaídos**, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade fora a de uma opinião pessoal controversível, pois então nos faltavam elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Nós a expusemos a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e em acordo com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica -- N. K.

moralmente, pela purificação dos Espíritos que os habitam. A felicidade neles está na razão direta da predominância do bem sobre o mal e a predominância do bem resulta do adiantamento moral dos Espíritos. O progresso intelectual não basta, pois que com a inteligência eles podem fazer o mal.

Logo que um mundo chega a um de seus períodos de transformação, a fim de ascender na hierarquia dos mundos, operam-se mutações na sua população encarnada e desencarnada. É quando se dão as grandes emigrações e imigrações (nº 34 e 35). Os que, apesar da sua inteligência e do seu saber, perseveraram no mal, sempre revoltados contra Deus e suas leis, se tornariam daí em diante um embaraço ao posterior progresso moral, uma causa permanente de perturbação para a tranquilidade e a felicidade dos bons, pelo que são excluídos da humanidade a que até então pertenceram e expulsos para mundos menos adiantados, onde aplicarão a inteligência e a intuição dos conhecimentos que adquiriram ao progresso daqueles entre os quais passam a viver, ao mesmo tempo em que expiarão, por uma série de existências penosas e por meio de árduo trabalho, suas passadas faltas e seu **voluntário** endurecimento.

Que serão tais seres senão anjos ou Espíritos decaídos, entre essas outras populações — novas para eles, ainda na infância da barbárie — ali vindos em expiação? Para eles, a terra **de onde foram expulsos** não é exatamente um *paraíso perdido*? Essa terra não lhes era um lugar de delícias, em comparação com o meio ingrato onde vão ficar relegados por milhares de séculos, até que hajam merecido libertar-se dele? A vaga lembrança intuitiva que guardam da terra de onde vieram é uma como longínqua miragem a lhes recordar **o que perderam por culpa própria**.

44. Mas, ao mesmo tempo em que os maus se afastam do mundo em que habitavam, Espíritos melhores aí os substituem, vindos ou da erraticidade relativa a esse mundo, ou de um mundo menos adiantado, que mereceram abandonar; Espíritos esses para os quais a nova habitação é uma recompensa. Assim renovada e depurada a população espiritual dos seus piores elementos, ao fim de algum tempo o estado moral do mundo se encontra melhorado.

Essas mutações são às vezes parciais, isto é, limitadas a um povo, a uma raça; doutras vezes são gerais, quando chega para o globo o período de renovação.

45. A raça adâmica apresenta todas as feições de uma raça banida. Os Espíritos que a integram foram exilados para a Terra, já povoada, mas de homens primitivos, imersos na ignorância, que os adâmicos tiveram por missão fazer progredir, levando-lhes as luzes de uma inteligência desenvolvida. Na prática, esse não é o papel que essa raça tem desempenhado até hoje? Sua superioridade intelectual prova que o mundo de onde vieram os Espíritos que a compõem era mais adiantado do que a Terra. Havendo esse mundo entrado numa nova fase de progresso e tais Espíritos não tendo querido se colocar à altura desse progresso — pela sua teimosia no mal — lá estariam deslocados e

constituíriam um obstáculo à marcha providencial das coisas. Como consequência, foram desterrados de lá e substituídos por outros que fizeram por merecer.

Relegando aquela raça para esta terra de labor e de sofrimentos, Deus teve razão para lhe dizer “Tirárá o alimento da Terra com o suor do teu rosto”. Na sua mansidão, prometeu que lhe enviaria um **Salvador**, isto é, um que esclareceria a humanidade sobre o caminho que deve tomar para sair desse lugar de miséria, desse **inferno**, e ganhar a felicidade dos eleitos. De fato, esse Salvador foi enviado na pessoa do Cristo, que ensinou a lei de amor e de caridade que essa raça desconhecia e que seria a verdadeira âncora de salvação.

É igualmente com o objetivo de fazer que a Humanidade se adiante em determinado sentido que Espíritos superiores — embora sem as qualidades do Cristo — encarnam de tempos a tempos na Terra para desempenhar missões especiais, proveitosas, simultaneamente, ao adiantamento pessoal deles, se as cumprirem de acordo com os desígnios do Criador.

46. Sem a reencarnação, a missão do Cristo seria um contrassenso, assim como a promessa feita por Deus. Com efeito, suponhamos que a alma de cada homem seja criada por ocasião do nascimento do corpo e não faça mais do que aparecer e desaparecer da Terra: nenhuma relação haveria entre as que vieram desde Adão até Jesus Cristo, nem entre as que vieram depois; todas são estranhas umas às outras. A promessa que Deus fez de um Salvador não poderia abraçar os descendentes de Adão — uma vez que suas almas ainda não estavam criadas. Para que a missão do Cristo pudesse corresponder às palavras de Deus, seria preciso que se aplicassem às mesmas almas. Se estas são novas, não podem estar marcadas pela falta do primeiro pai, que é apenas pai carnal e não pai espiritual. A não ser assim, Deus teria *criado* almas com a mácula de uma falta que não podia deixar nelas vestígio, pois que elas não existiam. Por isso, a doutrina comum do pecado original implica a necessidade de uma relação entre as almas do tempo do Cristo e as do tempo de Adão; implica, portanto, a reencarnação.

Digam que todas essas almas faziam parte da colônia de Espíritos exilados na Terra ao tempo de Adão e que se achavam manchadas dos vícios que lhes resultaram ser excluídas de um mundo melhor e terão a única interpretação racional do pecado original, pecado próprio a cada indivíduo e não resultado da responsabilidade da falta de alguém a quem ele jamais conheceu. Digam que essas almas ou Espíritos renascem diversas vezes na Terra para a vida corpórea, a fim de progredirem, depurando-se; que o Cristo veio esclarecer *essas mesmas almas*, não só acerca de suas vidas passadas, como também com relação às suas vidas posteriores e então, mas só então, lhe darão à missão um sentido real e sério, que a razão pode aceitar.

47. Um exemplo familiar, mas clássico pela semelhança, tornará os princípios que acabam de ser expostos ainda mais compreensíveis.

A 24 de maio de 1861, o navio *Ifigênia* transportou à Nova Caledônia

uma companhia disciplinar composta de 291 homens. Na chegada, o comandante lhes baixou uma ordem do dia concebida assim:

“Pondo os pés nesta terra distante, sem dúvida já compreenderam o papel que está reservado a vocês.

“A exemplo dos bravos soldados da nossa marinha — que servem sob as suas vistas, ajudarei vocês a levar com brilho o facho da civilização ao seio das tribos selvagens da Nova Caledônia. Não é uma bela e nobre missão, pergunto? Desempenharão dignamente.

“Escutem a palavra e os conselhos dos seus chefes. Estou à frente deles. Entendei bem as minhas palavras.

“A escolha do seu comandante, dos seus oficiais, dos seus suboficiais e cabos constitui garantia certa de que todos os esforços serão tentados para lhe fazer excelentes soldados, digo mais: para elevá-los à altura de bons cidadãos e transformá-los em colonos honrados, *se assim quiserem*.

“A nossa disciplina é severa e assim tem que ser. Colocada em nossas mãos, ela será firme e inflexível, fiquem sabendo, do mesmo modo que, sendo justa e paternal, ela saberá distinguir o erro do vício e da degradação...”

Aí temos um punhado de homens expulsos de um país civilizado, por causa de seu mau procedimento, e como por punição, mandados para o meio de um povo bárbaro. Que lhes diz o chefe? — “Transgrediram as leis do seu país; nele se tornaram causa de perturbação e escândalo e foram expulsos; mandam vocês para aqui, mas aqui podem resgatar o passado; pelo trabalho, podem criar aqui uma posição honrosa e se tornar cidadãos honestos. Vocês têm uma bela missão a cumprir: levar a civilização a estas tribos selvagens. A disciplina será severa, mas justa, e saberemos distinguir os que procederem bem. Vocês têm o destino nas mãos; podem melhorá-lo, *se quiserem*, porque dispõem do livre-arbítrio.”

Para aqueles homens, lançados no meio da selvajaria, a mãe-pátria não é um paraíso que eles perderam pelas suas próprias faltas e por se rebelarem contra a lei? Naquela terra distante, eles não são anjos decaídos? A linguagem do chefe não é idêntica à de que usou Deus falando aos Espíritos exilados na Terra: “Desobedeceram às minhas leis e, por isso, eu os expulsei do mundo onde podiam viver felizes e em paz. Aqui, estarão condenados ao trabalho; mas, pelo bom procedimento, poderão merecer perdão e ganhar novamente a pátria que perderam por suas faltas, isto é, o Céu”?

48. À primeira vista, a ideia de rebaixamento parece uma contradição com o princípio que diz que os Espíritos não podem retroceder. Porém, devemos considerar que não se trata de um retrocesso ao estado primitivo. O Espírito — ainda que numa posição inferior — não perde nada do que adquiriu; seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, qualquer que seja o meio onde se ache colocado. Ele está na situação do homem do mundo condenado à prisão por seus delitos. Certamente, esse homem se encontra degradado, decaído, do ponto de vista social, mas não se torna nem mais estúpido, nem mais ignorante.

49. Perguntamos agora: seria possível que esses homens mandados para a

Nova Caledônia vão se transformar de súbito em modelos de virtude? Que vão abandonar repentinamente seus erros do passado? Para supor tal coisa, seria necessário desconhecer a Humanidade. Pela mesma razão, os Espíritos da raça adâmica — uma vez transplantados para a terra do exílio — não se livraram instantaneamente do seu orgulho e de seus maus instintos; ainda por muito tempo conservaram as tendências que traziam, um resto do velho fermento. Ora, não é esse o pecado original?

CAPÍTULO XII

GÊNESE MOSAICA

- OS SETE DIAS
- PERDA DO PARAÍSO

OS SEIS DIAS

1. CAPÍTULO I – ¹ No começo Deus criou o Céu e a Terra. ² A Terra era uniforme e inteiramente nua; as trevas cobriam a face do abismo e o Espírito de Deus boiava sobre as águas. ³ Ora, Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita. ⁴ Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. ⁵ Deus à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite, e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia.

⁶ Deus também disse: Faça-se o Firmamento no meio das águas e que ele separe as águas das águas. ⁷ E Deus fez o Firmamento e separou as águas que estavam debaixo do Firmamento das que estavam acima do Firmamento. E assim se fez. ⁸ E Deus deu ao Firmamento o nome de céu; da tarde e da manhã se fez o segundo dia.

⁹ Disse Deus ainda: Reúnam-se num só lugar as águas que estão sob o céu e apareça o elemento árido. E assim se fez. ¹⁰ Deus deu ao elemento árido o nome de terra e chamou de mar a todas as águas reunidas. E viu que isso estava bem. ¹¹ Disse mais: Que a terra produza a erva verde que traz a semente e árvores frutíferas que deem frutos cada um de uma espécie, e que contenham em si mesmas as suas sementes, para se reproduzirem na terra. E assim se fez. ¹² A terra então produziu a erva verde que trazia consigo a sua semente, conforme a espécie, e árvores frutíferas que continham em si mesmas suas sementes, cada uma de acordo com a sua espécie. E Deus viu que estava bom. ¹³ E da tarde e da manhã se fez o terceiro dia.

¹⁴ Deus disse também: Façam-se corpos de luz no firmamento do céu, a fim de que separem o dia da noite e sirvam de sinais para marcar o tempo e as estações, os dias e os anos. ¹⁵ Que eles brilhem no firmamento do céu e iluminem a Terra. E assim se fez. ¹⁶ Deus então fez dois grandes corpos luminosos, um, maior, para presidir ao dia, o outro, menor, para presidir à noite; fez também as estrelas. ¹⁷ E os pôs no firmamento do céu, para brilharem sobre a Terra. ¹⁸ Para presidirem ao dia e à noite e para separarem a luz das trevas. E Deus viu que estava bom. ¹⁹ E da tarde e da manhã se fez o quarto dia.

²⁰ Deus disse ainda: Que as águas produzam animais vivos que nadem nas águas e pássaros que voem sobre a Terra debaixo do firmamento do céu. ²¹ Deus então criou os grandes peixes e todos os animais que têm vida e movimento, que as águas produziram, cada um de uma espécie, e criou também todos os pássaros, cada um de uma espécie. Viu que estava bom. ²² E os abençoou, dizendo: Cresçam e se multipliquem e encham as águas do mar; e que os pássaros se

multipliquem sobre a Terra. ²³ E da tarde e da manhã se fez o quinto dia.

²⁴ Deus também disse: Que a Terra produza animais vivos, cada um de sua espécie, os animais domésticos e os animais selvagens, em suas diferentes espécies. E assim se fez. ²⁵ Então Deus fez os animais selvagens da Terra em suas espécies, os animais domésticos e todos os reptis, cada um de sua espécie. E Deus viu que estava bom.

²⁶ Em seguida disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança e que ele mande sobre os peixes do mar, os pássaros do céu, os animais, sobre toda a Terra e sobre todos os reptis que se movem na terra. ²⁷ Deus então criou o homem à sua imagem e o criou à imagem de Deus e o criou macho e fêmea. ²⁸ Deus os abençoou e lhes disse: Cresçam e se multipliquem, encham a Terra e sujeitem-na, dominem sobre os peixes do mar, sobre os pássaros do céu e sobre todos os animais que se movem na terra. ²⁹ Disse Deus ainda: Eu lhes dei todas as ervas que trazem sua semente à terra e todas as árvores que encerram em si mesmas suas sementes, cada uma de uma espécie, a fim de que se sirvam de alimento. ³⁰ E a todos os animais da terra, a todos os pássaros do céu, a tudo o que se move na Terra e que é vivo e animado, eu lhes dou a fim de que tenham com que se alimentar. E assim se fez. ³¹ Deus viu todas as coisas que havia feito; eram todas muito boas. ³² E da tarde e da manhã se fez o sexto dia.

CAPÍTULO II — ¹ Assim o Céu e a Terra ficaram acabados com todos os seus ornamentos. ² No sétimo dia Deus terminou toda a Sua obra e repousou nesse sétimo dia, após haver acabado todas as coisas que havia feito. ³ Abençoou o sétimo dia e o santificou, porque cessara nesse dia de produzir todas as obras que criara. ⁴ Essa é a origem do Céu e da Terra e é assim que eles foram criados no dia que o Senhor fez um e outro. ⁵ E que criou todas as plantas dos campos antes que houvessem saído da terra e todas as ervas das planícies antes que houvessem germinado. Porque, o Senhor Deus ainda não tinha feito que chovesse sobre a terra e não havia homem para lavrá-la. ⁶ Porém da terra se elevava uma fonte que lhe regava toda a superfície.

⁷ Então, o Senhor Deus formou o homem do barro da terra e lhe espalhou sobre o rosto um sopro de vida, e o homem se tornou vivente e animado.

2. Depois das explicações contidas nos capítulos anteriores sobre a origem e a organização do Universo, de acordo com os dados fornecidos pela Ciência, quanto à parte material, e pelo Espiritismo, quanto à parte espiritual, convém que ponhamos em confronto com tudo isso o próprio texto da Gênesis de Moisés, a fim de que cada um faça a comparação e julgue com conhecimento de causa. Algumas explicações complementares bastarão para tornar compreensíveis as partes que precisam de esclarecimentos especiais.

3. Sem dúvida, sobre alguns pontos há notável concordância entre a Gênesis mosaica e a teoria científica; mas seria erro acreditar que basta que os seis dias de 24 horas da criação sejam substituídos por seis períodos indeterminados, para se tornar completa a analogia. Não seria um erro menor acreditarmos que, fora o sentido alegórico de algumas palavras, a Gênesis e a Ciência caminham lado a lado, sendo uma a simples tradução da outra, como podemos ver.

4. Em primeiro lugar, vamos notar que, como já se disse (cap. VII, nº 14), o número de seis períodos geológicos é inteiramente arbitrário, pois que o período das formações bem caracterizadas se eleva para mais de vinte e cinco, número que, aliás, apenas determina as grandes fases gerais. Ele só foi adotado, a princípio para encaixar as coisas no texto bíblico, o máximo possível, aliás, numa época pouco distante, em que se entendia que a Ciência devia ser controlada pela Bíblia. Essa a razão por que os autores da maior parte das teorias cosmogônicas se esforçaram por se pôr de acordo com o texto sagrado, para facilitar sua aceitação. Logo que se apoiou no método experimental, a Ciência sentiu-se mais forte e se emancipou. Hoje, é ela que controla a Bíblia.

De outra forma, a Geologia — tomando por ponto de partida unicamente a formação dos terrenos graníticos, no cômputo de seus períodos — não abrange o estado primitivo da Terra. Tampouco se ocupa com o Sol, com a Lua e com as estrelas, nem com o conjunto do Universo, assuntos esses que pertencem à Astronomia. Para enquadrar tudo na Gênesis, devemos acrescentar um primeiro período que abarque essa ordem de fenômenos e ao qual se poderia chamar **período astronômico**.

Além disso, nem todos os geólogos consideram o diluviano como formando um período diferente, mas como um fato transitório e passageiro, que não mudou sensivelmente o estado climático do globo, nem marcou uma fase nova para as espécies vegetais e animais, pois que, com poucas exceções, as mesmas espécies se encontram, assim antes, como depois do dilúvio. Portanto, podemos ignorar esse período, sem menosprezo da verdade.

5. O quadro comparativo a seguir, no qual se acham resumidos os fenômenos que caracterizam cada um dos seis períodos, permite considerarmos o conjunto e notarmos as relações e as diferenças que existem entre os referidos períodos e a Gênesis bíblica.

CIÊNCIA	GÊNESIS
<p>I - PERÍODO ASTRONÔMICO: Aglomeração da matéria cósmica universal, num ponto do espaço, em nebulosa que deu origem às estrelas, ao Sol, à Terra, à Lua e a todos os planetas, pela condensação da matéria em diversos pontos. Estado primitivo, fluídico e incandescente da Terra. — Atmosfera imensa carregada de toda a água em vapor e de todas as matérias volatilizáveis.</p>	<p>1º DIA: O Céu e a Terra. — A luz.</p>
<p>II - PERÍODO PRIMÁRIO: Endurecimento da superfície da Terra, pelo resfriamento; formação das camadas graníticas. — Atmosfera espessa e ardente, impenetrável aos raios solares. — Precipitação gradual da água e das matérias sólidas volatilizadas no ar. — Ausência completa de vida orgânica.</p>	<p>2º DIA: O Firmamento. — Separação das águas que estão acima do Firmamento das que lhe estão debaixo.</p>
<p>III - PERÍODO DE TRANSIÇÃO: As águas cobrem toda a superfície do globo. — Primeiros depósitos de sedimentos formados pelas águas. — Calor úmido. — O Sol começa a atravessar a atmosfera brumosa. — Primeiros seres organizados da mais rudimentar constituição. — Liqueus, musgos, fetos, licopódios, plantas herbáceas. Vegetação colossal. — Primeiros animais marinhos: zoófitos, polípeiros, crustáceos. — Depósitos de hulha.</p>	<p>3º DIA: As águas que estão debaixo do Firmamento se reúnem; aparece o elemento árido. — A terra e os mares. — As plantas.</p>
<p>IV - PERÍODO SECUNDÁRIO: Superfície da Terra pouco acidentada; águas pouco profundas e paludosas. Temperatura menos ardente; atmosfera mais depurada. Consideráveis depósitos de calcáreos pelas águas. — Vegetação menos colossal; novas espécies; plantas lenhosas; primeiras árvores. — Peixes; cetáceos; animais aquáticos e anfíbios.</p>	<p>4º DIA: O Sol, a Lua e as estrelas.</p>
<p>V - PERÍODO TERCIÁRIO: Grandes intumescimentos da crosta sólida; formação dos continentes. Retirada das águas para os lugares baixos; formação dos mares. — Atmosfera depurada; temperatura atual produzida pelo calor solar. — Gigantescos animais terrestres. Vegetais e animais da atualidade. Pássaros.</p>	<p>5º DIA: Os peixes e os pássaros.</p>
DILÚVIO UNIVERSAL	
<p>VI - PERÍODO QUATERNÁRIO OU PÓS-DILUVIANO: Terrenos de aluvião. — Vegetais e animais da atualidade. — O homem.</p>	<p>6º DIA: Os animais terrestres. — O homem.</p>

6. Desse quadro comparativo, o primeiro fato que ressalta é que a obra de cada um dos seis dias não corresponde de maneira rigorosa a cada um dos seis períodos geológicos, como muitos supõem. A concordância mais notável se verifica na sucessão dos seres orgânicos, que é quase a mesma, com pequena diferença, e no aparecimento do homem, por último. É esse um fato importante.

Há também coincidência, não quanto à ordem numérica dos períodos, mas quanto ao fato em si, na passagem em que se lê que, ao terceiro dia, “as águas que estão debaixo do céu se reuniram num só lugar e apareceu o elemento árido”. É a expressão do que ocorreu no período terciário, quando as elevações da crosta sólida puseram a descoberto os continentes e repeliram as águas, que foram formar os mares. Foi somente então que apareceram os animais terrestres, segundo a Geologia e segundo Moisés.

7. Dizendo que a criação foi feita em seis dias, Moisés terá querido falar de dias de 24 horas, ou terá empregado essa palavra no sentido de período, de duração? É mais provável a primeira hipótese, se nos ativermos ao texto acima, primeiramente, porque esse é o sentido próprio da palavra hebraica *iôm*, traduzida por *dia*. Depois, a referência à tarde e à manhã, como limitações de cada um dos seis dias, dá lugar a que se suponha haja ele querido falar de dias comuns. Não se pode conceber qualquer dúvida a tal respeito, estando dito, no versículo 5: “Ele deu à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite; e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia”. Evidentemente, isto só pode ser aplicado ao dia de 24 horas, constituído de períodos de luz e de trevas. Ainda mais preciso se torna o sentido, quando ele diz, no versículo 17, falando do Sol, da Lua e das estrelas: “Colocou-as no firmamento do céu, para brilharem sobre a Terra; para presidirem ao dia e à noite e para separarem a luz das trevas. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia”.

Aliás, tudo na criação era miraculoso e, desde que se envereda pela senda dos milagres, podemos perfeitamente crer que a Terra foi feita em seis vezes 24 horas, sobretudo quando se ignoram as primeiras leis naturais. Todos os povos civilizados partilharam dessa crença, até ao momento em que a Geologia surgiu para lhe demonstrar a impossibilidade.

8. Um dos pontos que têm sido mais criticados na Gênese é o da criação do Sol depois da luz. Tentaram explicá-lo, com o auxílio mesmo dos dados fornecidos pela Geologia, dizendo que, nos primeiros tempos de sua formação, por se achar carregada de vapores densos e opacos, a atmosfera terrestre não permitia que se visse o Sol, que assim, efetivamente não existia para a Terra. Porventura, semelhante explicação seria admissível se naquela época já houvesse na Terra habitantes que verificassem a presença ou a ausência do Sol. Ora, segundo o próprio Moisés, então, somente havia plantas, que, contudo, não poderiam crescer e se multiplicar sem o calor solar.

Pois, evidentemente, há uma confusão na ordem que Moisés estabeleceu para a criação do Sol; mas, involuntariamente ou não, ele não errou, dizendo que a luz precedeu o Sol.

O Sol não é o princípio da luz universal; é uma concentração do elemento luminoso em um ponto, ou de outra maneira, do fluido que adquire as propriedades luminosas, em dadas circunstâncias. Esse fluido — que é a causa — havia necessariamente de vir antes do Sol — que é apenas um efeito. O Sol é **causa**, em relação à luz que se irradia dele; é **efeito**, com relação à que recebeu.

Num quarto escuro, uma vela acesa é um pequeno sol. O que é que se fez para acender a vela? Desenvolveu-se a propriedade iluminante do fluido luminoso e concentrou-se num ponto esse fluido. A vela é a causa da luz que se espalha pelo quarto; mas, se não existira o princípio luminoso antes da vela, esta não pudera ter sido acesa.

O mesmo se dá com o Sol. O erro provém da ideia falsa, alimentada por longo tempo, de que o Universo inteiro começou com a Terra. Daí o fato de não compreenderem que o Sol pudesse ser criado depois da luz. A princípio, a afirmação de Moisés é perfeitamente exata: é falsa em fazer crer que a Terra tenha sido criada antes do Sol. Pelo seu movimento de translação, estando sujeita a esse último, a Terra teve de ser formada depois dele. É o que Moisés não podia saber, pois que ignorava a lei de gravitação.

Com a mesma ideia se depara na Gênese dos antigos persas. No primeiro capítulo do Vendidad, Ormuz diz ao narrar a origem do mundo: “Eu criei a luz que foi iluminar o Sol, a Lua e as estrelas” (“DICIONÁRIO DE MITOLOGIA UNIVERSAL”). A forma aqui é sem dúvida mais clara e mais científica do que em Moisés e não reclama comentários.

9. Evidentemente, Moisés fazia parte das mais primitivas crenças sobre a cosmogonia. Como os homens do seu tempo, ele acreditava na solidez da abóbada celeste e em reservatórios superiores para as águas. Essa ideia se acha expressa sem alegoria e nem ambiguidade, neste passo (versículos 6 e seguintes): “Deus disse: Faça-se o Firmamento no meio das águas para separar das águas as águas. Deus fez o Firmamento e separou as águas que estavam debaixo do Firmamento das que estavam por cima do Firmamento” (veja: cap. V, *Antigos e modernos sistemas do mundo*, nº 3, 4 e 5).

Segundo uma crença antiga, a água era tida como o princípio primitivo, o elemento gerador, pelo que Moisés não fala da criação das águas, parecendo que já elas existiam. “As trevas cobriam o abismo”, isto é, as profundezas do espaço, que a imaginação imprecisamente figurava ocupada pelas águas e em trevas, antes da criação da luz. Eis aí por que Moisés diz: “O Espírito de Deus era levado (ou boiava) sobre as águas”. Tida a Terra como formada no meio das águas, era preciso isolá-la. Imaginou-se então que Deus teria feito o Firmamento — uma abóbada sólida — para separar as águas de cima das que estavam sobre a Terra.

A fim de compreendermos certas partes da Gênese, é indispensável que nos coloquemos no ponto de vista das ideias cosmogônicas da época que ela reflete.

10. Diante dos progressos da Física e da Astronomia, semelhante teoria é

insustentável.¹¹⁹ Entretanto, Moisés atribui aquelas palavras ao próprio Deus. Ora, visto que elas exprimem um fato notoriamente falso, uma de duas: ou Deus se enganou em a narrativa que fez da sua obra, ou essa narrativa não é de origem divina. Não sendo admissível a primeira hipótese, obrigatoriamente concluímos que Moisés apenas exprimiu suas próprias ideias (Cap. I, nº 3).

11. Ele teve mais acerto dizendo que Deus formou o homem do barro da Terra.¹²⁰ Na prática, a Ciência mostra (cap. X) que o *corpo* do homem se compõe de elementos tomados da matéria inorgânica — por outras palavras, ao barro da terra.

A mulher formada de uma costela de Adão é uma alegoria, aparentemente infantil, se for admitida ao pé da letra, mas profunda, quanto ao sentido. Tem por fim mostrar que a mulher é da mesma natureza que o homem, que por isso é igual a este perante Deus, e não uma criatura à parte, feita para ser escravizada e tratada qual escrava. Tendo ela saída da própria carne do homem, a imagem da igualdade é bem mais expressiva, do que se ela fosse tida como formada, separadamente, do mesmo barro. Equivale a dizer ao homem que ela é sua igual e não sua escrava, que ele deve amá-la como parte de si mesmo.

12. Para Espíritos incultos, sem nenhuma ideia das leis gerais, incapazes de apreender o conjunto e de conceber o infinito, essa criação milagrosa e instantânea apresentava qualquer coisa de fantástico que feria a imaginação. O quadro do Universo tirado do nada em alguns dias, por um só ato da vontade criadora, para tais inteligências, era o sinal mais evidente do poder de Deus. De fato, que configuração mais sublime e mais poética desse poder, do que a que estas palavras traçam: “Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita!”. Deus, a criar o Universo pela ação lenta e gradual das leis da Natureza, teria lhes parecido menor e menos poderoso. Para eles, era indispensável qualquer coisa de maravilhoso, que saísse dos moldes comuns, do contrário, teriam dito que Deus não era mais hábil do que os homens. Uma teoria científica e racional da criação os deixaria frios e indiferentes.

Pois então, não rejeitemos a Gênesis bíblica; ao contrário, vamos estudá-la, como se estuda a história da infância dos povos. Trata-se de uma época rica de simbolismo, a qual devemos pesquisar o sentido oculto; que se devem comentar e explicar com o auxílio das luzes da razão e da Ciência. Entretanto, fazendo ressaltar as suas belezas poéticas e os seus ensinamentos velados pela forma imaginosa, devemos expressamente apontar seus erros, no próprio interesse da religião. Esta será muito mais respeitada, quando esses erros deixarem de ser impostos à fé, como verdade, e Deus parecerá maior e mais poderoso, quando não lhe envolverem o nome em fatos de pura invenção.

¹¹⁹ Embora o erro de tal crença seja muito grosseiro, com ela ainda se embalam presentemente as crianças, como se fosse uma verdade sagrada. Só a tremer os educadores ousam se aventurar a uma tímida interpretação. Como quererem que isso não venha mais tarde a fazer incrédulos? -- N. K.

¹²⁰ Em hebraico, o termo *haadam*, *homem*, do qual se compôs *Adão*, e o termo *haadama*, *terra*, têm a mesma raiz -- N. K.

PERDA DO PARAÍSO ¹²¹

13. CAPÍTULO II — ⁹ Ora, desde o começo o Senhor Deus plantou um jardim de delícias, no qual pôs o homem que ele formou. O Senhor Deus também fez sair da terra toda espécie de árvores belas ao olhar e cujo fruto era agradável ao paladar e, no meio do paraíso¹²², a árvore da vida, com a árvore da ciência do bem e do mal (Ele, **Jeová Eloim**, fez sair da terra (**min haadam**) toda árvore bela de ser vista e boa para ser comida e a árvore da vida (**vehetz hachayim**) no meio do jardim e a árvore da ciência do bem e do mal).

¹⁵ Então o Senhor pegou o homem e o colocou no paraíso de delícias, a fim de que o cultivasse e guardasse. ¹⁶ Deu-lhe também esta ordem e lhe disse: Come de todas as árvores do paraíso (Ele, **Jeová Eloim**, ordenou ao homem (**hal haadam**) dizendo: Pode comer de toda árvore do jardim). ¹⁷ Mas, jamais não coma o fruto da árvore da ciência do bem e do mal; porque, logo que o comer, morrerá com toda a certeza (E da árvore do bem e do mal (**oumehetz hadaat tob vara**) não coma, porque morrerá no dia em que comer dela).

14. CAPÍTULO III — ¹ Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais que o Senhor Deus criou na Terra. E ela disse à mulher: Por que Deus ordenou que não comessem dos frutos de todas as árvores do paraíso? (E a serpente (**nâhâsch**) era mais astuta do que todos os animais terrestres que **Jeová Eloim** havia feito; ela disse à mulher (**el haïscha**): Terá dito **Eloim**: Não comam de nenhuma árvore do jardim?). ² A mulher respondeu: Comemos dos frutos de todas as árvores que estão no paraíso (Ela, a mulher, disse à serpente, podemos comer do fruto (**miperi**) das árvores do jardim). ³ Mas, quanto ao fruto da árvore que está no meio do paraíso, Deus nos ordenou que não comêssemos dele e que não lhe tocássemos, para não correremos o perigo de morrer. ⁴ A serpente respondeu à mulher: Certamente não morrerão. Mas é que Deus sabe que, assim que tiverem comido desse fruto, seus olhos se abrirão e serão como deuses, conhecendo o bem e o mal.

⁶ Então a mulher considerou que o fruto daquela árvore era bom de comer; que era belo e agradável à vista. E, tomando dele, o comeu e o deu a seu marido, que também comeu (Ela, a mulher, viu que ela era boa, a árvore como alimento, e que era desejável a árvore para compreender (**léaskil**), e tomou de seu fruto, etc.).

⁸ E como ouvissem a voz do Senhor Deus, que passeava à tarde pelo jardim, quando sopra um vento brando, eles se retiraram para o meio das árvores do paraíso, a fim de se ocultarem de diante da Sua face.

⁹ Então o Senhor Deus chamou Adão e lhe disse: Onde você está? ¹⁰ Adão respondeu: Ouvi a Tua voz no paraíso e tive medo, porque estava nu, essa a razão por que me escondi. ¹¹ O Senhor lhe retrucou: E como soube que estava nu, senão porque comeu o fruto da árvore da qual eu os proibi que comessem? ¹² Adão lhe respondeu: A mulher que me deu por companheira me apresentou o fruto dessa árvore e eu comi dele. ¹³ O Senhor Deus disse à mulher: Por que fez isso? Ela respondeu: A serpente me enganou e eu comi desse fruto.

¹⁴ Então, o Senhor Deus disse à serpente: Por ter feito isso, você será

¹²¹ Em seguida a alguns versículos se acha a tradução literal do texto hebreu, exprimindo mais fielmente o pensamento primitivo. O sentido alegórico ressalta assim mais claramente -- N. K.

¹²² **Paraíso**, do latim **paradisus**, derivado do grego: *paradeisos*, jardim, vergel, lugar plantado de árvores. O termo hebreu empregado na Gênese é **hagan**, que tem a mesma significação -- N. K.

maldita entre todos os animais e todas as bestas da terra; se arrastará sobre o ventre e comerá a terra por todos os dias de tua vida. ¹⁵ Colocarei uma inimizade entre ti e a mulher, entre a raça dela e a tua. Ela te esmagará a cabeça e você tentará lhe morder o calcanhar.

¹⁶ Deus disse também à mulher: Eu te afligirei com muitos males durante a tua gravidez; parirá com dor; estará sob a dominação de teu marido e ele te dominará.

¹⁷ Em seguida disse a Adão: Por ter escutado a voz de tua mulher e ter comido do fruto da árvore de que te proibi que comesse, a terra será maldita para ti por causa do que fez e só com muito trabalho tirará dela com que te alimente, durante toda a tua vida. ¹⁸ Ela te produzirá espinhos e sarças e te alimentará com a erva da terra. ¹⁹ E comerá o teu pão com o suor do teu rosto, até que volte à terra donde foi tirado, porque você é pó e ao pó voltará.

²⁰ E Adão deu à sua mulher o nome de Eva, que significa a vida, porque ela era a mãe de todos os viventes.

²¹ O Senhor Deus também fez para Adão e sua mulher roupas de peles com que os cobriu. ²² E disse: Eis aí Adão feito um de nós, sabendo o bem e o mal. Pois então, agora vamos impedir que ele deite a mão à árvore da vida, que também tome do seu fruto e que, comendo desse fruto, viva eternamente. (Ele, **Jeová Eloim**, disse: Eis aí, o homem foi como um de nós para o conhecimento do bem e do mal; agora ele pode estender a mão e tomar da árvore da vida (**veata pen ischlachyado velakach mehetz hachayim**); comerá dela e viverá eternamente).

²³ O Senhor Deus o fez sair do jardim de delícias, a fim de que fosse trabalhar no cultivo da terra de onde ele fora tirado. ²⁴ E, tendo-o expulsado, colocou querubins¹²³ diante do jardim de delícias, os quais faziam brilhar uma espada de fogo, para guardarem o caminho que levava à árvore da vida.

15. Sob uma imagem infantil e às vezes ridícula — se nos prendermos à forma — a simbologia frequentemente oculta as maiores verdades. À primeira vista, haverá fábula mais absurda do que a de Saturno, o deus que devorava pedras, tomando-as por seus filhos? Todavia, o que há de mais profundamente filosófico e verdadeiro do que essa figura, se procuramos seu sentido moral! Saturno é a personificação do tempo; sendo todas as coisas obra do tempo, ele é o pai de tudo o que existe; mas, também, tudo se destrói com o tempo. Saturno a devorar pedras é o símbolo da destruição, pelo tempo, dos mais duros corpos — seus filhos — visto que se formaram com o tempo. E quem, segundo essa mesma alegoria, escapa de uma destruição semelhante a essa? Somente Júpiter, símbolo da inteligência superior, do princípio espiritual, que é indestrutível. É mesmo tão natural essa imagem, que, na linguagem moderna, sem alusão à Fábula antiga, se diz, de uma coisa que afinal se deteriorou, ter sido devorada pelo tempo, gasta, devastada pelo tempo.

Aliás, na realidade, toda a mitologia pagã não é mais do que um vasto quadro alegórico das diversas faces da Humanidade — boas e más. Para quem busca nela o sentido, é um curso completo da mais alta filosofia, como acontece com as modernas fábulas. O absurdo estava em tomarem a forma pelo fundo.

¹²³ Do hebreu *cherub*, *keroub*, boi, *charab*, lavrar; anjos do segundo coro da primeira hierarquia, que eram representados com quatro asas, quatro faces e pés de boi -- N. K.

16. O mesmo se dá com a Gênesis, em que temos que perceber grandes verdades morais debaixo das figuras materiais que, tomadas ao pé da letra, seriam tão absurdas como se, em nossas fábulas, tomássemos em sentido literal as cenas e os diálogos atribuídos aos animais.

Adão representa a Humanidade; sua falta individualiza a fraqueza do homem, em quem predominam os instintos materiais a que ele não sabe resistir.¹²⁴

A árvore, como árvore de vida, é o emblema da vida espiritual; como árvore da Ciência, é o da consciência do bem e do mal, que o homem adquire pelo desenvolvimento da sua inteligência e do livre-arbítrio, em virtude do qual ele escolhe entre um e outro. Assinala o ponto em que a alma do homem, deixando de ser guiada unicamente pelos instintos, toma posse da sua liberdade e incorre na responsabilidade dos seus atos.

O fruto da árvore simboliza o objeto dos desejos materiais do homem; é a ilustração da cobiça e da devassidão; numa figura única, concretiza os motivos de arrastamento ao mal. O ato de comer é cair na tentação. A árvore se ergue no meio do jardim de delícias, para mostrar que a sedução está no seio mesmo dos prazeres e para lembrar que, se dá preponderância aos gozos materiais, o homem se prende à Terra e se afasta do seu destino espiritual.¹²⁵

A morte de que ele é ameaçado — caso transgrida a proibição que se faz a ele — é um aviso das consequências inevitáveis, físicas e morais, decorrentes da violação das leis divinas que Deus lhe gravou na consciência. É bastante evidente que aqui não se trata da morte corporal, pois que, depois de cometida a falta, Adão ainda viveu longo tempo, mas, sim, da morte espiritual, ou, por outras palavras, da perda dos bens que resultam do adiantamento moral, perda figurada pela sua expulsão do jardim de delícias.

17. Hoje, a serpente está longe de ser tida como tipo da astúcia. Pois ela entra aqui mais pela sua forma do que pelo seu caráter, como alusão à perfídia dos maus conselhos, que se insinuam como a serpente e da qual, por essa razão, o homem, muitas vezes, não desconfia. Além do mais, se, por haver enganado a mulher, a serpente é que foi condenada a rastejar sobre o ventre, deveremos deduzir que antes esse animal tinha pernas; mas, neste caso, não era serpente. Por que, então, se há de impor à fé ingênua e crédula das crianças, como verdades, tão evidentes alegorias, com o que, falseando lhes seu juízo, se faz que mais tarde venham a considerar a Bíblia um monte de fábulas absurdas?

Além disso, devemos notar que o termo hebreu *nâhâsch*, traduzido por *serpente*, vem da raiz *nâhâsch*, que significa: *fazer encantamentos, adivinhar as coisas ocultas*, podendo também significar: *encantador, adivinho*. Com esta acepção, ele é encontrado na própria Gênesis, 44:5 e 15, a propósito da taça que

¹²⁴ Hoje está perfeitamente reconhecido que a palavra hebreia *haadam* não é um nome próprio, mas significa: o *homem em geral*, a *Humanidade*, o que destrói toda a estrutura levantada sobre a personalidade de Adão -- N. K.

¹²⁵ Em nenhum texto o fruto é especializado na *maçã*, palavra que só se encontra nas versões infantis. O termo do texto hebreu é *peri*, que tem as mesmas acepções que em francês, sem determinação de espécie e pode ser tomado em sentido material, moral, alegórico, em sentido próprio e figurado. Para os israelitas, não há interpretação obrigatória; quando uma palavra tem muitas acepções, cada um a entende como quer, contanto que a interpretação não seja contrária à gramática. O termo *peri* foi traduzido em latim por *malum*, que se aplica tanto à *maçã*, como a qualquer espécie de frutos. Deriva do grego *melon*, particípio do verbo *melo*, interessar, cuidar, atrair -- N. K.

José mandou esconder no saco de Benjamim: “A taça que roubaste é a que meu Senhor bebe e de que se serve para adivinhar (*nâhâsch*).¹²⁶ Ignora que não há quem me iguale na ciência de adivinhar (*nâhâsch*)?” No livro Números, 23:23: “Não há encantamentos (*nâhâsch*) em Jacó, nem adivinhos em Israel”. Daí o fato de a palavra *nâhâsch* haver tomado também a significação de *serpente*, réptil que os encantadores tinham a pretensão de encantar, ou de que se serviam em seus encantamentos.

A palavra *nâhâsch* só foi traduzida por *serpente* na versão dos *Setenta* os quais, segundo Hutcheson, corromperam o texto hebreu em muitos lugares — versão essa escrita em grego no segundo século da era cristã. As suas inexactidões resultaram, sem dúvida, das modificações que a língua hebraica sofreu no intervalo transcorrido, porque o hebreu do tempo de Moisés era uma língua morta, que diferia do hebreu popular, tanto quanto o grego antigo e o árabe literário diferem do grego e do árabe modernos.¹²⁷

É provável que Moisés tenha apresentado como sedutor da mulher o desejo de conhecer as coisas ocultas, suscitado pelo Espírito de adivinhação, o que concorda com o sentido primitivo da palavra *nâhâsch*, *adivinhar*, e, por outro lado, com estas palavras: “Deus sabe que, logo que tiver comido desse fruto, seus olhos se abrirão e serão como *deuses*. Ela, a mulher, viu que era cobiçável a árvore para compreender (*léaskil*) e tomou do seu fruto”. Não se deve esquecer que Moisés queria abolir de meio dos hebreus a arte da adivinhação praticada pelos egípcios, como o prova o fato de haver proibido que aqueles interrogassem os mortos e o Espírito Piton (ver em “O CÉU E O INFERNO”, cap. XII).

18. A passagem que diz: “O Senhor passeava pelo jardim à tarde, quando se levanta vento brando”, é uma imagem ingênua e um tanto infantil, que a crítica não deixou de destacar; mas, nada tem que surpreenda, se nos reportamos à ideia que os hebreus dos tempos primitivos faziam de Deus. Para aquelas inteligências subdesenvolvidas e incapazes de compreender simbologia, Deus havia de ter uma forma concreta e eles tudo referiam à Humanidade, como único ponto que conheciam. Por isso Moisés lhes falava como que a crianças, por meio de imagens sensíveis. No caso de que se trata, tem-se personificada a Potência soberana, como os pagãos personificavam as virtudes, os vícios e as ideias subjetivas em figuras alegóricas. Mais tarde, os homens largaram a ideia da forma, do mesmo modo que a criança, quando se torna adulta, procura o sentido moral dos contos com que a acalentaram. Portanto, devemos considerar essa passagem como uma alegoria, figurando a Divindade a vigiar em pessoa os objetos da sua criação. O grande rabino Wogue a traduziu assim: “Eles ouviram a voz do Eterno Deus, percorrendo o jardim, do lado de onde o dia vem”.

¹²⁶ Deste fato poderemos afirmar que os egípcios conheciam a mediunidade pelo copo d'água? (“REVISTA ESPÍRITA”, de junho de 1868, pág. 161) -- N. K.

¹²⁷ O termo *nâhâsch* existia na língua egípcia, com a significação de **negro**, provavelmente porque os negros tinham o dom dos encantamentos e da adivinhação. Talvez também por isso é que as esfinges, de origem assíria, eram representadas por uma figura de negro -- N. K.

19. Se a falta de Adão foi literalmente ter comido um fruto, incontestavelmente, pela sua natureza quase pueril, essa falta não poderia justificar o rigor com que foi punida. Não se poderia tampouco admitir, racionalmente, que o fato seja igual geralmente o supõem; se fosse assim — considerando-o irremissível crime —, teríamos Deus a condenar a Sua própria obra, pois que Ele havia criado o homem para a propagação. Se Adão tivesse entendido assim a proibição de tocar no fruto da árvore e com ela tivesse se conformado rigorosamente, onde estaria a Humanidade e que teria sido feito dos desígnios do Criador?

Deus não havia criado Adão e Eva para ficarem sós na Terra; a prova disso está nas próprias palavras que dirige a eles logo depois de tê-los formado, quando eles ainda estavam no paraíso terrestre: “Deus os abençoou e lhes disse: Cresçam e se multipliquem, **encham a Terra** e a submetam ao domínio de vocês” (*Gênesis*, 1:28). Uma vez que a multiplicação era lei já no paraíso terreno, a expulsão deles dali não pode ter tido como causa o fato suposto.

O que deu crédito a essa suposição foi o sentimento de vergonha que Adão e Eva manifestaram ante o olhar de Deus e que os levou a se esconderem. Mas, essa própria vergonha é uma figura por comparação: simboliza a confusão que todo culpado experimenta em presença daquele a quem ofendeu.

20. Então, definitivamente, qual a falta tão grande que mereceu acarretar a reprovação perpétua de todos os descendentes daquele que a cometeu? Caim, o fraticida¹²⁸, não foi tratado tão severamente. Nenhum teólogo a pode definir logicamente, porque todos giraram dentro de um círculo vicioso — por estarem apegados à letra.

Sabemos hoje que essa falta não é um ato isolado e pessoal de um indivíduo, mas que, sob um único fato simbólico, compreende o conjunto das irresponsabilidades de que a Humanidade da Terra — que ainda é imperfeita — pode tornar-se culpada e que se resumem nisto: **infração da lei de Deus**. Eis por que a falta do primeiro homem — que simboliza a Humanidade — tem por comparação um ato de desobediência.

21. Dizendo a Adão que ele tiraria da terra a alimentação com o suor de seu rosto, Deus simboliza a obrigação do trabalho; mas, por que fez do trabalho uma punição? Que seria da inteligência do homem, se ele não a desenvolvesse pelo trabalho? Que seria da Terra, se não fosse fecundada, transformada e saneada pelo trabalho inteligente do homem?

Lá está dito (*Gênesis*, 2:5 e 7): “O Senhor Deus ainda não havia feito chover sobre a Terra e não havia nela homens que a cultivassem. Então o Senhor formou o homem do barro da terra”. Essas palavras, aproximadas destas outras “Encham a Terra”, provam que desde a sua origem o homem estava destinado a **ocupar toda a Terra e a cultivá-la**, assim como, ao demais, que o paraíso não era um lugar limitado a um canto do globo. Se a cultura da terra tivesse de ser uma consequência da falta de Adão, ocorreria que, se Adão

¹²⁸ **Fraticida:** aquele que mata o irmão ou irmã (Caim é assim intitulado por ter assassinado seu irmão Abel) – N. E.

não tivesse pecado, a Terra permaneceria inculta e os desígnios de Deus não se teriam cumprido.

Por que Ele disse à mulher que ela pariria com dor, em consequência de haver cometido a falta? Como pode a dor do parto ser um castigo, quando é um efeito do organismo e quando está provado fisiologicamente que é uma necessidade? Como pode ser punição uma coisa que se produz segundo as leis da Natureza? É o que os teólogos absolutamente ainda não explicaram e que não poderão explicar, enquanto não abandonarem o ponto de vista em que se colocaram. Entretanto, podemos justificar aquelas palavras que parecem tão contraditórias.

22. Antes de tudo, notemos que se, no momento de serem criados os dois, as almas de Adão e Eva tivessem vindo do nada — como ainda se ensina — eles haviam de ser novatos em todas as coisas; então, haviam de ignorar o que é morrer. Estando sós na Terra como estavam, enquanto viveram no paraíso, não tinham assistido à morte de ninguém. Como, então, teriam podido compreender em que consistia a ameaça de morte que Deus lhes fazia? Como Eva teria podido compreender que parir com dor seria uma punição, visto que, tendo acabado de nascer para a vida, ela jamais tivera filhos e era a única mulher existente no mundo?

Portanto, as palavras de Deus não deviam ter nenhum sentido para Adão e Eva. Recentemente surgidos do nada, eles não podiam saber *como* e nem *por que* haviam surgido dali; não podiam compreender nem o Criador nem o motivo da proibição que lhes era feita. Sem nenhuma experiência das condições da vida, pecaram como crianças que agem sem discernimento, o que torna ainda mais incompreensível a terrível responsabilidade que Deus fez pesar sobre eles e sobre a Humanidade inteira.

23. Entretanto, o que é para a Teologia um beco sem saída, o Espiritismo o explica sem dificuldade e de maneira racional, pela anterioridade da alma e pela pluralidade das existências, lei sem a qual tudo é mistério e anormalidade na vida do homem. Com efeito, vamos admitir que Adão e Eva já tivessem vivido e tudo logo se justifica: Deus não lhes fala como que a crianças, mas como a seres em estado de o compreenderem e que o compreendem — prova evidente de que ambos trazem aquisições anteriormente realizadas. Ainda mais, vamos admitir que tenham vivido em um mundo mais adiantado e menos material do que o nosso, onde o trabalho do Espírito substituíra o do corpo; que, por se haverem rebelado contra a lei de Deus — simbolizada na desobediência — tenham sido afastados de lá e exilados, por punição, para a Terra, onde o homem, pela natureza do globo, é constrangido a um trabalho corporal e reconheceremos que Deus tinha razão em lhes dizer: “No mundo onde daqui em diante vão viver, cultivarão a terra e dela tirarão o alimento com o suor do seu rosto”; e, à mulher: “Vai parir com dor”, porque tal é a condição desse mundo (Cap. XI, nº 31 e seguintes).

O paraíso terrestre — cujos vestígios têm sido inutilmente procurados

na Terra — era então a figura do mundo feliz, onde Adão viveu, ou antes, a raça dos Espíritos que ele personifica. A expulsão do paraíso marca o momento em que esses Espíritos vieram encarnar entre os habitantes do mundo terráqueo e a mudança de situação foi a consequência da expulsão. O anjo que lacra a entrada do paraíso, empunhando uma espada flamejante, simboliza a impossibilidade encontrada pelos Espíritos dos mundos inferiores em penetrar nos mundos superiores, antes que o mereçam pela sua purificação (veja adiante, o cap. XIV, nº 8 e seguintes).

24. Depois do assassinato de Abel, Caim responde ao Senhor: A minha maldade é extremamente grande para que me possa ser perdoada. O Senhor me expulsa hoje de cima da Terra e eu irei me esconder da Sua face. Irei fugitivo e vagabundo pela Terra e qualquer um então que me encontre me matará. O Senhor lhe respondeu: “Não, isto não se dará, porque quem matar Caim será punido severamente”. E o Senhor pôs um sinal sobre Caim, a fim de que aqueles que viessem a encontrá-lo não o matassem. Tendo-se retirado de diante do Senhor, Caim ficou vagabundo pela Terra e habitou a região oriental do Éden. Havendo conhecido sua mulher, ela concebeu e pariu Henoch. Ele construiu (*va'èchi bôné*; literalmente: *estava construindo*) uma cidade a que chamou **Henoch** (Enoquia) do nome de seu filho (*Gênesis*, 4:13 a 16).

25. Se nos apegarmos à letra da *Gênesis*, eis as consequências a que chegaremos: Adão e Eva estavam sós no mundo, depois de expulsos do paraíso terrestre; só posteriormente tiveram os dois filhos Caim e Abel. Ora, Caim tendo-se retirado para outra região depois de haver assassinado o irmão, não tornou a ver seus pais, que de novo ficaram isolados. Só muito mais tarde, na idade de cento e trinta anos, foi que Adão teve um terceiro filho, que se chamou Set, depois de cujo nascimento, ele ainda viveu, segundo a genealogia bíblica, oitocentos anos, e teve mais filhos e filhas.

Logo, quando Caim foi se estabelecer a leste do Éden, somente havia na Terra três pessoas: seu pai e sua mãe, e ele, *sozinho*, de seu lado. Entretanto, Caim teve mulher e um filho. Que mulher podia ser essa e onde ele pôde desposá-la? O texto hebreu diz: *Ele estava construindo uma cidade* e não: *ele construiu*, o que indica ação presente e não posterior. Mas, uma cidade pressupõe a existência de habitantes, visto não ser de presumir que Caim a fizesse para si, sua mulher e seu filho, nem que a pudesse edificar sozinho.

Dessa própria narrativa, portanto, temos de concluir que a região era povoada. Ora, isso não podia ser pelos descendentes de Adão, que então se reduziam a um só: Caim.

Aliás, a presença de outros habitantes ressalta igualmente destas palavras de Caim: “Serei fugitivo e vagabundo e quem quer que me encontre me matará”, e da resposta que Deus lhe deu. Quem ele poderia temer que o matasse e que utilidade teria o sinal que Deus lhe pôs para preservá-lo de ser morto, uma vez que ele não iria encontrar ninguém? Ora, se havia na Terra outros homens fora a família de Adão, é que esses homens aí estavam antes dele,

donde se deduz esta consequência, tirada do texto mesmo da Gênesis: Adão não é nem o primeiro, nem o único pai do gênero humano (Cap. XI, nº 34). ¹²⁹

26. Eram necessários os conhecimentos que o Espiritismo ministrou acerca das relações do princípio espiritual com o princípio material, acerca da natureza da alma, da sua criação em estado de simplicidade e de ignorância, da sua união com o corpo, da sua indefinida marcha progressiva através de sucessivas existências e através dos mundos — que são outros tantos degraus da senda do aperfeiçoamento — acerca da sua gradual libertação da influência da matéria, mediante o uso do livre-arbítrio, da causa dos seus pendores bons ou maus e de suas aptidões, do fenômeno do nascimento e da morte, da situação do Espírito na erraticidade e, finalmente, do futuro como prêmio de seus esforços por se melhorar e da sua perseverança no bem, para que se fizesse luz sobre todas as partes da Gênese espiritual.

Graças a essa luz, o homem de agora em diante sabe de onde vem, para onde vai, por que está na Terra e por que sofre. Sabe que tem nas mãos o seu futuro e que a duração do seu cativeiro neste mundo depende unicamente dele. Despida da alegoria acanhada e mesquinha, a Gênesis se apresenta grande e digna da majestade, da bondade e da justiça do Criador. Considerada desse ponto de vista, ela confundirá a descrença e triunfará.

¹²⁹ Essa ideia não é nova: **La Peyrère**, sábio teólogo do século dezessete, em seu livro *"Preadamitas"*, escrito em latim e publicado em 1655, extraiu do texto original da Bíblia — adulterado pelas traduções — a prova evidente de que a Terra era habitada antes da vinda de Adão e essa opinião é hoje a de muitos eclesiásticos esclarecidos — N. K.

Os milagres
SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XIII

CARACTERÍSTICA DOS MILAGRES

- OS MILAGRES NO SENTIDO TEOLÓGICO
- O ESPIRITISMO NÃO FAZ MILAGRES
- FAZ DEUS MILAGRES?
- O SOBRENATURAL E AS RELIGIÕES

OS MILAGRES NO SENTIDO TEOLÓGICO

1. Na concepção etimológica¹³⁰ a palavra **milagre** (de *mirari*, *admirar*) significa: *admirável, coisa extraordinária, surpreendente*. A Academia definiu-a deste modo: *Um ato do poder divino contrário às leis conhecidas da Natureza*.

No sentido popular essa palavra — como tantas outras — perdeu a significação originária. De geral, do que era, tornou-se de aplicação restrita a uma ordem particular de fatos. No entender das massas, um *milagre* indica a ideia de um fato sobrenatural; no sentido teológico, é uma derrogação das leis da Natureza, por meio da qual Deus manifesta o seu poder. De fato, tal é a significação comum, que se tornou o sentido próprio, de modo que a palavra só é aplicada às circunstâncias normais da vida por comparação e por metáfora.

Uma das características do milagre propriamente dito é o fato de ser inexplicável, por isso mesmo que se realiza com exclusão das leis naturais. É tão generalizada essa ideia que se lhe associa, que, se um fato milagroso vem a encontrar explicação, se diz que já não constitui milagre, por muito espantoso que seja. Para a Igreja, o que dá valor aos milagres é exatamente a origem sobrenatural deles e a impossibilidade de serem explicados. Ela se firmou tão bem sobre esse ponto, que o caso de assimilar os milagres aos fenômenos da Natureza é para ela uma heresia, um atentado contra a fé, tanto assim que excomungou e até queimou muita gente por não ter querido crer em certos milagres.

Outro caráter do milagre é o ser raro, isolado, excepcional. Logo que um fenômeno se reproduz, seja espontânea, seja voluntariamente, é que está submetido a uma lei e, desde então, seja ou não seja conhecida a lei, já não pode haver milagres.

¹³⁰ Relativo à **Etimologia**, que é o estudo da evolução das palavras (origem e aplicação dos significados) – N. E.

2. Aos olhos dos ignorantes, a Ciência faz milagres todos os dias. Se um homem que se ache realmente morto for chamado à vida por intervenção divina, haverá verdadeiro milagre, por esse ser um fato contrário às leis da Natureza. Mas, se em tal homem houver apenas aparências de morte, se lhe restar uma **vitalidade latente** e a Ciência, ou uma ação magnética, conseguir reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas terá ocorrido um fenômeno natural, mas, para a pessoa ignorante, o fato passará por miraculoso. Lance um físico, do meio de certas campinas, um papagaio¹³¹ elétrico e faça que o raio caia sobre uma árvore e certamente esse novo Prometeu¹³² será tido por armado de diabólico poder. Porém, Josué¹³³ tivesse detido o movimento do Sol, ou, antes, da Terra, e teríamos aí o verdadeiro milagre, porque não existe nenhum magnetizador dotado de bastante poder para operar semelhante prodígio.

Os séculos de ignorância foram fartos de milagres, porque se considerava sobrenatural tudo aquilo que não tinha uma causa conhecida. À proporção que a Ciência revelou novas leis, o círculo do maravilhoso se foi restringindo; mas, como a Ciência ainda não explorara todo o vasto campo da Natureza, larga parte dele ficou reservada para o maravilhoso.

3. Expulso do domínio da materialidade, pela Ciência, o maravilhoso se cercou no domínio da espiritualidade, onde encontrou o seu último refúgio. Demonstrando que o elemento espiritual é uma das forças vivas da Natureza — força que incessantemente atua em concorrência com a força material — o Espiritismo faz que voltem ao rol dos efeitos naturais os que dele haviam saído, porque, como os outros, esses efeitos também se acham sujeitos a leis. Se for expulso da espiritualidade, o maravilhoso já não terá razão de ser e só então se poderá dizer que passou o tempo dos milagres (Cap. I, nº 18).

O ESPIRITISMO NÃO FAZ MILAGRES

4. Por sua vez, o Espiritismo então vem fazer o que cada ciência fez no seu começo: revelar novas leis e consequentemente explicar os fenômenos compreendidos na alçada dessas leis.

Certamente, esses fenômenos se prendem à existência dos Espíritos e à intervenção deles no mundo material e isso — dizem — é em que consiste o sobrenatural. Mas então, seria preciso provar que os Espíritos e suas manifestações são contrárias às leis da Natureza; que aí não há, nem pode haver, a ação de uma dessas leis.

O Espírito não é mais do que a alma sobrevivente ao corpo; é o ser principal, porque não morre, ao passo que o corpo é simples acessório sujeito à

¹³¹ Papagaio: pipa (brinquedo) — N. E.

¹³² Prometeu: um dos titãs da mitologia grega, que teria roubado o fogo do Olimpo para dá-lo aos homens (Por esse motivo Zeus o castigou, acorrentando-o a um rochedo do Cáucaso para que um abutre bicasse permanentemente seu fígado) — N. E.

¹³³ Josué: foi o sucessor de Moisés na condução do povo de Israel. Entre os principais feitos, segundo a tradição bíblica, em dada batalha, contou com a intervenção divina para parar o Sol e a Lua a fim de prolongar o período diurno (pois, supunha-se que se aquela guerra perdurasse noite adentro, os guerreiros de Israel tomariam, pois desconheciam a região e estavam em número bem inferior aos inimigos cananeus) — N. E.

destruição. Portanto, sua existência é tão natural depois, como durante a encarnação; está submetido às leis que regem o princípio espiritual, como o corpo está submetido às que regem o princípio material; mas, como estes dois princípios têm necessária afinidade, como reagem incessantemente um sobre o outro, como da ação simultânea deles resultam o movimento e a harmonia do conjunto, segue-se que a espiritualidade e a materialidade são duas partes de um mesmo todo, tão natural uma quanto a outra, não sendo, pois, a primeira uma exceção, uma anomalia na ordem das coisas.

5. Durante a sua encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por meio do seu corpo fluídico — o perispírito — ocorrendo o mesmo quando ele não está encarnado. Como Espírito e na medida de suas capacidades, faz o que fazia como homem; apenas, por não ter mais o corpo carnal para instrumento, quando é necessário, ele se serve dos órgãos materiais de um encarnado — que é aquele a que se chama **médium**. Procede então como alguém que, não podendo escrever por si mesmo, se vale de um secretário, ou que, não sabendo uma língua, recorre a um tradutor. O secretário e o tradutor são os **médiuns** de um encarnado, do mesmo modo que o médium é o secretário ou o tradutor de um Espírito.

6. Como o meio e os modos que os Espíritos atuam já não são o mesmo que era no estado de encarnação, os efeitos também são diferentes — parecem sobrenaturais unicamente porque se produzem com o auxílio de agentes que não são os de que nos servimos. Porém, desde que esses agentes estão na Natureza e as manifestações se dão em virtude de certas leis, nada há de sobrenatural ou de maravilhoso. Antes de conhecermos as propriedades da eletricidade, os fenômenos elétricos passavam por prodígios para muita gente; desde que a causa se tornou conhecida, desapareceu o maravilhoso. O mesmo ocorre com os fenômenos espíritos, que não são mais aberrantes das leis naturais do que os fenômenos elétricos, acústicos, luminosos e outros, que serviram de fundamento a uma imensidade de crenças supersticiosas.

7. Entretanto, poderão dizer: admitem que um Espírito possa levantar uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio; não está aí uma derrogação da lei da gravidade? — Sim, da lei conhecida. Mas, conhecemos todas as leis? Antes que se houvesse experimentado a força ascensional de alguns gases, quem diria que uma pesada máquina, transportando muitos homens, poderia triunfar da força de atração? Ao ignorante, isso não pareceria maravilhoso e diabólico? Aquele que há um século tivesse proposto transmitir uma mensagem a 500 léguas e receber a resposta dentro de alguns minutos, teria passado por louco; se o fizesse, teriam acreditado que o diabo está sob suas ordens — porque então só o diabo era capaz de andar tão depressa. Hoje, no entanto, não só reconhecemos como possível o fato, como ele parece naturalíssimo. Por que um fluido desconhecido careceria da propriedade de contrabalançar o efeito da gravidade, em dadas circunstâncias, como o hidrogênio contrabalança o peso

do balão? Efetivamente, é o que acontece, no caso de que se trata ("O LIVRO DOS MÉDIUNS", 2ª Parte, cap. IV).

8. Uma vez que os fenômenos espíritos estão no quadro dos fenômenos da Natureza, eles têm se produzido em todos os tempos; mas, precisamente, porque não podiam ser estudados pelos meios materiais da ciência comum, permaneceram muito mais tempo do que outros no domínio do sobrenatural, donde o Espiritismo agora os tira.

Baseado em aparências inexplicadas, o sobrenatural deixa livre curso à imaginação que, a vagar pelo desconhecido, gera as crenças supersticiosas. Uma explicação racional, fundada nas leis da Natureza, reconduzindo o homem ao terreno da realidade, fixa um ponto de parada aos transviamentos da imaginação e destrói as superstições. Longe de ampliar o domínio do sobrenatural, o Espiritismo o restringe até aos seus limites extremos e lhe arrebatou o último refúgio. Se é certo que ele faz crer na possibilidade de alguns fatos, por outro lado, não menos certo é que impede a crença em diversos outros, porque demonstra no campo da espiritualidade — a exemplo da Ciência no campo da materialidade — o que é possível e o que não é. Todavia, como não alimenta a pretensão de haver dito a última palavra seja sobre o que for, nem mesmo sobre o que é da sua competência, ele não se apresenta como absoluto regulador do possível e deixa de parte os conhecimentos reservados ao futuro.

9. Os fenômenos espíritos são os diferentes modos de manifestação da alma ou Espírito — seja durante a encarnação, seja no estado de erraticidade. É pelas manifestações que produz que a alma revela sua existência, sua sobrevivência e sua individualidade; julga-se dela pelos seus efeitos; sendo natural a causa, o efeito também é. São esses efeitos que constituem objeto especial das pesquisas e do estudo do Espiritismo, a fim de chegarmos a um conhecimento tão completo quanto possível, assim da natureza e dos atributos da alma, como das leis que regem o princípio espiritual.

10. Para aqueles que negam a existência do princípio espiritual independente, que por isso negam a da alma individual e sobrevivente, a Natureza toda está na matéria tangível; para esses negadores, todos os fenômenos que pertencem à espiritualidade são sobrenaturais e, portanto, ilusórios. Não admitindo a causa eles não podem admitir os efeitos e, quando estes são evidentes, eles os atribuem à imaginação, à ilusão, à alucinação e se negam a aprofundá-los. Daí, a opinião preconcebida em que se fecham e que os torna inaptos a apreciar criteriosamente o Espiritismo, porque parte do princípio de negação de tudo o que não seja material.

11. Porém, pelo fato de o Espiritismo admitir os efeitos — que são verdades da existência da alma — não se segue que admita todos os efeitos qualificados de maravilhosos e que se proponha a justificá-los e dar crédito a eles; que se faça campeão de todos os devaneios, de todas as utopias, de todas as

excentricidades sistemáticas, de todas as lendas miraculosas. Seria preciso conhecer a Doutrina Espírita muito pouco para pensar assim. Seus adversários julgam opor-lhe um argumento incontestável, quando, depois de haverem feito eruditas pesquisas sobre os convulsionários de Saint-Médard, sobre os camisardos das Cevenas, ou sobre os religiosos de Loudun, chegaram a descobrir fatos concretos de farsa — que ninguém contesta. Mas, porventura, essas histórias serão o Evangelho do Espiritismo? Seus adeptos já negaram que o charlatanismo¹³⁴ tenha explorado em proveito próprio alguns fatos; que a imaginação os tenha criado; que o fanatismo os haja exagerado muitíssimo? Ele é tão solidário com as extravagâncias que se cometam em seu nome, como a Ciência é com os abusos da ignorância e a verdadeira religião com os abusos do fanatismo. Muitos críticos julgam do Espiritismo pelos contos de fadas e pelas lendas populares, ficções daqueles contos. O mesmo seria julgar da História pelos romances históricos ou pelos dramas literários.

12. Muitas vezes, os fenômenos espíritas são espontâneos e se produzem sem nenhuma ideia premeditada da parte das pessoas com quem eles se dão e que, em regra, são as que menos pensam neles. Há alguns que em certas circunstâncias podem ser provocados pelos agentes denominados **médiuns**. No primeiro caso, o médium é **inconsciente** do que se produz por seu intermédio; no segundo, age com conhecimento de causa, donde vem a classificação de **médiuns conscientes e médiuns inconscientes**. Estes últimos são os mais numerosos e se encontram com frequência entre os mais teimosos incrédulos que assim praticam o Espiritismo sem saberem disso e nem quererem. Por isso mesmo, os fenômenos espontâneos revestem importância capital, visto não se poder suspeitar da boa-fé dos que os obtêm. Aqui está o que ocorre com o sonambulismo que, em certos indivíduos, é natural e involuntário, enquanto que noutros é provocado pela ação magnética.¹³⁵

Porém, que esses fenômenos venham ou não de um ato da vontade, a causa primária é exatamente a mesma e não se afasta uma linha das leis naturais. Portanto, os médiuns não produzem absolutamente nada de sobrenatural; por conseguinte, **não fazem nenhum milagre**. As próprias curas instantâneas não são mais milagrosas do que os outros efeitos, dado que resultam da ação de um agente fluídico que desempenha o papel de agente terapêutico, cujas propriedades não deixam de ser naturais por terem sido ignoradas até agora. Pois então, é totalmente impróprio o título de **taumaturgos**¹³⁶ que a crítica — ignorante dos princípios do Espiritismo — tem dado a certos médiuns. Por comparação, a qualificação de **milagres** emprestada a esta espécie de fenômenos, somente pode induzir em erro sobre o verdadeiro caráter deles.

13. A intervenção de inteligências ocultas nos fenômenos espíritas não os torna

¹³⁴ **Charlatanismo**: fraude, enganção, embuste – N. E.

¹³⁵ Ver em O LIVRO DOS MÉDIUNS, 2ª Parte, cap. V; e REVISTA ESPÍRITA; Exemplos: dezembro de 1865, agosto de 1865 – N. K.

¹³⁶ **Taumaturgo**: milagreiro, adivinho e vidente – N. E.

mais milagrosos do que todos os outros fenômenos devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam os espaços são uma das forças da Natureza, força cuja ação é incessante sobre o mundo material, tanto quanto sobre o mundo moral.

Esclarecendo-nos acerca dessa força, o Espiritismo possibilita a elucidação de uma imensidade de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio e que, por isso, passaram por milagres nos tempos idos. Do mesmo modo que o magnetismo, ele revela uma lei, senão desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, melhor dizendo, conheciam-se os efeitos, porque eles em todos os tempos se produziram, porém não se conhecia a lei e foi o desconhecimento desta que gerou a superstição. Conhecida essa lei, desaparece o maravilhoso e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que os espíritos tanto operam um milagre quando fazem que uma mesa se mova sozinha, ou que os mortos escrevam, como um milagre opera o médico, quando faz que um moribundo reviva, ou o físico, quando faz que o raio caia. Aquele que, com o auxílio desta ciência, pretendesse **fazer milagres** seria ou um ignorante do assunto, ou um enganador de tolos.

14. Pois que o Espiritismo repudia toda pretensão às coisas miraculosas, haverá milagres fora dele, na acepção usual desta palavra?

Digamos primeiramente que, dos fatos ditos milagrosos — ocorridos antes do advento do Espiritismo e que ainda no presente ocorrem — a maior parte, senão todos, encontram explicação nas novas leis que ele veio revelar. Portanto, esses fatos são compreendidos na ordem dos fenômenos espíritos, embora sob outro nome, e, como tais, nada têm de sobrenatural. Fique bem entendido, porém, que nos referimos aos fatos autênticos e não aos que, com a denominação de milagres, são produto de uma indigna trapaça, com o objetivo de explorar a fé. Tampouco nos referimos a certos fatos lendários que podem ter tido, originariamente, um fundo de verdade, mas que a superstição ampliou até ao absurdo. É sobre esses fatos que o Espiritismo projeta luz, fornecendo meios de apartar do erro a verdade.

DEUS FAZ MILAGRES?

15. Quanto aos milagres propriamente ditos, Deus — para quem nada é impossível — pode fazê-los. Mas, será que Ele faz? Ou, por outras palavras; anula as leis que d'Ele próprio emanaram? Não cabe ao homem prejudicar os atos da Divindade, nem os subordinar à fraqueza do seu entendimento. Contudo, diante das coisas divinas, temos os atributos mesmos de Deus para critério do nosso juízo. Ao poder soberano Ele reúne a soberana sabedoria, donde se deve concluir que não faz coisa alguma inútil.

Por que então Ele faria milagres? Dizem que é para atestar o seu poder. Mas, o poder de Deus não se manifesta de maneira muito mais imponente pelo grandioso conjunto das obras da criação, pela sábia prudência que essa criação

revela — tanto nas partes mais gigantescas como nas mais mínimas — e pela harmonia das leis que regem o mecanismo do Universo, do que por algumas pequeninas e infantis derrogações que todos os ilusionistas sabem imitar? Que se diria de um sábio mecânico que, para provar a sua habilidade, desmantelasse um relógio construído pelas suas mãos, obra-prima de ciência, a fim de mostrar que pode desmanchar o que havia feito? Seu saber, ao contrário, não ressalta muito mais da regularidade e da precisão do movimento da sua obra?

Portanto, não é da alçada do Espiritismo a questão dos milagres; mas, ponderando que Deus não faz coisas inúteis, a nossa Doutrina emite a seguinte opinião: **Como os milagres não são necessários para a glorificação de Deus, nada no Universo se produz fora do âmbito das leis gerais. Deus não faz milagres, porque, como Suas leis são perfeitas, não é necessário que Ele as anule.** Se há fatos que não compreendemos, é que ainda nos faltam os conhecimentos necessários.

16. Admitido que Deus tivesse alguma vez revogado acidentalmente leis por Ele estabelecidas — por motivos que desconhecemos — tais leis já não seriam imutáveis. Porém, mesmo que semelhante anulação fosse possível, teríamos de reconhecer pelo menos que só Ele — Deus — dispõe desse poder; sem se negar ao Espírito do mal a onipotência, não se pode admitir que lhe seja dado desfazer a obra divina, operando seus próprios prodígios capazes de seduzir até os eleitos, pois que isso implicaria a ideia de um poder igual ao de Deus. No entanto, é o que ensinam. Se Satanás tem o poder de tomar o curso das leis naturais — que são obra de Deus, sem a permissão d'Ele —; Satanás é mais poderoso do que a Divindade. Logo, Deus não possuiria a onipotência e, assim como pretendem, se Ele delegasse poderes a Satanás, para mais facilmente induzir os homens ao mal, faltaria a Deus a soberana bondade. Em ambos os casos, há negação de um dos atributos sem os quais Deus não seria Deus.

Dáí vem a Igreja distinguir os bons milagres (que procedem de Deus) dos maus milagres (que procedem de Satanás). Mas, como diferenciá-los? Seja um milagre satânico ou divino, haverá sempre uma revogação de leis emanadas unicamente de Deus. Se um indivíduo é curado por suposto milagre — seja Deus ou Satanás quem o opere —, não deixará por isso de ter havido a cura. É preciso fazer uma ideia muito pobre da inteligência humana para pretendermos que semelhantes doutrinas possam ser aceitas nos dias de hoje.

Reconhecida a possibilidade de alguns fatos considerados milagrosos, teríamos de concluir que — seja qual for a origem atribuída a esses milagres — eles são efeitos naturais de que os **Espíritos desencarnados** ou **encarnados** podem se utilizar, como em tudo — como da própria inteligência e dos conhecimentos científicos de que disponham, para o bem ou para o mal, conforme predominem neles a bondade ou a perversidade. Valendo-se do saber que tenha adquirido, um ser perverso pode fazer coisas que passem por maravilhas aos olhos dos ignorantes; mas, quando tais efeitos dão em resultado um bem qualquer, seria ilógico atribuir a eles uma origem diabólica.

17. No entanto, dizem que a religião se apoia em fatos que não são e nem podem ser explicados. “Inexplicados”, talvez; “que não podem ser explicados” é outra questão. O que o homem sabe das descobertas e dos conhecimentos que o futuro lhe reserva? Sem falar do milagre da criação — que é o maior de todos, sem dúvidas, e que agora já pertencente ao domínio da lei universal — não vemos se reproduzirem hoje, através do magnetismo, do sonambulismo, do Espiritismo, os êxtases, as visões, as aparições, as percepções à distância, as curas instantâneas, as suspensões, as comunicações orais e outras com os seres do mundo invisível, fenômenos esses conhecidos desde tempos imemoráveis, tidos antigamente como maravilhosos e que presentemente se demonstra pertencerem à ordem das coisas naturais, de acordo com a lei constitutiva dos seres? Os livros sagrados estão cheios de fatos desse gênero, qualificados de sobrenaturais; porém, como outros semelhantes e ainda mais maravilhosos se encontram em todas as religiões pagãs da Antiguidade, se a veracidade de uma religião dependesse do número e da natureza de tais fatos, não saberíamos dizer qual a que devesse prevalecer.

O SOBRENATURAL E AS RELIGIÕES

18. Dizer que o sobrenatural é o fundamento de toda religião, que ele é a coroação da cobertura do edifício cristão, é sustentar uma tese perigosa. Colocar as verdades do Cristianismo exclusivamente sobre a base do maravilhoso é dar a ele um alicerce fraco, cujas pedras facilmente se soltam. Essa tese — de que eminentes teólogos se constituíram defensores — leva direito à conclusão de que em breve já não haverá religião possível, nem mesmo a cristã, desde que se chegue a demonstrar que o que se considerava sobrenatural é natural, visto que, por mais que acumulem argumentos, não conseguirão sustentar a crença de que um fato é miraculoso, depois de se haver provado que ele não é. Ora, a prova existe de que um fato não constitui exceção às leis naturais, logo que pode ser explicado por essas mesmas leis e que, podendo ser reproduzido por intermédio de um indivíduo qualquer, deixa de ser privilégio dos santos. O que as religiões necessitam não é do **sobrenatural**, mas do **princípio espiritual**, que elas costumam confundir erradamente com o maravilhoso e sem o qual não há religião possível.

O Espiritismo considera a religião cristã de um ponto mais elevado; dá a ela uma base mais sólida do que a dos milagres: as imutáveis leis de Deus, a que obedecem assim o princípio espiritual, como o princípio material. Essa base desafia o tempo e a Ciência, pois o tempo e a Ciência virão confirmá-la.

Deus não se torna menos digno da nossa admiração, do nosso reconhecimento e do nosso respeito por não haver derrubado suas leis grandiosas, sobretudo pela imutabilidade que as caracteriza. Não se faz necessário o sobrenatural para que se preste a Deus o culto que Lhe é devido. A Natureza não é de si mesma tão imponente, que dispense que Lhe seja acrescentado seja o que for para provar a Suprema Potestade? Tanto menos

incrédulos a religião encontrará, quanto mais a razão a confirmar em todos os pontos. O Cristianismo nada tem a perder com semelhante confirmação; ao contrário, só tem a ganhar. Se alguma coisa o tenha prejudicado na opinião de muitas pessoas, foi exatamente o abuso do sobrenatural e do maravilhoso.

19. Se tomarmos a palavra **milagre** em sua acepção etimológica, no sentido de *coisa admirável*, teremos milagres incessantemente sob as vistas. Nós aspiramos um milagre no ar e o calçamos aos pés, porque então tudo é milagre na Natureza. Querem dar ao povo, aos ignorantes e aos pobres de espírito uma ideia do poder de Deus? Mostrem o Poderoso na sabedoria infinita que preside a tudo, no admirável organismo de tudo o que vive, na frutificação das plantas, na apropriação de todas as partes de cada ser às suas necessidades, de acordo com o meio onde é posto a viver. Mostrem ao povo a ação de Deus no fruto de um arbusto, na flor que desabrocha, no Sol que vivifica tudo. Mostrem ao povo a bondade divina no cuidado que Ele dispensa a todas as criaturas, por mais simples que elas sejam, a Sua providência na razão de ser de todas as coisas, entre as quais não contamos nenhuma como inútil, no bem que sempre decorre de um mal aparente e temporário. Façam a humanidade compreender principalmente que o mal real é obra do homem e não de Deus; não procurem apavorar os homens com o quadro das penas eternas, em que acabam não mais crendo e que os levam a duvidar da bondade de Deus; antes, deem a eles coragem, mediante a certeza de um dia poderem se redimir e reparar o mal que tenham praticado. Apontem-lhes as descobertas da Ciência como revelações das leis divinas e não como obras de Satanás. Ensinem-lhes, finalmente, a ler no livro da Natureza — constantemente aberto diante deles; nesse livro inesgotável, em cada uma de cujas páginas se acham inscritas a sabedoria e a bondade do Criador. Então eles compreenderão que um Ser tão grande, que se ocupa com tudo, que vela por tudo, que prevê tudo, forçosamente dispõe do poder supremo. O lavrador verá Deus ao roçar o seu campo; e o infeliz verá Deus nas suas aflições, o bendirá verá dizendo “Se sou infeliz, é por culpa minha”. Então os homens serão verdadeiramente religiosos, racionalmente religiosos, sobretudo, muito mais do que acreditando em pedras que suam sangue, ou em estátuas que piscam os olhos e derramam lágrimas.

CAPÍTULO XIV

OS FLUIDOS

- I. NATUREZA E PROPRIEDADES DOS FLUIDOS: ELEMENTOS FLUÍDICOS – FORMAÇÃO E PROPRIEDADE DO PERISPÍRITO – AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE OS FLUIDOS; CRIAÇÕES FLUÍDICAS; FOTOGRAFIA DO PENSAMENTO. – QUALIDADE DOS FLUIDOS – II. EXPLICAÇÃO DE ALGUNS FENÔMENOS CONSIDERADOS SOBRENATURAIS; VISTA ESPIRITUAL OU PSÍQUICA; DUPLA VISTA; SONAMBULISMO; SONHOS. – CATALEPSIA; RESSURREIÇÕES. – CURAS. – APARIÇÕES; TRANSFIGURAÇÕES. – MANIFESTAÇÕES FÍSICAS; MEDIUNIDADE. – OBSESSÕES E POSSESSÕES.

I - NATUREZA E PROPRIEDADES DOS FLUIDOS

ELEMENTOS FLUÍDICOS

1. A Ciência resolveu a questão dos milagres que derivam mais particularmente do elemento material diante das leis que regem a matéria — seja explicando-os, seja demonstrando a sua impossibilidade. Mas os fenômenos em que predomina o elemento espiritual, esses, como não podem ser explicados unicamente por meio das leis da Natureza, estão fora das investigações científicas. Esta é a razão por que eles, mais do que ninguém, apresentam as características **aparentes** do maravilhoso. Pois é nas leis que regem a vida espiritual que podemos encontrar a explicação dos milagres dessa categoria.

2. Como já foi demonstrado, o **fluido cósmico universal** é a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações formam a inumerável variedade dos corpos da Natureza (ver cap. X). Como princípio básico do Universo, ele assume dois estados diferentes: o de eterização ou imponderabilidade¹³⁷ — que podemos considerar o estado normal primitivo — e o de materialização ou de ponderabilidade — que de certa maneira é subsequente àquele. O ponto intermediário é o da transformação do fluido em matéria tangível. Mas, ainda aí, não há transição brusca, porque podemos considerar os nossos fluidos imponderáveis como termo médio entre os dois estados (Cap. IV, nº 10 e seguintes).

¹³⁷ **Eterização ou imponderabilidade:** estado de pureza espiritual, no qual o fluido (ou **éter**) é essencialmente constituído, sem divisões ou implementos – N. E.

Cada um desses dois estados naturalmente dá lugar a fenômenos especiais: ao segundo (estado de materialização ou de ponderabilidade) pertencem os do mundo visível e ao primeiro (de eterização ou de imponderabilidade) pertencem os do mundo invisível. Uns — os chamados **fenômenos materiais** — são da alçada da Ciência propriamente dita, os outros — qualificados de **fenômenos espirituais** ou **psíquicos**, porque se ligam de modo especial à existência dos Espíritos — cabem nas atribuições do Espiritismo. Porém, como a vida espiritual e a vida corporal se acham incessantemente em contato, os fenômenos das duas categorias muitas vezes se produzem simultaneamente. No estado de encarnação, o homem somente pode perceber os fenômenos psíquicos que se prendem à vida corpórea; os do domínio espiritual estão fora dos sentidos materiais e só podem ser percebidos no estado de Espírito.¹³⁸

3. No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, ele sofre modificações tão variadas em gênero e mais numerosas talvez do que no estado de matéria tangível¹³⁹. Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedentes do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão lugar aos fenômenos próprios ao mundo invisível.

Dentro da relatividade de tudo, esses fluidos têm uma aparência tão material para os Espíritos — que também são fluídicos — quanto a aparência dos objetos tangíveis têm para os encarnados, e são para eles o que as substâncias do mundo terrestre são para nós. Eles os elaboram e combinam esses fluidos para produzirem determinados efeitos, como os homens fazem com os seus materiais, ainda que por processos diferentes.

Porém lá, como neste mundo, somente aos Espíritos mais esclarecidos é dado compreender o papel que desempenham os elementos constitutivos do mundo onde eles se acham. Os ignorantes do mundo invisível são tão incapazes de explicar a si mesmos os fenômenos a que assistem e para os quais muitas vezes contribuem maquinalmente, como os ignorantes da Terra são inaptos para explicar os efeitos da luz ou da eletricidade, para dizer de que modo é que veem e escutam.

4. Os elementos fluídicos do mundo espiritual estão fora dos nossos instrumentos de análise e da percepção dos nossos sentidos — que são feitos para perceberem a matéria tangível e não a matéria etérea. Há alguns, pertencentes a um meio diverso a tal ponto do nosso que deles só podemos fazer ideia mediante comparações tão imperfeitas como aquelas mediante as quais um cego de nascença procura fazer ideia da teoria das cores.

Mas, entre tais fluidos, há os que são tão intimamente ligados à vida corporal, que de certa forma pertencem ao meio terreno. Na falta de observação

¹³⁸ A denominação de fenômeno **psíquico** representa com mais exatidão o pensamento, do que a de fenômeno **espiritual**, dado que esses fenômenos se configuram sobre as propriedades e os atributos da alma, ou, melhor, dos fluidos perispiríticos — que são inseparáveis da alma. Esta qualificação os liga mais intimamente à ordem dos fatos naturais regidos por leis; então, podemos admiti-los como efeitos psíquicos, sem os admitir a título de milagres — N. K.

¹³⁹ **Matéria tangível**: que pode ser captada pelos sentidos humanos (visão, audição, tato, etc.) — N. E.

direta, seus efeitos podem ser observados como observamos os do fluido do ímã, fluido que jamais se viu, podendo-se adquirir sobre a natureza deles conhecimentos de alguma necessidade. Esse estudo é essencial porque está nele a chave de uma imensidade de fenômenos que não conseguimos explicar unicamente com as leis da matéria.

5. A pureza absoluta — da qual nada pode nos dar uma ideia — é o ponto de partida do fluido universal; o ponto oposto é o ponto em que ele se transforma em matéria tangível. Entre esses dois extremos, ocorrem inúmeras transformações, mais ou menos aproximadas de um e de outro. Os fluidos mais próximos da materialidade (os menos puros) consequentemente compõem o que podemos chamar **a atmosfera espiritual da Terra**. É desse meio, onde também são variados os graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados, deste planeta, haurem os elementos necessários à organização de suas existências. Por muito sutis e impalpáveis que nos sejam esses fluidos, não deixam por isso de ser de natureza grosseira, em comparação com os fluidos etéreos das regiões superiores.

O mesmo se dá na superfície de todos os mundos, salvo as diferenças de constituição e as condições de vitalidade próprias de cada um. Quanto menos material é a vida neles, tanto menos afinidades têm os fluidos espirituais com a matéria propriamente dita.

A qualificação de **fluidos espirituais** não é rigorosamente exata, pois que definitivamente eles são sempre matéria mais ou menos quintessenciada¹⁴⁰. De realmente **espiritual** só há a alma ou princípio inteligente. Atribuímos essa denominação a eles apenas por comparação e sobretudo pela afinidade que eles guardam com os Espíritos. Podemos dizer que eles são a matéria do mundo espiritual, o que explica por que são chamados **fluidos espirituais**.

6. Aliás, quem conhece a composição íntima da matéria tangível? Ela talvez seja compacta somente em relação aos nossos sentidos; isto seria provado pela facilidade com que essa matéria pode ser atravessada pelos fluidos espirituais e pelos Espíritos, aos quais não oferece maior obstáculo do que o obstáculo que os corpos transparentes oferecem à luz.

Tendo por elemento básico o fluido cósmico etéreo, deve ser possível à matéria tangível — quando entrar em desagregação — voltar ao estado de eterização, do mesmo modo que o diamante (que é o mais duro dos corpos) pode volatilizar-se em gás impalpável. **Na realidade, a solidificação da matéria não é mais do que um estado transitório do fluido universal, que pode voltar ao seu estado primitivo, quando deixam de existir as condições de atração.**

Quem sabe mesmo se, no estado de tangibilidade¹⁴¹, a matéria não é suscetível de adquirir uma espécie de eterização que lhe daria propriedades

¹⁴⁰ **Quintessenciado**: grau de pureza espiritual; relativo à **quinta-essência**, dita essência espiritual – N. E.

¹⁴¹ **Tangibilidade**: estado em que algo pode ser captado pelos sentidos humanos – N. E.

particulares? Certos fenômenos, que parecem autênticos, tenderiam a fazer supô-lo. Só conhecemos ainda as fronteiras do mundo invisível; sem dúvida, o futuro nos reserva o conhecimento de novas leis, que nos permitirão compreender o que hoje se conserva em mistério para nós.

FORMAÇÃO E PROPRIEDADES DO PERISPÍRITO

7. O perispírito (corpo fluídico dos Espíritos) é um dos mais importantes produtos do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou **alma**. Já vimos que o corpo carnal também tem seu princípio de origem nesse mesmo fluido condensado e transformado em matéria tangível. No perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, porque o fluido conserva a sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. Então, o corpo perispirítico e o corpo carnal têm origem no mesmo elemento primitivo; ambos são matéria, ainda que em dois estados diferentes.

8. O Espírito extrai o seu perispírito do meio onde se encontra, isto é, ele forma esse envoltório dos fluidos ambientes. Resulta daí que os elementos constitutivos do perispírito naturalmente variam conforme os mundos. Tendo Júpiter como um planeta muito adiantado em comparação com a Terra, como um orbe onde a vida corpórea não apresenta a materialidade da nossa, os envoltórios perispirituais lá hão de ser de natureza muito mais quintessenciada do que aqui. Ora, assim como não poderíamos existir naquele mundo com o nosso corpo carnal, também os nossos Espíritos não poderiam penetrar nele com o perispírito terrestre que os reveste. Emigrando da Terra, o Espírito deixa aí o seu invólucro fluídico e toma outro apropriado ao mundo onde vai habitar.

9. A natureza do corpo fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudar de envoltório a seu bel-prazer, pelo que não podem passar de um mundo para outro à vontade. Portanto, há alguns que têm um envoltório fluídico — se bem que etéreo e imponderável com relação à matéria tangível — ainda é bastante pesado, se assim podemos dizer, em relação ao mundo espiritual para não permitir que eles saiam do meio que lhes é próprio. Devemos incluir nessa categoria aqueles de perispírito tão grosseiro, que eles o confundem com o corpo carnal, razão por que continuam a crer que estejam vivos. Esses Espíritos — e o número deles é grande — permanecem na superfície da Terra, como os encarnados, julgando-se entregues às suas ocupações terrenas. Outros são um pouco mais desmaterializados, mas não o suficientemente para se elevarem acima das regiões terrestres.¹⁴²

¹⁴² Exemplos de Espíritos que ainda se julgam deste mundo: "REVISTA ESPÍRITA", edições de: dezembro de 1859; novembro de 1864; abril de 1865 -- N. K.

Na literatura espírita, especialmente a partir do livro "NOSSO LAR", de André Luiz, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, essas regiões recebem o nome de **colônias espírituais** -- N. E.

Os Espíritos superiores, ao contrário, podem vir aos mundos inferiores e até encarnar neles. Para formar o corpo fluídico ou carnal apropriado ao meio em que se encontrem, eles usam os materiais dos próprios elementos que compõem o mundo onde entram. Fazem como o nobre que se desfaz de suas vestes temporariamente para vestir os trajes plebeus, sem por isso deixar de ser nobre.

É assim que os Espíritos da categoria mais elevada podem se manifestar aos habitantes da Terra ou encarnar em missão entre estes. Tais Espíritos trazem consigo, não o corpo, mas a lembrança intuitiva das regiões de onde vieram e que eles veem em pensamento. São videntes entre cegos.

10. A camada de fluidos espirituais que cerca a Terra pode ser comparada às camadas inferiores da atmosfera, mais pesadas, mais compactas e menos puras do que as camadas superiores. Esses fluidos não são iguais; são uma mistura de moléculas de diversas qualidades, entre as quais necessariamente se encontram as moléculas elementares que lhes formam a base, porém mais ou menos alteradas. Os efeitos que esses fluidos produzem estarão na razão da **soma** das partes puras que eles trazem. Por comparação, tal é o álcool retificado ou misturado em diferentes proporções com água ou outras substâncias: seu peso específico aumenta, por efeito dessa mistura, ao mesmo tempo em que diminuem sua força e sua capacidade de se inflamar, embora no geral continue a haver álcool puro.

Os Espíritos chamados a viver naquele meio tiram seus perispíritos dele; porém, **conforme o Espírito seja mais ou menos evoluído, seu perispírito se formará das partes mais puras ou das mais grosseiras do fluido pertencente ao mundo onde ele encarna.** O Espírito produz aí — sempre por comparação e não por assimilação — o efeito de um reativo químico que atrai a si as moléculas que a sua natureza pode assimilar.

Resulta disso este fato capital: **a composição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço que a envolve.** O mesmo já não se dá com o corpo carnal, que, como foi demonstrado, se forma dos mesmos elementos, qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do Espírito. Por isso, os efeitos que o corpo produz são os mesmos em todos, bem como as necessidades são semelhantes, ao passo que, o que diz respeito ao perispírito, é diferente em tudo.

Também resulta que: **o envoltório perispíritico de um Espírito se modifica com o progresso moral que este realiza em cada encarnação, embora ele encarne no mesmo meio; que os Espíritos superiores encarnando excepcionalmente num mundo inferior, em missão, têm perispírito menos grosseiro do que o dos indígenas desse mundo.**

11. O meio ambiente está sempre em relação com a natureza dos seres que têm de viver nele: os peixes, na água; os seres terrestres, no ar; os seres espirituais no fluido espiritual ou etéreo, mesmo que estejam na Terra. **O fluido etéreo**

está para as necessidades do Espírito, como a atmosfera está para as dos encarnados. Ora, do mesmo modo que os peixes não podem viver no ar; que os animais terrestres não podem viver numa atmosfera muito rarefeita para seus pulmões, os Espíritos inferiores não podem suportar o brilho e a impressão dos fluidos mais etéreos. Não morreriam no meio desses fluidos — porque o Espírito não morre — mas uma força instintiva os mantém afastados dali, como a criatura terrena se afasta de um fogo muito ardente ou de uma luz muito deslumbrante. Eis aí por que não podem sair do meio que lhes é apropriado à natureza; para mudarem de meio, precisam antes mudar de natureza, livrar-se dos instintos materiais que os retêm nos meios materiais; numa palavra, que se purifiquem e se transformem moralmente. Então, gradualmente se identificam com um meio mais depurado, que se torna uma necessidade para eles, como os olhos, para quem viveu longo tempo nas trevas, insensivelmente se habitua à luz do dia e ao fulgor do Sol.

12. Assim, tudo no Universo se liga, tudo se encadeia; tudo se acha submetido à grande e harmoniosa lei de unidade, desde a mais compacta materialidade, até a mais pura espiritualidade. A Terra é igual vaso de onde se escapa uma fumaça densa que vai clareando à medida que se eleva e cujas parcelas rarefeitas se perdem no espaço infinito.

A potência divina brilha em todas as partes desse grandioso conjunto e, no entanto, não contentes com o que há feito, querem que Deus venha perturbar essa harmonia! Querem que Ele se rebaixe ao papel de mágico, produzindo efeitos infantis, dignos de um ilusionista! E ainda por cima, ousam Lhe dar como rival em habilidade o próprio Satanás! Não haveria modo de diminuir mais a majestade divina e se admiram de que a descrença progrida.

Estão com razão ao dizer “A fé se vai”. Mas, a que se vai é a fé em tudo o que ofendo ao bom-senso e à razão; é a fé idêntica à que antigamente levava a dizerem “Vão-se os deuses!”. Mas a fé nas coisas sérias, a fé em Deus e na imortalidade, essa está sempre viva no coração do homem e, por mais sufocada que tenha sido sob o amontoado de histórias infantis com que a oprimiram, ela se reerguerá mais forte, desde que se sinta libertada, tal como a planta comprimida se levanta de novo, logo que se banha com os raios do Sol!

Efetivamente, tudo é milagre na Natureza, porque tudo é admirável e dá testemunho da sabedoria divina! Esses milagres se evidenciam a toda gente, a todos os que têm olhos de ver e ouvidos de ouvir e não em proveito apenas de alguns! Não, milagres não há no sentido que comumente emprestam a essa palavra, porque tudo decorre das leis eternas da criação, leis essas perfeitas.

AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE OS FLUIDOS. CRIAÇÕES FLUÍDICAS. FOTOGRAFIA DO PENSAMENTO

13. Para bem dizer, os fluidos espirituais — que constituem um dos estados do fluido cósmico universal — são a atmosfera dos seres espirituais; o elemento de

onde eles tiram os materiais sobre os quais operam; o meio onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas imperceptíveis aos sentidos carnis, impressionáveis somente à matéria tangível; o meio onde se forma a luz peculiar ao mundo espiritual, diferente, pela causa e pelos efeitos da luz ordinária; finalmente, o veículo do pensamento, como o ar o é do som.

14. Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas empregando o pensamento e a vontade. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que mão é para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos uma determinada direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, organizam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam suas propriedades como um químico muda a dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; doutras, são produto de um pensamento inconsciente. Basta que o Espírito pense uma coisa, para que esta se produza, como basta que modele uma ária¹⁴³, para que esta repercuta na atmosfera.

É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado que possua a vista psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu, embora ele tenha tido muitas encarnações depois dessa época. Apresenta-se com o traje, os sinais exteriores que tinha então (enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc.). Um decapitado se apresentará sem a cabeça. Isso não quer dizer que tenha conservado essas aparências, certo que não, pois como Espírito ele não é coxo, nem maneta, nem zanolho, nem decapitado; o que se dá é que, retrocedendo o seu **pensamento** à época em que tinha tais defeitos, seu perispírito toma instantaneamente suas aparências, que deixam de existir logo que o mesmo pensamento cessa de agir naquele sentido. Então, se uma vez ele foi negro e outra foi branco, ele se apresentará como branco ou negro, conforme a encarnação a que se refira a sua evocação e à que se dirija o seu pensamento.

Por igual efeito, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele esteja habituado a usar. Um avaro manuseará ouro, um militar trará suas armas e seu uniforme, um fumante o seu cachimbo, um lavrador a sua charrua e seus bois, uma mulher velha a sua roca. Para o Espírito — que também é fluídico — esses objetos fluídicos são tão reais, como eram no estado material, para o homem vivo; mas, pela razão de serem criações do pensamento, a existência deles é tão fugitiva quanto a deste.¹⁴⁴

15. Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre os fluidos como o som atua sobre o ar; eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som.

¹⁴³ Ária: espécie de composição musical – N. E.

¹⁴⁴ “REVISTA ESPÍRITA”, junho de 1859; “O LIVRO DOS MÉDIUNS”, 2ª Parte, cap. VIII -- N. K.

Logo, podemos dizer, sem receio de errar, que há ondas e raios de pensamentos nesses fluidos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e vibrações sonoras.

E tem mais: criando **imagens fluídicas**, o pensamento se reflete no envoltório perispirítico, como num espelho; toma corpo nele e aí de certo modo se **fotografa**. Por exemplo, tenha um homem a ideia de matar a outro: embora o corpo material se conserve impassível nele, seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento e reproduz todos os tons deste último; executa fluidicamente o gesto, o ato que intentou praticar. O pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira é pintada, como num quadro, tal qual se lhe desenrola no espírito.

É desse modo que os movimentos mais secretos da alma repercutem no envoltório fluídico; é assim que uma alma pode ler noutra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos do corpo. Contudo, vendo a intenção, ela pode pressentir a execução do ato que lhe será a consequência, mas não pode determinar o instante em que o mesmo ato será executado, nem assinalar seus detalhes, nem ainda afirmar que ele se dê, porque circunstâncias posteriores poderão modificar os planos assentados e mudar as disposições. Ele não pode ver o que ainda não esteja no pensamento do outro; o que vê é a preocupação habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, seus desígnios bons ou maus.

QUALIDADES DOS FLUIDOS

16. A ação dos Espíritos sobre os fluidos espirituais tem consequências de importância capital e direta para os encarnados. Sendo esses fluidos o veículo do pensamento e podendo este modificar suas propriedades, é evidente que eles devem se achar impregnados das qualidades boas ou más dos pensamentos que os fazem vibrar, modificando-se pela pureza ou impureza dos sentimentos. Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais, como os miasmas deletérios corrompem o ar respirável. Os fluidos que envolvem os Espíritos maus, ou que estes projetam são, portanto, viciados, ao passo que os que recebem a influência dos bons Espíritos são tão puros quanto o grau da perfeição moral destes permite.

17. Seria impossível fazermos uma enumeração ou classificação dos bons e dos maus fluidos, ou especificar-lhes as respectivas qualidades, pela diversidade deles ser tão grande quanto a dos pensamentos.

Os fluidos não possuem qualidades de seu próprio gênero, mas as que adquirem no meio onde se elaboram; modificam-se pelas emanções desse meio, como o ar se modifica pelas exalações, a água pelos sais das camadas que atravessa. Conforme as circunstâncias, suas qualidades são temporárias ou permanentes — como as da água e do ar — o que os torna muito especialmente apropriados à produção de tais ou tais efeitos.

Também precisam de denominações particulares. Assim como os

odores, eles são designados pelas suas propriedades, seus efeitos e tipos originais. Sob o ponto de vista moral, trazem o cunho dos sentimentos de ódio, de inveja, de ciúme, de orgulho, de egoísmo, de violência, de hipocrisia, de bondade, de benevolência, de amor, de caridade, de doçura, etc. Sob o aspecto físico, são excitantes, calmantes, penetrantes, adstringentes, irritantes, dulcificantes, suporíficos, narcóticos, tóxicos, reparadores, expulsivos; tornam-se força de transmissão, de propulsão, etc. Portanto, o quadro dos fluidos seria o de todas as paixões, das virtudes e dos vícios da Humanidade e das propriedades da matéria, correspondentes aos efeitos que eles produzem.

18. Sendo apenas Espíritos encarnados, os homens têm uma parcela da vida espiritual, visto que vivem dessa vida tanto quanto da vida corporal; primeiramente, durante o sono e, muitas vezes, enquanto acordados. O Espírito encarnado conserva — com as qualidades que lhe são próprias — o seu perispírito que, como se sabe, não fica limitado pelo corpo, mas irradia ao seu redor e o envolve como que de uma atmosfera fluídica.

Pela sua união íntima com o corpo, o perispírito desempenha preponderante papel no organismo. Pela sua expansão, ele põe o Espírito encarnado em relação mais direta com os Espíritos livres e também com os Espíritos encarnados.

O pensamento do encarnado atua sobre os fluidos espirituais, como também sobre o dos desencarnados, transmitindo-se de Espírito a Espírito pelas mesmas vias e, conforme seja bom ou mau, sanea ou vicia os fluidos ambientes.

Desde que estes se modificam pela projeção dos pensamentos do Espírito, seu corpo perispirítico — que é parte constituinte do seu ser e que recebe de modo direto e permanente a impressão de seus pensamentos — há de guardar ainda mais a impressão de suas qualidades boas ou más. Os fluidos viciados pelas emanções dos maus Espíritos podem se depurar pelo afastamento destes, cujos perispíritos, porém, serão sempre os mesmos, enquanto o Espírito não se modificar por si próprio.

Como o perispírito dos encarnados é de natureza idêntica à dos fluidos espirituais, ele os assimila com facilidade, como uma esponja se embebe de um líquido. Esses fluidos exercem sobre o perispírito, por sua expansão e sua irradiação, uma ação tanto mais direta, quanto o perispírito se confunde com eles.

Atuando esses fluidos sobre o perispírito, este perispírito, por sua vez, reage sobre o organismo material com que se acha em contato molecular. Se as emanções são de boa natureza, o corpo resente uma impressão saudável; se são más, a impressão é penosa. Se elas são permanentes e enérgicas, as emanções más podem ocasionar desordens físicas; esta é a causa de certas enfermidades.

Assim, os meios onde os maus Espíritos transbordam são impregnados de maus fluidos que o encarnado absorve pelos poros perispiríticos, como absorve os miasmas doentios pelos poros do corpo.

19. Desta maneira se explicam os efeitos que se produzem nos lugares de reunião. Uma assembleia é um foco de irradiação de pensamentos diversos. É como uma orquestra, um coro de pensamentos, onde cada um emite uma nota. Resulta daí uma multiplicidade de correntes e de emanações fluídicas cuja impressão cada um recebe pelo sentido espiritual, como num coro musical cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Mas, do mesmo modo que há radiações sonoras, harmoniosas ou dissonantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmonioso, a impressão é agradável; e é penosa, se o conjunto é discordante. Ora, para isso, não se faz necessário que o pensamento se exteriorize por palavras; quer ele se externe, quer não, a irradiação existe sempre.

Tal a causa da satisfação que se experimenta numa reunião simpática, animada de pensamentos bons e benévolos. Envolve-a uma como uma sadia atmosfera moral, onde se respira à vontade; sai-se reconfortado dali, porque impregnado de salutareos eflúvios fluídicos. Entretanto, basta misturar a eles alguns pensamentos maus para produzirem o efeito de uma corrente de ar gelado num meio quente, ou o efeito de uma nota desafinada num concerto. Desse modo também se explica a ansiedade, o indefinível mal-estar que se experimenta numa reunião antipática, onde malévolos pensamentos provocam correntes de fluido nauseante.

20. Portanto, o pensamento produz uma espécie de efeito físico que reage sobre o moral, fato este que só o Espiritismo podia tornar compreensível. O homem sente isso intuitivamente, visto que procura as reuniões harmônicas e simpáticas, onde sabe que pode buscar novas forças morais, podendo-se dizer que, em tais reuniões, ele recupera as perdas fluídicas que sofre todos os dias pela irradiação do pensamento, como recupera as perdas do corpo material por meio dos alimentos. É que, na realidade, o pensamento é uma emissão que ocasiona perda concreta de fluidos espirituais e, conseqüentemente, de fluidos materiais, de maneira tal que o homem precisa retemperar-se com os eflúvios que recebe do exterior.

Quando se diz que um médico opera a cura de um doente por meio de boas palavras, enuncia-se uma verdade absoluta, pois que um pensamento bondoso traz consigo fluidos reparadores que atuam sobre o físico, tanto quanto sobre o moral.

21. Dirão que podemos evitar os homens sabidamente mal-intencionados. É sem dúvida; mas, como fugiremos da influência dos maus Espíritos que rodeiam em torno de nós e se insinuam por toda parte sem serem vistos?

O meio é muito simples, porque depende da vontade do homem — que traz consigo o necessário preservativo. Os fluidos se combinam pela semelhança de suas naturezas; os dessemelhantes se repelem; há incompatibilidade entre os bons e os maus fluidos, como entre o óleo e a água.

Que se faz quando o ar está viciado? Procede-se ao seu saneamento,

cuida-se de depurá-lo, destruindo o foco dos miasmas, expelindo os eflúvios prejudiciais por meio de mais fortes correntes de ar saudáveis. Então, contra a invasão dos maus fluidos, devemos pôr os fluidos bons e, como cada um tem no seu próprio perispírito uma fonte fluídica permanente, todos trazem consigo o remédio aplicável. Trata-se apenas de purificar essa fonte e de lhe dar qualidades tais, que se constitua para as más influências um **repulsor**, em vez de ser uma força atrativa. O perispírito, portanto, é uma armadura a que se deve dar a melhor força possível. Ora, como as suas qualidades guardam relação com as da alma, importa se trabalhe por melhorá-la, pois que são as imperfeições da alma que atraem os Espíritos maus.

As moscas são atraídas pelos focos de corrupção; destruídos esses focos, os insetos desaparecerão. Igualmente, os maus Espíritos vão para onde o mal os atrai; eliminado o mal, eles se afastarão. **Os Espíritos realmente bons — encarnados ou desencarnados — nada têm a temer da influência dos maus.**

II. EXPLICAÇÃO DE ALGUNS FENÔMENOS CONSIDERADOS SOBRENATURAIS

VISTA ESPIRITUAL OU PSÍQUICA.

DUPLA VISTA.

SONAMBULISMO. SONHOS

22. O perispírito é o traço de união entre a vida corporal e a vida espiritual. É por seu intermédio que o Espírito encarnado se acha em relação contínua com os desencarnados; em suma, é por seu intermédio que se operam no homem fenômenos especiais, cuja causa fundamental não se encontra na matéria tangível e que, por essa razão, parecem sobrenaturais.

É nas propriedades e nas irradiações do fluido perispirítico que se tem de procurar a causa da **dupla vista**, ou **vista espiritual**, a que também podemos chamar **vista psíquica**, da qual muitas pessoas são dotadas, frequentemente contra sua vontade, assim como da vista sonambúlica.

O perispírito é o **órgão sensitivo** do Espírito, por meio do qual este percebe coisas espirituais que escapam aos sentidos corpóreos. Pelos órgãos do corpo, a visão, a audição e as diversas sensações são localizadas e limitadas à percepção das coisas materiais; pelo sentido espiritual, ou **psíquico**, elas se generalizam: o Espírito vê, ouve e sente, por todo o seu ser, tudo o que se encontra na esfera de irradiação do seu fluido perispirítico.

No homem, tais fenômenos constituem a manifestação da vida espiritual; é a alma a atuar fora do organismo. Na dupla vista ou percepção pelo sentido psíquico, ele não vê com os olhos do corpo — embora, muitas vezes, por hábito, dirija o olhar para o ponto que lhe chama a atenção. Vê com os olhos da alma e a prova está em que vê perfeitamente bem com os olhos fechados e

vê o que está muito além do alcance do raio visual. Lê o pensamento figurado no raio fluídico (nº 15).¹⁴⁵

23. Ainda que durante a vida o Espírito se encontre preso ao corpo pelo perispírito, não se acha tão escravizado nele que não possa alongar a cadeia que o prende e se transportar a um ponto distante — seja sobre a Terra, seja do espaço. Repugna ao Espírito estar ligado ao corpo, porque a sua vida normal é a de liberdade e a vida corporal é a do servo preso ao cativo.

Por conseguinte, ele se sente feliz em deixar o corpo, como o pássaro em se encontrar fora da gaiola, pelo que aproveita todas as ocasiões que lhe são oferecidas para dela escapar, de todos os instantes em que a sua presença não é necessária à vida de relação. Temos então o fenômeno a que damos o nome de **emancipação da alma** — fenômeno que se produz sempre durante o sono. De todas as vezes que o corpo repousa e que os sentidos ficam inativos, o Espírito se desprende (O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Parte 2ª, cap. VIII).

Nesses momentos ele vive da vida espiritual, enquanto que o corpo vive apenas da vida vegetativa; acha-se parcialmente no estado em que se achará após a morte: percorre o espaço, conversa com os amigos e outros Espíritos — livres ou **encarnados**.

O laço fluídico que o prende ao corpo só se rompe definitivamente por ocasião da morte; a separação completa somente se dá por efeito da extinção absoluta da atividade vital. Enquanto o corpo vive, o Espírito, a qualquer distância que esteja, é instantaneamente chamado à sua prisão, desde que a sua presença aí se torne necessária. Ele, então, retoma o curso da vida exterior de relação. Por vezes, ao despertar, conserva das suas peregrinações uma lembrança, uma imagem mais ou menos exata, que é o sonho. Quando nada, traz delas intuições que lhe sugerem ideias e pensamentos novos e justificam o provérbio “A noite é boa conselheira”.

Assim igualmente se explicam certos fenômenos característicos do sonambulismo natural e magnético, da catalepsia, da letargia, do êxtase, etc., e que não são mais do que manifestações da vida espiritual.¹⁴⁶

24. Como a visão espiritual não se opera por meio dos olhos do corpo, conclui-se que a percepção das coisas não se verifica mediante a luz comum: de fato, a luz material é feita para o mundo material; para o mundo espiritual, existe uma luz especial de uma natureza que desconhecemos, porém que sem dúvida é uma das propriedades do fluido etéreo, adequada às percepções visuais da alma. Portanto, há luz material e luz espiritual. A primeira vem de focos limitados aos corpos luminosos; a segunda tem o seu foco em toda parte: tal a razão por que não há obstáculo para a visão espiritual, que não é embaraçada nem pela distância, nem pela opacidade da matéria, não existindo para ela a obscuridade. O mundo espiritual é então iluminado pela luz espiritual, que tem

¹⁴⁵ Fatos de dupla vista e lucidez sonambúlica relatados na “REVISTA ESPÍRITA”: edições de janeiro de 1858; novembro de 1858; julho de 1861; novembro de 1865 -- N. K.

¹⁴⁶ Casos de letargia e de catalepsia: “REVISTA ESPÍRITA”, “Senhora Schwabenhaus”, setembro de 1858; “A jovem cataléptica da Suábia”, janeiro de 1866 -- N. K.

seus efeitos próprios, como o mundo material é iluminado pela luz solar.

25. Assim, envolta no seu perispírito, a alma tem consigo o seu princípio luminoso. Penetrando a matéria por virtude da sua essência etérea, não há corpos opacos para a sua visão.

Entretanto, a vista espiritual não é idêntica para todos os Espíritos, nem em extensão e nem em penetração. Somente os Espíritos puros a possuem em todo o seu poder. Nos inferiores ela se acha enfraquecida pela relativa grosseria do perispírito, que se coloca nele igual nevoeiro.

Nos Espíritos encarnados, essa visão espiritual se manifesta em diferentes graus, pelo fenômeno da segunda vista, tanto no sonambulismo natural ou magnético, quanto no estado desperto. Conforme o grau de poder da capacidade, diz-se que a lucidez é maior ou menor. É com o auxílio dessa aptidão que certas pessoas veem o interior do organismo humano e descrevem as causas das enfermidades.

26. Portanto, a vista espiritual permite percepções especiais que se operam em condições muito diversas das que decorrem da vida corporal — pois não estão fixados nos órgãos materiais. Efetuando-se fora do organismo, ela tem uma mobilidade que abate todas as previsões. Torna-se indispensável estudá-la em seus efeitos e em suas causas e não a comparando à vista comum, que ela não se destina a suprir, salvo casos excepcionais, que não poderíamos tomar por regra.

27. A vista espiritual nos Espíritos encarnados é necessariamente incompleta e imperfeita e, como consequência, é sujeita a contradições. Tendo por sede a própria alma, o estado desta há de influir nas percepções que aquela vista permita. Segundo o grau de desenvolvimento, as circunstâncias e o estado moral do indivíduo — seja durante o sono, seja no estado acordado — ela pode dar:

- 1) A percepção de certos fatos materiais e reais, como o conhecimento de alguns que ocorram a grande distância, os detalhes descritivos de uma localidade, as causas de uma enfermidade e os remédios convenientes;
- 2) A percepção de coisas igualmente reais do mundo espiritual, como a presença dos Espíritos;
- 3) Imagens fantásticas criadas pela imaginação, semelhantes às criações fluidicas do pensamento (veja acima, o nº 14). Estas criações se acham sempre em relação com as disposições morais do Espírito que as gera. É assim que o pensamento de pessoas fortemente imbuídas de certas crenças religiosas e com elas preocupadas lhes apresenta o inferno, suas fomalhas, suas torturas e seus demônios, tais quais essas pessoas os imaginam. Às vezes, é toda uma epopeia. Os pagãos viam o Olimpo e o Tártaro, como os cristãos veem o paraíso e o inferno. Se, ao despertarem, ou ao saírem do êxtase, conservam lembrança exata de suas visões, os que as tiveram tomam-nas como realidades confirmativas de suas crenças, quando tudo não passa de produto de

seus próprios pensamentos¹⁴⁷. Por isso, devemos fazer uma distinção muito rigorosa nas visões extáticas, antes de lhe darmos crédito. A tal propósito, o remédio para a crença excessiva é o estudo das leis que regem o mundo espiritual.

28. Os sonhos propriamente ditos apresentam os três tipos das visões acima descritas. Os sonhos de previsões, pressentimentos e avisos pertencem às duas primeiras categorias dessas visões.¹⁴⁸ Na terceira — isto é, nas criações fluídicas do pensamento — é que podemos deparar com a causa de certas imagens fantásticas, que nada têm de real, com relação à vida corporal, mas que às vezes apresentam para o Espírito uma realidade tal, que o corpo sente o contrachoque, havendo casos em que os cabelos embranquecem sob a impressão de um sonho. Essas criações podem ser provocadas: pela exaltação das crenças; por lembranças retrospectivas; por gostos, desejos, paixões, temor, remorsos; pelas preocupações habituais; pelas necessidades do corpo, ou por um embaraço nas funções do organismo; finalmente, por outros Espíritos, com objetivo benévolo ou maléfico, conforme a sua natureza.¹⁴⁹

CATALEPSIA. RESSURREIÇÕES

29. A matéria inorgânica é insensível; o fluido perispíritico também é, mas transmite a sensação ao centro sensitivo — que é o Espírito. Logo, as lesões dolorosas do corpo repercutem no Espírito igual um choque elétrico, por intermédio do fluido perispíritico — que parece ter os seus fios condutores nos nervos. É o influxo nervoso dos fisiologistas que, desconhecendo as relações desse fluido com o princípio espiritual, ainda não puderam achar explicação para todos os efeitos.

A interrupção pode acontecer pela separação de um membro, ou pelo corte de um nervo, mas também nos momentos de emancipação — parcialmente ou de maneira geral e sem nenhuma lesão — de superexcitação ou preocupação do Espírito. Nesse estado, o Espírito não pensa no corpo e, em sua atividade exaltada, por assim dizer atrai a si o fluido do perispírito que, retirando-se da superfície, produz aí uma insensibilidade momentânea. Poderíamos também admitir que em certas circunstâncias uma modificação molecular se opera no próprio fluido perispíritico, que lhe tira temporariamente a propriedade de transmissão. É por isso que muitas vezes, no ardor do combate, um militar não percebe que está ferido e que uma pessoa, cuja atenção se acha concentrada num trabalho, não ouve o ruído que se faz em seu torno. Verificamos semelhante efeito e ainda mais evidente em alguns sonâmbulos, na letargia e na catalepsia. Finalmente, do mesmo modo também

¹⁴⁷ Assim podem ser explicadas as visões da irmã Elmerich que, voltando ao tempo da paixão do Cristo, diz ter visto coisas materiais que só existiram nos livros que ela leu; as da Sra. Cantanille ("REVISTA ESPÍRITA" de agosto de 1866) e uma parte das visões de Emanuel Swedenborg -- N. K.

¹⁴⁸ Veja, na sequência, o cap. XVI, "Teoria da presciência", itens 1, 2 e 3 -- N. K.

¹⁴⁹ "REVISTA ESPÍRITA", junho de 1866; setembro de 1866; "O LIVRO DOS ESPÍRITOS", questão 400 -- N. K.

se pode explicar a insensibilidade dos convulsionários e de muitos mártires (“REVISTA ESPÍRITA”, janeiro, de 1868: “Estudo sobre os Aissaouas”).

Já a paralisia não tem absolutamente a mesma causa: aí o efeito é todo orgânico; são os próprios nervos, os fios condutores que se tornam inaptos à circulação fluídica; são as cordas do instrumento que se alteraram.

30. Em certos estados patológicos¹⁵⁰, quando o Espírito tem deixado o corpo e o perispírito só se acha aderido nele por alguns pontos, ele (o corpo) apresenta todas as aparências da morte e se enuncia uma verdade absoluta, dizendo que a vida aí está por um fio. Semelhante estado pode durar mais ou menos tempo; podem mesmo algumas partes do corpo entrar em decomposição, sem que, no entanto, a vida se ache definitivamente extinta. Enquanto não se haja rompido o último fio, o Espírito pode ser chamado a volver ao corpo — quer seja por uma ação enérgica, da sua *própria* vontade, quer seja por *um influxo fluídico estranho*, igualmente forte. É como se explicam certos fatos de prolongamento da vida contra todas as probabilidades e algumas supostas ressurreições. É a planta a renascer, como às vezes se dá, de uma só fibra da raiz. Quando, porém, as últimas moléculas do corpo fluídico se têm destacado do corpo carnal, ou quando este último há chegado a um estado irreparável de degradação, impossível se torna todo regresso à vida.¹⁵¹

CURAS

31. Como temos visto, o fluido universal é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, os quais são simples transformações dele. Pela identidade da sua natureza, condensado no perispírito, esse fluido pode fornecer princípios reparadores ao corpo; o Espírito, encarnado ou desencarnado, é o agente propulsor que infiltra num corpo deteriorado uma parte da substância do seu envoltório fluídico. A cura se opera mediante a substituição de uma molécula *malsã* por uma molécula *sã*. Portanto, o poder curativo estará na proporção direta da pureza da substância inoculada; mas, depende também da energia da vontade que, quanto maior for, tanto mais abundante emissão fluídica provocará e tanto maior força de penetração dará ao fluido. Depende ainda das intenções daquele que deseje realizar a cura, *seja homem ou Espírito*. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são como substâncias medicamentosas alteradas.

32. De acordo com as circunstâncias, os efeitos da ação fluídica sobre os doentes são extremamente variados. Algumas vezes é lenta e pede tratamento prolongado — como no magnetismo comum; doutras vezes é rápida, como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de tal poder, que operam curas instantâneas em alguns doentes por meio apenas da imposição das mãos, ou até

¹⁵⁰ **Patológico:** doentio, enfermo — N. E.

¹⁵¹ Exemplos: “REVISTA ESPÍRITA”, “O doutor Cardon”, agosto de 1863, pág. 251; — “A mulher corsa”, maio de 1866 -- N. K.

exclusivamente por ato da vontade. Entre os dois polos extremos dessa habilidade há infinitos graus. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e só diferem pela intensidade e pela rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: o fluido, a desempenhar o papel de agente terapêutico e cujo efeito se acha proporcional à sua qualidade e a circunstâncias especiais.

33. A ação magnética pode ser produzida de muitas maneiras:

1. **Pelo próprio fluido do magnetizador;** é o magnetismo propriamente dito, ou **magnetismo humano**, cuja ação se acha ligada à força e, sobretudo, à qualidade do fluido;
2. **Pelo fluido dos Espíritos**, atuando diretamente e *sem intermediário* sobre um encarnado, seja para curá-lo ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o **magnetismo espiritual**, cuja qualidade está na razão direta das qualidades do Espírito;
3. **Pelos fluidos que os Espíritos derramam sobre o magnetizador**, que serve de veículo para esse derramamento. É o **magnetismo misto**, *semiespiritual*, ou se o preferirem, *humano-espiritual*. Combinado com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades de que ele carece. Em tais circunstâncias, o auxílio dos Espíritos é bastante espontâneo, porém, muitas vezes provocado por um apelo do magnetizador.

34. A aptidão de curar pela influência fluídica é muito comum e pode ser desenvolvido por meio do exercício; mas, a de curar instantaneamente, pela imposição das mãos, essa é mais rara e o seu grau máximo deve ser considerado excepcional. No entanto, em épocas diversas e no meio de quase todos os povos surgiram indivíduos que a possuíam em grau eminente. Nestes últimos tempos, apareceram muitos exemplos notáveis, cuja autenticidade não sofre contestação. Uma vez que as curas desse gênero pertencem a um princípio natural e que o poder de operá-las não é privilégio, o que se segue é que elas não se operam fora da Natureza e que só são miraculosas na aparência.¹⁵²

APARIÇÕES. TRANSFIGURAÇÕES

35. Para nós (encarnados), o perispírito é invisível no seu estado normal; mas, como é formado de substância etérea, em certos casos o Espírito pode — por ato da sua vontade — fazê-lo passar por uma modificação molecular que o torna momentaneamente visível. É assim que são produzidas as **aparições**, que

¹⁵² Casos de curas instantâneas relatados na "REVISTA ESPÍRITA": "O príncipe de Hohenlohe", dezembro de 1866; "Jacob", outubro e novembro de 1866; outubro e novembro de 1867; — "Simonet", agosto de 1867; "Caid Hassan", outubro de 1867; "O cura Gassner", novembro de 1867 -- N. K.

não se dão do mesmo modo que os outros fenômenos, fora das leis da Natureza. O fenômeno das aparições não tem nada de mais extraordinário do que o do vapor, que é invisível quando muito sutilizado, mas que se torna visível quando condensado.

Conforme o grau de condensação do fluido perispírico, a aparição é às vezes vaga e vaporosa; de outras vezes, é mais nitidamente definida; doutras, enfim, com todas as aparências da matéria tangível. Pode mesmo chegar até à tangibilidade real, ao ponto de o observador se enganar com relação à natureza do ser que tem diante de si.

São frequentes as aparições vaporosas, forma sob a qual muitos indivíduos — depois de terem morrido — se apresentam às pessoas próximas. As aparições tangíveis são mais raras, se bem haja numerosíssimos casos delas, perfeitamente autenticados. Se o Espírito quer ser reconhecido, coloca ao seu envoltório todos os sinais exteriores que tinha quando vivo.¹⁵³

36. É notável que as aparições tangíveis só têm as aparências da matéria carnal; não poderiam ter dela as qualidades. Em virtude da sua natureza fluídica, não podem ter a coesão da matéria, porque na realidade, não há carne nelas. Formam-se instantaneamente e instantaneamente desaparecem, ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluídicas.¹⁵⁴ Os seres que se apresentam nessas condições não nascem, nem morrem, como os outros homens. São vistos e deixam de ser vistos, sem que se saiba donde vêm, como vieram, nem para onde vão. Ninguém poderia matá-los, nem prender, nem aprisionar, visto não terem um corpo carnal. Os golpes que fossem desferidos só atingiriam o vazio.

Este é o tipo dos **agêneres**¹⁵⁵, com os quais é possível conversar sem suspeitar de que eles sejam Espíritos manifestados, mas que não demoram longo tempo entre os humanos e não podem tornar-se convivas de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família.¹⁵⁶

Além do mais, sempre denotam em suas atitudes, qualquer coisa de estranho e de anormal que brota ao mesmo tempo da materialidade e da espiritualidade: neles, o olhar é simultaneamente vaporoso e brilhante, falta a nitidez do olhar através dos olhos da carne; a linguagem, breve e quase sempre sentenciosa, nada tem do brilho e da inconstância da linguagem humana; a aproximação deles causa uma sensação incomum e indefinível de surpresa, que inspira uma espécie de temor; e quem se põe em contato com eles — embora os tome por indivíduos iguais a todos os outros — é involuntariamente levado a dizer: ali está uma criatura singular.¹⁵⁷

37. Como o perispírito é o mesmo, tanto nos encarnados como nos

¹⁵³ “O LIVRO DOS MÉDIUNS”, 2ª Parte, caps. VI e VII -- N. K.

¹⁵⁴ As materializações prolongadas, iguais às verificadas por Sir William Crookes, não eram até então conhecidas -- N. E.

¹⁵⁵ **Agêneres**: expressão grega que significa literalmente “que não foi gerado”. Kardec classificou assim os tipos de aparições realíssimas nas quais o Espírito manifestado se passa facilmente por encarnado -- N. E.

¹⁵⁶ Segundo a Bíblia, este fato também se deu na família de Tobias -- N. E.

¹⁵⁷ Exemplos de aparições vaporosas ou tangíveis e de agêneres: “REVISTA ESPÍRITA”, janeiro de 1858; outubro de 1858; fevereiro de 1859; março de 1859; janeiro de 1859; novembro de 1859; agosto de 1859; abril de 1860; maio de 1860; julho de 1861; abril de 1866; “O lavrador Martinho, apresentado a Luiz XVIII, detalhes completos”, dezembro de 1866 -- N. K.

desencarnados, um Espírito encarnado — por ser efeito completamente idêntico — pode aparecer num momento de liberdade em ponto diferente do lugar em que seu corpo repousa, com os traços que lhe são habituais e com todos os sinais de sua identidade. Foi esse fenômeno, do qual se conhecem muitos casos autênticos, que deu origem à crença nos homens duplos.¹⁵⁸

38. Um efeito comum aos fenômenos dessa espécie consiste em que as aparições vaporosas, e até tangíveis, não são perceptíveis indistintamente a todo o mundo. Os Espíritos só se mostram quando querem e também a quem querem. Então, um Espírito poderia aparecer numa assembleia a um ou a muitos dos presentes e não ser visto pelos demais. Isso acontece porque as percepções desse gênero se efetuam por meio da vista espiritual, e não por intermédio da vista carnal; pois não só aquela não é dada a toda mundo como pode — se for conveniente — ser retirada daquele a quem ele não queira mostrar-se, só pela vontade do Espírito, como pode dá-la, momentaneamente, se entender necessário.

A condensação do fluido perispirítico nas aparições, indo mesmo até à tangibilidade, não contém as propriedades da matéria comum: se não fosse assim, as aparições seriam perceptíveis pelos olhos do corpo e então todas as pessoas presentes perceberiam as manifestações.¹⁵⁹

39. Como o Espírito pode operar transformações na textura do seu envoltório perispirítico e se irradiando esse envoltório em torno do corpo qual atmosfera fluídica, pode produzir-se na superfície mesma do corpo um fenômeno semelhante ao das aparições. A imagem real do corpo pode se apagar mais ou menos completamente, sob a camada fluídica, e assumir outra aparência; ou então, vistos através da camada fluídica modificada, os traços primitivos podem tomar outra expressão. Se, saindo do meio comum, o Espírito encarnado se identifica com as coisas do mundo espiritual, a expressão de um semblante feio pode tornar-se bela, radiosa e até luminosa; se, ao contrário, o Espírito é presa de paixões más, um semblante belo pode tomar um aspecto horrendo.

Assim se operam as **transfigurações**, que refletem sempre qualidades e sentimentos predominantes no Espírito. Portanto, o fenômeno resulta de uma transformação fluídica; é uma espécie de aparição do perispirito, que se produz sobre o próprio corpo do vivo e, algumas vezes, no momento da morte, em lugar de se produzir ao longe, como nas aparições propriamente ditas. O que distingue as aparições desse gênero é o fato de geralmente serem perceptíveis por todos os assistentes e com os olhos do corpo, precisamente por se basearem na matéria carnal visível, ao passo que, nas aparições puramente

¹⁵⁸ Exemplos de aparições de pessoas vivas: “REVISTA ESPÍRITA”, de dezembro de 1858; fevereiro de 1859; agosto de 1859; novembro de 1860 -- N. K.

¹⁵⁹ Devemos acolher com extrema reserva as narrativas de aparições puramente individuais que, em certos casos, poderiam não passar de efeito de uma imaginação exaltada e, porventura, de uma invenção com fins interesseiros. Convém então levarmos em conta muito cuidadosamente as circunstâncias, a honradez da pessoa, assim como o interesse que ela possa ter em abusar da fé de indivíduos excessivamente confiantes -- N. K.

fluídicas, não há matéria tangível.¹⁶⁰

MANIFESTAÇÕES FÍSICAS MEDIUNIDADE

40. Os fenômenos das mesas girantes e falantes, da suspensão etérea de corpos pesados, da escrita mediúnica — tão antigos quanto o mundo, porém hoje tão comuns — permitem a explicação de alguns outros fenômenos, parecidos e espontâneos, aos quais era atribuído o caráter sobrenatural e miraculoso, pois não se conhecia a lei que os rege. Tais fenômenos têm por base as propriedades do fluido perispíritico — seja dos encarnados, seja dos Espíritos livres.

41. É por meio do seu perispírito que o Espírito atuava sobre o seu corpo vivo; ainda por intermédio desse mesmo fluido é que ele se manifesta; atuando sobre a matéria imóvel é que produz ruídos, movimentos de mesa e outros objetos, que os levanta, derruba ou transporta. Esse fenômeno não tem nada de surpreendente, considerando que entre nós os mais possantes motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com o apoio do seu perispírito que o Espírito faz que os médiuns escrevam, falem e desenhem. Já não dispondo de corpo físico para agir ostensivamente quando quer se manifestar, ele se serve do corpo do médium, de quem toma emprestado os órgãos, corpo ao qual faz que atue como se fosse o seu próprio, mediante a emissão fluídica que despeja sobre ele.

42. O Espírito atua sobre a mesa pelo mesmo processo — seja para que esta se mova, sem que o seu movimento tenha significação determinada, seja para que dê pancadas inteligentes, indicativas das letras do alfabeto —, a fim de formarem palavras e frases, fenômeno esse denominado **tipitologia**. A mesa não passa de um instrumento de que o Espírito se utiliza, como se utiliza do lápis para escrever. Para esse efeito, ele lhe dá uma vitalidade momentânea, por meio do fluido que introduz nele, porém **absolutamente não se identifica com ela**.

Quando se manifesta um ente querido, as pessoas — tomadas de emoção — praticam um ato ridículo de abraçar a mesa; é exatamente como se abraçassem a bengala de que um amigo se sirva para bater no chão. O mesmo fazem os que dirigem a palavra à mesa, como se o Espírito se achasse metido na madeira, ou como se a madeira tivesse se tornado Espírito.

Quando as comunicações são transmitidas por esse meio, devemos imaginar que o Espírito está, não na mesa, mas ao lado, **tal qual estaria se estivesse vivo** e como seria visto, se no momento pudesse se tornar visível. O mesmo ocorre nas comunicações pela escrita: veríamos o Espírito ao lado do

¹⁶⁰ Exemplo e teoria da transfiguração: “REVISTA ESPÍRITA”, março de 1859. (“O LIVRO DOS MÉDIUNS”, 2ª Parte, cap. VII) -- N. K.

médium, dirigindo-lhe a mão ou transmitindo-lhe pensamentos por meio de uma corrente fluídica.

43. Quando a mesa se destaca do solo e flutua no espaço sem ponto de apoio, o Espírito não a ergue com a força de um braço; envolve-a e penetra a mesa com uma espécie de atmosfera fluídica que neutraliza o efeito da gravitação, como o ar faz com os balões e pipas. O fluido que se infiltra na mesa lhe dá momentaneamente maior leveza específica. Quando fica pregada ao solo, ela se acha numa situação igual à da bolsa de oxigênio sob a qual se fez o vácuo. Não há aqui mais que simples comparações destinadas a mostrar a analogia dos efeitos e não a semelhança absoluta das causas (“O LIVRO DOS MÉDIUNS”, 2ª Parte, cap. IV).

Depois do que foi dito, compreendemos que não há para o Espírito maior dificuldade em arrebatrar uma pessoa, do que em arrebatrar uma mesa, em transportar um objeto de um lugar para outro, ou em atirá-lo seja onde for. Todos esses fenômenos se produzem em virtude da mesma lei.¹⁶¹

Quando as pancadas são ouvidas na mesa ou outros lugares, não é que o Espírito esteja a bater com a mão ou com qualquer objeto. Ele apenas dirige um jato de fluido sobre o ponto de onde vem o ruído e este produz o efeito de um choque elétrico. Tão possível é para ele modificar o ruído como é para qualquer pessoa modificar os sons produzidos pelo ar.¹⁶²

44. Fenômeno muito frequente na mediunidade é a aptidão de certos médiuns para escrever em língua que estranha a eles; a explanar, oralmente ou por escrito, assuntos que estão fora do alcance da sua instrução recebida. Não é raro o caso de alguns que escrevem correntemente sem nunca terem aprendido a escrever; de outros que compõem poesias, sem jamais na vida terem sabido fazer um verso; de outros que desenhavam, pintam, esculpem, compõem música, tocam um instrumento, sem conhecerem desenho, pintura, escultura, ou a arte musical. Ocorre frequentemente o fato de um médium escrevente reproduzir com perfeição a grafia e a assinatura que os Espíritos, que por ele se comunicam, tinham quando vivos, se bem ele não as tenha conhecido.

Porém, esse fenômeno não apresenta nada de mais maravilhoso, do que o de se fazer que uma criança escreva, guiando-se sua mão; dessa maneira, pode-se conseguir que ela execute tudo o que se queira. Pode-se fazer que

¹⁶¹ Tal o princípio dos fenômenos de **transporte**, fenômeno este muito real, mas que convém não ser admitido, senão com extrema reserva, pois é um dos que mais se prestam à imitação e à enganação. Devemos toma em séria consideração a honradez irrecusável da pessoa que os obtém, seu absoluto desinteresse, material e **moral**, e o auxílio das circunstâncias acessórias. Sobre tudo é importante desconfiar da produção de tais efeitos quando eles se deem com excessiva facilidade e ter por suspeitos os que se renovem com extrema frequência e, por assim dizer, à vontade. Os ilusionistas fazem coisas mais extraordinárias.

Não menos real é o fato da levitação de uma pessoa; mas, tem que ser muito mais raro, porque é mais difícil de ser imitado. É sabido que o Sr. Daniel Dunglas Home se elevou mais de uma vez até ao teto, dando assim volta à sala. Dizem que S. Cupertino possuía a mesma faculdade, não sendo o fato mais miraculoso com este do que com aquele -- N. K.

¹⁶² Casos de manifestações materiais e de perturbações operadas pelos Espíritos: “REVISTA ESPÍRITA”, “A moça dos panoramas”, janeiro de 1858; “Senhorita Clairon”, fevereiro de 1858; “Espírito batedor de Bergzabern” (narração completa), maio, junho e julho de 1858; “Dibbelsdorf”, agosto de 1858; “Padeiro de Dieppe”, março de 1860; “Fabricante de S. Petersburgo”, abril de 1860; “Rua das Nogueiras”, agosto de 1860; “Espírito batedor do Aube”, janeiro de 1861; “Flagelo do século dezesseis”, janeiro de 1864; “Poitiers”, maio de 1864 e maio de 1865; “Irmã Maria”, junho de 1864; “Marselha”, abril de 1865; “Fives”, agosto de 1865; “Os ratos de Equihem”, fevereiro de 1866 -- N. K.

qualquer pessoa escreva num idioma que ela ignore, ditando a ela as palavras letra por letra. Compreende-se que o mesmo se possa dar com a mediunidade, desde que se atente na maneira como os Espíritos se comunicam com os médiuns que, para eles, não são mais do que instrumentos passivos. Se, porém, o médium tem o mecanismo, se venceu as dificuldades práticas, se lhe são familiares as expressões, se, finalmente, possui no cérebro os elementos daquilo que o Espírito quer fazê-lo executar, ele se acha na posição do homem que sabe ler e escrever correntemente; o trabalho se torna mais fácil e mais rápido; ao Espírito já não resta senão transmitir seus pensamentos ao intérprete, para que este os reproduza pelos meios de que dispõe.

A aptidão de um médium para coisas que lhe são estranhas também tem frequentemente suas raízes nos conhecimentos que ele possuiu noutra existência e dos quais seu Espírito conservou a intuição. Se, por exemplo, ele foi poeta ou músico, mais facilidade encontrará para assimilar o pensamento poético ou musical que um Espírito queira fazê-lo expressar. A língua que ele hoje ignora pode ter sido familiar para ele noutra existência, de onde vem maior aptidão para escrever mediunicamente nessa língua.¹⁶³

OBSESSÕES E POSSESSÕES

45. Os Espíritos atrasados rodeiam em torno da Terra, em consequência da inferioridade moral de seus habitantes. A ação maldosa desses Espíritos é parte integrante dos flagelos com que a Humanidade se vê abraçada neste mundo. Por isso, a obsessão — que é um dos efeitos de semelhante ação, como as enfermidades e todas as atribulações da vida — deve ser considerada como provação ou expiação e aceita com essa função.

Chamamos de **obsessão** à ação persistente que um **Espírito mau**¹⁶⁴ exerce sobre um indivíduo. Apresenta tipos muito diferentes, que vão desde a simples influência moral — sem perceptíveis sinais exteriores — até a perturbação completa do organismo e das capacidades mentais. Ela apaga todas as aptidões mediúnicas. Na mediunidade audiente e psicográfica, traduz-se pela teimosia de um Espírito em querer se manifestar, com exclusão de qualquer outro.

46. Assim como as enfermidades resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às maléficas influências exteriores, a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, que dá dominação a um Espírito mau. A uma causa física, opõe-se uma força física; a uma causa moral é preciso que uma força moral se equivalha. Para preservar o corpo das enfermidades, fortifique o corpo; para garantir a alma contra a obsessão, temos que fortalecê-la; eis

¹⁶³ A aptidão que algumas pessoas denotam para línguas que elas manejam, sem, por assim dizer, as haver aprendido, não tem como origem senão a lembrança intuitiva do que souberam noutra existência. O caso do poeta Méry, relatado na “**REVISTA ESPÍRITA**” de novembro de 1864, é uma prova do que dizemos. É evidente que, se na sua mocidade, Méry foi médium, teria escrito em latim tão facilmente como em francês e todo mundo viu nesse fato uma maravilha — N. K.

¹⁶⁴ **Espírito mau** aqui deve ser lido como um indivíduo inferior, atrasado, ainda tendencioso às práticas malvadas, e não que seja alguém essencialmente mal, como os lendários diabos da tradição cristã — N. E.

porque é necessário para o obsidiado trabalhar para melhorar a si próprio, o que muitas vezes basta para livrá-lo do obsessor — sem o socorro de terceiros. Este socorro se torna necessário quando a obsessão recai em **subjugação** e em **possessão**, porque nesse caso, não raro, o paciente perde a vontade e o livre-arbítrio.

Quase sempre a obsessão é uma vingança tomada por um Espírito e cuja origem frequentemente se encontra nas relações que o obsidiado manteve com o obsessor, em existência anterior.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso que neutraliza e repele a ação dos fluidos saudáveis. É preciso libertar-se daquele fluido. Ora, um fluido maligno não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, **é preciso expelir um fluido mau com o auxílio de um fluido melhor.**

Porém nem sempre basta esta ação mecânica; sobretudo, é necessário **atuar sobre o ser inteligente**, ao qual é preciso ter o direito de falar com autoridade, que, entretanto, falece a quem não tenha superioridade moral. Quanto maior for esta superioridade, tanto maior também será a autoridade.

Mas, ainda não é tudo: para assegurar a libertação da vítima, torna-se indispensável que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus costumes; que se faça que o arrependimento desponte nele, assim como o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com o objetivo de lhe dar **educação moral**. Pode-se então ter a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito atrasado.

O trabalho se torna mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, contribui para ele (o obsessor) com a vontade e a prece. Isso não acontece quando o obsidiado fica seduzido pelo Espírito que o domina e se ilude com relação às qualidades deste último e se satisfaz no erro a que é conduzido, porque então, longe de fortalecer a assistência, o obsidiado a repele totalmente. É o caso da fascinação, sempre infinitamente mais rebelde do que a mais violenta subjugação (“O LIVRO DOS MÉDIUNS”, 2ª Parte, cap. XXIII).

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso meio de que dispomos para desviar o obsessor de seus propósitos maléficos.

47. Na obsessão, o Espírito atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este afinal enlaçado por uma espécie de teia e constrangido a proceder contra a sua vontade.

Na **possessão**, em vez de agir exteriormente, por assim dizer, o Espírito atuante se substitui ao Espírito encarnado; toma o seu corpo como domicílio, sem que, no entanto, esse corpo seja abandonado pelo seu dono — porque que isso só se pode dar pela morte. Portanto, a possessão é sempre temporária e em intervalos, pois um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, pela razão de que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção (cap. XI,

nº 18).

De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se fosse o seu: fala pela sua boca, vê pelos seus olhos, opera com seus braços, conforme faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante (psicofonia), em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; no caso da possessão é mesmo o último que fala e obra; quem o tenha conhecido em vida, reconhece sua linguagem, a voz, os gestos e até a expressão da fisionomia.

48. Na obsessão há sempre um Espírito malfeitor. Na possessão pode tratar-se de um Espírito bom que queira falar e que, para causar maior impressão nos ouvintes, **toma** de um encarnado, que voluntariamente lhe empresta o corpo, como emprestaria sua roupa a outro encarnado. Isso se verifica sem qualquer perturbação ou incômodo, durante o tempo em que o Espírito encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, conservando-se este último ao lado do seu substituto para ouvi-lo.

As coisas se passam de outro modo quando o Espírito possessor é mau. Ele não toma moderadamente o corpo do encarnado, arrebatando-o, se este não possui bastante **força moral para lhe resistir**. Faz isso por maldade para com este, a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo — seja por estrangulação, seja atirando-o ao fogo ou a outros lugares perigosos. Servindo-se dos órgãos e dos membros do infeliz paciente, blasfema, injúria e maltrata os que o cercam; entrega-se a estranheza e a atos que apresentam todos os tipos da loucura furiosa.

Os fatos deste gênero são numerosos, sendo em diferentes graus de intensidade, e muitos casos de loucura não derivam de outra causa. Muitas vezes, há também desordens patológicas, que são meras consequências e contra as quais os tratamentos médicos nada adiantam, enquanto persista a causa originária. Fazendo a Humanidade conhecer essa fonte de onde vem uma parte das misérias humanas, o Espiritismo indica o remédio a ser aplicado: atuar sobre o autor do mal que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado por meio da inteligência.¹⁶⁵

49. Muitas das vezes a obsessão e a possessão são individuais; mas, não raro são epidêmicas. Quando um bando de Espíritos perversos se lança sobre uma localidade é como se uma tropa de inimigos a invadissem. Pode então ser muito considerável o número dos indivíduos atacados.¹⁶⁶

¹⁶⁵ Casos de cura de obsessões e de possessões: "REVISTA ESPÍRITA", dezembro de 1863; janeiro de 1864; junho de 1864; janeiro de 1865; junho de 1865; fevereiro de 1868; junho de 1867 -- N. K.

¹⁶⁶ Foi exatamente desse gênero a epidemia que há alguns anos atacou a aldeia de Morzine na Sabóia. Veja o relato completo dessa epidemia na "REVISTA ESPÍRITA" de dezembro de 1862; janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863 -- N. K.

CAPÍTULO XV

OS MILAGRES DO EVANGELHO

- A SUPERIORIDADE DA NATUREZA DE JESUS
- SONHOS
- ESTRELA DOS MAGOS
- DUPLA VISTA
- CURAS
- POSSESSOS
- RESSURREIÇÕES
- JESUS CAMINHA SOBRE A ÁGUA
- TRANSFIGURAÇÃO
- TEMPESTADE APLACADA
- BODAS DE CANÁ
- MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES
- TENTAÇÃO DE JESUS
- PRODÍGIOS POR OCASIÃO DA MORTE DE JESUS
- APARIÇÃO DE JESUS, APÓS SUA MORTE
- DESAPARECIMENTO DO CORPO DE JESUS

SUPERIORIDADE DA NATUREZA DE JESUS

1. A maioria dos fatos que o Evangelho relata e que até hoje foram considerados milagrosos pertencem à ordem dos **fenômenos psíquicos**, isto é, dos que têm como causa primária as capacidades e os atributos da alma. Confrontando-os com os que foram descritos e explicados no capítulo anterior, reconheceremos sem dificuldade que há entre eles identidade de causa e de efeito. A História registra outros semelhantes, em todos os tempos e no meio de todos os povos, pela razão de que, desde que há almas encarnadas e desencarnadas, os mesmos efeitos obrigatoriamente se produziram. É certo que, no que se refere a este ponto, podemos contestar a veracidade da História; mas hoje eles se produzem às nossas vistas e, por assim dizer, à vontade e por indivíduos que nada têm de excepcionais. Só o fato da reprodução de um fenômeno, em condições idênticas, basta para provar que ele é possível e se acha submetido a uma lei, não sendo, portanto, miraculoso.

Como já vimos, a origem dos fenômenos psíquicos se fundamenta nas propriedades do fluido perispiritual, que é o agente magnético; nas manifestações da vida espiritual durante a vida corpórea e depois da morte; e, finalmente, no estado constitutivo dos Espíritos e no papel que eles desempenham como força ativa da Natureza. Conhecendo estes elementos e comprovando os seus efeitos, como consequência, temos de admitir a possibilidade de certos fatos que eram rejeitados enquanto se atribuía a eles uma procedência sobrenatural.

2. Sem nada prejudicar quanto à natureza do Cristo — natureza cujo exame não entra no quadro desta obra —, considerando-o apenas um Espírito superior, não podemos deixar de reconhecê-lo, por suas virtudes, como um dos de ordem mais elevada e colocado muitíssimo acima da humanidade terrestre. Pelos imensos resultados que ele produziu, a sua encarnação neste mundo necessariamente há de ter sido uma dessas missões que a Divindade confia somente a seus mensageiros diretos, para cumprimento de seus desígnios. Mesmo sem supor que ele fosse o próprio Deus, mas unicamente um enviado de Deus para transmitir sua palavra aos homens, seria mais do que um profeta, porque seria um Messias divino.

Como homem, tinha a organização dos seres carnis; porém, como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual, do que da vida corporal — pois não era passível das fraquezas humanas. A sua superioridade com relação aos homens não derivava das qualidades particulares do seu corpo, mas das do seu Espírito, que dominava de modo absoluto a matéria e da do seu perispírito, tirado da parte mais quintessenciada e sublime dos fluidos terrestres (cap. XIV, nº 9). Provavelmente, sua alma não se achava presa ao corpo, senão pelos laços rigorosamente indispensáveis. Constantemente desprendida, sua alma certamente lhe dava **dupla vista**¹⁶⁷, não só permanente, como de penetração excepcional e superior de muito à que normalmente os homens comuns possuem. O mesmo havia de ser nele com relação a todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispirituais ou psíquicos. A qualidade desses fluidos lhe conferia imensa força magnética, fortificada pelo incessante desejo de fazer o bem.

Agiria como **médium** nas curas que operava? Poderíamos considerá-lo poderoso médium curador? Não, porque o médium é um intermediário, um instrumento de que os Espíritos desencarnados se servem e o Cristo não precisava de assistência, pois que era ele próprio quem assistia os outros. Agia por si mesmo, em virtude do seu poder pessoal, como em certos casos os encarnados podem fazer, na medida de suas forças. Além disso, que Espírito ousaria penetrar-lhe seus próprios pensamentos e encarregá-lo de transmiti-los? Se recebia alguma influência estranha, essa só poderia vir de Deus. Segundo definição dada por um Espírito, ele era **médium de Deus**.

¹⁶⁷ Além da visão humana (pelo olho), a segunda vista se refere à visão espiritual — N. E.

SONHOS

3. Diz o Evangelho que José foi avisado por um anjo, que lhe apareceu em sonho e que lhe aconselhou que fugisse para o Egito com o Menino Jesus (Mateus, 2:19 a 23).

Os avisos por meio de sonhos desempenham grande papel nos livros sagrados de todas as religiões. Sem garantir a exatidão de todos os fatos narrados e sem os discutir, o fenômeno em si mesmo nada tem de anormal, sabendo-se como se sabe que durante o sono é quando o Espírito — estando desprendido dos laços da matéria — entra momentaneamente na vida espiritual, onde se encontra com os que são seus conhecidos. Essa é a ocasião que com frequência os Espíritos protetores aproveitam para se manifestar a seus protegidos e lhes dar conselhos mais diretos. São numerosos os casos de avisos em sonho, porém, não se deve inferir daí que todos os sonhos são avisos, nem, ainda menos, que tudo o que se vê em sonho tem uma significação. A arte de interpretar os sonhos deve ser incluída entre as crenças supersticiosas e absurdas (Cap. XIV, nº 27 e 28),

ESTRELA DOS MAGOS

4. Dizem que uma estrela apareceu aos magos que foram adorar a Jesus; que ela ia à frente deles indicando-lhes o caminho e que se deteve quando eles chegaram (Mateus, 2:1 a 12).

Não se trata de saber se o fato que Mateus narra é real ou se não passa de uma figura indicativa de que os magos foram guiados de forma misteriosa ao lugar onde estava o Menino, dado que não há meio algum de verificação; trata-se de saber se é possível um fato de tal natureza. O que é certo é que, naquela circunstância, a luz não podia ser uma estrela. Na época em que o fato ocorreu, era possível acreditassem que fosse, porque então se acreditava que as estrelas eram pontos luminosos pregados no firmamento e suscetíveis de cair sobre a Terra; não hoje, quando se conhece a natureza das estrelas.

Entretanto, por não ter como causa a que lhe atribuíram, não deixa de ser possível o fato da aparição de uma luz com o aspecto de uma estrela. Um Espírito pode aparecer sob uma forma luminosa, ou transformar uma parte do seu fluido perispíritico em foco luminoso. Muitos fatos desse gênero, modernos e perfeitamente autênticos, não procedem de outra causa, que nada apresenta de sobrenatural (Cap. XIV, nº 13 e seguintes).

DUPLA VISTA

Entrada de Jesus em Jerusalém

5. Quando eles se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, perto do

Monte das Oliveiras, Jesus enviou dois de seus discípulos, dizendo a eles: ***"Vão a essa aldeia que está à frente e, lá chegando, encontrarão uma jumenta amarrada e junto dela o seu jumentinho; desamarrem e os tragam aqui. Se alguém disser qualquer coisa, respondam que o Senhor precisa deles e logo deixará que os conduzam"***. Ora, tudo isso se deu, a fim de que se cumprisse esta palavra do profeta: Digam à filha de Sião: Eis o teu rei, que vem a ti, cheio de doçura, montado numa jumenta e com o jumentinho da que está sob o jugo (Zacarias, 9:9-10).

Os discípulos então foram e fizeram o que Jesus havia lhes ordenado. E, tendo trazido a jumenta e o jumentinho, a cobriram com suas vestes e o fizeram montar (Mateus, 21:1-7).

Beijo de Judas

6. ***"Levantem-se, vamos, que já está perto daqui aquele que me há de trair!"***

Ainda não havia acabado de dizer essas palavras e eis que Judas, um dos doze, chegou e com ele uma tropa de gente armada de espadas e paus, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. Ora, aquele que traía Jesus havia dado um sinal para o reconhecerem, dizendo-lhes: "Aquele a quem eu beijar é esse mesmo o que procuram; apoderem-se dele!". Logo, aproximou-se de Jesus e lhe disse: "Mestre, eu te saúdo!". E o beijou. Jesus lhe respondeu: ***"Meu amigo, que vieste fazer aqui?"***

Ao mesmo tempo, os outros avançaram e se lançaram a Jesus e dele se apoderaram (Mateus, 26:46 a 50).

Pesca milagrosa

7. Um dia, estando Jesus à margem do lago de Genesaré, como a multidão de povo o comprimisse para ouvir a palavra de Deus, Ele viu duas barcas atracadas à borda do lago e das quais os pescadores haviam desembarcado e lavavam suas redes. Entrou numa dessas barcas, que era de Simão, e lhe pediu que a afastasse um pouco da margem; e, tendo-se sentado, ensinava ao povo de dentro da barca.

Quando acabou de falar, disse a Simão: ***"Avança para o mar e lança as tuas redes de pescar!"*** Simão lhe respondeu: "Mestre, trabalhamos a noite toda e nada apanhamos; contudo, porque está mandando, eu lançarei a rede."

Tendo lançado a rede, apanharam tão grande quantidade de peixes, que a rede se rompeu. Acenaram para os companheiros que estavam na outra barca, a fim de que viessem ajudá-los. Eles vieram e encheram as barcas de tal modo que por pouco estas não se afundaram (Lucas, 5:1 a 7).

Vocação de Pedro, André, Tiago, João e Mateus

8. Caminhando ao longo do mar da Galileia, viu Jesus dois irmãos — Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão —, que lançavam suas redes ao mar, pois que eram pescadores; e disse a eles: ***"Sigam-me e eu farei de vocês pescadores de homens!"***

Logo eles deixaram suas redes e o seguiram. Daí, continuando, Ele viu

dois outros irmãos — Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão — que estavam numa barca com Zebedeu pai de ambos, os quais estavam a consertar suas redes; e os chamou. Eles imediatamente deixaram o pai e as redes para segui-lo (Mateus, 4:18 a 22).

Jesus saindo dali, ao passar, viu um homem sentado à banca dos impostos, chamado Mateus, ao qual disse: *"Segue-me!"* E o homem logo se levantou e o seguiu (Mateus, 4:9).

9. Estes fatos não apresentam nada de surpreendente, desde que se conheça o poder da dupla vista e a causa muito natural dessa habilidade. Jesus a possuía em grau elevado e podemos dizer que ela era o seu estado normal, conforme atesta um grande número de atos da sua vida, os quais, hoje são explicados pelos fenômenos magnéticos e o Espiritismo.

A pesca qualificada de miraculosa igualmente se explica pela dupla vista. Jesus não produziu espontaneamente peixes onde não havia; ele viu, com a vista da alma, como um vigilante lúcido poderia ter visto o lugar onde se achavam os peixes e disse com segurança aos pescadores que lançassem aí suas redes.

A intensidade do pensamento e, por conseguinte, certas previsões decorrem da vista espiritual. Quando Jesus chama consigo Pedro, André, Tiago, João e Mateus, é que conhecia suas disposições íntimas e sabia que eles o acompanhariam e que eram capazes de desempenhar a missão que tencionava lhes confiar. E necessário se fazia que eles próprios tivessem intuição da missão que iriam desempenhar para, sem hesitação, atenderem ao chamamento de Jesus. O mesmo se deu quando, por ocasião da Ceia, ele anunciou que um dos doze o trairia e o apontou, dizendo ser aquele que punha a mão no prato; e deus-se também, quando predisse que Pedro o negaria.

Em muitos passos do Evangelho se lê: "Mas Jesus, conhecendo os seus pensamentos, lhes diz..." Ora, como ele poderia conhecer os pensamentos dos seus interlocutores, senão pelas irradiações fluídicas desses pensamentos e, ao mesmo tempo, pela vista espiritual que lhe permitia ler no íntimo deles?

Muitas vezes, supondo que um pensamento se acha sepultado no interior da alma, o homem não suspeita que traga em si um espelho onde se reflete aquele pensamento, um revelador na sua própria irradiação fluídica, impregnada dele. Se víssemos o mecanismo do mundo invisível que nos cerca, as ramificações dos fios condutores do pensamento, a ligarem todos os seres inteligentes — corporais e incorpóreos — os eflúvios fluídicos carregados das marcas do mundo moral, os quais, como correntes aéreas, atravessam o espaço, muito menos surpreendidos ficaríamos diante de certos efeitos que a ignorância atribui ao acaso (Cap. XIV, nº 15, 22 e seguintes).¹⁶⁸

¹⁶⁸ Dizem os Espíritos superiores que nosso pensamento tem qualidades (peso, medida, cor e cheiro), através dos fluidos que emanamos do nosso interior, que podem ser detectados por quem tem a visão espiritual apurada para tal fim — N. E.

CURAS

Perda de sangue

10. Então uma mulher, que há doze anos sofria de uma hemorragia, que havia sofrido muito nas mãos dos médicos e que, tendo gasto todos os seus haveres, não tinha conseguido nenhum alívio, como ouviu falar de Jesus, veio com a multidão atrás dele e lhe tocou as vestes, pois dizia: "Se eu conseguir ao menos lhe tocar nas vestes, ficarei curada." No mesmo instante o seu fluxo sanguíneo cessou e ela sentiu em seu corpo que estava curada daquela enfermidade.

Logo, conhecendo em si mesmo a virtude que havia saído dele, Jesus se voltou no meio da multidão e disse: "***Quem tocou minhas vestes?***" Seus discípulos lhe disseram: "Vês que a multidão te aperta de todos os lados e perguntas quem te tocou?" Ele olhava em torno de si à procura daquela que o havia tocado.

A mulher, que sabia o que se passava em si, tomada de medo e pavor, lançou-se aos seus pés e lhe declarou toda a verdade. Disse Jesus a ela: "***Minha filha, tua fé te salvou! Vá em paz e fica curada da tua enfermidade!***" (Marcos, 5:25 a 34).

11. Estas palavras "**conhecendo em si mesmo a virtude que havia saído dele**" são significativas. Expressam o movimento fluídico que se operara de Jesus para a doente; ambos experimentaram a ação que havia acabado de se produzir. É notável que o efeito não tenha sido provocado por nenhum ato da vontade de Jesus; não houve magnetização, nem imposição das mãos. Bastou a irradiação fluídica normal para realizar a cura.

Mas, por que essa irradiação se dirigiu para aquela mulher e não para outras pessoas, uma vez que Jesus não pensava nela e estava cercado de uma multidão?

É bem simples a razão: o fluido — que é considerado como matéria terapêutica — tem que atingir a matéria orgânica, a fim de repará-la; pode então ser dirigido sobre a enfermidade tanto pela vontade do curador como atraído pelo desejo ardente, pela confiança, em resumo, **pela fé** do doente. Com relação à corrente fluídica, o primeiro age como uma bomba emissora e o segundo como uma bomba aspirante. Algumas vezes, é necessária a simultaneidade das duas ações; doutras, basta uma só. O segundo caso foi o que ocorreu na circunstância de que tratamos.

Eis a razão de Jesus dizer: **Tua fé te salvou**. Compreendemos que a fé a que Ele se referia não é uma virtude mística — igual a que muitas pessoas entendem —, mas uma verdadeira força atrativa, de sorte que aquele que não a possui opõe à corrente fluídica uma força repulsiva, ou pelo menos, uma força de inércia, que paralisa a ação. Assim sendo, também compreendemos que, apresentando-se ao curador dois doentes da mesma enfermidade, possa um ser curado e outro não. É este um dos mais importantes princípios da mediunidade curadora e que explica certas anomalias aparentes, apontando-lhes uma causa muito natural (Cap. XIV, nº 31, 32 e 33).

Cego de Betsaida

12. Tendo chegado a Betsaida, trouxeram um cego a Jesus e lhe pediam que o tocassem. Tomando o cego pela mão, Ele o levou para fora da aldeia, passou-lhe saliva nos olhos e, havendo-lhe imposto as mãos, lhe perguntou se via alguma coisa. O homem, vendo, disse: "Vejo homens a andar que me parecem árvores." Jesus lhe colocou de novo as mãos sobre os olhos e ele começou a ver melhor. Afinal, ficou tão perfeitamente curado, que via todas as coisas distintamente. Ele o mandou para casa, dizendo-lhe: ***"Vai para tua casa; se entrar na aldeia, não diga a ninguém o que aconteceu contigo."*** (Marcos, 8:22 a 26).

13. Aqui, é evidente o efeito magnético; a cura não foi instantânea, porém gradual e proporcional a uma ação prolongada e reiterada — se bem que mais rápida do que na magnetização comum. A primeira sensação que o homem teve foi exatamente a que experimentam os cegos ao recobram a vista. Por um efeito de ótica, os objetos lhes parecem de tamanho exagerado.

Paralítico

14. Tendo subido para uma barca, Jesus atravessou o lago e veio à sua cidade (Cafarnaum). Como lhe apresentassem um paralítico deitado em seu leito, Jesus, notando a fé dele, disse ao paralítico: ***"Meu filho, tenha confiança! Teus pecados estão perdoados!"***

Logo alguns escribas disseram entre si: "Este homem blasfema". Jesus, tendo percebido o que eles pensavam, perguntou-lhes: ***"Por que alimentam maus pensamentos em seus corações? Pois, o que é mais fácil dizer: 'Teus pecados estão perdoados' ou dizer 'Levanta-te e anda? Ora, para que saibam que o Filho do homem tem na Terra o poder de remitir os pecados: Levanta-te!' — disse então ao paralítico — Toma o teu leito e vai para tua casa!"***

O paralítico se levantou imediatamente e foi para sua casa. Vendo aquele milagre, o povo se encheu de temor e rendeu graças a Deus, por haver concedido tal poder aos homens (Mateus, 9:1 a 8).

15. Que significariam aquelas palavras ***"Teus pecados estão perdoados"*** e em que elas podiam influir para a cura? O Espiritismo lhes dá a explicação, como a uma infinidade de outras palavras incompreendidas até hoje. Por meio da pluralidade das existências, ele ensina que os males e aflições da vida são muitas vezes expiações do passado, bem como que sofremos na vida presente as consequências das faltas que cometemos em existência anterior e, assim, até que tenhamos pago a dívida de nossas imperfeições, pois que as existências são solidárias umas com as outras.

Portanto, se a enfermidade daquele homem era uma expiação do mal que ele havia praticado, Jesus ao dizer-lhe: "Teus pecados estão perdoados" equivalia a dizer "Pagou a tua dívida; a fé que agora possui eliminou a causa da tua enfermidade; consequentemente, merece ficar livre dela". Daí o fato de haver dito aos escribas: "Tão fácil é dizer 'Teus pecados te são perdoados', como 'Levanta-te e anda'." Findada a causa, o efeito tem que cessar. É

exatamente o caso do encarcerado a quem se declara: “Teu crime está expiado e perdoado”, o que equivaleria a lhe dizermos “Podes sair da prisão”.

Os dez leprosos

16. Um dia, Jesus indo para Jerusalém, passava pelos confins da Samaria e da Galileia, e estando prestes a entrar numa aldeia, dez leprosos vieram ao seu encontro e, conservando-se afastados, clamaram em altas vozes: “Jesus, Senhor nosso, tem piedade de nós!” Indo até eles, disse-lhes: ***“Vão e se apresentem aos sacerdotes!”*** Enquanto caminhavam, eles ficaram curados.

Um deles, vendo-se curado, voltou a seguir os passos de Jesus, glorificando a Deus em altas vozes; e foi lançar-se aos seus pés, com o rosto em terra, a lhe render graças. Esse era samaritano.

Disse então Jesus: ***“Não foram curados todos os dez? Onde estão os outros nove? Nenhum deles houve que voltasse e glorificasse a Deus, a não ser este estrangeiro?”*** E disse a esse: ***“Levante-se; vai; tua fé te salvou!”*** (Lucas, 17:11 a 19).

17. Os samaritanos eram cismáticos¹⁶⁹ — mais ou menos como os protestantes são em relação aos católicos — e os judeus tinham desprezo por eles, como heréticos. Curando indistintamente os judeus e os samaritanos, Jesus dava ao mesmo tempo uma lição e um exemplo de tolerância; e fazendo ressaltar que só o samaritano havia voltado a glorificar a Deus, mostrava que havia nele maior soma de verdadeira fé e de reconhecimento, do que nos que se diziam ortodoxos¹⁷⁰. Acrescentando “Tua fé te salvou”, fez ver que Deus considera o que há no íntimo do coração e não a forma exterior da adoração. Entretanto, também os outros tinham sido curados. Seria preciso que isso se verificasse, para que Ele pudesse dar a lição que tinha em vista e tornar evidente a ingratidão deles. Porém, quem sabe o que daí lhes tenha resultado? Quem sabe se eles terão se beneficiado da graça que lhes foi concedida? Dizendo ao samaritano “Tua fé te salvou”, Jesus dá a entender que o mesmo não aconteceu aos outros.

Mão seca

18. Doutra vez entrou Jesus no templo e aí encontrou um homem que tinha uma das mãos seca. E eles o observavam para ver se ele o curaria em dia de sábado, para terem um motivo de acusá-lo. Então, Ele disse ao homem que tinha a mão seca: ***“Levante-se e se coloque ali no meio!”*** Depois, disse-lhes: ***“É permitido em dia de sábado fazer o bem ou mal, salvar a vida ou tirá-la?”*** Eles permaneceram em silêncio. Ele, porém, encarando-os com indignação, tanto o afligia a dureza de seus corações, disse ao homem: ***“Estende a tua mão!”*** Ele a estendeu e ela se tornou sadia.

Logo os fariseus saíram e se reuniram contra ele em trama com os herodianos, sobre o meio de acabarem com Ele. Mas, Jesus se retirou com seus discípulos para o mar, sendo acompanhado por grande multidão de povo da

¹⁶⁹ **Cismático:** relativo à **cisma**, discórdia, separação (por exemplo, por questão de crenças). De fato, entre os judeus e os samaritanos havia uma extrema cisma — N. E.

¹⁷⁰ **Ortodoxo:** tradicional, rigoroso, intransigente em sua crença — N. E.

Galileia e da Judéia, de Jerusalém, da Idumeia e de além Jordão; e os das cercanias de Tiro e de Sídón, tendo ouvido falar das coisas que Ele fazia, vieram em grande número ao seu encontro (Marcos, 3:1 a 8).

A mulher curvada

19. Todos os dias de sábado Jesus ensinava numa sinagoga. Um dia, viu ali uma mulher possuída de um Espírito que a deixava doente há dezoito anos; era tão curvada, que não podia olhar para cima. Vendo-a, Jesus a chamou e lhe disse: ***"Mulher, você está livre da tua enfermidade!"*** Impôs-lhe ao mesmo tempo as mãos e ela, endireitando-se, rendeu graças a Deus.

Mas, o chefe da sinagoga, indignado por Jesus haver feito uma cura em dia de sábado, disse ao povo: "Há seis dias destinados ao trabalho; venham nesses dias para serem curados e não nos dias de sábado!"

O Senhor, tomando a palavra, disse-lhe: ***"Hipócrita, qual de vocês não solta da carga o seu boi ou seu jumento em dia de sábado e não o leva a beber? Por que então em dia de sábado não se deveria libertar dos laços que a prendiam, esta filha de Abraão, que Satanás conservava atada durante dezoito anos?"***

A estas palavras, todos os seus adversários ficaram confusos e todo o povo encantado de vê-lo praticar tantas ações gloriosas (Lucas, 13:10 a 17).

20. Este fato prova que naquela época a maior parte das enfermidades era atribuída ao demônio e que — como ainda hoje — todos confundiam os possessos com os doentes, mas em sentido inverso, isto é, hoje, os que não acreditam nos maus Espíritos confundem as obsessões com as moléstias patológicas.

O parálítico da piscina

21. Depois disso, tendo chegado a festa dos judeus, Jesus foi a Jerusalém. Ora, havia em Jerusalém a piscina das ovelhas, que se chama em hebreu Betesda, a qual tinha cinco galerias — onde em grande número se achavam deitados doentes, cegos, coxos e os que tinham os membros ressecados, todos à espera de que as águas fossem agitadas — porque, o anjo do Senhor, em certa época, descia àquela piscina e lhe movimentava a água e aquele que fosse o primeiro a entrar nela, depois de ter sido movimentada a água, ficava curado, qualquer que fosse a sua doença.

Ora, estava lá um homem que se achava doente há trinta e oito anos. Jesus, tendo-o visto deitado e sabendo-o doente desde longo tempo, perguntou a ele: ***"Quer ficar curado?"*** O doente respondeu: "Senhor, não tenho ninguém que me lance na piscina depois que a água for movimentada; e, durante o tempo que levo para chegar lá, outro desce antes de mim." Disse Jesus: ***"Levante-se, toma a tua maca e vai!"*** No mesmo instante o homem ficou curado e, tomando de seu leito, pôs-se a andar. Ora, aquele dia era um sábado.

Então os judeus disseram àquele que foi curado: "Não te é permitido carregar a tua maca." Respondeu o homem: "Aquele que me curou disse: toma a tua maca e anda!" Perguntaram-lhe eles então: "Quem foi esse que te disse:

toma o teu leito e anda?" Mas, nem mesmo o homem que se curou sabia quem o havia curado, porque Jesus havia se retirado do meio da multidão que lá estava.

Depois, encontrando aquele homem no templo, Jesus lhe disse: ***"Veja que foi curado; não torne a pecar no futuro, para que te não aconteça coisa pior!"***

O homem foi ter com os judeus e disse a eles que foi Jesus quem o havia curado. Era por isso que os judeus perseguiam a Jesus, porque Ele fazia essas coisas em dia de sábado. Então, Jesus lhes disse: ***"Meu Pai não para de trabalhar até ao presente e eu também trabalho incessantemente."*** (João, 5:1 a 17).

22. Entre os romanos, "Piscina" (da palavra latina *piscis*, peixe) significava *reservatórios* ou *viveiros* onde se criavam peixes. Mais tarde, o termo se tornou extensivo aos tanques destinados a banhos em comum.

A piscina de Betesda, em Jerusalém, era uma cisterna, próxima ao Templo, alimentada por uma fonte natural, cuja água parece ter tido propriedades curativas. Sem dúvida, era uma fonte temporária que em certas épocas jorrava com força, agitando a água. Segundo a crença comum, esse era o momento mais propício às curas. Com efeito, talvez as suas propriedades da água, ao brotar da fonte, fossem mais ativas, ou que a agitação que o jorro produzia na água fizesse vir à tona a lama salutar para algumas moléstias. Tais efeitos são muito naturais e perfeitamente conhecidos hoje; mas então, as ciências estavam pouco adiantadas e se atribuíam à maioria dos fenômenos incompreendidos uma causa sobrenatural. Os judeus, portanto, tinham a agitação da água como devida à presença de um anjo e tanto mais fundadas lhes pareciam essas crenças, quanto viam que naquelas ocasiões a água se mostrava mais curativa.

Depois de haver curado aquele paralítico, Jesus lhe disse "não volte a pecar no futuro, a fim de que não te aconteça coisa pior". Por essas palavras, deu-lhe a entender que a sua doença era uma punição e que, se ele não se melhorasse, poderia vir a ser de novo punido e com mais rigor, doutrina essa inteiramente conforme à do Espiritismo.

23. Parecia que Jesus fazia questão de operar suas curas em dia de sábado, para ter ensejo de protestar contra o rigorismo dos fariseus no tocante à guarda desse dia.¹⁷¹ Queria mostrar a eles que a verdadeira piedade não consiste na observância das práticas exteriores e das formalidades; que a piedade está nos sentimentos do coração. Justificava-se, declarando "Meu Pai não para de trabalhar até ao presente e eu também trabalho incessantemente". Quer dizer: "Deus não interrompe suas obras, nem sua ação sobre as coisas da Natureza, em dia de sábado. Ele não deixa de fazer que se produza tudo quanto é necessário à alimentação e à saúde; eu sigo o mesmo exemplo".

¹⁷¹ Para a lei (religião) judaica, o sétimo dia — sábado, ou *sabbath* — é o dia do descanso e recolhimento sagrado (porque Deus descansou no sétimo dia da criação), sendo proibido qualquer tipo de trabalho, senão o mínimo para a subsistência e louvar a Deus — N. E.

Cego de nascença

24. Ao passar, Jesus viu um homem que era cego de nascença; e seus discípulos lhe fizeram esta pergunta: "Mestre, foi pecado desse homem, ou dos que o puseram no mundo, que deu causa a que ele nascesse cego?" Jesus lhes respondeu: ***"Não é por pecado dele, nem dos que o puseram no mundo; mas, para que as obras do poder de Deus se evidenciem nele. É preciso que eu faça as obras daquele que me enviou enquanto é dia; vem depois a noite, na qual ninguém pode fazer obras. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo."***

Tendo dito isso, cuspiu no chão e, havendo feito lama com a sua saliva, ungiu com essa lama os olhos do cego lhe dizendo: ***"Vai lavar-te na piscina de Siloé!"*** [que significa Enviado]. Ele foi, lavou-se e voltou vendo claro.

Seus vizinhos e os que o viam antes a pedir esmolas diziam: "Este não é aquele que estava assentado e pedia esmola?" Uns respondiam: É ele; outros diziam: Não, é um que se parece com ele. O homem, porém, lhes dizia: "Sou eu mesmo". Perguntaram-lhe então: "Como seus olhos se abriram?" Ele respondeu: "Aquele homem que se chama Jesus fez um pouco de lama e passou nos meus olhos, dizendo 'Vai à piscina de Siloé e lava-te'. Fui, lavei-me e vejo." Disseram-lhe: "Onde está ele?" Respondeu o homem: "Não sei."

Levaram então o homem que era cego aos fariseus. Ora, foi num dia de sábado que Jesus havia feito aquela lama e lhe aberto os olhos. Também os fariseus o interrogaram para saber como recobrou a vista. Ele lhes disse: "Ele me pôs lama nos olhos, eu me lavei e vejo." Ao que alguns fariseus retrucaram: "Esse homem não é enviado de Deus, pois que não guarda o sábado." Outros, porém, diziam: "Como poderia um homem mau fazer prodígios tais?" A propósito, havia desacordo entre eles. Disseram de novo ao que era cego: "E tu, que diz desse homem que te abriu os olhos?" Ele respondeu: "Digo que é um profeta." Mas, os judeus não acreditaram que aquele homem houvesse estado cego e que tivesse recobrado a vista, enquanto não fizeram vir o pai e a mãe dele para os interrogarem assim: "É este o filho de vocês, que dizem ter nascido cego? Como é que ele agora vê?" O pai e a mãe responderam: "Sabemos que esse é nosso filho e que nasceu cego; porém, não sabemos como agora vê e tampouco sabemos quem lhe abriu os olhos. Interroguem-no; ele já tem idade, que responda por si mesmo."

Seu pai e sua mãe falavam desse modo, porque temiam os judeus, visto que estes já haviam resolvido em comum que quem quer que reconhecesse a Jesus como sendo o Cristo seria expulso da sinagoga. Foi o que obrigou o pai e a mãe do rapaz a responderem: "Ele já tem idade; interroguem-no".

Chamaram pela segunda vez o homem que era cego e lhe disseram: "Glorifique a Deus; sabemos que esse homem é um pecador!" Ele lhes respondeu: "Se é um pecador, não sei, tudo o que sei é que estava cego e agora vejo." Tornaram a lhe perguntar: "O que Ele te fez e como te abriu os olhos?" Respondeu o homem: "Já disse isso a vocês e bem me ouviram; por que querem ouvir uma segunda vez? Será que querem se tornar discípulos dele?" Ao que eles o carregaram de injúrias e lhe disseram: "Seja você discípulo dele! Quanto a nós, somos discípulos de Moisés. Sabemos que Deus falou a Moisés, ao passo que não sabemos de onde este saiu."

O homem lhes respondeu: "É de espantar que não saibam donde ele é

e que ele me tenha aberto os olhos. Ora, sabemos que Deus não exalta os pecadores; mas, àquele que o honre e faça a sua vontade, a esse, Deus exalta. Desde que o mundo existe, jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença. Se esse homem não fosse um enviado de Deus, nada poderia fazer de tudo o que tem feito."

Os fariseus lhe disseram: "Você é todo pecado, desde o ventre de tua mãe, e quer ensinar a nós?" E o expulsaram (João, 9:1 a 34).

25. Esta narrativa tão simples traz em si evidente o cunho da veracidade. Nada aí há de fantasista, nem de maravilhoso. É uma cena da vida real apanhada em flagrante. A linguagem do cego é exatamente a desses homens simples, nos quais o bom-senso supre a falta de sabedoria e que retrucam com bondade aos argumentos de seus adversários, usando razões a que não faltam justeza, nem oportunidade. O tom dos fariseus, por outro lado, é o dos orgulhosos que nada admitem acima de suas inteligências e que se enchem de indignação à ideia apenas de que um homem do povo lhes possa fazer observações. Fora o título dos nomes, diríamos o fato ser do nosso tempo.

Ser expulso da sinagoga equivalia a ser posto fora da Igreja. Era uma espécie de excomunhão. Os espíritas — cuja doutrina é a do Cristo, de acordo com o progresso das luzes atuais — são tratados como os judeus que reconheciam em Jesus o Messias. Excomungando-os, a Igreja os põe fora de seu meio, como fizeram os escribas e os fariseus com os seguidores do Cristo. Assim, aí está um homem que é expulso porque não pode admitir que aquele que o havia curado seja um possesso do demônio e porque rende graças a Deus pela sua cura!

Não é o que fazem com os espíritas? Obter conselhos úteis dos Espíritos, a reconciliação com Deus e com o bem, curas — tudo isso é obra do diabo e lança-se maldição sobre os que conseguem isso. Não se têm visto *padres declararem*, do alto do púlpito, que é *melhor uma pessoa conservar-se infiel do que resgatar a fé por meio do Espiritismo*? Não há os que dizem a doentes que estes não deviam ter procurado a curar com os espíritas que possuem esse dom, porque esse dom é satânico? Não há os que pregam que os necessitados não devem aceitar o pão que os espíritas distribuem, por esse pão ser do diabo? Que outra coisa diziam ou faziam os padres judeus e os fariseus? Aliás, fomos avisados de que tudo hoje tem que se passar como foi no tempo do Cristo.

A pergunta dos discípulos "Foi algum pecado deste homem que deu causa a que ele *nascesse* cego?" revela que eles tinham a intuição de uma existência anterior, pois do contrário, ela careceria de sentido, visto que um pecado somente pode ser causa de uma enfermidade de *nascença*, se cometido antes do nascimento — portanto, numa existência anterior. Se Jesus considerasse falsa tal ideia, teria lhes dito "Como este homem poderia ter pecado antes de ter nascido?". Em vez disso, porém, diz que aquele homem estava cego, não por ter pecado, mas para que nele se revelasse o poder de Deus, isto é, para que servisse de instrumento a uma manifestação do poder de Deus. Se não era uma expiação do passado, era uma provação apropriada ao progresso daquele Espírito, pois Deus, que é justo, não lhe daria um sofrimento

sem utilidade.

Quanto ao meio empregado para a sua cura, evidentemente aquela espécie de lama feita de saliva e terra não podia conter nenhuma virtude, a não ser pela ação do fluido curativo de que fosse impregnada. É assim que as mais insignificantes substâncias (por exemplo, a água) podem adquirir qualidades poderosas e efetivas, sob a ação do fluido espiritual ou magnético, ao qual elas servem de **veículo**, ou se quiserem, de **reservatório**.

Numerosas curas operadas por Jesus

26. Jesus ia por toda a Galileia ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino e curando todas as fraquezas e todas as enfermidades no meio do povo. Tendo-se a sua reputação espalhado por toda a Síria; traziam-lhe os que estavam doentes e afligidos por dores e males diversos, os possessos, os lunáticos, os paralíticos e ele curava a todos. Acompanhava-o grande multidão de povo da Galileia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judeia e de além Jordão (Mateus, 4:23 a 25).

27. Sem contestação, de todos os fatos que dão testemunho do poder de Jesus, os mais numerosos são as curas. Ele queria provar dessa forma que o verdadeiro poder é o daquele que faz o bem; que o seu objetivo era ser útil e não satisfazer à curiosidade dos indiferentes, por meio de coisas extraordinárias.

Aliviando os sofrimentos, prendia a si as criaturas pelo coração e fazia adeptos mais numerosos e sinceros do que se apenas os encantasse com espetáculos para os olhos. Daquele modo, fazia-se amado, ao passo que se ficasse limitado a produzir fatos materiais surpreendentes — conforme os fariseus reclamavam — a maioria das pessoas não teria visto nele senão um feiticeiro, ou um mágico hábil, que **os desocupados iriam apreciar para se distraírem**.

Assim, quando João Batista manda seus discípulos lhe perguntar se ele era o Cristo, a sua resposta não foi: “Eu o sou”, como qualquer impostor teria dito. Tampouco lhes fala de prodígios, nem de coisas maravilhosas; responde-lhes simplesmente “Vão dizer a João: os cegos veem, os doentes são curados, os surdos ouvem, o Evangelho é anunciado aos pobres”. Era o mesmo que dizer “Reconheçam-me pelas minhas obras; julguem da árvore pelo fruto”, pois era esse o verdadeiro caráter da sua missão divina.

28. Também pelo bem que faz, o Espiritismo prova que a sua missão é providencial. Ele cura os males físicos, mas, sobretudo cura as doenças morais e esses são os maiores prodígios que atestam a sua procedência. Seus adeptos mais sinceros não são os que se sentem encantados pela observação de fenômenos extraordinários, mas os que recebem a consolação dele para suas almas; aqueles a quem liberta das torturas da dúvida; aqueles a quem levantou o ânimo na aflição, que hauriram forças na certeza, que lhes trouxe, acerca do futuro, no conhecimento do seu ser espiritual e de seus destinos. Esses são

aqueles de fé inabalável, porque sentem e compreendem.

Os que procuram no Espiritismo unicamente efeitos materiais, não podem compreender sua força moral. Daí vem que os incrédulos, que apenas o conhecem através de fenômenos, cuja causa primária não admitem, consideram os espíritos meros enganadores. Pois não será por meio de prodígios que o Espiritismo triunfará sobre da descrença: será pela multiplicação dos seus benefícios morais, porque se é certo que os incrédulos não admitem os prodígios, não menos certo é que — como todo o mundo — conhecem o sofrimento e as aflições e ninguém recusa alívio e consolação.

Possessos

29. Vieram em seguida a Cafarnaum e Jesus, primeiramente entrando na sinagoga, em um dia de sábado, os instruía. Admiravam-se da sua doutrina, porque Ele os ensinava como tendo autoridade e não como os escribas.

Ora, achava-se na sinagoga um homem possesso de um Espírito impuro, que exclamou: "Que há entre ti e nós, Jesus de Nazaré? Veio para nos perder? Sei quem você é: é o santo de Deus!" Jesus, porém, falando-lhe ameaçadoramente, disse: **"Cala-te e sai desse homem!"** Então, o Espírito impuro, agitando o homem em violentas convulsões, saiu dele.

Ficaram todos tão surpreendidos que se perguntavam uns aos outros: "O que é isto? Que nova doutrina é esta? Ele dá ordem com império, até aos Espíritos impuros, e estes lhe obedecem!" (Marcos, 1:21 a 27).

30. Tendo eles saído, apresentaram-lhe um homem mudo, possesso do demônio. Expulso o demônio o mudo falou e o povo, tomado de admiração, dizia: Jamais se viu coisa semelhante em Israel! Mas os fariseus, ao contrário, diziam: "É pelo príncipe dos demônios que ele expelle os demônios!" (Mateus, 9:32 a 34).

31. Quando ele vinha ao lugar onde estavam os outros discípulos, viu em torno destes uma grande multidão de pessoas e muitos escribas que com eles disputavam. Logo que deu com Jesus, todo o povo se tomou de espanto e temor e correram todos a saudá-lo.

Ele perguntou então: **"Sobre o que disputavam em assembleia?"** Um homem, do meio do povo, tomando a palavra, disse: "Mestre, trouxe-te meu filho, que está possesso de um Espírito mudo; em todo lugar onde dele se apossa, atira-o por terra e o menino espuma, rilha os dentes e se torna todo seco. Pedi a teus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam." Disse-lhes Jesus: **"Oh, gente incrédula! Até quando estarei com vocês? Até quando os suportarei?! Tragam o menino!"** Trouxeram-no e antes que pusesse os olhos em Jesus, o Espírito começou a agitá-lo violentamente; ele caiu no chão e se pôs a rolar espumando. Jesus perguntou ao pai do menino: **"Desde quando isto acontece com ele?"** O pai respondeu: "Desde pequenino. E o Espírito muitas vezes o tem lançado ora à água, ora ao fogo, para fazê-lo perecer; se puder fazer alguma coisa, tenha compaixão de nós e socorre-nos!" Respondeu-lhe Jesus: **"Se puder crer! Tudo é possível àquele que crê!"** Logo, o pai do menino, banhado em lágrimas, exclamou: "Senhor, eu creio! Ajuda-me na minha incredulidade."

Jesus, vendo que o povo acorria em multidão, falou em tom de ameaça

ao Espírito impuro, dizendo-lhe: **"Espírito surdo e mudo: sai desse menino e não entre mais nele!"** Então, o Espírito, soltando grande grito e agitando o menino em violentas convulsões, saiu, ficando como morto o menino, de sorte que muitos diziam que ele havia morrido. Mas Jesus, tomando-lhe as mãos e o amparando, fez o menino se levantar.

Quando Jesus voltou para casa, seus discípulos lhe perguntaram, em particular: "Por que nós não pudemos expulsar esse demônio?" Ele respondeu: **"Os demônios desta espécie só podem ser expulsos pela prece e pelo jejum."** (Marcos, 9:13 a 28).

32. Apresentaram-lhe então um possesso cego e mudo e ele o curou, de modo que o possesso começou a falar e a ver. Todo o povo ficou preso de admiração e dizia: "Não é esse o filho de Davi?" Mas os fariseus, ouvindo isso, diziam: "Este homem expulsa os demônios com o auxílio de Belzebu, o príncipe dos demônios!" Jesus, conhecendo os pensamentos deles, disse: **"Todo reino que se dividir contra si mesmo será arruinado e toda cidade ou casa que se divide contra si mesma não pode subsistir. Se Satanás expulsa a Satanás, ele está dividido contra si mesmo, como então o seu reino poderá subsistir? E, se é por Belzebu que eu expulso os demônios, por quem seus filhos os expulsarão? Por isso, eles serão os seus próprios juizes. Se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é que o reino de Deus veio até vocês."** (Mateus, 12:22 a 28).

33. As libertações de possessos com a cura estão entre os mais numerosos atos de Jesus. Entre os fatos dessa natureza, há alguns — como os narrados acima, no nº 30 — em que a possessão não é evidente. Provavelmente naquela época, como ainda hoje acontece, atribuía-se à influência dos demônios todas as enfermidades cuja causa se não conhecia — principalmente a mudez, a epilepsia e a catalepsia. Mas há outros em que não duvidamos da ação dos maus Espíritos, casos esses que guardam tão evidente igualdade com os episódios de que somos testemunhas, que neles se reconhecem todos os sintomas de tal gênero de enfermidade. Nesse caso, a prova da participação de uma inteligência oculta ressalta de um fato material: são as múltiplas curas radicais obtidas em alguns centros espíritas, apenas pela evocação e doutrinação dos Espíritos obsessores, sem magnetização, nem medicamentos e, muitas vezes, na ausência do paciente e à grande distância deste. A imensa superioridade do Cristo lhe dava tal autoridade sobre os **Espíritos imperfeitos** — chamados então **demônios** — que lhe bastava ordenar que se retirassem para que não pudessem resistir a essa imposição (Cap. XIV, nº 46).

34. O fato de alguns maus Espíritos serem mandados se meter em corpos de porcos é o que pode haver de menos provável. Aliás, seria difícil explicar a existência de tão numeroso rebanho de porcos num país onde esse animal era tido em horror e não oferecia nenhuma utilidade para a alimentação. Por estar atrasado, um Espírito não deixa de ser um Espírito humano, embora tão imperfeito que continue a fazer mal depois de desencarnar, como fazia antes, e é contra todas as leis da Natureza que lhe seja possível fazer morada no corpo de um animal. Logo, no fato a que nos referimos, temos que reconhecer a

existência de uma dessas ampliações tão comuns nos tempos de ignorância e de superstição; ou, então, será uma simbologia destinada a caracterizar os pendores imundos de certos Espíritos.

35. Parece que no tempo de Jesus, na Judéia, os obsidiados e os possessos eram em grande número, donde a oportunidade que ele teve de curar a muitos. Sem dúvida, os Espíritos maus haviam invadido aquele país e causado uma epidemia de possessões (Cap. XIV, nº 49).

Sem apresentarem caráter epidêmico, as obsessões individuais são muitíssimo frequentes e se apresentam sob os mais variados aspectos que, entretanto, por um conhecimento amplo do Espiritismo, facilmente se descobrem. Frequentemente essas obsessões podem trazer consequências danosas à saúde — seja gerando novas doenças orgânicas, seja agravando as já existentes. Um dia, sem dúvidas, virão a ser arroladas entre as causas patológicas que, pela sua natureza especial, requerem meios especiais de tratamento. Revelando a causa do mal, o Espiritismo inaugura novo mecanismo à arte de curar e fornece à Ciência meio de alcançar êxito onde até hoje quase sempre vê seus esforços sem sucesso, pela razão de não atender à causa essencial do mal (“O LIVRO DOS MÉDIUNS”, 2ª Parte, cap. XXIII).

36. Os fariseus diziam que era por influência dos demônios que Jesus expulsava os demônios; segundo eles, o bem que Jesus fazia era obra de Satanás; não refletiam que, se Satanás expulsasse a si mesmo, praticaria rematada insensatez. É notável que os fariseus daquele tempo já pretendessem que era obra do demônio toda capacidade transcendental — e, por esse motivo, reputada como sobrenatural — pois na opinião deles, era do demônio que Jesus recebia o poder de que dispunha. É esse mais um ponto de semelhança daquela com a época atual e tal doutrina é ainda a que a Igreja procura fazer que prevaleça hoje, contra as manifestações espíritas.¹⁷²

RESSURREIÇÕES

A filha de Jairo

37. Tendo Jesus passado novamente, de barca, para a outra margem, logo que desembarcou, grande multidão o cercou. Então, um chefe de sinagoga, chamado Jairo veio ao seu encontro e, ao aproximar-se dele, se lhe lançou aos

¹⁷² Entretanto, nem todos os teólogos adotam opiniões tão absolutas sobre a doutrina demoníaca. Aqui está uma cujo valor o clero não pode contestar, emitida por um eclesiástico, Monsenhor Freyssinous, bispo de Hermópolis, na seguinte passagem das suas **Conferências sobre a religião**, tomo 2º, pág. 341 (Paris, 1825):

“Se Jesus operasse seus milagres pelo poder do demônio, este teria trabalhado pela destruição do seu império e teria empregado o seu poder contra si próprio. Certamente, **um demônio que procurasse destruir o reinado do vício para implantar o da virtude, seria um demônio muito incomum**. Eis por que Jesus, para repelir a absurda acusação dos judeus, lhes dizia: “Se opero prodígios em nome do demônio, o demônio está dividido consigo mesmo, trabalha, conseqüentemente, por se destruir a si próprio!” Resposta que não admite réplica”.

É exatamente o argumento que os espíritas opõem aos que atribuem ao demônio os bons conselhos que os Espíritos lhes dão. O demônio agiria então como um ladrão profissional que restituísse tudo o que houvesse roubado e exortasse os outros ladrões a se tornarem pessoas honestas -- N. E.

pés a suplicar com grande instância, dizendo: "Tenho uma filha que está no momento extremo; vem impor-lhe as mãos para curá-la e lhe salvar a vida." Jesus foi com ele, acompanhado de grande multidão, que o comprimia.

Quando Jairo ainda falava, vieram pessoas que lhe eram subordinadas e lhe disseram: "Tua filha está morta; por que hás de dar ao Mestre o incômodo de ir mais longe?" Jesus, porém, ouvindo isso, disse ao chefe da sinagoga: "**Não te aflijas, apenas creia!**" E não permitiu que ninguém o acompanhasse, exceto Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago.

Chegando à casa do chefe da sinagoga, Ele viu uma aglomeração confusa de pessoas que choravam e soltavam grandes gritos. Entrando, disse a eles: "**Por que fazem tanto alarido e por que choram? Esta menina não está morta, está apenas adormecida.**" E zombavam dele. Tendo feito que todos saíssem, chamou o pai e mãe da menina e os que tinham vindo em sua companhia e entrou no lugar onde a menina se achava deitada. Pegou a mão dela e disse: "**Talitha cumi!**" — isto é: **Minha filha, levanta-te, eu to ordeno!** No mesmo instante a menina se levantou e se pôs a andar, pois contava doze anos, e ficaram todos maravilhados e espantados (Marcos, 5:21 a 43).

O filho da viúva de Naim

38. No dia seguinte, Jesus se dirigiu para uma cidade chamada Naim; acompanhavam-no seus discípulos e grande multidão. Quando estava perto da porta da cidade, aconteceu que levavam a sepultar um morto, que era filho único de sua mãe e essa mulher era viúva; estava com ela grande número de pessoas da cidade. Tendo-a visto, o Senhor se tomou de compaixão para com ela e lhe disse: "**Não chore!**" Depois, aproximando-se, tocou o esquife¹⁷³ e aqueles que o conduziam pararam. Então Ele disse: "**Jovem, levanta-te, eu o ordeno!**" Imediatamente, o moço se sentou e começou a falar. E Jesus o devolveu à sua mãe.

Todos os que estavam presentes ficaram tomados de espanto e glorificavam a Deus, dizendo: "Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo!" O rumor desse milagre que ele fez se espalhou por toda a Judéia e por todas as regiões circunvizinhas. (Lucas, 7:11 a 17)

39. Seria contrário às leis da Natureza e, portanto, milagroso, o fato de um indivíduo que se achasse realmente morto voltar à vida corporal. Ora, não há necessidade de nos recorrermos a essa ordem de fatos para termos a explicação das ressurreições que Jesus operou. Mesmo na atualidade, se por vezes as aparências enganam os profissionais, quanto mais frequentes não haviam de ser os acidentes daquela natureza, num país onde não se tomava nenhuma precaução contra eles e onde o sepultamento era imediato.¹⁷⁴ Pois é, de todo ponto provável que nos dois casos acima apenas tivesse acontecido síncope¹⁷⁵

¹⁷³ **Esquife:** caixão funerário – N. E.

¹⁷⁴ Uma prova desse costume encontramos nos **Atos dos Apóstolos**, 5:5 e seguintes.

"Ananias, tendo ouvido aquelas palavras, caiu e rendeu o Espírito e todos os que ouviram falar disso foram presas de grande temor. Logo, alguns rapazes lhe vieram buscar o corpo e, tendo-o levado, o enterraram. Passadas umas três horas, entrou sua mulher (Safira) — que nada sabia do que havia se passado — e Pedro lhe disse (...). No mesmo instante, ela lhe caiu aos pés e rendeu o Espírito. Aqueles rapazes, voltando, encontraram a mulher morta e, levando-a, enterraram-na junto do marido." -- N. K.

¹⁷⁵ **Síncope:** perda dos sentidos devido deficiência de irrigação sanguínea no cérebro – N. E.

ou letargia¹⁷⁶. Com relação à filha de Jairo, o próprio Jesus declara positivamente: ***Esta menina não está morta, está apenas adormecida.***

Dado o poder fluídico que Jesus possuía, não há nada de espantoso em que esse fluido vivificante, acionado por uma vontade forte, tenha reanimado os sentidos em torpor; que tenha mesmo feito voltar ao corpo o Espírito, prestes a abandoná-lo, uma vez que o laço perispirítico ainda não havia se rompido definitivamente. Para os homens daquela época — que consideravam como morto o indivíduo desde que deixara de respirar — havia ressurreição em tais casos; mas, o que na realidade havia era **cura** e não ressurreição — no legítimo significado do termo.

40. Digam o que disserem, a ressurreição de Lázaro de nenhum modo infirma este princípio. Dizem que ele estava há quatro dias no sepulcro; sabe-se, porém, que há letargias que duram oito dias e até mais. Acrescentam que já cheirava mal — o que seria sinal de decomposição. Esta alegação também não prova nada, dado que em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo, mesmo antes da morte, havendo em tal caso cheiro de podridão. A morte só se verifica quando são atacados os órgãos essenciais à vida.

E quem podia saber que Lázaro já cheirava mal? Foi sua irmã Maria quem o disse. Mas, como ela sabia disso? Ela assim supôs por já haver quatro dias que Lázaro estava enterrado; entretanto, não podia ter nenhuma certeza. (Cap. XIV, nº 29)¹⁷⁷

JESUS CAMINHA SOBRE A ÁGUA

41. Logo, Jesus fez que seus discípulos tomassem a barca e passassem para a outra margem antes dele, que havia ficado para despedir o povo. Depois de ter despedido a multidão, Ele subiu a um monte para orar e, tendo caído a noite, achou-se sozinho naquele lugar. Nesse ínterim, a barca era fortemente açoitada pelas ondas, em meio do mar, por estar contrária ao vento. Mas, na quarta vigília da noite, Jesus foi ter com eles, caminhando por sobre o mar.¹⁷⁸

Quando eles o viram andando sobre o mar, turbaram-se e diziam: "É um fantasma" e se puseram a gritar amedrontados. Jesus então lhes falou dizendo: ***"Tranquilizem-se! Sou eu, não tenham medo!"***

Pedro lhe respondeu: "Senhor, se é o Senhor, manda que eu vá ao teu encontro, caminhando sobre as águas." Jesus lhe disse: ***"Vem. Pedro!"*** Descendo da barca, caminhava sobre a água, ao encontro de Jesus. Mas, vindo um grande vento, ele teve medo; e como começasse a submergir, clamou:

¹⁷⁶ **Letargia:** estado de profunda e prolongada inconsciência, semelhante ao sono profundo, do qual a pessoa pode ser despertada, mas ao qual retorna logo a seguir — N. E.

¹⁷⁷ O fato seguinte prova que a decomposição algumas vezes antecede a morte. No Convento do Bom Pastor — fundado em Toulon, pelo padre Marin, capelão dos cárceres, e destinado às decaídas que se arrependem — encontrava-se uma moça que suportara os mais terríveis sofrimentos com a calma e a impassibilidade de uma vítima expiatória. Em meio de suas dores parecia sorrir para uma visão celestial. Como Santa Teresa, pedia que lhe fosse dado sofrer mais, embora suas carnes já se achassem em frangalhos, com a decomposição a lhe devastar todos os membros. Por sábia providência, os médicos tinham recomendado que fizessem a inumação do corpo, logo após o trespasse. Coisa estranha! Mal a doente exalou o último suspiro, cessou todo o trabalho de decomposição; desapareceram as exalações cadavéricas, de modo que por 36 horas o corpo pôde ficar exposto às preces e à veneração da comunidade -- N. K.

¹⁷⁸ O lago de Genesaré ou de Tiberíades -- N. K.

"Senhor, salva-me!" Logo, Jesus, estendendo-lhe a mão, disse: "**Homem de pouca fé! Por que duvidaste?**" E, tendo subido para a barca, cessou o vento. Então, os que estavam na barca, aproximando-se dele, o adoraram, dizendo: "Verdadeiramente ele é filho de Deus!." (Mateus, 14:22 a 33)

42. Este fenômeno encontra explicação natural nos princípios acima expostos, cap. XIV, nº 43. Exemplos iguais provam que ele nada tem de impossível, nem de miraculoso, pois que se produz sob a ação das leis da Natureza e pode ser operado de duas maneiras:

Jesus, embora estivesse vivo, pôde aparecer sobre a água, com uma forma tangível, estando o seu corpo em outro lugar. É a hipótese mais provável. E é mesmo fácil descobrirmos na narrativa alguns sinais característicos das aparições tangíveis (Cap. XIV, nº 35 a 37).

Por outro modo, também pode ter sucedido que seu corpo fosse sustentado e a sua gravidade neutralizada pela mesma força fluídica que mantém no espaço uma mesa, sem ponto de apoio. Idêntico efeito se produz muitas vezes com os corpos humanos.

TRANSFIGURAÇÃO

43. Seis dias depois, tendo chamado em particular a Pedro, Tiago e João, Jesus os levou consigo a um alto monte afastado¹⁷⁹ e se transfigurou diante deles. Enquanto orava, seu rosto pareceu inteiramente outro; suas vestes se tornaram brilhantemente luminosas e brancas iguais à neve, como não há pisoeiro na Terra que possa fazer alguma tão alva. E eles viram aparecer Elias e Moisés, a palestrar com Jesus.

Então, Pedro disse a Jesus: "Mestre, estamos bem aqui; vamos fazer três tendas: uma para ti, outra para Moisés, outra para Elias." É que ele não sabia o que dizia, de tão espantado que estava.

Ao mesmo tempo, apareceu uma nuvem que os cobriu; e, dessa nuvem, uma voz partiu dizendo estas palavras: "**Este é meu Filho bem-amado; ouçam o que Ele diz!**"

Logo, olhando para todos os lados, a ninguém mais viram, senão a Jesus, que ficou a sós com eles.

Quando desciam do monte, ele lhes ordenou que não falassem a ninguém do que tinham visto, até que o Filho do Homem ressuscitasse dentre os mortos. E eles conservaram em segredo o fato, inquirindo uns dos outros o que ele teria querido dizer com estas palavras: Até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dentre os mortos. (Marcos, 9:1 a 9)

44. A explicação deste fenômeno também se encontra nas propriedades do fluido perispíritico. A transfiguração (explicada no cap. XIV, nº 39) é um fato muito comum que, em virtude da irradiação fluídica, pode modificar a aparência de um indivíduo; mas, a pureza do perispírito de Jesus permitiu que seu Espírito lhe desse um brilho excepcional. Quanto à aparição de Moisés e

¹⁷⁹ O Monte Tabor, a sudoeste do lago de Tabarich e a 11 km a sudeste de Nazaré, com cerca de mil metros de altura -- N. K.

Elias cabe inteiramente na conta de todos os fenômenos do mesmo gênero (Cap. XIV, nº 35 e seguintes).

De todas as aptidões que Jesus revelou, nenhuma se pode apontar estranha às condições da humanidade e que se não encontre comumente nos homens, porque estão todas na ordem da Natureza. Porém, pela superioridade da sua essência moral e de suas qualidades fluídicas, aquelas capacidades atingiam nele proporções muito acima das que são comuns. Posto de lado o seu envoltório carnal, ele nos mostrava o estado dos Espíritos puros.

TEMPESTADE APLACADA

45. Certo dia, tendo tomado uma barca com seus discípulos, Jesus disse a eles: *"Vamos à outra margem do lago."* Partiram então e durante a travessia, ele adormeceu. Então, um grande turbilhão de vento se abateu de súbito sobre o lago, de sorte que, a barca se encheu d'água e eles se viam em perigo. Aproximaram-se, pois, de Jesus e o despertaram, dizendo-lhe: "Mestre, estamos perecendo!" Jesus, levantando-se, falou, ameaçador, aos ventos e às ondas agitadas e uns e outras se aplacaram, sobrevindo grande calma. Ele então lhes disse: *"Onde está a fé de vocês?"* Eles, porém, cheios de temor e admiração, perguntavam uns aos outros: "Quem é este que assim dá ordens ao vento e às ondas, e eles lhe obedecem?" (Lucas, 8:22 a 25)

46. Ainda não conhecemos bastante os segredos da Natureza para dizer se há ou não inteligências ocultas presidindo à ação dos elementos. Na hipótese de haver, o fenômeno em questão poderia ter resultado de um ato de autoridade sobre essas inteligências e provaria um poder que a nenhum homem é dado exercer.

Como quer que seja, o fato de Jesus estar tranquilamente dormindo durante a tempestade, atesta de sua parte uma segurança que se pode explicar pela circunstância de que seu Espírito **via** não haver perigo nenhum e que a tempestade ia cessar.

BODAS DE CANÁ

47. Este milagre — referido unicamente no Evangelho de S. João — é apresentado como o primeiro que Jesus operou e, nessas condições, devera ter sido um dos mais notados. Entretanto, parece ter produzido uma impressão bem fraca, pois que nenhum outro evangelista trata dele. Um fato também extraordinário deveria surpreender no mais alto grau os convidados e, sobretudo, o dono da casa, os quais, todavia, parece que não o perceberam.

Considerado em si mesmo, o fato tem pouca importância, em comparação com os que verdadeiramente atestam as qualidades espirituais de Jesus. Admitido que as coisas tenham ocorrido conforme foram narradas, é admirável que seja esse, de tal gênero, o único fenômeno que se tenha

produzido. Jesus era de natureza extremamente elevada, para se ater a efeitos puramente materiais, próprios apenas a aguçar a curiosidade da multidão que, então o teria nivelado a um mágico. Ele sabia que as coisas úteis lhe conquistariam mais simpatias e lhe trariam mais adeptos do que as que facilmente passariam por fruto de grande habilidade e destreza (nº 27).

Se bem que, a rigor, o fato possa ser explicado até certo ponto por uma ação fluídica — como o magnetismo oferece muitos exemplos — que tivesse mudado as propriedades da água, dando-lhe o sabor do vinho, pouco provável é que tenha ocorrido semelhante hipótese, dado que em tal caso, a água tivesse conservado a sua coloração, tendo do vinho apenas o sabor — o que não deixaria de ser notado. Mais racional é reconhecermos aí uma daquelas parábolas tão frequentes nos ensinamentos de Jesus, como a do filho pródigo, a do festim de bodas, do mau rico, da figueira que secou e tantas outras que, todavia, se apresentam com caráter de fatos ocorridos. Provavelmente, durante o jantar, Ele terá citado ao vinho e à água, tirando um ensinamento de ambos. Justificam esta opinião as palavras que a respeito lhe dirige o mordomo: “Todo mundo serve em primeiro lugar o vinho bom e, depois que todos o têm bebido muito, serve o menos fino; tu, porém, guarda até agora o bom vinho”.

Entre duas hipóteses, deve-se preferir a mais racional e os espíritas não são tão crédulos que por toda parte vejam manifestações, nem tão absolutos em suas opiniões, que pretendam explicar tudo por meio dos fluidos.

MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

48. A multiplicação dos pães é um dos milagres que mais têm intrigado os comentadores e ao mesmo tempo alimentado às zombarias dos descrentes. Sem se darem ao trabalho de lhe examinar o sentido alegórico, para estes últimos ele não passa de um conto infantil. Entretanto, a maioria das pessoas sérias tem visto na narrativa desse fato — embora sob uma forma diferente da comum — uma parábola, em que se compara o alimento espiritual da alma ao alimento do corpo.

Todavia, podemos perceber nela mais do que uma simples alegoria e de certo ponto de vista admitir a realidade de um fato material — sem que para isso seja preciso recorrermos ao prodígio. É sabido que uma grande preocupação de espírito, bem como a atenção fortemente presa a uma coisa, faz esquecer a fome. Ora, os que acompanhavam a Jesus eram criaturas ávidas de ouvi-lo; pois, nada há de espantar que, fascinadas pela sua palavra e também, talvez, pela poderosa ação magnética que ele exercia sobre os que o cercavam, as pessoas não tenham experimentado a necessidade material de comer.

Previendo esse resultado, Jesus não teve nenhuma dificuldade para tranquilizar os discípulos, dizendo a eles, na linguagem figurada que lhe era habitual e admitido que realmente houvessem trazido alguns pães, que estes pães bastariam para matar a fome da multidão. Simultaneamente, ministrava aos referidos discípulos um ensinamento, com o de lhes dizer “Vocês mesmos

lhe deem de comer". Ensinava-lhes assim que também eles podiam alimentar por meio da palavra.

Desse modo, ao lado do sentido moral alegórico, produziu-se um efeito fisiológico, natural e muito conhecido. O prodígio, no caso, está na superioridade da palavra de Jesus, poderosa bastante para cativar a atenção de uma multidão imensa, ao ponto de fazê-la esquecer-se de comer. Esse poder moral comprova a elevação de Jesus, muito mais do que o fato puramente material da multiplicação dos pães — que tem de ser considerada como alegoria.

Esta explicação, aliás, o próprio Jesus a confirmou nas duas passagens seguintes.

O fermento dos fariseus

49. Ora, tendo seus discípulos passado para o outro lado do mar, esqueceram-se de levar pães. Jesus lhes disse: ***"Cuidado com o fermento dos fariseus e dos saduceus!"*** Eles, porém, pensavam e diziam entre si: "É porque não trouxemos pães".

Jesus, conhecendo os seus pensamentos, disse: ***"Homens de pouca fé, por que estão cogitando de não terem trazido pães? Ainda não compreendem e não se lembram quantos cestos levaram? Como não compreenderem que não é do pão que eu lhes falava, quando disse que se guardassem do fermento dos fariseus e saduceus?"***

Eles então compreenderam que Jesus não estava falando para se preservarem do fermento que se põe no pão, mas sim da doutrina dos fariseus e dos saduceus (Mateus, 16:5 a 12).

O pão do céu

50. No dia seguinte, o povo (que havia permanecido do outro lado do mar), notou que lá não havia chegado outra barca e que Jesus não havia entrado na que seus discípulos tomaram, e que os discípulos haviam partido a sós. E como tinham chegado depois outras barcas de Tiberíades, perto do lugar onde o Senhor, após render graças, os havia alimentado com cinco pães; e como verificassem por fim que Jesus não estava lá, nem tampouco seus discípulos, entraram naquelas barcas e foram para Cafarnaum, em busca de Jesus. E, tendo-o encontrado além do mar, disseram: "Mestre, quando vieste para cá?" Jesus lhes respondeu: ***"Na verdade, digo a vocês que me procuram, não por causa dos milagres que viram, mas por que eu lhes dei pão de comer e ficaram saciados. Trabalhem por ter, não o alimento que perece, mas o que dura para a vida eterna e que o Filho do Homem os dará, porque foi nele que Deus, o Pai, imprimiu seu selo e seu caráter."***

Eles lhe perguntaram: "Que devemos fazer para produzir obras de Deus?" Respondeu-lhes Jesus: ***"A obra de Deus é que creiam no que Ele enviou."***

Perguntaram-lhe então: "Que milagre operará para nos fazer acreditar? Que fará de extraordinário? Nossos pais comeram o maná no

deserto, conforme está escrito: “Ele lhes deu de comer o pão do céu...” Jesus lhes respondeu: ***“Na verdade, digo a vocês que Moisés não lhes deu o pão do céu; meu Pai é quem dá o verdadeiro pão do céu, porque o pão de Deus é aquele que desceu do céu e que dá vida ao mundo.”***

Disseram eles então: “Senhor, dá-nos sempre desse pão!” Jesus lhes respondeu: ***“Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome e aquele que em mim crê não terá sede! Mas, eu já lhes disse: vocês me têm visto e não creem. Na verdade, eu digo a vocês: aquele que crê em mim tem a vida eterna. Eu sou o pão da vida. Seus pais comeram o maná do deserto e morreram. Aqui está o pão que desceu do céu, a fim de que quem dele comer não morra.”*** (João, 6:22-36 e 47-50)

51. Na primeira passagem, lembrando o fato anteriormente operado, Jesus dá claramente a entender que não se tratava de pães materiais, pois, a não ser assim, a comparação estabelecida por ele com o fermento dos fariseus ficaria sem sentido: ***“Ainda não compreendem, diz ele, e não se recordam de que cinco pães bastaram para cinco mil pessoas e que dois pães foram bastantes para quatro mil? Como não compreenderam que não era de pão que eu lhes falava, quando dizia para se preservarem do fermento dos fariseus?”*** Esse confronto nenhuma razão de ser teria, na hipótese de uma multiplicação material. Por si mesmo, o fato foi muito extraordinário para ter impressionado fortemente a imaginação dos discípulos, que, entretanto, pareciam não mais lembrar-se dele.

É também o que não menos claramente ressalta, do que Jesus comentou sobre o pão do céu, empenhado em fazer que seus ouvintes compreendessem o verdadeiro sentido do alimento espiritual. Diz ele: ***“Trabalhem, não para conseguir o alimento que perece, mas pelo que se conserva para a vida eterna e que o Filho do Homem lhes dará”.*** Esse alimento é a sua palavra, pão que desceu do céu e dá vida ao mundo. Ele declara: ***“Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome e aquele que em mim crê nunca terá sede”.***

Mas, tais distinções eram por demais sutis para aquelas naturezas rudes, que somente compreendiam as coisas materiais. Para eles, o maná, que alimentou o corpo de seus antepassados, era o verdadeiro pão do céu; aí é que estava o milagre. Portanto, se tivesse ocorrido materialmente o fato da multiplicação dos pães, como Ele teria impressionado tão fracamente aqueles mesmos homens, a cujo benefício essa multiplicação se operara poucos dias antes, ao ponto de perguntarem a Jesus: “Que milagre fará para que, vendo-o, possamos acreditar? Que fará de extraordinário?” Eles entendiam por milagres os prodígios que os fariseus pediam, isto é, sinais que aparecessem no céu por ordem de Jesus, como pela varinha de um mágico. Ora, o que Jesus fazia era extremamente simples e não se afastava das leis da Natureza; as próprias curas não revelavam caráter muito singular, nem muito extraordinário. Para eles, os milagres espirituais não apresentavam grande vulto.

TENTAÇÃO DE JESUS

52. Jesus, transportado pelo diabo ao pináculo do Templo, depois ao cume de uma montanha e por ele tentado, é uma daquelas parábolas que lhe eram familiares e que a crença pública transformou em fatos materiais.¹⁸⁰

53. “Jesus não foi arrebatado. Ele apenas quis fazer que os homens compreendessem que a Humanidade se acha sujeita a falir e que deve estar sempre em guarda contra as más inspirações a que, pela sua natureza fraca, é tentada a ceder. Portanto, a tentação de Jesus é uma alegoria e seria preciso ser cego para tomá-la ao pé da letra. Como pretenderiam que o Messias — o Verbo de Deus encarnado — tenha estado submetido às sugestões do demônio, por algum tempo, ainda que por muito curto, e que, como diz o Evangelho de Lucas, o demônio o tivesse deixado por algum tempo, o que daria a supor que o Cristo continuou submetido ao poder daquela entidade? Não; compreendam melhor os ensinamentos que lhes foram dados. O Espírito do mal nada poderia sobre a essência do bem. Ninguém diz ter visto Jesus no cume da montanha, nem no pináculo do Templo. Certamente, tal fato teria sido de natureza a se espalhar por todos os povos. Logo, a tentação não foi um ato material e físico. Quanto ao ato moral, admitiriam que o Espírito das trevas pudesse dizer àquele que conhecia sua própria origem e o seu poder ‘Adora-me, que te darei todos os reinos da Terra?’. O demônio desconheceria então aquele a quem fazia tais oferecimentos? Não é provável. Ora, se o conhecia, suas propostas eram uma insensatez, pois ele não ignorava que seria repellido por Aquele que viera destruir o seu império sobre os homens.

“Enfim, compreendam o sentido dessa parábola, que outra coisa aí não há, do mesmo modo que nos casos do Filho Pródigo e do Bom Samaritano. Aquela mostra os perigos que os homens correm, se não resistem à voz íntima que lhes clama sem cessar: ‘Você pode ser mais do que é; pode possuir mais do que possui; pode se engrandecer, adquirir muito; ceda à voz da ambição e todos os teus desejos serão satisfeitos’. Ela lhes mostra o perigo e o meio de evitar essa tentação, dizendo às más inspirações: Retira-te, Satanás! Ou, por outras palavras: Vai-te, tentação!

“As duas outras parábolas que lembrei mostram o que ainda pode esperar aquele que, por muito fraco para expulsar o demônio, lhe sucumbiu às tentações. Mostram a misericórdia do pai de família, pousando a mão sobre a fronte do filho arrependido e concedendo-lhe, com amor, o perdão implorado. Mostram o culpado, o cismático, o homem repellido por seus irmãos, valendo mais, aos olhos do Juiz Supremo, do que os que o desprezam, por ele praticar as virtudes que a lei de amor ensina.

“Pesem bem os ensinamentos que os Evangelhos contêm; saibam distinguir o que ali está em sentido próprio, ou em sentido figurado, e os erros que lhes tem cegado durante tanto tempo se apagarão pouco a pouco, cedendo lugar à brilhante luz da Verdade”.

João Evangelista, Bordéus, 1862

¹⁸⁰ A explicação que se segue é reprodução textual do ensino que um Espírito deu a esse respeito -- N. K.

PRODÍGIOS POR OCASIÃO DA MORTE DE JESUS

54. Ora, desde a sexta hora do dia até à nona, toda a Terra se cobriu de trevas.

Ao mesmo tempo, o véu do Templo se rasgou em dois, de alto a baixo; a terra tremeu; as pedras se racharam; os sepulcros se abriram e muitos corpos de santos, que estavam no sono da morte, ressuscitaram; e, saindo de seus túmulos após a ressurreição, vieram à cidade santa e foram vistos por muitas pessoas. (Mateus, 27:45, 51 a 53)

55. É extraordinário que tais prodígios — operando-se no momento mesmo em que a atenção da cidade se fixava no suplício de Jesus, que era o acontecimento do dia — não tenham sido notados, pois que nenhum historiador os menciona. Parece impossível que tenham podido passar despercebidos um tremor de terra e o fato de **toda a Terra** ficar envolvida em trevas durante três horas, num país onde o céu é sempre de perfeita limpidez.

A duração de tal obscuridade teria sido quase a de um eclipse do Sol, mas os eclipses dessa espécie só se produzem na lua nova, e a morte de Jesus ocorreu em fase de lua cheia, a 14 de Nissan, dia da Páscoa dos judeus.

O obscurecimento do Sol também pode ser produzido pelas manchas que se lhe notam na superfície. Em tal caso, o brilho da luz se enfraquece sensivelmente, porém, nunca ao ponto de determinar obscuridade e trevas. Admitido que um fenômeno desse gênero se houvesse dado, ele decorreria de uma causa perfeitamente natural.¹⁸¹

Quanto aos mortos que ressuscitaram, possivelmente **algumas pessoas** tiveram visões ou viram aparições — o que não é excepcional. Entretanto, como então não se conhecia a causa desse fenômeno, supuseram que as figuras vistas saíam dos sepulcros.

Sensibilizados com a morte de seu Mestre, os discípulos de Jesus sem dúvida ligaram a essa morte alguns fatos particulares, aos quais não tiveram prestado nenhuma atenção noutra ocasião. Bastou, talvez, que um fragmento de rochedo se haja destacado naquele momento, para que pessoas inclinadas ao maravilhoso tenham visto nesse fato um prodígio e, ampliando-o, tenham dito que as pedras se racharam.

Jesus é grande pelas suas obras e não pelos quadros fantásticos de que um entusiasmo pouco ponderado entendeu de cercá-lo.

APARIÇÃO DE JESUS, APÓS SUA MORTE

56. Mas, Maria (Madalena) se conservou a derramar lágrimas fora, perto do sepulcro. E, estando a chorar, como se abaixasse para olhar dentro do sepulcro,

¹⁸¹ Há constantemente, na superfície do Sol, manchas físicas, que lhe acompanham o movimento de rotação e têm servido para determinarmos a duração desse movimento. Às vezes, porém, essas manchas aumentam em número, em extensão e em intensidade. É então que se produz uma diminuição da luz e do calor solares. O aumento do número das manchas parece coincidir com certos fenômenos astronômicos e com a posição relativa de alguns planetas, o que lhes determina o reaparecimento periódico. É muito variável a duração daquele obscurecimento; por vezes não vai além de duas ou três horas, mas, em 535, houve um que durou catorze meses -- N. K.

viu dois anjos vestidos de branco, assentados no lugar onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira, o outro do lado dos pés. Disseram-lhe eles: "Mulher, por que chora?" Ela respondeu: "É que levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram."

Tendo dito isto, voltou-se e viu a Jesus de pé, **sem saber, entretanto que fosse Jesus**. Este então lhe disse: "**Mulher, por que chora? A quem procura?**" Ela, pensando que fosse o jardineiro, lhe disse: "Senhor, se foi você quem o tirou, diga-me onde o colocou e eu o levarei!"

Disse-lhe Jesus: "**Maria.**" Logo ela se voltou e disse: "Rabboni!" — isto é: "Meu Senhor". Jesus lhe respondeu: "**Não me toque, porque ainda não subi para meu Pai; mas, vai ter com meus irmãos e digam a eles de minha parte: Subo a meu Pai e seu Pai, a meu Deus e seu Deus.**"

Maria Madalena foi então dizer aos discípulos que havia visto o Senhor e que este lhe disse aquelas coisas (João, 20:11 a 18).

57. Naquele mesmo dia, indo dois deles para um burgo chamado Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios, falavam entre si de tudo o que se passara. E aconteceu que, quando conversavam e discorriam sobre isso, Jesus se juntou a eles e se pôs a caminhar com eles; **seus olhos, porém, estavam cobertos, a fim de que não o pudessem reconhecer**. Ele disse: "**De que vinham falando a caminhar e por que estão tão tristes?**"

Um deles, chamado Cleofas, tomando a palavra disse: "Serás em Jerusalém o único estrangeiro que não saiba do que aí se passou estes últimos dias?". "**Que foi?**" — perguntou ele. Responderam-lhe: "A respeito de Jesus de Nazaré, que foi um poderoso profeta diante de Deus e diante de toda a gente, e acerca do modo como os príncipes dos sacerdotes e os nossos senadores o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Ora, nós esperávamos que fosse ele quem resgatasse a Israel, no entanto, já estamos no terceiro dia depois que tais coisas se deram. É certo que algumas mulheres das que estavam conosco nos espantaram, pois que, tendo ido ao seu sepulcro antes do romper do dia, nos vieram dizer que anjos mesmos lhes apareceram, dizendo a elas que ele está vivo. E alguns dos nossos, tendo ido também ao sepulcro, encontraram todas as coisas conforme as mulheres haviam referido; mas, quanto a ele, não o encontraram."

Disse-lhes então Jesus: "**Oh! Insensatos, de coração atrasado a crer em tudo a que os profetas têm dito! Não era preciso que o Cristo sofresse todas essas coisas e que entrasse assim na sua glória? E, a começar de Moisés, passando em seguida por todos os profetas, lhes explicava o que em todas as Escrituras havia dito dele!**"

Ao aproximarem-se da vila para onde se dirigiam, ele deu mostras de que ia mais longe. Os dois o obrigaram a deter-se, dizendo-lhe: "Fique conosco, que já é tarde e o dia está em declínio." Ele entrou com os dois. Estando com eles à mesa tomou do pão, abençoou-o e lhes deu. **Abriram-se neles ao mesmo tempo os olhos e ambos o reconheceram; ele, porém, lhes desapareceu das vistas.**

Então, disseram um ao outro: "Não é verdade que o nosso coração ardia dentro de nós, quando ele nos falava pelo caminho, explicando-nos as Escrituras?" E, erguendo-se no mesmo instante, voltaram a Jerusalém e viram que os onze apóstolos e os que continuavam com eles estavam reunidos, e diziam: "O Senhor em verdade ressuscitou e **apareceu** a Simão." Então, também eles narraram o que lhes acontecera em caminho e como o tinham

reconhecido ao partir o pão.

Enquanto assim confabulavam, **Jesus se apresentou no meio deles e lhes disse: "A paz seja com vocês! Sou eu, não se assustem!"** Mas, na perturbação e no medo de que foram tomados, eles imaginaram estar vendo um Espírito.

E Jesus lhes disse: **"Por que se perturbam? Por que tantos pensamentos se elevam nos seus corações? Olhem para as minhas mãos e para os meus pés e reconheçam que sou eu mesmo. Toquem-me e considerem que um Espírito não tem carne, nem osso, como podem ver que eu tenho."** Dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e os pés.

Mas, como eles ainda não acreditavam, tão transportados de alegria e de admiração se achavam, disse-lhes: **"Vocês têm aqui alguma coisa que se coma?"** Eles lhe apresentaram um pedaço de peixe assado e um favo de mel. Ele comeu diante deles e, tomando os restos, lhes deu, dizendo: **"Eis que, estando ainda com vocês, eu lhes dizia que era necessário que se cumprisse tudo o que de mim foi escrito na lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos."** Ao mesmo tempo lhes abriu o espírito, a fim de que entendessem as Escrituras, e lhes disse: **"É assim que está escrito e assim era que se fazia necessário que o Cristo sofresse e ressuscitasse dentre os mortos ao terceiro dia; e que se pregasse em seu nome a penitência e a remissão dos pecados em todas as nações, a começar por Jerusalém. Ora, vocês são testemunhas dessas coisas. Vou enviá-los o dom de meu Pai, o qual lhes foi prometido; mas, por enquanto, permaneçam na cidade, até que eu os tenha revestido da força do Alto."** (Lucas, 24:13 a 49)

58. Ora, Tomé, um dos doze apóstolos, chamado Dídimo, não se achava com eles quando Jesus lá foi vindo. Os outros discípulos então lhe disseram: "Vimos o Senhor!" Ele, porém, lhes disse: "Se eu não vir nas suas mãos as marcas dos cravos que as atravessaram e não puser o dedo no buraco feito pelos cravos e minha mão no rasgão do seu lado, não acreditarei, absolutamente!"

Oito dias depois, estando ainda os discípulos no mesmo lugar e com eles Tomé, Jesus se apresentou, **achando-se fechadas as portas**, e, colocando-se no meio deles, disse-lhes: **"A paz esteja com vocês!"**

Disse em seguida a Tomé: **"Põe aqui o teu dedo e olha minhas mãos; estende também a tua mão e mete-a no meu lado e não seas incrédulo, mas fiel!"** Tomé lhe respondeu: "Meu Senhor e meu Deus!" Jesus lhe disse: **"Agora acredita, Tomé, porque viu; felizes os que creram sem ver!"** (João, 20:24 a 29)

59. Jesus também se mostrou depois aos seus discípulos à margem do mar de Tiberíades, mostrando-se desta forma:

Simão Pedro e Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná, na Galileia, os filhos de Zebedeu e dois outros de seus discípulos estavam juntos. Disse-lhes Simão Pedro: "Vou pescar." Os outros disseram: "Também nós vamos contigo." Foram-se e entraram numa barca; mas, naquela noite, nada apanharam.

Ao amanhecer, **Jesus apareceu à margem sem que seus discípulos conhecessem que era ele.** Disse-lhes então: **"Filhos, você não têm nada que se coma?"** Responderam-lhe: "Não." Ele replicou: **"Lancem a rede do lado direito da barca e acharão!"** Eles a lançaram logo e quase não a puderam

retirar, tão carregada estava de peixes.

Então, o discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: "É o Senhor!" Simão Pedro, ao ouvir que era o Senhor, vestiu-se (pois que estava nu) e se atirou ao mar. Os outros discípulos vieram com a barca, e, como não estavam distantes da praia mais de duzentos côvados, puxaram daí a rede cheia de peixes. (João, 21:1 a 8)

60. Depois disso, ele os conduziu para Betânia e, tendo lavado as mãos, os abençoou, e, tendo-os abençoado, **se separou deles e foi arrebatado ao céu.**

Quanto a eles, depois de o terem adorado, voltaram para Jerusalém, cheios de alegria. Estavam constantemente no templo, louvando e bendizendo a Deus. Amém. (Lucas, 24:50 a 53)

61. Todos os evangelistas narram as aparições de Jesus, após sua morte, com circunstanciados detalhes que não nos permitem duvidar da realidade do fato. Aliás, elas se explicam perfeitamente pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito e nada de anormal apresentam diante dos fenômenos do mesmo gênero, cuja história — antiga e contemporânea — oferece numerosos exemplos, sem lhes faltar sequer a tangibilidade. Se notarmos as circunstâncias em que se deram as suas diversas aparições, nele reconheceremos todos os caracteres de um ser fluídico. Aparece instantaneamente e do mesmo modo desaparece; uns o veem, outros não, sob aparências que não o tornam reconhecível nem sequer aos seus discípulos; mostra-se em recintos fechados, onde um corpo carnal não poderia penetrar; sua própria linguagem carece da vivacidade da de um ser corpóreo; fala em tom breve e sentencioso — peculiar aos Espíritos que se manifestam daquela maneira; em resumo, todas as suas atitudes demonstram alguma coisa que não é do mundo terreno. Sua presença causa simultaneamente surpresa e medo; ao vê-lo, seus discípulos não lhe falam com a mesma liberdade de antes; sentem que já não é um homem.

Portanto, Jesus se mostrou com o seu corpo perispirítico — o que explica que só tenha sido visto pelos que ele quis que o vissem. Se estivesse com o seu corpo carnal, todos o veriam, como quando estava vivo. Ignorando a causa originária do fenômeno das aparições, seus discípulos não se apercebiam dessas particularidades, a que, provavelmente, não davam atenção. Desde que viam o Senhor e o tocavam, haviam de achar que aquele era o seu corpo ressuscitado (Cap. XIV, nº 14 e 35 a 38).

62. Do mesmo modo que a descrença rejeita todos os fatos que Jesus produziu — por terem uma aparência sobrenatural — e sem exceção os considera lendários, o Espiritismo dá explicação natural à maior parte desses fatos. Prova a possibilidade deles, não só pela teoria das leis fluídicas, como pela identidade que apresentam com fatos iguais produzidos por uma imensidade de pessoas nas mais vulgares condições. Por tais fatos serem de certo modo do domínio público, eles nada provam, em princípio, com relação à natureza excepcional de Jesus.¹⁸²

¹⁸² Os inúmeros fatos contemporâneos de curas, aparições, possessões, dupla vista e outros, que se encontram relatados na "REVISTA ESPÍRITA" e lembrados nas observações acima, oferecem, até quanto aos pormenores, tão flagrante analogia com os

63. O maior milagre que Jesus operou — e o que verdadeiramente atesta a sua superioridade — foi a revolução que seus ensinamentos produziram no mundo, apesar da simplicidade dos seus meios de ação.

De fato, Jesus — obscuro, pobre, nascido na mais humilde condição, no seio de um povo pequenino, quase ignorado e sem preponderância política, artística ou literária — pregou a sua doutrina apenas durante três anos; em todo esse curto espaço de tempo é desatendido e perseguido pelos seus concidadãos; vê-se obrigado a fugir para não ser apedrejado; é traído por um de seus apóstolos, renegado por outro, abandonado por todos no momento em que cai nas mãos de seus inimigos. Só fazia o bem e isso não o punha ao abrigo da malevolência, que dos próprios serviços que ele prestava tirava motivos para acusá-lo. Condenado ao suplício que só era infligido aos criminosos, morre ignorado do mundo, visto que a História daquela época nada diz a seu respeito¹⁸³. Ele nada escreveu; entretanto, ajudado por alguns homens tão obscuros quanto Ele, sua palavra bastou para regenerar o mundo; sua doutrina matou o paganismo onipotente e se tornou o facho da civilização. Tinha contra si tudo o que causa o insucesso das obras dos homens, razão por que dizemos que o triunfo alcançado pela sua doutrina foi o maior dos seus milagres, ao mesmo tempo em que prova que é divina a sua missão. Se, em vez de princípios sociais e regeneradores, fundados sobre o futuro espiritual do homem, ele apenas tivesse deixado à posteridade alguns fatos maravilhosos, talvez hoje mal o conhecessem de nome.

DESAPARECIMENTO DO CORPO DE JESUS

64. O desaparecimento do corpo de Jesus após sua morte tem sido objeto de inúmeros comentários. Atestam-no os quatro evangelistas, baseados nas narrativas das mulheres que foram ao sepulcro no terceiro dia depois da crucificação e lá não o encontraram. Nesse desaparecimento, alguns viram um fato milagroso, atribuindo-o outros a uma subtração clandestina.

Segundo outra opinião, Jesus não teria tido um corpo carnal, mas apenas um corpo fluídico; não teria sido, em toda a sua vida, mais do que uma aparição tangível; numa palavra: uma espécie de agêner. Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais de sua vida teriam sido apenas aparentes. Assim foi que — como dizem — seu corpo, voltado ao estado fluídico, pode desaparecer do sepulcro e com esse mesmo corpo é que ele teria se mostrado depois de sua morte.

É fora de dúvida que semelhante fato não se pode considerar radicalmente impossível, dentro do que hoje se sabe acerca das propriedades dos fluidos; mas, pelo menos, seria inteiramente excepcional e em formal

que o Evangelho narra, que ressalta evidente a identidade dos efeitos e das causas. Não se compreende que o mesmo fato tivesse hoje uma causa natural e que essa causa fosse sobrenatural outrora; diabólica com uns e divina com outros. Se fosse possível pô-los aqui em confronto uns com os outros, a comparação se tornaria mais fácil; porém, o número deles e os desenvolvimentos que a narrativa reclamaria não o permitem -- N. K.

¹⁸³ Unicamente quem fala dele é o historiador judeu **Flávio Josefo**, que, aliás, diz pouquíssima coisa.

oposição ao caráter dos agêneres (Cap. XIV, nº 36). Trata-se, pois, de sabermos se tal hipótese é admissível, se os fatos a confirmam ou contradizem.

65. A permanência de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até o nascimento, fora o que se passou com sua mãe¹⁸⁴, tudo se passa como nas condições normais da vida.¹⁸⁵ Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo, em seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, revela as qualidades inconfundíveis de quem teve corpo humano normal. Os fenômenos de ordem psíquica que nele se produzem são acidentais e nada têm de anormais, pois que se explicam pelas propriedades do perispírito e se dão, em graus diferentes, noutros indivíduos. Depois de sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico. É tão marcada a diferença entre os dois estados, que não podem ser confundidos.

O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita, propriedades que diferem essencialmente das propriedades dos fluidos etéreos; naquela, a desorganização se opera pela ruptura da coesão molecular. Ao penetrar no corpo material, um instrumento cortante lhe divide os tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atacados, cessa-lhes o funcionamento e sobrevém a morte, isto é, a do corpo. Não existindo nos corpos fluídicos essa coesão, a vida aí já não repousa no jogo de órgãos especiais e não se podem produzir desordens iguais àquelas. Um instrumento cortante ou outro qualquer penetra num corpo fluídico como se penetrasse numa massa de vapor, sem lhe ocasionar qualquer lesão. Tal a razão por que os corpos dessa espécie **não podem morrer** e por que os seres fluídicos — designados pelo nome de **agêneres** — não podem ser mortos. Após o suplício de Jesus, seu corpo se conservou inerte e sem vida; foi sepultado comumente como os corpos são e todos o puderam ver e tocar.

Após a sua ressurreição, quando quis deixar a Terra, não morreu de novo; seu corpo se elevou, desvaneceu e desapareceu, sem deixar qualquer vestígio, prova evidente de que aquele corpo era de natureza diferente da do que pereceu na cruz; com o que obrigatoriamente concluímos que, se foi possível que Jesus morresse, é que o seu corpo era carnal.

Por virtude das suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas, que repercutem no centro sensitivo ou Espírito. Quem sofre não é o corpo, é o Espírito recebendo o contragolpe das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Num corpo sem Espírito, absolutamente a sensação é nula. Pela mesma razão, o Espírito não pode experimentar os sofrimentos sem corpo material, visto que estes resultam da alteração da matéria, donde também forçoso é concluirmos que, se Jesus sofreu materialmente — do que não se pode duvidar — é que ele tinha um corpo material de natureza semelhante ao de todo mundo.

¹⁸⁴ Que ficou grávida em condição extraordinária — N. E.

¹⁸⁵ Não estamos falando do mistério da encarnação, com o qual não temos que nos ocupar aqui e que será examinado posteriormente — N. K.

66. Aos fatos materiais juntamos fortíssimas considerações morais.

Se, durante a sua vida, as condições de Jesus fossem as dos seres fluídicos, ele não teria experimentado nem a dor, nem as necessidades do corpo. Supor que assim tenha sido é tirar dele o mérito da vida de privações e de sofrimentos que escolhera — como exemplo de resignação. Se tudo nele fosse aparente, todos os atos de sua vida (a reiterada predição de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para que lhe afastasse dos lábios o cálice de amarguras, sua paixão, sua agonia, tudo, até ao último brado, no momento de entregar o Espírito) não teria passado de vão simulação para enganar com relação à sua natureza e fazer crer num sacrifício ilusório de sua vida — uma comédia indigna de um homem simplesmente honesto, indigna, portanto, e com mais forte razão de um ser tão superior. Numa palavra: ele teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais as consequências lógicas desse sistema — consequências inadmissíveis, aliás — porque o rebaixariam moralmente, em vez de o elevarem.

Então, como todo homem, Jesus teve um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que marcaram a sua existência.

67. Essa ideia sobre a natureza do corpo de Jesus não é nova. No quarto século, Apolinário, de Laodiceia (chefe da seita dos *apolinaristas*) pretendia que Jesus não tomou um corpo como o nosso, mas um corpo **impassível**, que havia descido do céu ao ventre da santa virgem e que não havia nascido dela; que, assim, Jesus não nasceu, nem sofreu e nem morreu, a não ser em **aparência**. Os apolinaristas foram amaldiçoados no concílio de Alexandria, em 360; no de Roma, em 374; e no de Constantinopla, em 381.

Era a mesma crença dos **Docetas** (do grego *dokein*, *aparecer*), seita numerosa dos **Gnósticos**, que subsistiu durante os três primeiros séculos.

AS PREDIÇÕES
SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XVI

TEORIA DA PRESCIÊNCIA

1. Como é possível o conhecimento do futuro? É compreensível a possibilidade da previsão dos acontecimentos que devam resultar do estado presente; porém, não a dos fatos que não guardem nenhuma relação com esse estado, nem ainda menos a dos que são comumente atribuídos ao acaso. Não existem as coisas futuras — dizem; elas ainda se encontram no nada; como então há de sabermos que elas acontecerão? No entanto, são incontáveis os casos de predições realizadas, o torna obrigatória a conclusão de que ocorre aí um fenômeno para cuja explicação falta a chave, pois não há efeito sem causa. É essa causa que vamos tentar descobrir e é o Espiritismo — que por si mesmo é a chave de tantos mistérios — que também nos fornece esta causa, mostrando-nos ainda que o próprio fato das predições não se produz fora das leis naturais.

Tomemos para comparação um exemplo nas coisas usuais. Ele nos ajudará a compreender o princípio que teremos de desenvolver.

2. Suponhamos um homem colocado no cume de uma montanha alta, a observar a vasta extensão da planície ao redor. Nessa situação, o espaço de uma légua será pouca coisa para ele, que poderá facilmente apanhar de um só golpe de vista todos os acidentes do terreno, de um extremo a outro da estrada que esteja diante dos seus olhos. O viajante que pela primeira vez percorra essa estrada sabe que, caminhando, chegará ao fim dela. Isso é uma simples previsão da consequência que terá a sua marcha. Entretanto, os acidentes do terreno, as subidas e descidas, os cursos d'água que terá de transpor, os bosques que tenha de atravessar, os precipícios em que poderá cair, as casas hospitaleiras onde lhe será possível repousar, os ladrões que o espreitem para roubá-lo, tudo isso independe da sua pessoa; é para ele o desconhecido, o futuro, porque a sua vista não vai além da pequena área que o cerca. Quanto à duração, ele a mede pelo tempo que gasta em percorrer o caminho. Tirem dele os pontos de referência e a duração desaparecerá. Para o homem que está em cima da montanha e que o acompanha com o olhar, tudo aquilo está presente. Suponhamos que esse homem desce do seu ponto de observação e, indo ao encontro do viajante, lhe diz “Em tal momento, você encontrará tal coisa, será atacado e socorrido”, estará predizendo o futuro, mas, futuro para o viajante,

não para ele, autor da previsão, porque para ele esse futuro é presente.

3. Agora, se sairmos do âmbito das coisas puramente materiais e pelo pensamento entrarmos no domínio da vida espiritual, veremos o mesmo fenômeno se produzir em maior escala. Os Espíritos desmaterializados são como o homem da montanha; o espaço e a duração não existem para eles. Mas, a extensão e a penetração da vista são proporcionadas à qualidade deles e à elevação que alcançaram na hierarquia espiritual. Com relação aos Espíritos inferiores, aqueles são iguais homens munidos de possantes telescópios, ao lado de outros que apenas dispõem dos olhos. Nos Espíritos inferiores, a visão é limitada, não só porque eles dificilmente podem se afastar do globo a que se acham presos, como também porque a grosseria de seus perispíritos esconde deles as coisas distantes, do mesmo modo que um nevoeiro as oculta aos olhos do corpo.

Logo, bem compreendemos que, de acordo com o grau de sua perfeição, um Espírito possa alcançar um período de alguns anos, de alguns séculos, mesmo de muitos milhares de anos, porque, o que é um século em comparação ao infinito? Diante dele, os acontecimentos não se desenrolam sucessivamente, como os incidentes da estrada diante do viajor: ele vê simultaneamente o começo e o fim do período; todos os eventos que nesse período formem o futuro para o homem da Terra são o presente para ele, que poderia então vir nos dizer com certeza “Tal coisa acontecerá em tal época”, porque essa coisa ele vê como o homem da montanha vê o que espera o viajante no curso da viagem. Se assim não procede, é porque o conhecimento do futuro poderia ser prejudicial ao homem, conhecimento que lhe traria o livre-arbítrio e o paralisaria no trabalho que ele deve executar para o bem do seu progresso. Para o homem, o fato de se conservarem desconhecidos o bem e o mal que o homem há de encontrar é uma prova.

Se tal habilidade, ainda que limitada, se pode contar entre os atributos da criatura, em que grau de potencialidade não existirá no Criador, que abrange o infinito? Para o Criador, o tempo não existe: o princípio e o fim dos mundos lhe são o presente. Dentro desse panorama imenso, o que é a duração da vida de um homem, de uma geração ou de um povo?

4. Entretanto, como o homem tem de contribuir para o progresso geral, e como certos acontecimentos devem resultar da sua cooperação, pode ser conveniente que em casos especiais ele pressinta esses acontecimentos, a fim de lhes preparar o encaminhamento e de estar pronto a agir, quando a ocasião chegar. Por isso é que Deus às vezes permite que se levante uma ponta do véu; mas, sempre com fim útil, nunca para satisfação de vã curiosidade. Tal missão pode então ser conferida, não a todos os Espíritos — porque há muitos que do futuro não conhecem mais do que os homens — porém a alguns Espíritos bastante adiantados para desempenhá-la. Ora, é notável que as revelações dessa espécie são sempre feitas espontaneamente e jamais, ou pelo menos muito raramente, em resposta a uma pergunta direta.

5. Semelhante missão também pode ser confiada a certos homens, desta maneira:

Aquele a quem é dado — contra sua vontade e por inspiração dos Espíritos que a conhecem — o encargo de revelar uma coisa oculta, recebe a revelação dela e a transmite maquinalmente, sem se aperceber do que faz. Além disso, é sabido que, assim como durante o sono, como em estado de desperto, nos êxtases da dupla vista, a alma se desprende e adquire as aptidões do Espírito livre — em grau mais ou menos alto. Se for um Espírito adiantado e se, sobretudo, tiver recebido uma missão especial para esse efeito — como os profetas receberam —, obterá nos momentos de emancipação da alma a qualidade de abarcar, por si mesmo, um período mais ou menos extenso, e verá, como presente, os sucessos desse período. Pode então revelá-los no mesmo instante ou conservar lembrança deles ao despertar. Se os sucessos tenham de permanecer secretos, ele os esquecerá, ou apenas guardará uma vaga intuição do que lhe foi revelado, bastante para guiá-lo instintivamente.

6. É assim que em certas ocasiões essa capacidade se desenvolve providencialmente, na ameaça de perigos, nas grandes calamidades, nas revoluções, e é assim também que a maioria das seitas perseguidas adquire numerosos **videntes**. É ainda por isso que vemos os grandes capitães avançar corajosamente contra o inimigo, certos da vitória; que homens inteligentes, como, por exemplo, Cristóvão Colombo, caminham para uma meta, anunciando previamente, por assim dizer, o instante em que a alcançarão. É que eles viram essa meta, o que para seus Espíritos deixou de ser o desconhecido.

Pois nada tem de sobrenatural o dom da predição, mais do que uma imensidade de outros fenômenos. Ele se funda nas propriedades da alma e na lei das relações do mundo visível com o mundo invisível, que o Espiritismo veio tornar conhecidas.

A teoria da presciência talvez não resolva de modo absoluto todos os casos que se possam apresentar de revelação do futuro, mas não se pode deixar de convir em que estabelece o seu princípio fundamental.

7. Muitas vezes, as pessoas dotadas da faculdade de prever — seja no estado de êxtase, seja no de sonambulismo — veem os acontecimentos como que desenhados num quadro, o que também se poderia explicar pela fotografia do pensamento. O pensamento atravessando o espaço, como os sons atravessam o ar, um sucesso que esteja no dos Espíritos que trabalham para que ele se dê, ou no dos homens cujos atos devam provocá-lo, pode formar uma imagem para o vidente; mas, como a sua realização pode ser apressada ou retardada por um concurso de circunstâncias, este último vê o fato, mas sem poder determinar o momento em que se dará. Não raro acontece que aquele pensamento não passa de um projeto, de um desejo, que se não concretizem em realidade, donde os frequentes erros de fato e de data nas previsões (Cap. XIV, nº 13 e seguintes).

8. Para compreendermos as coisas espirituais, isto é, para fazermos uma ideia

tão clara delas como a que fazemos de uma paisagem que tenhamos ante os olhos, falta-nos em verdade um sentido, exatamente como ao cego de nascença falta a visão que lhe permita compreender os efeitos da luz e das cores sem o contato. Daí se segue que somente por esforço da imaginação e por meio de comparações com coisas materiais que nos sejam familiares chegamos a consegui-lo. Contudo, as coisas materiais não nos podem dar entendimento das coisas espirituais senão ideias muito imperfeitas, razão por que não devemos levar essas comparações ao pé da letra e crer, por exemplo, que a extensão das faculdades perceptivas dos Espíritos depende da efetiva elevação deles, nem que eles precisem estar em cima de uma montanha ou acima das nuvens para abrangerem o tempo e o espaço.

Tal capacidade é relativa ao estado de sua espiritualização, ou se o preferirem, de desmaterialização. Isto quer dizer que a espiritualização produz um efeito que se pode comparar — se bem muito imperfeitamente — ao da visão de conjunto que o homem tem colocado sobre a montanha. Esta comparação objetivava simplesmente mostrar que acontecimentos pertencentes ainda, para uns, ao futuro, estão, para outros, ao presente e podem assim ser preditos, o que não implica que o efeito se produza de igual maneira.

Portanto, para gozar dessa percepção, o Espírito não precisa se transportar a um ponto qualquer do espaço. Pode possuí-la em toda a sua plenitude aquele que na Terra se acha ao nosso lado, tanto quanto se achasse a mil léguas de distância, ao passo que nós nada vemos além do nosso horizonte visual. Como a visão nos Espíritos não se opera do mesmo modo, nem com os mesmos elementos que no homem, muito diverso é o horizonte visual dos primeiros. Ora, é precisamente esse o sentido que nos falta para o concebermos. **Em comparação com o encarnado, Espírito é como o vidente ao lado do cego.**

9. Além disso, devemos ponderar que essa percepção não se limita ao que diz respeito à extensão; que ela abrange a penetração de todas as coisas. Repetimos: é uma faculdade natural e proporcionada ao estado de desmaterialização. A encarnação a limita, mas sem a anular completamente, porque a alma não fica restringida no corpo como numa caixa. O encarnado a possui, embora sempre em grau menor do que quando se acha completamente desprendido; é o que confere a certos homens um poder de penetração que falta a outros inteiramente; quanto maior for a qualidade de visão moral, mais fácil será a compreensão das coisas extramateriais.

O Espírito encarnado não somente percebe, como também se lembra do que viu no estado de Espírito livre e essa lembrança é como um quadro que se desenha na sua mente. Na encarnação, ele vê, mas vagamente — como através de um véu; no estado de liberdade, vê e concebe claramente. **O princípio da visão não está no seu exterior, está nele;** essa a razão por que não precisa da luz exterior. Por efeito do desenvolvimento moral, o círculo das ideias e da concepção se alarga; por efeito da desmaterialização gradual do

perispírito, este se purifica dos elementos grosseiros que lhe alteravam a delicadeza das percepções, o que torna fácil compreendermos que a ampliação de todas as capacidades acompanha o progresso do Espírito.

10. O grau da extensão das capacidades do Espírito é que o torna mais ou menos apto a conceber as coisas espirituais durante a encarnação. Entretanto, essa aptidão não é exemplo obrigatório do desenvolvimento da inteligência; a ciência comum não dá essa capacidade, tanto assim que há homens de grande sabedoria tão cegos para as coisas espirituais, quanto outros são para as coisas materiais; são-lhes refratários, porque não as compreendem, o que significa que **ainda** não progrediram em tal sentido, ao passo que outros — de instrução e inteligência comuns — as absorvem com a maior facilidade, o que prova que já tinham uma intuição prévia de tais coisas. Para estes, é uma lembrança retrospectiva do que viram e souberam — seja na erraticidade, seja em suas existências anteriores, como alguns têm a intuição das línguas e das ciências de que já conheceram antes.

11. Quanto ao futuro do Espiritismo, como já sabemos, os Espíritos são unânimes em afirmar o seu triunfo próximo, apesar dos obstáculos que lhe criem. Essa previsão é fácil para eles porque primeiramente a sua propagação é obra pessoal deles: contribuindo para o movimento, ou dirigindo-o, eles naturalmente sabem o que devem fazer; em segundo lugar, basta-lhes entrever um período de curta duração: veem nesse período, ao longo do caminho, os poderosos auxiliares que Deus lhe promove e que não tardarão a se manifestar.

Transportem-se os espíritas — embora não sejam Espíritos desencarnados — a trinta anos apenas para diante, ao meio da geração que surge; daí considerem o que se passa hoje com o Espiritismo; acompanhem sua marcha progressiva e verão se consumir em vãos esforços os que se creem destinados a derrotá-lo. Verão que pouco a pouco esses tais desaparecem de cena e que, paralelamente, a árvore cresce e alonga cada dia mais as suas raízes.

12. Na maioria das vezes, os acontecimentos comuns da vida privada são consequência da maneira de cada um proceder: de acordo com as suas capacidades, com a sua habilidade, com a sua perseverança, prudência e energia, este terá êxito naquilo em que outro verá todos os seus esforços fracassados, por efeito da sua inaptidão, de sorte que se pode dizer que cada um é o autor do seu próprio futuro — futuro que jamais se encontra sujeito a uma cega fatalidade, independente da sua personalidade. Conhecendo-se o caráter de um indivíduo, facilmente se pode predizer sua sorte que o espera no caminho por onde ele tenha entrado.

13. Os acontecimentos que envolvem interesses gerais da Humanidade são regulados pela Providência Divina. Quando uma coisa está nos desígnios de Deus, ela se cumpre apesar de tudo — ou por um meio, ou por outro. Os homens contribuem para que ela se execute; porém, nenhum é indispensável,

pois do contrário, o próprio Deus estaria à mercê das suas criaturas. Se faltar aquele a quem caiba a missão de executá-la, outro será encarregado dela. Não há missão fatal; o homem tem sempre a liberdade de cumprir ou não a que lhe foi confiada e que ele voluntariamente aceitou. Se não o faz, perde os benefícios que daí lhe resultariam e assume a responsabilidade dos atrasos que possam resultar da sua negligência ou da sua má vontade. Caso se torne um obstáculo a que ela se cumpra, cabe a Deus afastá-lo com um sopro.

14. Portanto, pode ser certo o resultado final de um acontecimento, por este estar nos desígnios de Deus; como, porém, quase sempre os pormenores e o modo de execução se encontram subordinados às circunstâncias e ao livre-arbítrio dos homens, as sendas e os meios podem ser eventuais. Está nas possibilidades dos Espíritos nos prevenirem do conjunto, se for conveniente sermos avisados; mas, para determinarem lugar e data, seria preciso que conhecessem previamente a decisão que este ou aquele indivíduo tomará. Ora, se essa decisão ainda não lhe estiver na mente, tal como ela venha a ser, poderá apressar ou demorar a realização do fato, modificar os meios auxiliares de ação, embora o mesmo resultado chegue sempre a se produzir. É assim, por exemplo, que, pelo conjunto das circunstâncias, os Espíritos podem prever que uma guerra se acha mais ou menos próxima, que é inevitável, sem, contudo, poderem predizer o dia em que começará, nem os incidentes detalhados que possam ser modificados pela vontade dos homens.

15. Para determinação da época dos acontecimentos futuros, será preciso ainda que se leve em conta uma circunstância pertencente à natureza mesma dos Espíritos.

Assim como o espaço, o tempo só pode ser avaliado com o auxílio de pontos de referências que o dividam em períodos que se contem. Na Terra, a divisão natural do tempo em dias e anos é marcada pelo nascer e o pôr do Sol, assim como a duração do movimento de translação do planeta terreno. As unidades de medida do tempo necessariamente variam conforme os mundos, pois que os períodos astronômicos são diferentes. Assim, por exemplo, em Júpiter, os dias equivalem a dez das horas terrestres e os anos a mais de doze anos nossos. Pois, para cada mundo há um modo diferente de se computar a duração — de acordo com a natureza das revoluções astrais que nele se efetuam. Já haverá aí uma dificuldade para que Espíritos que não conheçam o nosso mundo determinem datas com relação a nós. Além disso, fora dos mundos, não existem tais meios de apreciação. Para um Espírito, no espaço, não há levantar nem pôr de Sol a marcar os dias, nem revolução periódica a marcar os anos; só há para ele a duração e o espaço infinitos (Cap. VI, nº 1 e seguintes). Portanto, aquele que jamais tivesse vindo à Terra não possuiria nenhum conhecimento dos nossos cálculos que, aliás, lhe seriam completamente inúteis. Mais ainda: aquele que jamais houvesse encarnado em nenhum mundo, nenhuma noção teria das frações da duração. Quando um Espírito estranho à Terra vem aqui se manifestar, não pode assinar datas aos acontecimentos,

senão identificando-se com os nossos usos; ora, isso sem dúvida lhe é possível, porém, as mais das vezes, ele não vê nenhuma utilidade nessa identificação.

16. Os Espíritos, que formam a população invisível do nosso globo — onde eles já viveram e onde continuam a interferir na nossa vida — estão naturalmente identificados com os nossos hábitos — hábitos esses que eles conservam lembrança, na erraticidade. Por isso, com maior facilidade eles poderão determinar datas aos acontecimentos futuros, desde que saibam desses fatos; mas, além disso, nem sempre isso é permitido e eles se veem impedidos pela razão de que, sempre que as circunstâncias de detalhes estão subordinadas ao livre-arbítrio e à decisão eventual do homem, não existe nenhuma data precisa realmente, senão depois que o acontecimento tenha ocorrido.

Eis aí por que as previsões circunstanciadas não podem apresentar cunho de certeza e devem ser acolhidas somente como prováveis, mesmo que não tragam sinais que as torne **legitimamente suspeitas**. Por isso mesmo, os Espíritos verdadeiramente ponderados nada nunca predizem para épocas determinadas, limitando-se a nos prevenir do seguimento das coisas que seja conveniente conhecermos. Insistir para obter informações precisas é se expor às mistificações dos Espíritos levianos que predizem tudo o que se queira, sem se preocuparem com a verdade, divertindo-se com os terrores e as decepções que causem.

17. A forma geralmente empregada até agora nas predições faz delas verdadeiros enigmas, as mais das vezes indecifráveis. Essa forma misteriosa e cabalística — de que Nostradamus¹⁸⁶ nos oferece o tipo mais completo — lhes dá certo prestígio perante o ignorante, que lhes atribui maior valor, quanto mais se mostrem incompreensíveis. Pela sua falta de exatidão, elas geram interpretações muito diferentes, de tal modo que — conforme o sentido que se atribua a certas palavras alegóricas ou convencionais, conforme a maneira por que se efetue o cálculo, singularmente complicado, das datas e, com um pouco de boa vontade — nelas se encontra quase tudo o que se queira.

Seja como for, não podemos deixar de convir que algumas apresentam caráter sério e confundem pela sua veracidade. É provável que, em certo tempo, a forma velada tenha tido sua razão de ser e mesmo sua necessidade.

Hoje, as circunstâncias são outras; o positivismo do século se daria mal com a linguagem enigmática. Daí vem que presentemente as predições já não se revestem dessas formas estranhas; as profecias que os Espíritos fazem nada têm de místicas; eles usam a linguagem de todo o mundo, como teriam feito quando vivos na Terra, porque não deixaram de pertencer à Humanidade. Quando necessário, eles nos avisam das coisas futuras — pessoais ou gerais — na medida da habilidade de que são dotados, como fariam conselheiros e amigos. Pois, suas previsões são antes mais advertências do que predições propriamente ditas, as quais sugeririam uma fatalidade absoluta. Além disso, quase sempre motivam a opinião que manifestam, por não quererem que o

¹⁸⁶ Michel de Nostradame (1503-1566): médico francês que ficou famoso por suas previsões -- N. E.

homem anule a sua razão sob uma fé cega e desejarem que este último lhe aprecie a exatidão.

18. A Humanidade contemporânea também conta seus profetas. Mais de um escritor, poeta, literato, historiador ou filósofo têm traçado, em seus escritos, a marcha futura de acontecimentos a cuja realização agora assistimos.

Essa aptidão, sem dúvida, decorre muitas vezes da retidão do juízo, no fato de deduzir as consequências lógicas do presente; mas, de outras vezes, também resulta de uma especial clarividência inconsciente, ou de uma inspiração vinda do exterior. O que tais homens fizeram quando vivos, com razão mais forte e maior exatidão, podem fazer no estado de Espíritos livres, quando não têm a visão espiritual obscurecida pela matéria.

CAPÍTULO XVII

PREDIÇÕES DO EVANGELHO

- NINGUÉM É PROFETA EM SUA TERRA
- MORTE E PAIXÃO DE JESUS
- PERSEGUIÇÃO AOS APÓSTOLOS
- CIDADES IMPENITENTES
- RUÍNA DO TEMPLO E DE JERUSALÉM
- MALDIÇÃO CONTRA OS FARISEUS
- MINHAS PALAVRAS NÃO PASSARÃO
- A PEDRA ANGULAR
- PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS
- UM SÓ REBANHO E SÓ PASTOR
- ADVENTO DE ELIAS
- ANUNCIAÇÃO DO CONSOLADOR
- SEGUNDO ADVENTO DO CRISTO
- SINAIS PRECURSORES
- VOSSOS FILHOS E VOSSAS FILHAS PROFETIZARÃO
- JUÍZO FINAL

NINGUÉM É PROFETA EM SUA TERRA

1. Tendo vindo à sua terra natal, instruía-os nas sinagogas, de sorte que, tomados de espanto, diziam: "Donde lhe vieram essa sabedoria e esses milagres? Este não é o filho daquele carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria, e não são seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? Suas irmãs não se acham todas entre nós? Donde então lhe vêm todas essas coisas?" E assim faziam dele objeto de escândalo. Mas, Jesus lhes disse: ***"Um profeta só não é honrado em sua terra e na sua casa."*** E não fez muitos milagres lá devido à descrença deles (Mateus, 13:54-58).

2. Jesus enunciou dessa forma uma verdade que se tornou provérbio, que é de todos os tempos e à qual se poderia dar maior amplitude, dizendo que **ninguém é profeta em vida.**

Na linguagem usual, essa frase se aplica ao crédito de que alguém goza entre os seus conhecidos e entre aqueles com quem se vive, à confiança que lhes inspira pela superioridade do saber e da inteligência. Se ela sofre exceções, elas são raras e, em nenhum caso, absolutas. O princípio de tal verdade está

numa consequência natural da fraqueza humana e pode ser explicado deste modo:

O hábito de se verem desde a infância, em todas as circunstâncias comuns da vida, estabelece entre os homens uma espécie de igualdade material que muitas vezes faz que a maioria deles se negue a reconhecer superioridade moral em alguém de quem foram companheiros ou colegas, que saiu do mesmo meio que eles e cujas primeiras fraquezas todos testemunharam. Sofre-lhes o orgulho com o fato de terem de reconhecer a superioridade do outro. Quem quer que se eleve acima do nível comum está sempre em luta com o ciúme e a inveja. Os que se sentem incapazes de chegar à altura em que aquele se encontra esforçam-se para rebaixá-lo, por meio da difamação, da maledicência e da calúnia; quanto menores se acham, tanto mais forte gritam, crendo que engrandecem a si e rebaixam o outro pelo arruído que promovem. Tal foi e será a História da Humanidade, enquanto os homens não tiverem compreendido a sua natureza espiritual e alargado seu horizonte moral. Por aí se vê que semelhante preconceito é próprio dos Espíritos acanhados e vulgares, que tomam suas personalidades por ponto de medida de tudo.

De outro lado, todo mundo em geral faz dos homens apenas conhecidos pelo espírito um ideal que cresce à medida que os tempos e os lugares se vão distanciando. Eles são como que despojados de todo cunho de humanidade; parece que não devem ter falado, nem sentido como os demais; que a linguagem de que usaram e seus pensamentos não de ter ressoado constantemente no padrão da sublimidade, sem se lembrarem — os que tal imaginam — que o espírito não poderia permanecer constantemente em estado de tensão e de perpétua superexcitação. No contato da vida privada, vê-se claramente que o homem material não se diferencia do ignorante em nada. O homem corporal — que os sentidos humanos percebem — quase que apaga o homem espiritual — do qual somente o Espírito se percebe. **De longe, vemos apenas os relâmpagos do gênio; de perto, vemos as paradas do Espírito.**

Depois da morte, quando nenhuma comparação é mais possível, subsiste unicamente o homem espiritual e tanto maior parece, quanto mais distante se torna a lembrança do homem corporal. É por isso que aqueles que marcaram sua passagem na Terra com obras de real valor são mais apreciados depois de mortos do que quando vivos. São julgados com mais imparcialidade, porque, já tendo desaparecido os invejosos e os ciosos, cessaram as inimizades pessoais. A posteridade é juiz desinteressado no ato de apreciar a obra do Espírito; aceita-a sem entusiasmo cego — se é boa, e a rejeita sem rancor, se é má, desconsiderando a individualidade que a produziu.

Jesus muito menos podia escapar das consequências deste princípio inerente à natureza humana, quanto pouco esclarecido era o meio em que ele vivia — meio esse constituído de criaturas votadas inteiramente à vida material. Nele, seus compatriotas apenas viam o filho do carpinteiro, o irmão de homens tão ignorantes quanto ele e, assim sendo, não percebiam o que lhe dava superioridade e o investia do direito de censurá-los. Verificando então que a sua palavra tinha menos autoridade sobre os seus — que o desprezavam — do

que sobre os estranhos, preferiu ir pregar para os que o escutavam e aos quais inspirava simpatia.

Podemos fazer ideia dos sentimentos que nutriam para com ele os que lhe eram aparentados, pelo fato de que seus próprios irmãos, acompanhados de sua mãe, foram a uma reunião onde ele se encontrava, para *se apoderarem* dele, dizendo que *havia perdido o juízo* (Marcos, 3:20-21 e 31 a 35 – O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, cap. XIV).

Assim, de um lado, os sacerdotes e os fariseus o acusavam de obrar pelo demônio; de outro, era tachado de louco pelos seus parentes mais próximos. Não é o que se dá em nossos dias com relação aos espíritas? E estes deverão se queixar de que os seus concidadãos não os tratem melhor do que os contemporâneos de Jesus o tratavam? O que há de estranhável é que, no Século XIX e no meio de nações civilizadas, ocorra o que há dois mil anos nada tinha de espantoso, por parte de um povo ignorante.

MORTE E PAIXÃO DE JESUS

3. (Após a cura do lunático) Todos ficaram admirados do grande poder de Deus. E, estando todos presos de admiração pelo que Jesus fazia, ele disse a seus discípulos: ***"Guardem bem nos corações o que vou lhes dizer: O Filho do homem tem que ser entregue às mãos dos homens."*** Eles, porém, não entendiam essa linguagem; para eles, ela era de tal modo oculta que nada compreendiam daquilo e até temiam interrogá-lo a respeito. (Lucas, 9:44-45).

4. A partir de então, Jesus começou a revelar a seus discípulos que tinha de ir a Jerusalém; que aí tinha de sofrer muito da parte dos senadores, dos escribas e dos príncipes dos sacerdotes; que tinha de ser morto e de ressuscitar ao terceiro dia (Mateus, 16:21).

5. Estando na Galileia, Jesus disse: ***"O Filho do homem tem que ser entregue às mãos dos homens; estes lhe darão morte e ele ressuscitará ao terceiro dia."*** — o que os afligiu extremamente (Mateus, 17:21-22).

6. Ora, Jesus indo a Jerusalém, chamou seus doze discípulos em particular e disse a eles: ***"Vamos para Jerusalém e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, que o condenarão à morte; e o entregarão aos gentios, a fim de que o ditem com zombarias, o açoitem e crucifiquem; e ele ressuscitará ao terceiro dia."*** (Mateus, 20:17 a 19)

7. Em seguida, em particular com os doze apóstolos, disse-lhes Jesus: ***"Eis que vamos a Jerusalém e tudo o que os profetas escreveram acerca do Filho do homem vai se cumprir; porque ele será entregue aos gentios, zombarão dele e o açoitarão e lhe escarrarão no rosto. Depois que o tiverem açoitado, eles o matarão e ele ressuscitará ao terceiro dia."***

Mas, eles nada compreenderam de tudo isso; aquela linguagem lhes era oculta e não entendiam o que ele lhes dizia (Lucas, 18:31 a 34).

8. Ora, tendo concluído todos esses discursos, Jesus disse a seus discípulos: ***"Sabem que a Páscoa se fará daqui a dois dias e que o Filho do homem será entregue para ser crucificado."***

Ao mesmo tempo, os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram na corte do sumo-sacerdote, chamado Caifás, e se puseram a debater mutuamente, à procura de um meio de se apoderarem habilmente de Jesus e de fazê-lo morrer. Diziam: "É absolutamente necessário que não seja durante a festa, para que não se levante qualquer tumulto no seio do povo." (Mateus, 26:1 a 5)

9. No mesmo dia, alguns fariseus vieram dizer-lhe: "Vai-te, sai deste lugar, pois Herodes quer te matar." Ele respondeu: ***"Ide dizer a essa raposa: Ainda tenho que expulsar os demônios e restituir a saúde aos doentes, hoje e amanhã; no terceiro dia, serei consumado."*** (Lucas, 13:31-32).

PERSEGUIÇÃO AOS APÓSTOLOS

10. ***"Previnam-se dos homens, pois eles lhes farão comparecer nas suas assembleias, e lhes farão açoitar nas suas sinagogas; e por minha causa serão apresentados aos governadores e aos reis, para lhes servir de testemunhas, bem como às nações."*** (Mateus, 10:17 e 18)

11. ***"Eles lhes expulsarão das sinagogas e vem o tempo em que aquele que lhes fizer morrer julgará fazer coisa agradável a Deus. Tratarão vocês desse modo, porque não conhecem nem a meu Pai, nem a mim. Ora, digo estas coisas a vocês a fim de que, quando tiver chegado o tempo, lembrem-se de que eu lhes disse isso."*** (João, 16:1 a 4)

12. ***"Vocês serão traídos e entregues aos magistrados por seus pais e mães, por seus irmãos, por seus parentes e por amigos e darão morte a muitos de vocês. Serão odiados por todo mundo, por causa de meu nome. Entretanto, não se perderá um só cabelo de sua cabeça. Pela paciência é que possuirão suas almas."*** (Lucas, 21:16 a 19)

13. (Martírio de S. Pedro) ***"Na verdade, eu digo a vocês que, quando eram mais moços, vocês se vestiam a vós mesmos e iam onde queriam; mas quando forem velhos, estenderão as mãos e outro os vestirá e conduzirá aonde não quiserão ir."*** Ora, Ele dizia isso para assinalar por qual morte Pedro havia de glorificar a Deus. (João, 21:18-19)

CIDADES IMPENITENTES

14. Começou então a censurar as cidades onde fizera muitos milagres, por não terem feito penitência:

"Ai de ti, Corozaim, ai de ti Betsaida, porque, se os milagres que foram feitos dentro de vocês tivessem sido feitos em Tiro e em Sídon, há muito tempo elas teriam feito penitência com saco e cinzas. Declaro a vocês por isso que, no dia do juízo, Tiro e Sídon serão tratadas menos

rigorosamente do que vocês.

"E tu, Cafarnaum, sempre ficará elevada até o céu? Será abaixada até o fundo do inferno, porque se os milagres que foram feitos dentro de ti tivessem sido feitos em Sodoma, esta ainda talvez sobrevivido hoje. Declaro-te por isso que, no dia do julgamento, o país de Sodoma será tratado menos rigorosamente do que tu." (Mateus, 11:20 a 24)

RUÍNA DO TEMPLO E DE JERUSALÉM

15. Quando Jesus saiu do templo para ir embora, seus discípulos se acercaram dele para lhe fazerem notar a estrutura e a grandeza daquele edifício. Ele, porém, lhes disse: *"Estão vendo todas estas construções? Digo a vocês que, na verdade, serão de tal maneira destruídas, que não ficará pedra sobre pedra."* (Mateus, 24:1-2)

16. Em seguida, tendo chegado perto de Jerusalém, contemplando a cidade, ele chorou por ela, dizendo: *"Ah! Se ao menos neste dia que ainda te é concedido, reconhecesse Aquele que pode te proporcionar paz! Mas, agora, tudo isto se acha oculto aos teus olhos. Pois, virá para ti, desgraçada, o tempo em que teus inimigos te cercarão de trincheiras, te encerrarão e apertarão de todos os lados; em que te deitarão por terra, a ti e aos teus filhos que estão dentro de ti, e não te deixarão pedra sobre pedra, porque não reconheceste o tempo em que Deus te visitou."* (Lucas, 19:41 a 44)

17. *"Entretanto, é preciso que eu continue a andar hoje e amanhã e o dia seguinte, porque é necessário que nenhum profeta sofra morte noutra parte, que não em Jerusalém."*

"Jerusalém, Jerusalém! Que mata os profetas e apedreja os que te são enviados, quantas vezes hei querido reunir teus filhos, como uma galinha reúne seus pintainhos sob as asas, e você não quis! Aproxima-se o tempo em que sua casa ficará deserta. Ora, eu, em verdade, digo a vocês que de agora em diante não me tornarão a ver, até que digam: Bendito seja o que vem em nome do Senhor." (Lucas, 13:33 a 35)

18. *"Quando virem um exército cercando Jerusalém, saibam que está próxima a sua destruição. Fugam para as montanhas os que estiverem na Judéia, retirem-se os que estiverem dentro dela e nela não entrem os que estiverem na vizinha. Porque esses dias serão os da vingança, a fim de que se cumpra tudo o que está na Escritura. Ai das que estiverem grávidas nesses dias, visto que este país será acabrunhado de males e a cólera do céu cairá sobre este povo. Serão passados a fio de espada; serão levados em cativeiro para todas as nações e Jerusalém será calcada aos pés pelos gentios, até que tenha se preenchido o tempo das nações."* (Lucas, 21:20- 24)

19. (Jesus avançando para o suplício) Ora, acompanhava-o grande multidão de povo e de mulheres a bater nos peitos e a chorar. Jesus, então, voltando-se, disse: *"Filhas de Jerusalém, não chorem por mim; chorem antes por vocês mesmas e pelos seus filhos, pois virá tempo em que se dirá 'Felizes as estéreis, as entranhas que não geraram filhos e os seios que não*

amamentaram'. Todos se porão a dizer às montanhas 'Caí sobre nós!' e às colinas 'Cobram-nos!' Pois, se deste modo eles tratam o lenho verde, como será tratado o lenho seco?" (Lucas, 23:27 a 31)

20. A capacidade de pressentir as coisas futuras é um dos atributos da alma e é explicada pela teoria da presciência. Como todos os outros atributos, Jesus a possuía em grau eminente. Portanto, pôde prever os acontecimentos que se seguiriam à sua morte, sem que nesse fato algo haja de sobrenatural, pois que o vemos se reproduzir aos nossos olhos, nas mais comuns condições. Não é raro que indivíduos anunciem com precisão o instante em que morrerão; é que a alma deles, no estado de desprendimento, está como o homem da montanha (cap. XVI, nº 1): vê toda a estrada a ser percorrida e vê o seu término.

21. Tanto mais assim havia de ser com Jesus, que tinha consciência da missão que havia vindo desempenhar, quanto sabia que a morte no suplício fatalmente lhe seria a consequência. A visão espiritual — que era permanente nele, assim como a penetração do pensamento — haviam de lhe mostrar as circunstâncias e a época fatal. Pela mesma razão podia prever a ruína do Templo, a de Jerusalém, as desgraças que iam recair sobre seus habitantes e o derramamento dos judeus.

MALDIÇÃO CONTRA OS FARISEUS

22. (João Batista) Vendo muitos fariseus e saduceus que acorriam para ser batizados, ele lhes disse: *"Raça de víboras, quem lhes ensinou a fugir da cólera que há de cair sobre vocês? Produzam então dignos frutos de penitência; não pensem em dizer a si mesmos: 'Temos Abraão por pai', pois eu declaro a vocês que Deus pode fazer que destas próprias pedras nasçam filhos a Abraão. O machado já está posto à raiz das árvores e toda árvore que não der bons frutos será cortada e lançada ao fogo."* (Mateus, 3:7 a 10)

23. *"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, porque fecham o reino dos céus aos homens; lá não entram e ainda se opõem a que outros entrem!"*

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que, a pretexto das suas longas orações, devoram as casas das viúvas; por isso terão um julgamento mais rigoroso!"

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que percorrem o mar e a terra para fazer um seguidor e que, depois de o terem conseguido, o tornam duas vezes mais digno do inferno do que vocês mesmos!"

"Ai de vocês, condutores de cegos, que dizem: 'Se um homem jura pelo templo, isso nada vale; mas qualquer um quer que jure pelo ouro do templo, fica obrigado a cumprir o seu juramento!'. Insensatos e cegos que são! A qual se deve mais estimar: ao ouro, ou ao templo que santifica o ouro? Vocês dizem que se um homem jura pelo altar, isso nada vale; mas, aquele que jurar pelo dom que esteja sobre o altar fica obrigado a cumprir o seu juramento. Cegos que são! A qual se deve mais estimar, ao dom ou ao altar que santifica o dom? Pois aquele que jura pelo altar jura não só pelo

altar, como por tudo o que está sobre o altar; e aquele que jura pelo templo jura por aquele que o habita; e aquele que jura pelo céu jura pelo trono de Deus e por aquele que aí se assenta.

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que pagam o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e que têm abandonado o que há de mais importante na lei, a saber: a justiça, a misericórdia e a fé! Essas as coisas que devem praticar, sem, contudo, omitirem as outras. Guias cegos, que têm grande cuidado em coar o que bebem, por medo de engolir um mosquito, e que, no entanto, engolem um camelo!

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que limpam o copo e o prato por fora e que estão por dentro cheios de rapina e impureza! Fariseus cegos! Limpem primeiro o interior do copo e do prato, a fim de que também o exterior fique limpo.

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que se assemelham a sepulcros caiados, que por fora parecem belos aos olhos dos homens, mas que, por dentro, estão cheios de ossadas de mortos e de toda espécie de podridão! Assim, por fora parecem justos, enquanto que por dentro estão cheios de hipocrisia e de maldade.

"Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que levantam túmulos aos profetas e adornam os monumentos dos justos, e que dizem: 'Se existíssemos no tempo de nossos pais, não nos teríamos associado a eles para derramar o sangue dos profetas!' pois assim acabam de encher a medida de seus pais. Serpentes, raça de víboras! Como poderiam evitar a condenação ao inferno? Eis que vou enviá-los profetas, homens de sabedoria e escribas e matarão a uns, crucificarão a outros e a outros açoitarão nas suas sinagogas e os perseguirão de cidade em cidade, a fim de que recaia sobre vocês todo o sangue inocente que tem sido derramado na Terra, desde o sangue de Abel, o justo, até o de Zacarias, filho de Baraquias, que mataram entre o templo e o altar! Digo a vocês, na verdade, que tudo isso virá recair sobre esta raça que existe hoje." (Mateus, 23:13-36)

MINHAS PALAVRAS NÃO PASSARÃO

24. Então, aproximando-se dele, seus discípulos lhe disseram: "Sabes que, ouvindo o que acaba de dizer, os fariseus se escandalizaram?" Ele respondeu: *"Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada. Deixem a eles! São cegos a conduzir cegos; se um cego guia outro cego, ambos cairão no barranco."* (Mateus, 15:12 a 14)

25. *"O Céu e a Terra passarão, mas as minhas palavras não passarão."* (Mateus, 24:35)

26. As palavras de Jesus não passarão, porque serão verdadeiras em todos os tempos. Seu código de moral será eterno porque consagra as condições do bem que conduz o homem ao seu destino eterno. Mas, as suas palavras chegaram até nós puras de toda ninharia e de falsas interpretações? Será que todas as seitas cristãs absorveram seu significado? Nenhuma as terá desviado do verdadeiro sentido, em consequência dos preconceitos e da ignorância das leis da

Natureza? Nenhuma as transformou em instrumento de dominação, para servir às suas ambições e aos seus interesses materiais, em degrau, não para se elevar ao céu, mas para elevar-se na Terra? Será que todas têm adotado a prática das virtudes como regra de proceder — prática essa da qual fez Jesus condição expressa de salvação? Estarão todas isentas das denúncias que Ele dirigiu aos fariseus de seu tempo? Finalmente, assim em teoria, como na prática, todas serão expressão pura da sua doutrina?

Sendo uma só e única, a verdade não pode achar-se contida em afirmações contrárias e Jesus não pretendeu dar duplo sentido às suas palavras. Então, se as diferentes seitas se contradizem; se umas consideram verdadeiro o que outras condenam como heresias, é impossível que todas estejam com a verdade. Se todas tivessem apreendido o sentido verdadeiro do ensino evangélico, todas teriam se achado no mesmo terreno e não existiriam seitas.

O que **não passará** é o verdadeiro sentido das palavras de Jesus; o que **passará** é o que os homens construíram sobre o sentido falso que deram a essas mesmas palavras.

Tendo por missão transmitir aos homens o pensamento de Deus, somente a sua doutrina — **em toda a pureza** — pode exprimir esse pensamento. Por isso foi que ele disse: **Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada.**

A PEDRA ANGULAR

27. "Não leram jamais isto nas Escrituras: 'A pedra que os edificadores rejeitaram se tornou a principal pedra do ângulo'? Foi o que o Senhor fez e nossos olhos o veem com admiração. Por isso eu declaro a vocês que o reino de Deus lhes será tirado e será dado a um povo que dele tirará frutos. Aquele que se deixar cair sobre essa pedra se despedaçará e ela esmagará aquele sobre quem cair."

Tendo ouvido essas palavras de Jesus, os príncipes dos sacerdotes reconheceram que era deles que o mesmo Jesus falava. Quiseram então apoderar-se dele, mas tiveram medo do povo que o considerava um profeta. (Mateus, 21:42 a 46)

28. A palavra de Jesus se tornou a pedra angular, isto é, a pedra de consolidação do novo edifício da fé, erguido sobre as ruínas do antigo. Como os judeus, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus rejeitaram essa pedra, ela os esmagou do mesmo modo que esmagará os que depois a desconhecaram, ou que desviaram o seu sentido em prol de suas ambições.

PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS

29. "Havia um pai de família, que tinha plantado uma vinha cercada de arbustos e que, cavando a terra, tinha construído uma torre. Depois arrendou essa vinha a uns vinhateiros e partiu para um país distante.

"Ora, estando próximo o tempo dos frutos, ele enviou seus servos aos vinhateiros, para recolher o fruto da sua vinha. Os vinhateiros apoderaram-se dos servos, bateram num, mataram outro e apedrejaram a outro. Ele lhes enviou outros servos em maior número do que os primeiros e eles os trataram da mesma maneira. Por fim, enviou-lhes seu próprio filho, dizendo para si mesmo: 'Ao meu filho eles terão algum respeito'. Mas os vinhateiros, ao verem o filho, disseram entre si: 'Aqui está o herdeiro; vamos matá-lo e ficaremos donos da sua herança'. E, com isso, pegaram, lançaram-no fora da vinha e o mataram. Quando o dono da vinha vier, como tratará esses vinhateiros?"

"Responderam: Fará que esses malvados pereçam miseravelmente e arrendará a vinha a outros vinhateiros, que lhe entreguem os frutos na estação própria." (Mateus, 21:33 a 41)

30. O pai de família é Deus; a vinha que plantou é a lei que Ele estabeleceu; os vinhateiros a quem arrendou a vinha são os homens que devem ensinar e praticar a lei; os servos que enviou aos arrendatários são os profetas que estes últimos massacraram; seu filho, enviado por último, é Jesus, a quem eles igualmente eliminaram. Como o Senhor tratará os seus mandatários desobedientes da lei? Ele os tratará como seus enviados foram tratados por eles e chamará outros arrendatários que lhe prestem melhores contas de sua propriedade e do proceder do seu rebanho.

Assim aconteceu com os escribas, com os príncipes dos sacerdotes e com os fariseus; assim será, quando ele vier de novo a cada um para pedir contas do que fez da Sua doutrina; retirará toda a autoridade daquele que tiver abusado dela, pois ele quer que seu campo seja administrado de acordo com a sua vontade.

Ao fim de dezoito séculos, tendo chegado à idade adulta, a Humanidade está suficientemente madura para compreender o que o Cristo apenas desfolhou, porque então — como ele próprio disse — não o teriam compreendido. Ora, a que resultado chegaram os que durante esse longo período tiveram a seu cargo a educação religiosa da mesma Humanidade? Ao de verem que a indiferença tomou o lugar da fé e que a descrença se alçou em doutrina. Realmente, em nenhuma outra época o ceticismo e o espírito de negação estiveram mais espalhados em todas as classes da sociedade.

Mas, se algumas das palavras do Cristo se apresentam encobertas pelo véu da simbologia, no que se refere à regra de proceder, às relações de homem para homem e aos princípios morais a que ele expressamente condicionou a salvação, seus ensinamentos são claros e explícitos, sem equívoco ("O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO", capítulo XV).

O que fizeram das suas máximas de caridade, de amor e de tolerância; das recomendações que fez a seus apóstolos para que convertessem os homens **pela brandura e pela persuasão**; da simplicidade, da humildade, do desinteresse e de todas as virtudes que ele exemplificou? Em seu nome, os homens se amaldiçoaram mutuamente e reciprocamente se condenaram; estrangularam-se em nome daquele que disse "Todos os homens são irmãos". Do Deus infinitamente justo, bom e misericordioso que ele revelou, fizeram um

Deus ciumento, cruel, vingativo e parcial; àquele Deus, de paz e de verdade, sacrificaram nas fogueiras, pelas torturas e perseguições, muito maior número de vítimas, do que as que em todos os tempos os pagãos sacrificaram aos seus falsos deuses; venderam-se as orações e as graças do céu em nome daquele que expulsou do Templo os vendedores e que disse a seus discípulos “Dai de graça o que de graça receberam”.

O que diria o Cristo se viesse até nós hoje? Se visse os que se dizem seus representantes a ambicionar as honras, as riquezas, o poder e o luxo dos príncipes do mundo, ao passo que ele — mais rei do que todos os reis da Terra — fez a sua entrada em Jerusalém montado num jumento? Não teria o direito de lhes dizer “O que fizeram dos meus ensinamentos, vocês que incensam o bezerro de ouro, que dão a maior parte das suas preces aos ricos, reservando uma parte insignificante aos pobres, apesar de eu ter eu dito que os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no reino dos céus?”. Mas, se Ele não está carnalmente entre nós, está em Espírito e, como o senhor da parábola, virá pedir contas aos seus vinhateiros do produto da sua vinha, quando chegar o tempo da colheita.

UM SÓ REBANHO E UM SÓ PASTOR

31. *“Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco; é preciso que eu também as conduza; elas escutarão a minha voz e haverá somente um rebanho e somente um único pastor.”* (João, 10:16)

32. Por essas palavras, Jesus claramente anuncia que os homens um dia se unirão por uma crença única; mas, como essa união poderá se efetuar? Isso parecerá difícil, tendo-se em vista as diferenças que existem entre as religiões, o antagonismo que elas alimentam entre seus adeptos e a teimosia que manifestam em se acreditarem na posse exclusiva da verdade. Todas querem a unidade, mas cada uma se lisonjeia de que essa unidade se fará em seu proveito e nenhuma admite a possibilidade de fazer qualquer concessão, no que respeita às suas crenças.

Entretanto, a unidade se fará em religião, como já tende a fazer-se socialmente, politicamente, comercialmente, pela queda das barreiras que separam os povos, pela assimilação dos costumes, dos usos, da linguagem. Os povos do mundo inteiro já confraternizam, como os das províncias de um mesmo império. Pressente-se essa unidade e todos a desejam. Ela se fará pela força das coisas, porque há de se tornar uma necessidade, para que se estreitem os laços da fraternidade entre as nações; virá pelo desenvolvimento da razão humana, que se tornará apta a compreender a infantilidade de todas as separações; pelo progresso das ciências, a demonstrar cada dia mais os erros materiais sobre que tais dissidências assentam e a destacar pouco a pouco as pedras estragadas das suas fiadas. Demolindo nas religiões o que é obra dos homens e fruto de sua ignorância das leis da Natureza, a Ciência não poderá destruir o que é obra de Deus e eterna verdade — ao contrário da opinião de

alguns. Afastando os acessórios, ela prepara as vias para a unidade.

A fim de chegarem a esta unidade, as religiões terão que se encontrar num terreno neutro, se bem que comum a todas; para isso, todas terão que fazer concessões e sacrifícios mais ou menos importantes, conformemente à multiplicidade dos seus dogmas particulares. Mas, em virtude do processo de imutabilidade que todas professam, a iniciativa das concessões não poderá partir do campo oficial; em lugar de tomarem o ponto de partida no alto, tomarão embaixo por iniciativa individual. Desde algum tempo, um movimento se vem operando de descentralização, tendente a adquirir irresistível força. O princípio da imutabilidade, que as religiões sempre têm considerado uma égide conservadora, se tornará elemento de destruição, dado que, permanecendo imóveis — ao passo que a sociedade caminha para frente — os cultos serão ultrapassados e depois absorvidos pela corrente das ideias progressistas.

Em vez de ser uma força, a imobilidade torna-se uma causa de fraqueza e de ruína para quem não acompanha o movimento geral; ela quebra a unidade, porque os que querem avançar se separam dos que teimam em permanecer parados.

No estado atual da opinião e dos conhecimentos, a religião — que um dia terá de congregiar todos os homens sob a mesma bandeira — será a que melhor satisfaça à razão e às legítimas aspirações do coração e do espírito; que não seja desmentida em nenhum ponto pela ciência positiva; que, em vez de se imobilizar, acompanhe a Humanidade em sua marcha progressiva, sem nunca deixar que a ultrapasse; que não for nem exclusivista, nem intolerante; que for a promotora da inteligência, em admitir somente a fé racional; aquela cujo código de moral seja o mais puro, o mais lógico, o mais harmonioso com as necessidades sociais, o mais apropriado, enfim, a fundar na Terra o reinado do Bem, pela prática da **caridade** e da fraternidade universais.

O que alimenta a oposição entre as religiões é a ideia — espalhada por todas elas — de que cada uma tem o seu deus particular e a pretensão de que este é o único verdadeiro e o mais poderoso, em luta constante com os deuses dos outros cultos e ocupado em lhes combater a influência. Quando elas se houverem convencido de que só existe um **Deus** no Universo e que, em definitiva, Ele é o mesmo que elas adoram sob os nomes de *Jeová*, *Alá* ou *Deus*; quando se puserem de acordo sobre os atributos essenciais da Divindade, compreenderão que, sendo um único o Ser, uma única tem que ser a vontade suprema; estenderão as mãos umas às outras, como os servidores de um mesmo Mestre e os filhos de um mesmo Pai e, assim, terão dado grande passo para a unidade.

ADVENTO DE ELIAS

33. Então, seus discípulos lhe perguntaram: "Por que então os escribas dizem ser preciso que antes venha Elias?" Jesus respondeu: ***"É certo que Elias tem de vir e que restabelecerá todas as coisas. Mas, eu declaro a vocês que Elias já veio e eles não o conheceram; antes o trataram como lhes agradava. É***

assim que matarão o Filho do homem."

Então, seus *discípulos* compreenderam que era de João Batista que eles falaria. (Mateus, 17:10 a 13)

34. Elias já havia voltado na pessoa de João Batista. Seu novo advento¹⁸⁷ é anunciado de modo explícito. Ora, como ele não pode voltar, senão tomando um novo corpo, aí temos a consagração formal do princípio da pluralidade das existências — ou seja, reencarnação (“O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, cap. IV, nº 10).

ANUNCIAÇÃO DO CONSOLADOR

35. *"Se me amam, guardem os meus mandamentos e eu pedirei a meu Pai e Ele lhes enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente com vocês: O ESPÍRITO DE VERDADE que o mundo não pode receber, porque não o vê; porém, vocês o conhecerão, porque permanecerá com vocês e estará em vocês. Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, que meu Pai enviará em meu nome, LHES ENSINARÁ TODAS AS COISAS E FARÁ COM QUE SE LEMBREM DE TUDO O QUE TENHO DITO."* (João, 14:15 a 17 e 26 – “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, cap. VI)

36. *"Entretanto, digo a verdade a vocês: Convém que eu vá, pois se eu não for, o Consolador não virá até vocês; porém, eu vou e o enviarei a vocês. E quando ele vier, convencerá o mundo no que diz respeito ao pecado, à justiça e ao juízo: no que diz respeito ao pecado, por não terem acreditado em mim; no que diz respeito à justiça, porque eu vou para meu Pai e não mais me verá; no que diz respeito ao juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado."*

"TENHO AINDA MUITAS COISAS A LHES DIZER, MAS AGORA VOCÊS NÃO PODEM SUPORTÁ-LAS. QUANDO VIER ESSE ESPÍRITO DE VERDADE, ELE LHES ENSINARÁ TODA A VERDADE, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tenha escutado e lhes anunciará as coisas futuras. Ele me glorificará, porque receberá daquilo que está em mim e o anunciará a vocês." (João, 16:7 a 14)

37. Esta previsão é sem contestação uma das mais importantes do ponto de vista religioso, porque comprova — sem a possibilidade do menor equívoco — que **Jesus não disse tudo o que tinha a dizer**, pela razão de que nem mesmo seus apóstolos o teriam compreendido, visto que é a eles que o Mestre se dirigia. Se lhes tivesse dado instruções secretas, os Evangelhos fariam referência a tais instruções. Ora, desde que ele não disse tudo a seus apóstolos, os sucessores destes não terão podido saber mais do que eles souberam, com relação ao que foi dito; possivelmente teriam se enganado quanto ao sentido das palavras do Senhor, ou dado interpretação falsa aos seus pensamentos, muitas vezes velados sob a forma simbólica. Por isso, as religiões que se

¹⁸⁷ **Advento:** chegada, aparecimento -- N. E.

fundaram no Evangelho não podem se dizer possuidoras de toda a verdade, pois ele — Jesus — reservou para si o complemento posterior de seus ensinamentos. O princípio da imutabilidade, em que elas se firmam, é um desmentido às próprias palavras do Cristo.

Sob o nome de **Consolador** e de **Espírito de Verdade**, Jesus anunciou a vinda daquele que **havia de ensinar todas as coisas** e de **lembrar** o que ele disse. Logo, o seu ensino não estava completo. E mais: ele prevê que aquilo que foi dito por ele não apenas ficaria esquecido, como também que seria desvirtuado, visto que o Espírito de Verdade viria lembrar tudo e, de combinação com Elias, **restabelecer todas as coisas**, isto é, pô-las de acordo com o verdadeiro pensamento de seus ensinamentos.

38. Quando esse novo revelador terá de vir? É evidente que se, na época em que Jesus falava, os homens não se achavam em estado de compreender as coisas que lhes restavam a dizer, não seria em alguns anos apenas que poderiam adquirir as luzes necessárias para entendê-las. Para a inteligência de certas partes do Evangelho, com exceção aos preceitos morais, faziam-se necessários conhecimentos que só o progresso das ciências permitiria e que tinham de ser obra do tempo e de muitas gerações. Portanto, se o novo Messias tivesse vindo pouco tempo depois do Cristo, teria encontrado o terreno ainda nas mesmas condições e não teria feito mais do que o Cristo mesmo fez. Ora, desde aquela época até os nossos dias, nenhuma grande revelação se produziu que tenha completado o Evangelho e elucidado suas partes obscuras — o que é sinal seguro de que o Enviado ainda não havia aparecido.

39. Qual deverá ser esse Enviado? Ao dizer “Pedirei a meu Pai e Ele lhes enviará outro Consolador”, Jesus claramente indica que esse Consolador não seria ele, pois do contrário diria “Voltarei para completar o que lhes tenho ensinado”. Não só não disse isso como acrescentou **“A fim de que fique eternamente com vocês e ele estará em vocês”**. Esta afirmação não poderia referir-se a uma individualidade encarnada, visto que não poderia ficar eternamente conosco, nem ainda menos estar em nós; porém, compreendemos muito bem que seja em referência a uma doutrina, a qual — quando a tivermos assimilado realmente — poderá estar eternamente em nós. De fato, segundo o pensamento de Jesus, o **Consolador** é a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora, cujo inspirador há de ser o **Espírito de Verdade**.

40. Como ficou demonstrado (cap. I, nº 30), o **Espiritismo** preenche todas as condições do **Consolador** que Jesus prometeu. Não é uma doutrina individual, nem de criação humana; ninguém pode dizer ser seu criador. É fruto do ensino coletivo dos Espíritos — ensino presidido pelo Espírito de Verdade. Nada retira do Evangelho: antes completa e o esclarece. Com o auxílio das novas leis que revela — leis essas concordantes com as que a Ciência já descobrira —, faz com que entendamos o que era incompreensível e se admita a possibilidade daquilo que a descrença considerava inadmissível. Teve precursores e profetas, que

pressentiram sua vinda. Pela sua força moralizadora, ele prepara o reinado do bem na Terra.

A doutrina de Moisés — que era incompleta — ficou limitada ao povo judeu; a de Jesus — mais completa — se espalhou por toda a Terra, mediante o Cristianismo, mas não converteu a todos; o Espiritismo — que é mais completo ainda —, que tem com raízes em todas as crenças, converterá a Humanidade.¹⁸⁸

41. Dizendo a seus apóstolos “Outro virá mais tarde, que lhes ensinará o que agora não posso ensinar”, Jesus proclamava a necessidade da reencarnação. Como aqueles homens poderiam aproveitar do ensino mais completo que posteriormente seria ministrado? Como estariam aptos a compreendê-lo, se não tivessem de viver novamente? Jesus teria proferido uma coisa inconsequente se, de acordo com a doutrina comum, os homens futuros houvessem de ser homens novos, almas saídas do nada por ocasião do nascimento. Ao contrário, vamos admitir que os apóstolos e os homens do seu tempo tenham vivido depois — **que ainda hoje revivem** — e a promessa de Jesus estará plenamente justificada. Tendo-se desenvolvido ao contato do progresso social, a inteligência deles pode presentemente compreender o que então não podia. Sem a reencarnação a promessa de Jesus seria ilusória.

42. Se disserem que essa promessa se cumpriu no dia de Pentecostes¹⁸⁹, por meio da descida do Espírito Santo, poderemos responder que o Espírito Santo os inspirou, que lhes desanuviou a inteligência, que desenvolveu neles as aptidões mediúnicas destinadas a facilitar a missão deles, porém que nada lhes ensinou além daquilo que Jesus já havia ensinado, porque, no que deixaram, não encontramos nenhum vestígio de um ensinamento especial. Logo, o Espírito Santo não realizou o que Jesus anunciou relativamente ao Consolador; se não fosse assim, os apóstolos teriam elucidado o que permaneceu obscuro no Evangelho até o dia de hoje e cuja interpretação contraditória deu origem às inúmeras seitas que dividiram o Cristianismo desde os primeiros séculos.

SEGUNDO ADVENTO DO CRISTO

43. Disse então Jesus a seus discípulos: ***"Se algum quiser vir nas minhas pegadas, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me; porque aquele que quiser salvar a vida a perderá e aquele que perder a vida por amor de mim a encontrará de novo.***

"De que serviria a um homem ganhar o mundo inteiro e perder a alma? Ou por qual preço o homem poderá comprar sua alma, depois de tê-

¹⁸⁸ Todas as doutrinas filosóficas e religiosas trazem o nome do seu fundador. Diz-se: o Moisaísmo, o Cristianismo, o Maometismo, o Budismo, o Cartesianoismo, o Furrierismo, o São-Simonismo, etc. A palavra **Espiritismo**, ao contrário, não lembra nenhuma personalidade; contém uma ideia geral, que ao mesmo tempo indica o caráter e o tronco múltiplo da doutrina — **N. K.**

Ocasionalmente se diz “Kardecismo”, mas como complemento à descrição “Espiritismo”, para distinguir esta doutrina de outras que, erroneamente, são denominadas “espirítas” — sem o serem — simplesmente por partilharem de conceitos iguais ou parecidos, por exemplo, da ideia de reencarnação ou prática da mediunidade (como Umbanda, Candomblé, etc.) — **N. E.**

¹⁸⁹ **Pentecostes** — comemoração dos cinquenta dias após o domingo da ressurreição — **N. E.**

la perdido? Porque, o Filho do homem há de vir na glória de seu Pai, com seus anjos, e então dará a cada um segundo as suas obras.

"Na verdade, digo a vocês que alguns daqueles que aqui se encontram não sofrerão a morte, sem que tenham visto vir o Filho do homem no seu reino." (Mateus, 16:24 a 28)

44. Então, levantando-se do meio da assembleia, o sumo-sacerdote interrogou a Jesus desta forma: "Nada responde ao que estes depõem contra ti?" Mas Jesus se conservava em silêncio e não respondeu. Interrogou-o de novo o sumo-sacerdote: "Você é o Cristo, o Filho de Deus para sempre Bendito?" Jesus lhe respondeu: *"Eu o sou e verão um dia o Filho do homem assentado à direita da majestade de Deus e vindo sobre as nuvens do céu."* Logo, rasgando as vestes, o sumo-sacerdote lhe diz: "Que necessidade temos de mais testemunhos?" (Marcos, 16:60 a 63)

45. Jesus anuncia o seu segundo advento, mas não diz que voltará à Terra com um corpo carnal, nem que personificará o **Consolador**. Apresenta-se como tendo de vir em Espírito, na glória de seu Pai, a julgar o mérito e o demérito e dar a cada um segundo as suas obras, quando os tempos forem chegados.

Estas palavras: "Dos que aqui estão há alguns que não sofrerão a morte sem terem visto vir o Filho do homem no seu reinado" parecem trazer uma contradição, pois é incontestável que ele não veio em vida de nenhum daqueles que estavam presentes. Entretanto Jesus não podia se enganar numa previsão daquela natureza e, sobretudo, com relação a uma coisa contemporânea e que lhe dizia pessoalmente respeito. Primeiro, temos que indagar se suas palavras foram sempre reproduzidas fielmente. É de duvidarmos, desde que se considere que ele nada escreveu; que elas só foram registradas depois de sua morte; que cada evangelista reproduziu o mesmo discurso em termos diferentes, o que é prova evidente de que as expressões de que eles se serviram não são textualmente as de que Jesus expressou. Além disso, é provável que o sentido tenha sofrido alterações ao passar pelas traduções sucessivas.

Por outro lado, é incontestável que se Jesus tivesse dito tudo o que poderia dizer, ele teria se expressado sobre todas as coisas de modo claro e preciso, sem dar lugar a qualquer equívoco — conforme o fez com relação aos princípios de moral —, ao passo que foi obrigado a velar o seu pensamento acerca dos assuntos que não julgou conveniente aprofundar. Convencidos de que a geração de que faziam parte testemunharia o que ele anunciava, os discípulos foram levados a interpretar o pensamento de Jesus de acordo com aquela ideia. Assim é que redigiram do ponto de vista do presente o que o Mestre havia dito, fazendo-o de maneira mais absoluta do que ele próprio o teria feito. Seja como for, o fato é que as coisas não se passaram como eles imaginaram.

46. A grande e importante lei da reencarnação foi um dos pontos capitais que Jesus não pôde desenvolver, porque os homens do seu tempo não se achavam suficientemente preparados para ideias dessa ordem e para as suas consequências. Contudo, assentou o princípio da referida lei, como o fez

relativamente a tudo mais. Estudada e posta em evidência nos dias atuais pelo Espiritismo, a lei da reencarnação constitui a chave para o entendimento de muitas passagens do Evangelho que, sem ela, parecem verdadeiros contrassensos.

É por meio dessa lei que encontramos a explicação racional das palavras acima, admitidas que sejam como textuais. Uma vez que elas não podem ser aplicadas às pessoas dos apóstolos, é evidente que se referem ao futuro reinado do Cristo, isto é, ao tempo em que a sua doutrina for lei universal e mais bem compreendida. Dizendo que **alguns dos presentes ali** na ocasião veriam o seu retorno, ele obrigatoriamente se referia aos que estarão vivos de novo nessa época. Mas os judeus imaginavam que lhes seria dado ver tudo o que Jesus anunciava e tomavam ao pé da letra suas frases alegóricas.

Aliás, algumas de suas predições se realizaram no devido tempo, tais como a ruína de Jerusalém, as desgraças que se lhe seguiram e a dispersão dos judeus. Sua visão, porém, se projetava muito mais longe, de sorte que, quando falava do presente, sempre se dirigia ao futuro.

SINAIS PRECURSORES

47. "Também ouvirão falar de guerra e de rumores de guerra; tratem de não se perturbarem, pois é preciso que essas coisas aconteçam; mas, ainda não será o fim, pois verão povo se levantar contra povo e reino contra reino; e haverá pestes, fomes e tremores de terra em diversos lugares; todas essas coisas serão apenas o começo das dores." (Mateus, 24:6 a 8)

48. "Então, o irmão entregará o irmão para ser morto; os filhos se levantarão contra seus pais e suas mães e os matarão. Serão odiados por todo mundo por causa do meu nome; mas, aquele que perseverar até ao fim será salvo." (Marcos, 13:12-13)

*49. "Quando virem que a abominação da desolação (que foi predita pelo profeta Daniel) **ESTÁ NO LUGAR SANTO** (que aquele que lê entenda bem o que lê); então fujam para as montanhas os que estiverem na Judéia¹⁹⁰; aquele que estiver no telhado, não desça para levar qualquer coisa de sua casa; aquele que estiver no campo e não volte para apanhar suas roupas. Mas, aí das mulheres que estiverem grávidas ou amamentando nesses dias. Peçam a Deus que a sua fuga não se dê durante o inverno, nem em dia de sábado, porque a aflição desse tempo será tão grande, como ainda não houve igual desde o começo do mundo até o presente e como nunca mais haverá. E se esses dias não fossem abreviados, nenhum homem se salvaria; mas esses dias serão abreviados em favor dos eleitos." (Mateus, 24:15 a 22)*

50. "Logo depois desses dias de aflição, o Sol se obscurecerá e a Lua deixará

¹⁹⁰ Esta expressão "a abominação da desolação" não apenas carece de sentido, como se presta ao ridículo. A tradução de Ostervald diz: "A abominação que causa a desolação", o que é muito diferente. O sentido então se torna perfeitamente claro, porque se compreende que as abominações tenham de acarretar a desolação, como castigo. Diz Jesus: Quando a abominação se instalar no lugar santo, também a desolação para aí virá e isso constituirá um sinal de que estão próximos os tempos -- N. K.

de dar sua luz; as estrelas cairão do céu e as potestades¹⁹¹ dos céus serão abaladas. Então, o sinal do Filho do homem aparecerá no céu e todos os povos da Terra estarão em prantos e em gemidos e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com grande majestade.

"Ele enviará seus anjos, que farão ouvir a voz retumbante de suas trombetas e que reunirão seus eleitos dos quatro cantos do mundo, de uma extremidade a outra do céu.

"Aprendam uma comparação tirada da figueira: quando seus ramos já estão verdes e dão folhas, saibam que está próximo a idade madura. Do mesmo modo quando virem todas essas coisas, saibam que está próximo da vinda do Filho do homem, que ele se acha quase à porta.

"Digo a vocês de verdade, que esta raça não passará, sem que todas essas coisas tenham se cumprido." (Mateus, 24:29 a 34)

"E acontecerá na vinda do Filho do homem o que aconteceu ao tempo de Noé; pois, como nos últimos tempos antes do dilúvio, os homens comiam e bebiam, se casavam e casavam seus filhos, até ao dia em que Noé entrou na arca; e assim como eles não conheceram o momento do dilúvio, senão quando este sobreveio e arrebatou todo mundo, assim também será no advento do Filho do homem." (Mateus, 24:37 a 39)

51. *"Quanto a esse dia e a essa hora, ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, mas somente o Pai." (Marcos, 13:32)*

52. *"Na verdade, eu lhes digo: chorarão e gemerão, e o mundo se alegrará; estarão tristes, mas a sua tristeza se mudará para alegria. Uma mulher está em dor quando dá à luz, porque é vinda a sua hora; mas depois que ela dá à luz um filho, não mais se lembra de todos os males que sofreu, pela alegria que experimenta de haver posto no mundo um homem. É assim que agora estão em tristeza; mas, eu os verei de novo e o seu coração rejubilará e ninguém lhes tirará a alegria de vocês." (João, 16:20 a 22)*

53. *"Muitos falsos profetas se levantarão e seduzirão a muitas pessoas; e, porque a maldade se espalhará, a caridade de muitos esfriará; mas, aquele que perseverar até o fim será salvo. E este Evangelho do reino será pregado em toda a Terra, para servir de testemunho a todas as nações. É então que o fim chegará." (Mateus, 24:11 a 14)*

54. Evidentemente que este cenário do fim dos tempos é alegórico, como a maioria dos quadros que Jesus desenhou. Pelo seu vigor, as imagens que ele traz são de natureza a impressionar inteligências ainda rudes. Para tocar fortemente aquelas imaginações pouco sutis, eram necessárias pinturas vigorosas, de cores bem acentuadas. Ele se dirigia principalmente ao povo, aos homens menos esclarecidos, incapazes de compreender as ideias da espiritualidade e de apanhar a delicadeza das formas. A fim de atingir o coração deles, era necessário falar aos olhos, com o auxílio de sinais materiais, e aos ouvidos, por meio da força da linguagem.

Como consequência natural daquela disposição de espírito — segundo

¹⁹¹ **Potestade:** anjo de alta hierarquia, força, potência, mandatários – N. D.

a crença de então — não era possível manifestar-se à suprema potestade, a não ser por meio de fatos extraordinários, sobrenaturais. Quanto mais impossíveis fossem esses fatos, tanto mais facilmente aceita era a probabilidade deles.

A vinda do Filho do homem sobre nuvens, com grande majestade, cercado de seus anjos e ao som de trombetas, parecia a eles de muito maior imponência, do que a simples vinda de uma entidade investida apenas de poder moral. Por isso mesmo, os judeus — que esperavam no Messias um rei terreno, mais poderoso do que todos os outros reis, destinado a colocar sua nação à frente de todas as demais e a reerguer o trono de Davi e de Salomão — não quiseram reconhecer esse Messias no humilde filho de um carpinteiro, sem autoridade material.

No entanto, aquele pobre artesão da Judéia se tornou o maior entre os grandes; conquistou para a sua soberania maior número de reinos, do que os mais poderosos reis; exclusivamente com a sua palavra e o apoio de alguns miseráveis pescadores, revolucionou o mundo e é a ele que os judeus virão a dever sua reabilitação. Disse então uma verdade quando, respondendo a esta pergunta de Pilatos “Você é um rei?” respondeu: “Você está dizendo!”.

55. É notável que antigamente os tremores de terra e o obscurecimento do Sol eram sinais certos de todos os acontecimentos e de todos os presságios sinistros. Com eles deparamos, por ocasião da morte de Jesus, da de César e num número infinitos de outras circunstâncias da história do paganismo. Se tais fenômenos tivessem se produzido tantas vezes quantas são relatados, teríamos como impossível que os homens não tivessem guardado lembrança deles pela tradição. Aqui, acrescentamos a **queda de estrelas do céu**, como que a mostrar às gerações futuras, mais esclarecidas, que nisso há apenas uma ficção, pois que agora sabemos que as estrelas não podem cair.

56. Porém, grandes verdades se escondem nessas alegorias. Primeiramente, há a predição das calamidades de todo gênero que assolarão e dizimarão a Humanidade — calamidades decorrentes da luta suprema entre o bem e o mal, entre a fé e a incredulidade, entre as ideias progressistas e as ideias retrógradas. Em segundo lugar, há a da difusão do Evangelho por toda a Terra, **restaurado na sua pureza primitiva**; depois, a do reinado do bem, que será o da paz e da fraternidade universais, a derivar do código de moral evangélica, posto em prática por todos os povos. Será verdadeiramente o reino de Jesus, porque ele presidirá à sua implantação, passando os homens a viver sob o amparo da sua lei. Será o reinado da felicidade, porque ele diz que **depois dos dias de aflição, virão os de alegria**.

57. Quando essas coisas acontecerão? “Ninguém o sabe, **nem mesmo o Filho**” — disse Jesus. Mas, quando chegar o momento, os homens serão advertidos por meio de sinais anunciadores. Entretanto, esses indícios não estarão nem no Sol, nem nas estrelas; eles se mostrarão no estado social e nos fenômenos mais de ordem moral do que físicos e que, em parte, podemos deduzir das suas

referências.

É indubitável que aquela mudança não poderia se dar durante a vida dos apóstolos, pois do contrário, Jesus não desconheceria o seu momento. Aliás, semelhante transformação não era possível se fosse dentro de apenas alguns anos. Contudo, ele lhes fala dela como se eles a tivessem de presenciar; é que, de fato, eles poderão estar reencarnados quando a transformação se der e até colaborar na sua efetivação. Ele ora fala da sorte próxima de Jerusalém, ora toma esse fato por ponto de referência ao que ocorreria no futuro.

58. Ao anunciar sua segunda vinda, dizendo: *“Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que virá o fim”*, será que Jesus estava anunciando o fim do mundo?

Não é racional supormos que Deus destrua o mundo exatamente quando ele — o mundo — estiver entrando no caminho do progresso moral pela prática dos ensinamentos evangélicos. Aliás, nada nas palavras do Cristo indica uma destruição universal que, em tais condições, não se justificaria.

Como a prática geral do Evangelho deve determinar grande melhora no estado moral dos homens, por isso mesmo, ela trará o reinado do bem e acarretará a queda do mal. Pois, é o fim do **mundo velho** — do mundo governado pelos preconceitos, pelo orgulho, pelo egoísmo, pelo fanatismo, pela incredulidade, pela cupidez, por todas as paixões pecaminosas — que o Cristo citava ao dizer: *“Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que virá o fim”*. Porém, para esse fim chegar, ocasionaria uma luta e é dessa luta que virão os males previstos por ele.

VOSSOS FILHOS E VOSSAS FILHAS PROFETIZARÃO

59. Diz o Senhor: nos últimos tempos, espalharei do meu espírito por sobre toda a carne; seus filhos e suas filhas profetizarão; os jovens terão visões e os anciões terão sonhos. Nesses dias, espalharei do meu espírito sobre os meus servidores e servidoras e eles profetizarão (Atos, 2:17 a 18; Joel, 2:28 e 29).

60. Se considerarmos o estado atual do mundo físico e do mundo moral, as tendências, anseios e pressentimentos do povo, a decadência das ideias antigas que há um século se debatem em vão contra as ideias novas, não poderemos duvidar de que uma nova ordem de coisas se prepara e que o mundo velho chega a seu fim.

Se agora compararmos a situação atual com os tempos por ele descritos, como sinais da era da renovação — levando em conta a forma simbólica de alguns quadros e analisando o sentido profundo das palavras de Jesus —, não poderemos deixar de convir em que muitas das suas predições estão se realizando presentemente; de onde temos a conclusão de que atingimos os tempos anunciados, confirmamos em todos os pontos do globo pelos Espíritos que se manifestam.

61. Como vimos (ver no cap. I, nº 32), coincidindo com outras circunstâncias, o advento do Espiritismo realiza uma das mais importantes predições de Jesus, pela influência que essa Doutrina exatamente tem de exercer sobre as ideias. Além disso, ele está anunciado no livro bíblico dos ATOS DOS APÓSTOLOS: “Diz o Senhor: nos últimos tempos, derramarei do meu Espírito sobre toda carne; seus filhos e filhas profetizarão...”.

É a predição inconfundível da expansão da mediunidade que presentemente se revela em indivíduos de todas as idades, de ambos os sexos e de todas as condições; por conseguinte, a previsão da manifestação universal dos Espíritos — pois sem os Espíritos não haveria médiuns. Isso está dito conforme, acontecerá **nos últimos tempos**; ora, visto que não chegamos ao fim do mundo, mas ao contrário, à época da sua regeneração, devemos entender aquelas palavras como indicativas dos últimos tempos do mundo moral que chega a seu término (“O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, cap. XXI).

JUÍZO FINAL

62. “Ora, quando o Filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, se sentará no trono de sua glória; e, reunidas à sua frente todas as nações, ele separará uns dos outros, como um pastor separa dos bodes as ovelhas, e colocará à sua direita as ovelhas e à sua esquerda os bodes. Então, o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: Venham, benditos de meu Pai, etc.” (Mateus, 25:31 a 46 – “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, cap. XV).

63. Como o bem tem que reinar na Terra, é necessário que sejam excluídos dela todos os Espíritos endurecidos no mal — aqueles que possam lhe provocar perturbações. Deus permitiu que eles aí permanecessem o tempo de que precisavam para se melhorarem; mas, chegado o momento em que o globo terráqueo tem de subir na hierarquia dos mundos — conforme o progresso moral de seus habitantes — essa morada será interditada a encarnados e desencarnados que não tenham aproveitado os ensinamentos que uns e outros se achavam em condições de receber aí. Serão exilados para mundos inferiores, como certa vez os Espíritos da raça adâmica foram exilados à Terra, sendo substituídos por entidades melhores. Essa separação — a que será presidida por Jesus — é que se acha figurada por estas palavras sobre o juízo final: **“Os bons passarão à minha direita e os maus à minha esquerda”** (Cap. XI, nº 31 e seguintes).

64. A teoria de um juízo final, único e universal, pondo fim para sempre à Humanidade, é repugnada pela razão, por significar a inatividade de Deus, durante a eternidade que antecedeu à criação da Terra e durante a eternidade que se seguirá à sua destruição. Que utilidade teriam então o Sol, a Lua e as estrelas que — segundo a Gênesis — foram feitos para iluminar o mundo? Causa espanto que tão imensa obra tenha sido produzida para tão pouco tempo

e a benefício de seres votados de antemão, em sua maioria, aos suplícios eternos.

65. Materialmente, a ideia de um julgamento único até certo ponto seria admissível para os que não procuram a razão das coisas, quando se acreditava que a Humanidade toda se achava concentrada na Terra e que para seus habitantes teria sido feito tudo o que o Universo contém. Porém, é inadmissível, desde que se sabe que há milhares de milhares de mundos semelhantes, que perpetuam as Humanidades pela eternidade a fora e entre os quais a Terra é dos menos consideráveis — um simples ponto imperceptível.

Só por este fato, vemos que Jesus tinha razão de declarar a seus discípulos: **“Há muitas coisas que ainda não posso lhes dizer, porque não as compreenderiam”**, dado que o progresso das ciências era indispensável para uma interpretação legítima de algumas de suas palavras. Certamente, os apóstolos, S. Paulo e os primeiros discípulos teriam estabelecido de modo muito diverso alguns dogmas se tivessem os conhecimentos astronômicos, geológicos, físicos, químicos, fisiológicos e psicológicos que hoje possuímos. Daí vem o fato de Jesus ter adiado a complementação de seus ensinamentos e anunciado que todas as coisas haviam de ser restabelecidas.

66. Moralmente, um juízo definitivo e sem apelação não se concilia com a bondade infinita do Criador — que Jesus nos apresenta de contínuo como um bom Pai, que deixa sempre aberta uma senda para o arrependimento e que está pronto sempre a estender os braços ao filho pródigo. Se Jesus entendesse o juízo naquele sentido, desmentiria suas próprias palavras.

E mais, se o juízo final tivesse de apanhar os homens de surpresa — em meio a seus trabalhos ordinários, e as mulheres grávidas — caberíamos perguntar com que objetivo Deus (que não faz coisa alguma inútil ou injusta) faria nascer crianças e **criaria almas novas** naquele momento supremo, no término fatal da Humanidade. Seria para submetê-las a julgamento logo ao saírem do ventre materno? Isso antes de terem consciência de si mesmas, quando, a outros, milhares de anos foram concedidos para se inteirarem do que respeita à própria individualidade? Para que lado — direito ou esquerdo — iriam essas almas, que ainda não são nem boas nem más e para as quais, no entanto, todos os caminhos de progresso futuro se encontrariam desde então fechados, visto que a Humanidade não mais existiria? (Cap. II, nº 19).

Conservem essas teorias aqueles que se contentam com semelhantes crenças; estão no seu direito e ninguém tem que dizer nada disso; mas, não se incomodem que nem todo mundo compartilhe dessas ideias!

67. Conforme ficou explicado acima (nº 63), pelo processo da emigração, o juízo é racional; funda-se na mais rigorosa justiça — já que preserva para o Espírito o seu livre-arbítrio eternamente; não constitui privilégio para ninguém; sem nenhuma exceção, Deus concede a todas as suas criaturas igual liberdade de ação para progredirem; o próprio aniquilamento de um mundo,

acarretando a destruição do corpo, não ocasionará nenhuma interrupção à marcha progressiva do Espírito. Estas são as consequências da pluralidade dos mundos e da pluralidade das existências.

Segundo essa interpretação, não é exata a qualificação de **juízo final**, pois os Espíritos passam por fieiras equivalentes a cada renovação dos mundos habitados por eles, até que atinjam certo grau de perfeição. Portanto, não há **juízo final** propriamente dito, mas **julgamentos gerais** em todas as épocas de renovação parcial ou total da população dos mundos, por efeito das quais se operam as grandes emigrações e imigrações de Espíritos.

CAPÍTULO XVIII

SÃO CHEGADOS OS TEMPOS

- SINAIS DOS TEMPOS
- A GERAÇÃO NOVA

SINAIS DOS TEMPOS

1. Ouvimos em todas as partes: **São chegados os tempos** marcados por Deus, em que grandes acontecimentos ocorrerão para a regeneração da Humanidade. Em que sentido nós devemos entender essas palavras proféticas? Para os descrentes, não há nenhuma importância; aos seus olhos, nada mais exprimem que uma crença infantil e sem fundamento. Para a maioria dos fieis, elas apresentam qualquer coisa de místico e de sobrenatural, parecendo-lhes prenunciadoras da subversão das leis da Natureza. Essas duas interpretações são igualmente equivocadas; a primeira, porque envolve uma negação da Providência; a segunda, porque tais palavras não anunciam a perturbação das leis da Natureza, mas sim o cumprimento dessas leis.

2. Tudo na criação é harmonia; tudo revela uma perfeição que não se desmente — nem nas menores coisas, nem nas maiores. Então, temos que afastar imediatamente toda ideia de capricho inconciliável com a sabedoria divina. Em segundo lugar, se a nossa época está designada para a realização de certas coisas, é que estas têm uma razão de ser na marcha do conjunto.

Isto posto, diremos que, como tudo o que existe, o nosso globo está submetido à lei do progresso. Ele progride fisicamente pela transformação dos elementos que o compõem, e moralmente pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o habitam. Ambos esses progressos se realizam paralelamente, porque o melhoramento da habitação é relativo com o do habitante. Fisicamente, o planeta Terra tem experimentado transformações que a Ciência tem comprovado e que o tornaram sucessivamente habitável por seres cada vez mais aperfeiçoados. Moralmente, a Humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo em que o melhoramento do globo se opera sob a ação das forças materiais, os homens contribuem para isso pelos esforços de sua inteligência. Saneiam as regiões insalubres, facilitam as comunicações e tornam o solo mais produtivo.

Esse duplo progresso é executado de duas maneiras: uma, lenta,

gradual e insensível; a outra, caracterizada por mudanças bruscas, a cada uma das quais corresponde um movimento de crescimento mais rápido, que marca os períodos progressivos da Humanidade, mediante impressões bem acentuadas. Esses movimentos — em relação às *particularidades*, subordinados ao livre-arbítrio dos homens — de certo modo são fatais em seu conjunto, porque estão sujeitos a leis, como os que se verificam na germinação, no crescimento e na maturidade das plantas. Por isso é que às vezes o movimento progressivo se efetua de modo parcial — isto é, limitado a uma raça ou a uma nação — e doutras vezes, de modo geral.

De fato, o progresso da Humanidade se cumpre em virtude de uma lei. Ora, como todas as leis da Natureza são obra eterna da Sabedoria e da Presciência Divinas, tudo o que é efeito dessas leis resulta da vontade de Deus — não de uma vontade acidental e caprichosa, mas de uma vontade imutável. Por isso, quando a Humanidade está madura para subir um degrau, podemos dizer que são chegados os tempos marcados por Deus, como se pode dizer também que em tal estação eles chegam à fase madura dos frutos e de sua colheita.

3. Pelo fato de ser inevitável — porque o movimento progressivo da Humanidade é uma regra da natureza — não se segue que Deus seja indiferente a ela e que, depois de ter estabelecido as leis, tenha se recolhido à desocupação, deixando que as coisas caminhem por si sós. Sem dúvida, Suas leis são eternas e imutáveis, mas porque a Sua própria vontade é eterna e constante e porque o Seu pensamento anima sem interrupção todas as coisas. Esse pensamento, que em tudo penetra, é a força inteligente e permanente que mantém a harmonia em tudo. Se Ele parasse um só instante de atuar, o Universo seria como um relógio sem pêndulo regulador. Logo, Deus cuida incessantemente da execução de Suas leis e os Espíritos que povoam o espaço são Seus ministros, encarregados de atender aos pormenores, de acordo com as atribuições que correspondem ao grau de adiantamento que tenham alcançado.

4. O Universo é ao mesmo tempo um mecanismo incomensurável, acionado por um número incontável de inteligências, e um imenso governo no qual cada ser inteligente tem a sua parte de ação sob as vistas do Soberano Senhor, cuja vontade **única** mantém a **unidade** por toda parte. Sob o império dessa vasta potência reguladora, tudo se move, tudo funciona em perfeita ordem. Onde nos parece haver perturbações, o que há são movimentos parciais e isolados, que se apresentam irregulares a nós apenas porque a nossa visão é limitada. Se pudéssemos avistar todo o seu conjunto, veríamos que tais irregularidades são apenas aparentes e que se harmonizam com o todo.

5. Até o presente, a Humanidade tem realizado incontestáveis progressos. Os homens chegaram com a sua inteligência a resultados que jamais haviam alcançado, sob o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material. Resta a eles ainda um imenso progresso a realizar: o de **fazerem que reinem**

entre si a caridade, a fraternidade, a solidariedade, que lhes assegurem o bem-estar moral. Não poderiam conseguir isso nem com as suas crenças, nem com as suas instituições antiquadas — restos de outra era, boas para certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, havendo dado tudo o que comportavam, seriam hoje um entrave. O que os homens necessitam já não é somente desenvolver a inteligência, mas elevar o sentimento e para isso é preciso destruir tudo o que exalta o egoísmo e o orgulho neles.

Eis o período em que de agora em diante vão entrar e que marcará uma das fases principais da vida da Humanidade. Essa fase, que neste momento se elabora, é o complemento indispensável do estado anterior, como a idade viril antecede a fase da juventude. Pois então, ela podia ser prevista e predita de antemão e é por isso que se diz que são chegados os tempos determinados por Deus.

6. Porém, nestes tempos, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a certa região ou a um povo e a uma raça. Trata-se de um movimento universal, a ser feito no sentido do **progresso moral**. Uma nova ordem de coisas tende a ser estabelecida, e os homens — que costumam ser mais obstáculos a esse progresso — trabalham para ela, mesmo sem consciência disso. A geração futura será desembaraçada dos resquícios do velho mundo, será formada de elementos mais depurados e se achará possuída de ideias e de sentimentos muito diversos do que os homens da geração presente, que se vai a passo de gigante. O velho mundo estará morto e apenas viverá na História, como estão hoje os tempos da Idade Média, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas.

Aliás, todos sabem quanto a atual ordem de coisas ainda deixa a desejar. De certo modo, depois de termos considerado todo o bem-estar material — que é fruto da inteligência — conseguimos compreender que o complemento desse bem-estar somente pode ser achado no desenvolvimento moral. Quanto mais se avança, tanto mais se sente o que falta, sem que, entretanto, possamos ainda definir claramente o que seja: isso é efeito do trabalho íntimo que se opera em prol da regeneração. Surgem desejos, aspirações, que são como que o pressentimento de um estado melhor.

7. Mas, uma mudança tão radical como a que está sendo elaborada não pode se realizar sem comoções. Inevitavelmente, há luta de ideias. Desse conflito naturalmente se originarão perturbações passageiras, até que o terreno se ache aplanado e o equilíbrio restabelecido. Com efeito, é da luta das teorias que surgirão os graves acontecimentos preditos e não de cataclismos ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais foram consequência do estado de formação da Terra. **Hoje, não são mais as entranhas do planeta que se agitam: são as da Humanidade.**

8. Se a Terra já não tem que temer os cataclismos gerais, nem por isso deixa de estar sujeita a revoluções periódicas, cujas causas, do ponto de vista científico,

se encontram explicadas nas instruções seguintes, vindas de dois Espíritos eminentes:¹⁹²

“Além das leis simples — que regem a divisão dos dias, das noites, das estações e etc. —, cada corpo celeste experimenta revoluções que demoram milhares de séculos para sua realização completa, porém que, como as revoluções mais breves, passam por todos os períodos, desde o de nascimento até o de um máximo de efeito, após o qual há decrescimento, até o limite extremo, para recomençar em seguida o percurso das mesmas fases.

“O homem conhece apenas as fases de duração relativamente curta e cuja periodicidade ele pode comprovar. No entanto, há algumas que abrangem longas gerações de seres e até sucessões de raças, revoluções essas cujos efeitos consequentemente se lhe apresentam com caráter de novidade e de espontaneidade, ao passo que, se seu olhar pudesse projetar-se para trás alguns milhares de séculos, veria entre aqueles mesmos efeitos e suas causas uma correlação de que nem sequer suspeita. Contudo, esses períodos — que pela sua extensão relativa, confundem a imaginação dos humanos — não são mais do que instantes na duração eterna.

“Num mesmo sistema planetário todos os corpos que o formam reagem uns sobre os outros; todas as influências físicas nele são solidárias e, dos efeitos que designais pelo nome de grandes perturbações, não há nem um só que não seja consequência da componente das influências de todo o sistema.

“Vou mais longe: digo que os sistemas planetários reagem uns sobre os outros, na razão da proximidade ou do afastamento resultantes do movimento de translação deles, através das miríades de sistemas que compõem a nossa nebulosa. Ainda vou mais longe: digo que a nossa nebulosa — que é um como arquipélago na imensidade, tendo também seu movimento de translação através das miríades de nebulosas — sofre a influência das outras nebulosas de que ela se aproxima.

“De sorte que as nebulosas reagem sobre as nebulosas, os sistemas reagem sobre os sistemas, como os planetas reagem sobre os planetas, como os elementos de cada planeta reagem uns sobre os outros e assim sucessivamente até ao átomo. Daí, em cada mundo, há revoluções locais ou gerais, que não parecem perturbações porque a brevidade da vida não permite que se percebam mais do que seus efeitos parciais.

“A matéria orgânica não poderia fugir dessas influências; logo, as perturbações que ela sofre podem alterar o estado físico dos seres vivos e determinar algumas dessas enfermidades que de modo geral atacam as plantas, os animais e os homens — enfermidades que, a exemplo de todos os flagelos, são um estimulante à inteligência humana e que, por força da necessidade, a impulsiona a procurar meios de combatê-las e a descobrir as leis da Natureza.

“Mas, por sua vez, a matéria orgânica reage sobre o Espírito. Este, pelo seu contato e sua ligação íntima com os elementos materiais, também sofre influências que modificam as suas disposições, no entanto, sem privá-lo do livre-arbítrio, que lhe exaltam ou amenizam a atividade e que, portanto, contribuem para o seu desenvolvimento. A efervescência que às vezes se manifesta em toda uma população e entre os homens de uma mesma raça não é uma coisa acidental e nem resultado de um capricho; tem sua causa nas leis da

¹⁹² Extrato de duas comunicações dadas na Sociedade de Paris e publicadas na “REVISTA ESPÍRITA” de outubro de 1868. São dignas das de Galileu, reproduzidas no capítulo VI, e complementares do capítulo IX, sobre as revoluções do globo -- N. K.

Natureza. Essa efervescência — que a princípio é inconsciente e não passa de um vago desejo e de aspiração indefinida por alguma coisa melhor, de certa necessidade de mudança — se traduz por uma surda agitação, depois por atos que levam às revoluções sociais, que — acreditem! — também têm sua periodicidade, como as revoluções físicas, pois que tudo se encadeia. Se não tivessem a visão espiritual limitada pelo véu da matéria, vocês veriam as correntes fluídicas que ligam as coisas do mundo espiritual às do mundo material, como se fossem milhares de fios condutores.

“Quando se diz que a Humanidade chegou a um período de transformação e que a Terra tem que se elevar na hierarquia dos mundos, não vejam nada de místico nessas palavras; ao contrário, vejam a execução de uma das grandes leis fatais do Universo, contra as quais toda a má vontade humana se quebra.”

Arago

9. Sim, certamente a Humanidade se transforma, como já se transformou noutras épocas, e cada transformação é marcada por uma crise, que para o gênero humano é o que as crises de crescimento são para os indivíduos. Muitas vezes, aquelas crises se tornam penosas, dolorosas e arrebatam consigo as gerações e as instituições, mas são sempre seguidas de uma fase de progresso material e moral.

Tendo chegado a um desses períodos de crescimento, a Humanidade terrestre está há quase um século em cheio no trabalho da sua transformação, pelo que a vemos agitar-se de todos os lados, presa de uma espécie de febre e como que arrastada por uma força invisível. Assim continuará até que se haja outra vez estabilizado em novas bases. Quem a observar então a achará muito mudada em seus costumes, em seu caráter, nas suas leis, em suas crenças, numa palavra: em todo o seu estado social.

“Uma coisa que lhes parecerá estranhável, mas que por isso não deixa de ser rigorosa verdade, é que o mundo dos Espíritos — mundo que os rodeia — experimenta o contrachoque de todas as comoções que abalam o mundo dos encarnados. Digo mesmo que aquele (mundo espiritual) toma parte ativa nessas comoções. Isto não tem nada de surpreendente para quem sabe que os Espíritos formam um corpo com a Humanidade; que eles saem dela e a ela têm de voltar, sendo então natural que se interessem pelos movimentos que se operam entre os homens. Portanto, fiquem certos de que quando uma revolução social se produz na Terra, abala igualmente o mundo invisível, onde todas as paixões — boas e más — se exaltam, como entre vocês. Efervescência indescritível entra a reinar na coletividade dos Espíritos que ainda pertencem ao seu mundo e que aguardam o momento de voltar a ele.

“Às vezes, as perturbações dos elementos físicos se juntam à agitação dos encarnados e desencarnados, e com muita frequência mesmo, já que tudo se associa na Natureza. Ocorre então, durante algum tempo, verdadeira confusão geral, mas que passa como furacão, após o qual o céu volta a estar sereno e a Humanidade começa a percorrer nova etapa de progresso, reconstituída sobre novas bases e imbuída de novas ideias.

“É no período que agora se inicia que o Espiritismo florescerá e dará frutos. Portanto, trabalhem mais para o futuro do que para o presente. No entanto, era necessário que esses trabalhos se preparassem antecipadamente,

porque eles traçam as sendas da regeneração, pela unificação e racionalidade das crenças. Felizes os que aproveitam desses trabalhos desde já. Tantas penúrias eles pouparão a si, quantos forem os proveitos que deles recebam.”

Doutor Barry

10. Do que foi dito resulta que, em consequência do movimento de translação que executam no espaço, os corpos celestes exercem maior ou menor influência uns sobre os outros, conforme a proximidade em que se achem entre si e as suas respectivas posições; que essa influência pode acarretar uma perturbação momentânea aos seus elementos constitutivos e modificar as condições de vida dos seus habitantes; que a regularidade dos movimentos determina a volta periódica das mesmas causas e dos mesmos efeitos; que, se a duração de certos períodos é bastante curta para que os homens os apreciem, outros veem passar gerações e raças que não se apercebem deles e às quais se afigura normal o estado de coisas que observam. Ao contrário, as gerações contemporâneas da transição sofrem seu contrachoque e tudo lhes parece fora das leis comuns. Essas gerações veem uma causa sobrenatural, maravilhosa, miraculosa no que, em realidade, não é mais do que a execução das leis da Natureza.

De acordo com o encadeamento e a solidariedade das causas e dos efeitos, se os períodos de renovação moral da Humanidade coincidem com as revoluções físicas do globo — como tudo leva a crer — os referidos períodos podem ser acompanhados ou precedidos de fenômenos naturais curiosos para os que não estão familiarizados com eles; de meteoros que parecem estranhos, de endurecimento e intensificação incomuns dos flagelos destruidores, que não são nem causa e nem presságios sobrenaturais, mas uma consequência do movimento geral que se opera no mundo físico e no mundo moral.

Anunciando a época de renovação que havia de abrir para a Humanidade e determinar o fim do velho mundo, então foi permitido a Jesus dizer que ela seria marcada por fenômenos extraordinários — tremores de terra, flagelos diversos, sinais no céu, que não são mais do que meteoros, sem anulação das leis naturais. Porém o homem comum e o ignorante viram nessas palavras a profecia de fatos miraculosos.¹⁹³

11. A previsão dos movimentos progressivos da Humanidade nada apresenta de surpreendente, quando feita por seres desmaterializados, que podem ver o fim a que todas as coisas tendem, já que alguns deles têm conhecimento direto do pensamento de Deus. Pelos movimentos parciais, esses seres enxergam em que época poderá ocorrer um movimento geral, do mesmo modo que o homem pode calcular de antemão o tempo que uma árvore levará para dar frutos, do mesmo modo que os astrônomos calculam a época de um fenômeno astronômico, pelo tempo que um astro gasta para efetuar a sua revolução.

¹⁹³ A terrível epidemia que de 1866 a 1868 dizimou a população da Ilha Maurícia, foi precedida de tão extraordinária e tão abundante chuva de estrelas cadentes, em novembro de 1866, que aterrorizou os habitantes daquela ilha. A partir desse momento, a doença, que reinava desde alguns meses de forma muito benigna, se transformou em verdadeiro flagelo devastador. Aquele bem havia sido um sinal no céu e talvez nesse sentido é que se deva entender a frase “**estrelas caindo do céu**”, de que fala o Evangelho, como sendo um dos sinais dos tempos (Pormenores sobre a epidemia da ilha Maurícia: “REVISTA ESPÍRITA”, de julho de 1867, e novembro de 1868) -- N. K.

12. A Humanidade é um ser coletivo em quem se operam as mesmas revoluções morais pelas quais todo ser individual passa — com a diferença de que umas se realizam de ano em ano e as outras de século em século. Acompanhemos a Humanidade em suas evoluções através dos tempos e veremos a vida das diversas raças marcada por períodos que dão uma fisionomia especial a cada época.

13. Como já dissemos, a marcha progressiva da Humanidade se opera de duas maneiras: uma é gradual, lenta e imperceptível, se considerarmos as épocas consecutivas, a se traduzir por sucessivas melhoras nos costumes, nas leis, nos usos, melhorias que só podemos perceber com a continuação e as mudanças que as correntes d'água ocasionam na superfície do globo; a outra é por movimentos relativamente bruscos, semelhantes aos de uma torrente que, rompendo os diques que a continham, em alguns anos transpõe o espaço que levaria séculos para ser percorrido. É, portanto, um cataclismo moral que em breves instantes engole as instituições do passado e ao qual vem uma nova ordem de coisas que pouco a pouco se estabiliza, à medida que se restabelece a calma, e que acaba por se tornar definitiva.

Aquele que viva bastante para abranger com a vista as duas vertentes da nova fase, parecerá que um mundo novo surgiu das ruínas do antigo. O caráter, os costumes e os usos: tudo está mudado. É que de fato surgiram homens novos, ou melhor, regenerados. As ideias que a geração extinta levou consigo deram lugar a ideias novas que desabrocham com a geração que se ergue.

14. Ao se tornar adulta, a Humanidade tem novas necessidades e aspirações mais vastas e mais elevadas; compreende o vazio com que foi embalada, a insuficiência de suas instituições para lhe dar felicidade; já não encontra no estado das coisas as satisfações legítimas a que se sente com direito. Consequentemente, livra-se das faixas infantis e, motivada por irresistível força, lança-se para as margens desconhecidas, em busca de novos horizontes menos limitados.

É a um desses períodos de transformação — ou se preferirem, de **crescimento moral** — que a Humanidade chega agora. Da adolescência chega ao estado viril. O passado já não pode bastar às suas novas aspirações, às suas novas necessidades; ela já não pode ser conduzida pelos mesmos métodos; não mais se deixa levar por ilusões, nem por contos de fantasmas; sua razão amadurecida reclama alimentos mais substanciosos. O presente é bastante ligeiro; ela sente que o seu destino é mais amplo e que a vida corpórea é excessivamente restrita para contê-lo inteiramente. Por isso, mergulha o olhar no passado e no futuro, a fim de descobrir num ou noutro o mistério da sua existência e de adquirir uma certeza consoladora.

E é no momento em que ela se encontra muito apertada na esfera material — em que se encontra transbordante de vida intelectual, em que o sentimento da espiritualidade lhe desabrocha no seio — que homens que se

dizem filósofos pretendem encher o vazio com as doutrinas do nada e do materialismo! Estranha aberração! Esses mesmos homens que tentam impelir a Humanidade para frente se esforçam por limitá-la no acanhado círculo da matéria, donde ela anseia por escapar-se. Encobrem-lhe o aspecto da vida infinita e lhe dizem, apontando para o túmulo: *Nec plus ultra!*¹⁹⁴

15. Quem quer que tenha meditado sobre o Espiritismo e suas consequências e não o reduza à produção de alguns fenômenos terá compreendido que ele abre uma estrada nova à Humanidade e desvenda seus horizontes do infinito. Iniciando os homens nos mistérios do mundo invisível, mostra a eles o seu verdadeiro papel na criação, papel **perpetuamente ativo** — tanto no estado espiritual, como no estado corporal. O homem já não caminha às cegas: sabe de onde vem, para onde vai e por que está na Terra. O futuro se revela a ele em sua realidade, livre dos prejuízos da ignorância e da superstição. Já não se trata de uma vaga esperança, mas de uma verdade palpável — tão certa como a sucessão do dia e da noite. Ele sabe que o seu ser não se acha limitado a alguns instantes de uma existência transitória; que a vida espiritual não se interrompe por efeito da morte; que já viveu e tornará a viver e que nada se perde do que tenha ganho em perfeição; em suas existências anteriores depara com a razão do que é hoje e reconhece que: **do que ele é hoje — qual se fez a si mesmo — poderá deduzir o que será um dia.**

16. Com a ideia de que a atividade e a cooperação individuais na obra geral da civilização se limitam à vida presente, que, antes, a criatura nada foi e nada será depois, em que interessa ao homem o progresso posterior da Humanidade? Que lhe importa que no futuro os povos sejam mais bem governados, mais ditosos, mais esclarecidos, melhores uns para com os outros? Todo o progresso não fica perdido para ele, pois que nenhum proveito tirará deste? De que lhe serve trabalhar para os que hão de vir depois, se nunca lhe será dado conhecê-los, se os seus descendentes serão criaturas novas, que pouco depois voltarão por sua vez ao nada? Sob o domínio da negação do futuro individual, forçosamente tudo se amesquinha às insignificantes proporções do momento e da personalidade.

Mas, ao contrário, quanta amplitude **a certeza** da perpetuidade do seu ser espiritual dá ao pensamento do homem! Que de mais racional, de mais grandioso, de mais digno do Criador do que a lei segundo a qual a vida espiritual e a vida corpórea são apenas dois modos de existência, que se alternam para a realização do progresso! Que de mais justo há e de mais consolador do que a ideia de os mesmos seres estarem a progredir incessantemente — primeiro, através das gerações de um mesmo mundo, de mundo em mundo; depois, até à perfeição, **sem solução de continuidade!** Todas as ações têm então uma finalidade, porque trabalhando para todos, cada qual trabalha para si e reciprocamente, de sorte que nunca se pode considerar como improdutivo nem o progresso individual, nem o progresso coletivo. As gerações e as individualidades futuras se aproveitarão de ambos esses

¹⁹⁴ *Nec plus ultra*: (do latim) equivalente a "nada mais além" — N. E.

progressos, que outras virão a ser exatamente as gerações e as individualidades passadas, em mais alto grau de adiantamento.

17. A fraternidade será a pedra angular da nova ordem social; mas, só há fraternidade real, sólida e efetiva assentada em base inabalável e essa base é **a fé**, não a fé nesses ou naqueles dogmas particulares — dogmas que mudam com os tempos e os povos e que mutuamente se apedrejam, pois se condenam uns aos outros, alimentam a oposição —, mas sim a fé nos princípios fundamentais que todo mundo pode aceitar e aceitará: **Deus, a alma, o futuro, o progresso individual indefinito, a perpetuidade das relações entre os seres**. Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos; de que esse Deus — soberanamente justo e bom — não pode querer nada de injusto; que o mal não vem d’Ele e sim dos homens, todos se considerarão filhos do mesmo Pai e se estenderão as mãos uns aos outros.

Essa a fé que o Espiritismo promove e que de agora em diante será o eixo em torno do qual o gênero humano girará, quaisquer que sejam os cultos e as crenças particulares.

18. O progresso intelectual realizado até ao presente, nas mais largas proporções, é um grande passo e marca uma primeira fase no avanço geral da Humanidade; mas ele é impotente para regenerá-la. Enquanto o orgulho e o egoísmo dominarem o homem, este se servirá da sua inteligência e dos seus conhecimentos para satisfazer às suas paixões e aos seus interesses pessoais, razão pela qual os aplica em aperfeiçoar os meios de prejudicar os seus semelhantes e de destruí-los.

19. Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, restando as paixões más; somente esse progresso pode fazer que reinem entre os homens a concórdia, a paz e a fraternidade.

Será a evolução que deitará por terra as barreiras que separam os povos, que fará cair os preconceitos da elite e se calem os antagonismos de seitas, ensinando os homens a se considerarem irmãos, que têm por dever se auxiliarem mutuamente e não destinados a viver à custa uns dos outros.

Será ainda o progresso moral que, então apoiado pelo da inteligência, confundirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e, em consequência, aceitáveis por todos.

A unidade de crença será o laço mais forte e o fundamento mais sólido da fraternidade universal, que desde todos os tempos é barrado pelas disputas religiosas que dividem os povos e as famílias, que fazem que uns — os dissidentes — sejam vistos pelos outros como inimigos a serem evitados, combatidos e exterminados, em vez de irmãos a serem amados.

20. Semelhante estado de coisas pressupõe uma mudança radical no sentimento das massas, um progresso geral que só podia se realizar fora do círculo das ideias acanhadas e corriqueiras que fomentam o egoísmo. Em

diversas épocas, homens sábios procuraram levar a Humanidade por esse caminho; mas, ainda muito jovem, ela se conservou surda e os ensinamentos que eles ministraram foram como a semente boa caída no pedregulho.

Hoje a Humanidade está madura para lançar o olhar a alturas que nunca tentou alcançar, a fim de se nutrir de ideias mais amplas e compreender o que antes não compreendia.

A geração que desaparece levará consigo seus erros e prejuízos; a geração que surge — retemperada em fonte mais pura, imbuída de ideias mais saudáveis — imprimirá ao mundo um movimento crescente, no sentido do progresso moral que marcará a nova fase da evolução humana.

21. Essa fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis e que começam a encontrar eco. Assim é que vemos ser fundada uma imensidade de instituições protetoras, civilizadoras e libertadoras, sob a influência e por iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais vão se apresentando dia a dia impregnadas de sentimentos mais humanos. Enfraquecem-se os preconceitos de raça, os povos começam a se considerar membros de uma grande família; pela uniformidade e facilidade dos meios de realizarem suas transações, eles suprimem as barreiras que os separavam e de todos os pontos do mundo reúnem-se em comícios universais, para as justas pacíficas da inteligência.

Porém, falta a essas reformas uma base que permita que se desenvolvam, completem-se e se consolidem; falta uma predisposição moral mais generalizada para fazer que elas frutifiquem e que as massas as acolham. Ainda aí há um sinal característico da época, porque há o anúncio do que se efetuará em mais larga escala, à proporção que o terreno se for tornando mais favorável.

22. Outro sinal não menos característico do período em que entramos encontra-se na reação que se opera no sentido das ideias espiritualistas; na repulsão instintiva que se manifesta contra as teorias materialistas. O espírito de descrença — que se apoderara das massas, ignorantes ou esclarecidas, e as levava a rejeitar com a forma a substância mesma de toda crença — parece ter sido um sono e que nesse despertar se sente a necessidade de respirar um ar mais vivificante. Involuntariamente, lá onde o vácuo se fizera, procura-se alguma coisa, um ponto de apoio.

23. Se imaginarmos que a maioria dos homens esteja possuída desses sentimentos, poderemos facilmente imaginar as modificações que daí decorrerão para as relações sociais; todos terão por objetivo caridade, fraternidade, benevolência para com todos e tolerância para todas as crenças. É a meta para que evidentemente a Humanidade tende; esse é o objeto de suas aspirações, de seus desejos, sem que, entretanto, ela perceba claramente por que meio há de realizá-las. Ensaia, apalpa, mas é detida por muitas resistências ativas ou pela força de inércia dos preconceitos, das crenças estacionárias e

repressoras do progresso. É preciso vencer tais resistências e essa será a obra da nova geração. Quem acompanhar o curso atual das coisas reconhecerá que tudo parece predestinado a abrir o seu caminho. Ela terá por si a dupla força do número e das ideias e — de acréscimo — a experiência do passado.

24. Pois a nova geração marchará para a realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento a que tiver chegado. O Espiritismo — que avança para o mesmo alvo e realiza seus objetivos — se encontrará com ela no mesmo terreno. Aos homens progressistas encontrará nas ideias espíritas uma poderosa alavanca e o Espiritismo achará nos novos homens Espíritos inteiramente dispostos a acolhê-lo. Dado esse estado de coisas, o que aqueles que queiram se opor à doutrina poderão fazer?

25. O Espiritismo não cria a renovação social; a maturidade da Humanidade é que fará dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, por suas tendências progressistas, pela amplitude de suas vistas e pela generalidade das questões que abrange, o Espiritismo é mais apto a ajudar o movimento de regeneração do que qualquer outra doutrina; por isso, ele é contemporâneo desse movimento. Surgiu na hora em que podia ser de utilidade, visto que também para ele os tempos são chegados. Se tivesse vindo mais cedo, teria esbarrado em obstáculos insuperáveis; teria caído inevitavelmente, porque os homens — satisfeitos com o que tinham — ainda não sentiriam falta do que ele lhes traz. Hoje, nascido com as ideias que fermentam, encontra o terreno preparado para recebê-lo. Os Espíritos cansados da dúvida e da incerteza, horrorizados com o abismo que se abre à sua frente, acolhem a Doutrina Espírita como âncora de salvação e consolação suprema.

26. Certamente ainda é grande o número dos atrasados; mas o que eles podem fazer contra a onda que se agiganta, exceto lhe atirar algumas pedras? Essa onda é a geração que surge, ao passo que eles se somem com a geração que vai desaparecendo todos os dias a passos largos. Até lá, porém, eles defenderão palmo a palmo o terreno. Portanto, Haverá uma luta inevitável, mas luta desigual, porque é a do passado velho caindo em frangalhos, contra o futuro juvenil. Será a luta da estagnação contra o progresso, da criatura contra a vontade do Criador, uma vez que chegou o tempo determinado por Ele.

A GERAÇÃO NOVA

27. Para que os homens sejam felizes na Terra é preciso que ela seja povoada somente por Espíritos bons — encarnados e desencarnados — que se dediquem somente ao bem. Havendo chegado o tempo, se verifica grande emigração dos que a habitam: a dos que praticam o mal pelo mal, **ainda não tocados pelo sentimento do bem**, os quais, já não sendo dignos do planeta transformado, serão excluídos, porque senão ocasionariam de novo a

perturbação e confusão e seriam obstáculo ao progresso. Irão expiar o endurecimento de seus corações, uns em mundos inferiores, outros em raças terrestres ainda atrasadas, equivalentes a mundos daquela ordem, a quem levarão os conhecimentos que tenham adquirido e tendo por missão fazê-las avançar. Espíritos melhores os substituirão e farão que reinem em seu meio a justiça, a paz e a fraternidade.

No dizer dos Espíritos, a Terra não terá de se transformar por meio de um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas.

Por isso, tudo se processará exteriormente, como deve acontecer com a única e capital diferença de que uma parte dos Espíritos que encarnavam na Terra não mais tornará a encarnar aí. Em cada criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, que antes nela encarnaria, virá um Espírito mais adiantado e **propenso ao bem**.

Muito menos se trata de uma nova geração corpórea, do que de uma nova geração de Espíritos. Sem dúvida, neste sentido é que Jesus entendia as coisas quando declarava: **“Digo-vos, em verdade, que esta geração não passará sem que estes fatos tenham ocorrido”**. Assim, ficarão decepcionados os que supõem ver a transformação se operar por efeitos sobrenaturais e maravilhosos.

28. A época atual é de transição e os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermediário, assistimos à partida de uma e à chegada da outra, já se assinalando cada uma, no mundo, pelas características que lhes são peculiares.

As duas gerações que se sucedem têm ideias e pontos de vista opostos. Pela natureza das disposições morais, mas sobretudo das disposições **intuitivas** e **inatas**, torna-se fácil distinguir a qual das duas cada indivíduo pertence.

Cabendo-lhe fundar a era do progresso moral, a nova geração se distingue por inteligência e razão geralmente precoces, juntas ao sentimento **inato** do bem e a crenças espiritualistas — o que constitui sinal indubitável de certo grau de adiantamento **anterior**. Não se formará exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas dos que, já tendo progredido, se acham predispostos a assimilar todas as ideias progressistas e aptos a ajudar o movimento de regeneração.

Ao contrário, o que distingue os Espíritos atrasados é, em primeiro lugar, a revolta contra Deus, pelo fato de se negarem a reconhecer qualquer poder superior aos poderes humanos; a queda **instintiva** para as paixões degradantes, para os sentimentos antifraternos de egoísmo, de orgulho, de inveja, de ciúme; enfim, o apego a tudo o que é material: a sensualidade, a ambição, a avareza.

É desses vícios que a Terra tem de ser expurgada pelo afastamento dos que teimam em não se refazer; porque são incompatíveis com o reinado da

fraternidade e porque o contato com eles será sempre um sofrimento para os homens de bem. Quando a Terra se achar livre deles, os homens caminharão sem obstáculos para o futuro melhor que está reservado a eles, mesmo neste mundo, por prêmio de seus esforços e de sua perseverança, enquanto esperem que uma depuração mais completa lhes abra o acesso aos mundos superiores.

29. Não se deve entender que por meio dessa emigração que todos os Espíritos atrasados sejam expulsos da Terra e relegados para mundos inferiores. Muitos, ao contrário, aí voltarão, pois há muitos que são assim porque cederam ao arrastamento das circunstâncias e do exemplo. Nesses, a casca é pior do que o interior. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos prejuízos do mundo corporal, em sua maioria, eles verão as coisas de maneira inteiramente diversa daquela como viam quando em vida — conforme os múltiplos casos que conhecemos. Para isso, eles têm o auxílio de Espíritos benévolos que se interessam por eles e se apressam em esclarecê-los e em lhes mostrar quão falso era o caminho que seguiam. Nós mesmos, pelas nossas preces e exortações, podemos contribuir para que eles se melhorem, visto que entre mortos e vivos há perpétua solidariedade.

É muito simples o modo como se opera a transformação, sendo, como se vê, todo ele de ordem moral, sem se afastar em nada das leis da Natureza.

30. Sejam os que componham a nova geração Espíritos melhores, ou Espíritos antigos que se melhoraram, o resultado é o mesmo. Desde que trazem disposições melhores, há sempre uma renovação. Assim, segundo suas disposições naturais, os Espíritos encarnados formam duas categorias: de um lado, os atrasados que partem; de outro, os progressistas que chegam. Por isso, o estado dos costumes e da sociedade estará no meio de um povo, de uma raça, ou do mundo inteiro, em relação com aquela das duas categorias que preponderar.

31. Uma comparação simples dará melhor exemplo do que se passa nessa circunstância: vamos imaginar um regimento composto na sua maioria de homens turbulentos e indisciplinados, os quais ocasionarão nele constantes desordens que a lei penal terá por vezes dificuldades em reprimir. Esses homens são os mais fortes, porque são mais numerosos do que os outros. Eles se amparam, animam e estimulam pelo exemplo. Os poucos bons não exercem nenhuma influência; seus conselhos são desprezados; sofrem com a companhia dos outros, que zombam deles e os maltratam. Essa não é uma imagem da sociedade atual?

Suponhamos que esses homens são retirados do regimento um a um, dez a dez, cem a cem, e substituídos gradativamente por iguais números de bons soldados, mesmo por alguns dos que, já tendo sido expulsos, se corrigiram. Ao fim de algum tempo, existirá o mesmo regimento, mas transformado. A boa ordem terá sucedido à desordem.

32. Entretanto, as grandes partidas coletivas não têm por único fim ativar as saídas; têm igualmente o de transformar mais rapidamente o pensamento da sociedade, livrando-a das más influências e o de dar maior ascendente às ideias novas.

Por estarem muitos maduros para a transformação — apesar de suas imperfeições — é que muitos partem, apenas a fim de se retemperarem em fonte mais pura. Enquanto se conservassem no mesmo meio e sob as mesmas influências, persistiriam nas suas opiniões e nas suas maneiras de apreciar as coisas. Uma estadia no mundo dos Espíritos bastará para lhes abrir os olhos, por isso que enxergam aí o que não podiam ver na Terra. O incrédulo, o fanático, o absolutista, poderão conseqüentemente voltar com ideias **inatas** de fé, tolerância e liberdade. Ao regressarem, acharão mudadas as coisas e experimentarão a influência do novo meio em que tiverem nascido. Longe de se oporem às novas ideias, eles serão seus colaboradores.

33. Portanto, a regeneração da Humanidade não exige absolutamente a renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação em suas disposições morais. Essa modificação se opera em todos quantos estão predispostos a ela, desde que sejam subtraídos à influência perniciosa do mundo. Assim, nem sempre os que voltam são outros Espíritos; com frequência são os mesmos Espíritos, mas pensando e sentindo de outra maneira.

Quando isolado e individual, esse melhoramento passa despercebido e nenhuma influência ostensiva alcança sobre o mundo. O efeito é bem diferente quando a melhora se produz simultaneamente sobre grandes populações, porque então, conforme as proporções que assuma numa geração, pode modificar profundamente as ideias de um povo ou de uma raça.

É o que quase sempre se nota depois dos grandes choques que dizem as populações. Os flagelos destruidores apenas destroem corpos, não atingem o Espírito; ativam o movimento de vaivém entre o mundo corporal e o mundo espiritual e, por conseguinte, o movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados. É perceptível que em todas as épocas da História, uma era de progresso se seguiu após grandes crises sociais.

34. Ocorre no presente um desses movimentos gerais, destinados a realizar uma remodelação da Humanidade. A multiplicidade das causas de destruição é um sinal característico dos tempos, visto que elas apressarão a eclosão das novas sementes. São as folhas que caem no outono e às quais sucedem outras folhas cheias de vida, pois a Humanidade tem suas estações, como os indivíduos têm suas várias idades. As folhas mortas da Humanidade caem batidas pelas rajadas e pelos golpes de vento, porém, para renascerem mais vivas sob o mesmo sopro de vida — que não se extingue, mas se purifica.

35. Para o materialista, os flagelos destruidores são calamidades carentes de compensação, sem resultados aproveitáveis, pois na opinião deles os **referidos flagelos aniquilam os seres para sempre**. Porém, para aquele que sabe que a

morte destrói somente o envoltório, tais flagelos não acarretam as mesmas consequências e não lhe causam o mínimo pavor; ele compreende o seu objetivo e não ignora que os homens não perdem mais por morrerem juntos, do que por morrerem isolados, dado que, duma forma ou doutra, todos sempre hão de chegar a isso.

Os incrédulos rirão destas coisas e as qualificarão de ilusórias; mas — digam o que disserem — não fugirão à lei comum; como os outros caíram, eles cairão na sua hora e, então, o que lhes acontecerá? Eles dizem: **Nada!** No entanto, viverão, a contragosto de si próprios e um dia se verão forçados a abrir os olhos.

